

BRASILIANA

5.ª SERIE DA

BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

SOB A DIRECÇÃO DE FERNANDO DE AZEVEDO

*

VOLUMES PUBLICADOS:

- 1 — Baptista Pereira: Figuras do Imperio — Alberto de Faria, Mauá (com
perlo e outros ensaios — 2.ª edição, 1875. — Ilustrações fora do texto).
- 2 — Paula Calogeras: O Marquez de — Baptista Pereira: Pelo Brasil
de Barbacena (2.ª edição). — *Menor.*
- 3 — Alcides Gentil: As Idéas de Al- — E. Roquette-Pinto: Ensaios de
berto Torres (synthese com indice Anthropologia Brasileira.
remissivo). — 21 — Evaristo de Moraes: A escravidão
africana no Brasil.
- 4 — Oliveira Vianna: Raça e Assimilação (3.ª edição augmentada). — Paula Calogeras: Problemas de
Administração.
- 5 — Augusto de Saint-Hilaire: Sc- — 22 — Mario Marroquim: A lingua do
gundo Viagem do Rio de Janeiro a Nordeste.
- 6 — Augusto de Saint-Hilaire: Sc- — 23 — Alberto Kangel: Rumos e Pers-
gundo Viagem do Rio de Janeiro a pectivas.
- 7 — Augusto de Saint-Hilaire: Sc- — 24 — Alberto Kangel: Rumos e Pers-
gundo Viagem do Rio de Janeiro a pectivas.
- 8 — Augusto de Saint-Hilaire: Sc- — 25 — Alfredo Ellis Junior: Popula-
gundo Viagem do Rio de Janeiro a ções Paulistonas.
- 9 — Augusto de Saint-Hilaire: Sc- — 26 — General Conto de Magalhães:
gundo Viagem do Rio de Janeiro a Viagem ao Araguaya (3.ª edição).
- 10 — Augusto de Saint-Hilaire: Sc- — 27 — José de Castro: O problema
gundo Viagem do Rio de Janeiro a da alimentação no Brasil — Prefacio
do prof. Pedro Escudero.
- 11 — Augusto de Saint-Hilaire: Sc- — 28 — Cap. Frederico A. Rondon: Pe-
gundo Viagem do Rio de Janeiro a los Brasil Central (ed. illustrada).
- 12 — Augusto de Saint-Hilaire: Sc- — 29 — Azevedo Amaral, O Brasil na
gundo Viagem do Rio de Janeiro a crise actual.
- 13 — Augusto de Saint-Hilaire: Sc- — 30 — C. de Mello-Leitão — Visitantes
gundo Viagem do Rio de Janeiro a do Primeiro Imperio (edição illustrada
com 19 figuras).
- 14 — Augusto de Saint-Hilaire: Sc- — 31 — J. de Sampaio Ferraz: Meteo-
gundo Viagem do Rio de Janeiro a rologia Brasileira.
- 15 — Augusto de Saint-Hilaire: Sc- — 32 — Antônia Costa: Introdução á
gundo Viagem do Rio de Janeiro a Arqueologia Brasileira (edição illus-
trada).
- 16 — Augusto de Saint-Hilaire: Sc- — 33 — A. J. Sampaio: Phytogeographia
gundo Viagem do Rio de Janeiro a do Brasil (edição illustrada).
- 17 — Augusto de Saint-Hilaire: Sc- — 34 — Alfredo Ellis Junior: O Ban-
gundo Viagem do Rio de Janeiro a deirismo Paulista e o Recua do Me-
ridiano (2.ª edição).
- 18 — Augusto de Saint-Hilaire: Sc- — 35 — J. F. de Almeida Prado: Pri-
gundo Viagem do Rio de Janeiro a meiros Povoadores do Brasil (edição
illustrada).
- 19 — Augusto de Saint-Hilaire: Sc- — 36 — Roy Barbosa: Moeldade e Ext-
gundo Viagem do Rio de Janeiro a ão (Cartas meditas, Prefaciadas e au-
mentadas por Americo Jacobina Lacom-
be). — 37 — Edição illustrada.
- 20 — Augusto de Saint-Hilaire: Sc- — 38 — E. Roquette-Pinto: Rondonia
gundo Viagem do Rio de Janeiro a (3.ª edição augmentada e illustrada).

- 40 — Pedro Calmon: *Espírito da Sociedade Colonial* (edição ilustrada com 18 gravuras).
- 41 — José Maria Bello: *A Inteligência do Brasil*.
- 42 — Pandiá Calogeras: *Formação Histórica do Brasil* (2.^a edição com 3 mapas (fora do texto)).
- 43 — A. Saloia Lima: *Alberto Torres e sua obra*.
- 44 — Este de S. Pinto: *Os Indígenas do Nordeste* (com 15 gravuras e mapas). — 1.^o volume.
- 45 — Benício de Magalhães: *Expansão Geográfica do Brasil Colonial*.
- 46 — Renato Mendonça: *A Influência Africana no português do Brasil* (edição ilustrada).
- 47 — Manoel Bomfim: *O Brasil — Com uma parte explicativa de Carlos Mauá*.
- 48 — Urbino Vianna: *Brasileiras e africanistas brasileiros*.
- 49 — Gustavo Barroso: *História Militar do Brasil* (edição ilustrada com 50 gravuras e mapas).
- 50 — Mario Travençolo: *Projeção Continental do Brasil — Prefácio de Pandiá Calogeras* (2.^a edição amplificada).
- 51 — Otávio de Freitas: *Doenças Africanas no Brasil*.
- 52 — General Couto de Magalhães: *O Selvagem* — 3.^a edição completa com parte original Tupi-guarany.
- 53 — A. J. de Sampaio: *Biogeografia dinâmica*.
- 54 — Antonio Gontijo de Carvalho: *Calogeras*.
- 55 — Helderando Accioly — *O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da America*.
- 56 — Charles Expilly: *Mulheres e Costumes do Brasil* (tradução, prefácio e notas de Gastão Lealves).
- 57 — Flávia Rodrigues Valle: *Elementos do Folklore musical Brasileiro*.
- 58 — Augusto de Saint-Hilaire: *Vlajem à Província de Santa Catharina* (1820) — Tradução de Carlos da Costa Pereira.
- 59 — Alfredo Ellis Junior: *Os primeiros Troncos Paulista e o Cruzamento Euro-Americano*.
- 60 — Emílio Rivasseau: *A vida dos Índios Guaracurus* — Edição Ilustrada.
- 61 — Conde D'Eur: *Vlajem Militar no Rio Grande do Sul* (Prefácio e 19 cartas do Príncipe d'Orleães, e aumentadas por Max Fleuss) — Edição ilustrada.
- 62 — Azevedo Augusto de Miranda: *O Rio São Francisco* — Edição ilustrada.
- 63 — Raymundo Moraes: *Na Plantação Amazônica* — 4.^a edição.
- 64 — Gilcristo Freyre: *Sobrados e Mocimbo* — Denúncia patriarcal rural no Brasil — Edição ilustrada.
- 65 — João Lourenço Filho: *Silva Jardim*.
- 66 — Primitiva Moraes: *A Instrução e o Imperio* (Subsídios para a história de educação no Brasil) — 1821-1831. 1.^o volume.
- 67 — Pandiá Calogeras: *Problemas de Governo* — 2.^a edição.
- 68 — Augusto de Saint-Hilaire: *Vlajem às Nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goyaz* — 1.^o tomo. Tradução e notas de Cláudio Ribeiro Lessa.
- 69 — Práxia Viana: *Através da História Naval Brasileira*.
- 70 — Afonso Ari de Mello Franco: *Conceito de Civilização Brasileira*.
- 71 — F. U. Hoehne: *Botânica e Agricultura no Brasil no Século XVI* — (Pesquisas e contribuições).
- 72 — Augusto de Saint-Hilaire: *Segunda Vlajem no Interior do Brasil "Espírito Santo"* — Trad. de Carlos Madeira.
- 73 — Lucia Maguet-Pereira: *Muchinho de Assis* — (Estudo Crítico-Bibliográfico) Edição ilustrada.
- 74 — Pandiá Calogeras: *Estudos Históricos e Políticos* — (Res Notras...) 2.^a edição.
- 75 — Afonso A. de Freitas: *Vocabulário Nidzgenti (Vernaculário) pelo português falado em São Paulo* (Lingua Tupi-guarany. Com tres ilustrações fora do texto).
- 76 — Gustavo Barroso: *História Secreta do Brasil* — 1.^a parte: "Do descobrimento à abolição de Pedro I". — Edição ilustrada.
- 77 — C. de Meirelles: *Zoo-Geographia do Brasil*. (Ed. ilustrada).
- 78 — Augusto de Saint-Hilaire: *Vlajem às Nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goyaz* — 2.^o Tomo. Tradução e notas de Cláudio Ribeiro Lessa.

Edições da COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Guimarães, 113/110 — São Paulo

VIAGEM ÀS NASCENTES DO
RIO S. FRANCISCO E PELA
PROVINCIA DE GOYAZ

Serie 5.º -- BRASILIANA -- Vol. 78
BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE

VIAGEM ÀS NASCENTES DO
RIO S. FRANCISCO E PELA
PROVINCIA DE GOYAZ

TOMO SEGUNDO

TRADUÇÃO E NOTAS DE
CLADO RIBEIRO DE LESSA



1 9 3 7
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO

Titulo do original francez (edição de 1847) :

VOYAGES DANS L'INTERIEUR DU BRÉSIL
Troisième partie

VOYAGE AUX SOURCES DU RIO S. FRANCISCO
ET DANS LA PROVINCE DE GOYAZ

Obras do mesmo autor publicadas nesta Serie:

SEGUNDA VIAGEM AO RIO DE JANEIRO, A MINAS GERAES E A SÃO PAULO (1822). Trad. e Pref. de Affonso E. de Taunay	Vol. 5
VIAGEM A' PROVINCIA DE SANTA CATHA- RINA (1820). Trad. e Pref. de Carlos da Costa Pereira	Vol. 58
SEGUNDA VIAGEM AO INTERIOR DO BRA- SIL "ESPIRITO SANTO". Trad. de Carlos Ma- deira	Vol. 72
VIAGEM AS NASCENTES DO RIO S. FRAN- CISCO E PELA PROVINCIA DE GOYAZ — Trad. e Notas de Clodo Ribeiro de Lessa.	
TOMO PRIMEIRO	Vol. 68
TOMO SEGUNDO	Vol. 78

INDICE

<i>Prefacio</i>	9
<i>Capitulo XVII</i> --- Começo da viagem pela provincia de Goyaz -- A povoação de Santa Luzia	17
<i>Capitulo XVIII</i> --- Sto. Antonio dos Montes Claros -- A povoação de Corumbá -- Os montes Pyrincus -- A povoação de Meiaponte	35
<i>Capitulo XIX</i> --- Povoações de Jaraguá, Ouro Fino e Ferreiro	58
<i>Capitulo XX</i> --- Villa Boa ou a capital de Goyaz	76
<i>Capitulo XXI</i> --- Os ind'os Coyapós	96
<i>Capitulo XXII</i> --- O ouro e os diamantes do Rio Claro	126
<i>Capitulo XXIII</i> --- Regresso á Villa Boa	154
<i>Capitulo XXIV</i> --- Começo da viagem da capital de Goyaz a S. Paulo -- O Matto Grosso -- Uma habitação modelar -- A povoação de Bom Fim	171
<i>Capitulo XXV</i> --- As aguas thermaes chamadas Caldas Novas, Caldas Velhas, Caldas de Pyratininga	200
<i>Capitulo XXVI</i> --- A povoação de Santa Cruz -- Caninho bastante penoso	220
<i>Capitulo XXVII</i> --- Ainda a provincia das minas -- Os indios mest'ços do Paranahyba	242
<i>Capitulo XXVIII</i> --- A cascata de Furnas -- O rio das Velhas e a aldeia de Sant'Anna -- A povoação de Farinha Podre -- Passagem do Rio Grande	265

P R E F A C I O

Confiei demais nas minhas forças: quando voltei do Brasil estavam esgotadas, e em pouco vi-me obrigado a interromper os trabalhos. Cerca de quinze annos que lhes consagrei foram-me arrebataados, por tres vezes, por soffrimentos crucis, e por conseguinte, não nos devemos surpreender de que tenha espaçado tanto as minhas diversas publicações.

Quando comecei a me restabelecer da longa molestia á qual acabo de escapar, puz-me a redigir a relação da viagem a Goyaz. Afastei a ideia do presente, tão doloroso para mim transportando-me pela imaginação sob o bello céu do Brasil, e á época em que, ávido de saber, percorria os desertos dessa vasta região, quasi tão pouco preocupado com o futuro como os proprios indios.

Publico agora este trabalho, estimulado pelos votos dos viajantes de todas as nações, encorajado sobretudo pelos brasileiros, melhores juizes do que lhes diz respeito do que os europeus, admirados frequentemente, é forçoso dizel-o, de não encontrarem, em uma nação em embrião, os recursos numerosos que lhes offerecem suas patrias. Duplicando si possível, o cuidado e a attenção para ser sempre exacto até nas menores minucias. procurei provar que não era indigno da indulgencia com que me distinguiram.

Quando comecei a viagem a Goyaz já gosava de uma grande vantagem, a de encontrar, entre as minhas recor-

dações, termos de comparação diferentes dos que me poderiam fornecer a Alemanha e a França, paizes elevados ao mais alto grão de esplendor pelos esforços de uma longa serie de gerações. Percorrera não somente o litoral do Brasil, como ainda passára quinze mezes na parte mais civilisada da provincia de Minas Geraes, acolhido com tanta benevolencia, que me identificára com os interesses dos seus habitantes. Encontrava-me quasi na posição em que estaria um mineiro, que, após ter estudado o seu paiz, quizesse conhecer tambem as outras partes do Brasil. A provincia de Minas é uma especie de padrão em face do qual colloco, por assim dizer, cada uma das provincias que percorri mais tarde, e dessas aproximações resalta que, descrevendo estas ultimas, completo as minhas relações precedentes.

Desgraçadamente devo dizê-lo, a comparação não será favoravel a Goyaz, este pobre paiz por tanto tempo entregue a uma administração quasi sempre imprevidente, muitas vezes espoliadora, e encontrarei maior differença ainda, quando comparar a parte oriental de Minas Geraes com a parte mais occidental, que, em geral, foi povoada pelo rebotalho das comarcas mais antigas.

Poderão suppor, quiçá, que as minhas descrições, referindo-se a uma época já assás afastada, não representam mais a actualidade. Que não se julgue, pela Europa, do interior da America. Nas regiões desertas as coisas só se modificam com extrema lentidão; faltam os elementos para grandes progressos; uma população rarefeita, disseminada por immensa superficie e abandonada a si propria, enervada por um clima torrido, sem emulação, quasi sem necessidades, não modifica coisa alguma, não quer e não sabe mudar nada. O botanico Jorge Gardner percorreu, em 1840, uma pequena parte do deserto que visitei em 1818; viu o que eu proprio já observára, e nada mais.

Em todo caso, não somente liguei as narrações aos tempos anteriores ás minhas viagens, pela historia dos lugares por onde passei, como ainda reportei-as a épocas mais recentes, citando os autores que indicaram algumas ligeiras mudanças. Esta obra poderá, pois, ser considerada como uma especie de esboço de monographia das regiões que descrevi.

Durante muito tempo ainda, subindo-se ao cume dos Pyreneus, não se descobrirá, em um espaço immenso, nenhum vestígio de cultura: por muito tempo ainda, o São Francisco será no maximo sulcado por algumas ligeiras pirogas; mas esses bellos desertos contêm os germens de uma grande prosperidade; tempo virá em que cidades florescentes tomarão o lugar das miseraveis choupanas nas quaes eu mal podia encontrar abrigo, e então os habitantes gozarão de uma vantagem que raramente se tem na Europa; saberão com certeza, pelos escriptos de alguns viajantes, quaes foram os primordios não só das suas cidades, como tambem das suas menores povoações. "As viagens, disse Chateaubriand, são uma das fontes da historia (1)."

Hoje em dia hauremos documentos preciosos para a do Rio de Janeiro nas ingenuas narrações do verídico Léry, que foi o primeiro entre os homens um pouco instruidos da nossa nação (*), que visitou a costa do Brasil: nenhum francez antes de mim, percorreu Minas Geraes, Goyaz, São Paulo, etc.; si alguns exemplares de minhas relações escaparem ao tempo e ao olvido, dia virá em que nellas

(1) Prefacio da *Viagem á America*.

(*) N. do T. Equivoco de Saint-Hilaire. O primeiro viajante francez nessas condições foi André Thivet, companheiro de Villegaignon, cuja obra, "*Les Singularités de la France Antarctique*", teve as primeiras edições em 1558, enquanto a "*Utopia*" do livro de Lery, *Histoire d'un Voyage fait en la terre du Brésil*, é de Genebra, 1578.

tambem se encontrará, em relação a essas vastas provincias, transformadas, talvez, em imperios, ensinamentos quiçã não sem interesse. Admirar-se-á de saber que, onde então estiverem localizadas cidades ricas e populosas, não havia a principio mais do que uma ou duas casinhas quasi eguaes á choça do selvagem; que onde o ar vibra com o ruido dos martelos e das machinas mais complicadas, ouvia-se apenas o coaxar de batrachios e o canto dos passaros; que onde as numerosas plantações de milho, mandioca, canna de assucar e arvores frutíferas cobrem a terra, se apresentava outróra uma vegetação brilhante, mas inutil; á vista dos campos sulcados por estradas de ferro, talvez mesmo por vehiculos mais poderosos que as nossas locomotivas, sentirão ao ler que houve um tempo em que o viajante julgava-se feliz quando conseguia, em um dia de viagem, caminhar 4 ou 5 leguas.

Todas as vezes que recorri aos escriptores que me precederam ou succederam, citei-os escrupulosamente; e quando o conhecimento que tenho dos lugares não me permitiu adoptar inteiramente as suas opiniões, expliquei os motivos da divergencia.

Um escriptor brasileiro disse (2) que, pela rectificação dos numerosos erros que estão espalhados nos livros sobre a Geographia e a Ethnographia do Brasil, se poderia prestar mais serviços á sciencia do que proclamando algumas novas verdades. E' impossivel deixar de partilhar dessa opinião quando se encontram em livros classicos as inexactilões do inglez Mawe, o primeiro a escrever sobre o Brasil depois que essa região deixou de ser uma colonia sob o dominio de Portugal. Impuz-me, pois, a penosa tarefa de assignalar os erros que julgo ter encontrado nas obras relativas aos paizes de que dou a descripção, e tambem o dever de rectificar os que a mim mesmo

(2) *Minerva Brasiliense*.

escaparam. Os livros mais perfectos não estão livres de incorrecções; quando homens tão sinceramente amigos da verdade como o padre Manoel Ayres de Casal, monsenhor José de Souza Pizarro e Araujo, o doutor Pohl, o general Raymundo José da Cunha Mattos se equivocaram algumas vezes, quem se poderá gabar de jamais se enganar?

Em virtude das observações criticas a que me entreguei para preencher o fim que tive em vista, resulta que esta obra ficará sobrecarregada por grande numero de notas, cuja leitura em commum com a do texto será, talvez, ás vezes, desagradavel. Será preferivel, por conseguinte, ler este ultimo, deixando de parte as notas, e voltar a estas após a terminação de cada capitulo de que o livro se compõe. Para facilitar as pesquisas tive o cuidado de indicar as notas criticas no indice geral sob o titulo de *rectificações*.

O general Raymundo José da Cunha Mattos fez sentir (3) quanto é essencial conservar cuidadosamente os nomes de lugares consagrados, nos diversos districtos, pelos habitantes do Brasil. Si cada viajante estivesse no direito de escrever á sua maneira os do paiz pelo qual passa, reinaría, em breve, na geographia, uma indubitavel confusão. Fiz, pois, esforços para não alterar em coisa alguma a nomenclatura geographica, e que o mesmo cuidado com a orthographia dos nomes de homens, plantas ou animaes. Entre as aldeias, habitações e rios do Brasil ha uma multidão, eu o sei, cujos nomes foram escriptos das maneiras mais variadas, mesmo por homens instruidos; em taes casos não tomei partido sem consultar as autoridades mais respeitaveis; o conhecimento das etymologias não deixou de me ser util, e achei que devia, sobretudo, tomar por guia o uso e o bom senso.

(3) *Itinerario*.

É possível que, apesar dos esforços feitos para reunir as obras publicadas sobre o Brasil em diversas linguas, diversas me tenham escapado. Infelizmente não existe na França agências em que se possam procurar os livros que apparecem na America, e sem a extrema solicitude do sr. Araujo Ribeiro, ministro do Brasil em Paris, do sr. doutor Sigaud, medico do imperador D. Pedro II, do sr. Ferdinand Denis, o homem que melhor conhece, na Europa, o que se escreveu sobre a America Portugueza, e, enfim, a do meu joven amigo sr. Pedro d'Alcantara Lisboa, addido á legação brasileira, não poderia ter consultado diversos escriptos importantissimos impressos no Rio de Janeiro, em Pernambuco e S. Paulo. Recebam aqui os meus sinceros agradecimentos.

Frequentes vezes tenho occasião de indicar, nesta obra, diversas quantidades em peso ou em medidas brasileiras; mas ao lado dessas indicações, se encontrará a dos *numeros equivalentes no nosso systema metrico*.

Para a conversão dos valores numerarios tomo sempre por base o par, isto é 160 réis por franco. Pode-se ver, pelo quadro synoptico que publicou Horace Say na sua excellente obra intitulada *Historia das relações commerciaes entre a França e o Brasil*, que essa era, pouco mais ou menos, na época da minha viagem, a taxa cambial da moeda brasileira.

Uma immensa lacuna perdurará, sempre na geographia botanica da Europa; com difficuldade conseguimos formar algumas conjecturas plausiveis sobre a natureza das plantas que occupavam os nossos campos de cereaes, vinhas, e plantações de oliveira. Procurei evitar essa deficiencia na historia natural do Brasil; faço conhecer a topographia botanica dos diversos districtos que percorri; e quando um dia a cultura os invadir, não se ignorará qual foi a vegetação primitiva.

Desejaria ter podido fazer mais. Annunciei desde as primeiras paginas desse livro, que alguns numeres corresponderiam, como na minha *Viagem pelo litoral*, a descrições das plantas características de cada zona; mas o relato da viagem estava terminado; via-me forçado, por motivos de saúde, a deixar Paris e vir passar o inverno no Sul da França; por causa de algumas descrições de plantas, seria necessario adiar de um anno a publicação deste trabalho: na minha idade e com a saúde alterada, não se deve protelar. A descrição das especies características de Coyaz se encontrará, espero, no fim do trabalho que comeei ácerca de S. Paulo e Santa Catharina.

Um escriptor que prestou grandes serviços ao seu paiz, meu amigo o sr. Jesé Feliciano Fernandes Pinheiro, barão de S. Leopoldo, cuja perda todo o Brasil deplora, instou-me com força, a que publicasse a relação da viagem que fiz na provincia de Rio Grande de S. Pedro do Sul, provincia onde o conheci, e da qual elle tão fielmente escreveu a historia. Si ainda dispuzer de algum tempo, considero como um dever satisfazer os seus votos.

A protecção que o ministro da instrucção publica concede a esta obra é ainda um motivo poderoso para levar-me a redobrar de esforços e continuar a trabalhar. Não posso illudir-me, qualquer coisa que aconteça, a maior parte das pesquisas feitas no Brasil ficará perdida, e serei quasi levado a exclamar como um escriptor celebre, que, tambem, passou grande parte da vida em regiões longinhas: "Felizes os que acabaram a viagem sem deixar o porto, e, que não, arrastaram, como eu, dias inuteis sobre a terra (4)."

Montpellier, 10. de Janeiro de 1848.

Viagem ás Nascentes do Rio S. Francisco e pela Provincia de Goyaz

CAPITULO XVII

COMEÇO DA VIAGEM PELA PROVINCIA DE GOYAZ. — A POVOAÇÃO DE SANTA LUZIA

O autor atravessa a Serra do Corumbá e do Tocantins. — *Registro dos Arrependidos*. Pessoal do registro. Sua finalidade. O soldo dos militares do posto extraordinariamente atrazado. Circunstancia que prova como se viaja pouco nesta região. — Planalto de 9 leguas. — *Taipa*. — *Fazenda do Pincho Frio*. — O registo do mesmo nome. — *Morro do Alecrim*. — *Sítio de Gusapa*. Carneiros; tecidos de lã. — Chegada á povoação de *Santa Luzia*. -- Festas celebradas por occasião de Pentecostes. -- De que maneira as mulheres caminham nas ruas. — Retrato do sr. JOÃO TEIXEIRA ALVARES parochinho de Santa Luzia. — Extensão da parochia de que a povoação é a cabeça. — Situação de Santa Luzia. Praça publica. Igrejas. Ruas. Casas. — Historia dessa povoação; abandono das minas; a agricultura, recurso dos habitantes; triste estado da região. — *S. João Evangelista*, casa de campo do cura de S. Luzia. Pormenores sobre os seus ensaios de cultura. Projecto do proprietario.

Já disse que, tendo seguido quasi a partir de Paracatú um planalto que coroa a Serra do S. Francisco e da Parahyba, delle desci para dirigir-me ao Registro dos Arrependidos, na divisa entre Minas e Goyaz. Entrando na nova provincia, tinha tambem que transpôr outro divisor de aguas, a Serra do Corumbá e do Tocantins, que já

dei a conhecer, (pag. 287 do I vol.) e que forma um angulo com a Serra do S. Francisco e da Paranahyba.

A casa do registro, situada quasi na junção das duas cadeias, é bastante grande e não tem mais de um andar: compõe-se, á maneira brasileira, de uma parte principal, e duas alas curtas, entre as quaes ha uma especie de galeria (*varanda*), que é coberta pelo tecto prolongado do corpo principal (1). Defronte dessa casa vê-se um *ranch*o bastante vasto e aberto por todos os lados, como os da estrada de Rio de Janeiro a Minas; é ahi que os viajantes e as caravanas encontram abrigo.

O pessoal do registro se compõe unicamente (1819) de um commandante, que tem o posto de *alferes*, e um soldado, pertencentes ambos á companhia de dragões, de um pedestre (v. pag. 315 do I vol.) e de um funcionario civil (*fiel*). Os que vêm do Rio de Janeiro com mercadorias tomam um passe no Registro de Mathias Barbosa (2) e apresentam-no aqui; pesam-se os volumes para saber se nada foi desviado, e os direitos se pagam em Villa Boa ou outro qualquer lugar da provincia. Para se assegurarem de que os viajantes não transportam consigo diamantes e ouro em pó, examinam-nos igualmente no Registro dos Arrepellidos; formalidade absurda, pois que os contrabandistas com a maior facilidade conseguiriam escapar dando alguns passos á direita ou á esquerda do edificio da aduana. As mercadorias provenientes do Rio de Janeiro com destino a Minas, e que, por qualquer circumstancia, são enviadas posteriormente desta ultima provincia para Goyaz, pagam direitos no Registro dos Arrepellidos como si ainda os não tivessem pago ao entrar em Minas.

(1) *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro, etc.*, I, 90.

(2) O registro de Mathias Barbosa é o posto aduaneiro collocado na estrada de Rio de Janeiro a Minas, na divisa das duas provincias (*Viagem nas provincias de Rio de Janeiro, etc.*, I, 114).

Chegando ao Registro apresentei o meu passaporte ao commandante. Não revistou as minhas malas; porém, podendo offerecer-me um lugar na *varanda*, deixou-me ir humildemente para o *ranch* dos viajantes, onde fui devorado pelos bichos de pé.

No dia seguinte, pela manhã, entregou-me uma carta para o governador da provincia, e rogou-me que o apoiasse na solicitação que elle lhe dirigia. Havia tres annos que este ancião, seu soldado e o *pedestre* não recebiam o soldo, e supplicava ao general que não deixasse a elle e seus camaradas morrerem de fome.

Antes da partida (28 de Maio) inscreveu o meu nome no registro; lancei-lhe os olhos e vi que desde 19 de Fevereiro ninguem penetrára na provincia de Goyaz, e entretanto esta estrada é a que conduz para aqui do Rio de Janeiro e de grande parte da provincia de Minas (1819).

Após deixar o Registro dos Arrendidos, comecci a viajar pela Serra do Corumbá e do Tocantins, seguindo aproximadamente a direcção de leste, para dirigir-me, através das povoações de *S. Luzia* e *Meiaponte*, a Villa Boa, capital da provincia (3).

Tendo subido durante alguns instantes, achei-me sobre um planalto immenso, deserto, geralmente uniforme, coberto ora de pastagens naturaes entremeadas de arvores enfezadas, ora unicamente de gramineas, algumas outras hervas e sub-arbustos. Entre as arvores assignalarei unicamente o *Solanum* de frutos do tamanho de camoesas, que chamam *fruta do lobo* (*Solanum lycocarpum*, Aug. de

(3) Itinerario approximado do Registro dos Arrendidos á povoação de Santa Luzia:

Do Registro dos Arrendidos a Taipa, cabana	4 leguas
De Taipa á Fazenda do Riacho Frio, habitação	5 "
De Riacho Frio ao Sitio de Garapa, casinhola	2 "
De Garapa a Santa Luzia, povoação	4 "

15 leguas

S. Hil.), e varias Apocynaceas, entre outras a que se emprega no paiz como purgativo, sob o nome de *tiborne* (*Plumiera drastica*, Mart.). Todos os vegetaes, então dessecados pelo ardor do sol, tinham um matiz amarello ou acinzentado que affligia a vista; as flôres tinham desaparecido, e o aspecto da zona lembrava o da Beauce, algum tempo depois de feita a colheita. Apenas o elegante e majestoso *bority*, que se eleva nas depressões pantanosas, desfazia a illusão. Todos concordam em dizer que existe neste planalto grande quantidade de animaes silvestres, mas que nessa época se escondem nos grotões onde a herva conserva ainda a frescura. Os passaros eram, tambem, por occasião da minha viagem, bastante raros no planalto, pois que os meus homens, que caçaram durante o dia todo, não mataram mais do que tres.

Caminhei 9 leguas em dois dias nesta immensa planicie; mas não poderia dizer si a percorri no sentido do maior comprimento.

No fim do primeiro dia de viagem parei num sitio denominado *Taipa ou Sitio Novo*, construido em uma depressão alagada, á margem duma orla de bosque atravessada por um regato. Este sitio, habitado por duas ou tres familias, compõe-se de algumas choupanas construidas, de barro escuro e cobertas, umas por colmo, outras por folhas de *bority*, (1819). Nenhuma tem janellas; as portas que lhes vedam as entradas, leves e sem a menor solidez, parecem com as nossas gelosias, e são feitas com peciolo de folhas do *bority*, collocados verticalmente, proximas umas das outras e amurrados por cipós.

Fatigado por muitas caminhadas longas, passei um dia em Taipa para repousar e pôr minhas collecções em ordem. Não estava, todavia, á vontade. Achava-me alojado em companhia de duas caravanas num rancho aberto de todos os lados, e enquanto mudava as plantas de papel,

era muito incommodado por um vento fortissimo, que ha varios dias reinava nessa zona elevada.

Foi no dia seguinte que desci do planalto. Quando se caminha por elle durante cerca de 5 leguas, o terreno começa a se inclinar; mas, um pouco antes, torna-se pedregoso e de côr vermelha escura: arvores franzinas, muito differentes umas das outras, pela folhagem, se agglomeram, confundem os galhos, e o caminho, perfeitamente continuo, que serpenteia por entre ellas, assemelha-se a uma aléa de jardim inglez. Do planalto desce-se por uma rampa pedregosa e assás rude. para uma região mais baixa, si bem que montanhosa, e dentro em pouco chega-se a uma *fazenda* agradavelmente situada neima do *Riacho Frio*, regato bordado de bosques: foi lá que eu me detive.

A *Fazenda do Riacho Frio* é assás consideravel para a região; todavia, a casa do proprietario, coberta de sepé, mal differe das dos escravos. A esse tempo pertencia em commum a jovens senhoras e a um rapaz muito jovem. O meu arrieiro, José Mariano, vendeu ás senhoras algumas bagatellas; mas, de accôrdo com o uso vigente entre as mulheres honestas, estas não appareceram. O irroão servia de intermediario; levava as mercadorias para que ellas as vissem, tornava com as que não interessavam e transmittia as offertas das compradoras. Não estavamos ainda, sequer, a 9 leguas da fronteira, e já José Mariano foi pago, em parte, com ouro em pó (vol. I, pag. 330).

O *Riacho Frio* tem a sua nascente a pequena distancia da *fazenda* do mesmo nome, e se lança no S. Bartholomeu, que atravessci a cerca de 1 legua desta *fazenda*. O S. Bartholomeu, pouco largo e vadeavel no tempo da secca, não pode ser transposto sinão em canoas no das chuvas, e frequentemente por essa occasião suas aguas causam febres intermitentes, provavelmente, porque, avolumando-se mui-

to, acarretam na torrente as aguas estagnadas de alguns pantanos (*).

Um pouco além deste rio está um pequeno posto militar onde antigamente se percebiam direitos sobre os cavallos e cabeças de gado que se introduziam na provincia. Pagavam-se 1,500 réis (8 fr. 37c.) por cada boi; mas este imposto, exorbitante em face da pobreza do paiz, foi supprimido, e, por occasião da minha viagem o posto não tinha outra utilidade sinão a de servir de asylo a um velho soldado que contava quarenta annos de serviço.

Mais adiante um pouco subi a um morro elevado, arido e pedregoso, que tem o nome de *Morro do Alecrim*. A região que se descortina do seu cume é montanhosa, sem habitantes, sem cultura, e por essa occasião todo o campo estava secco pelo ardor do sol.

Como eu desejava naquelle dia, vespera de 1.º do Junho, celebrar, com a minha caravana, o anniversario de minha chegada ao Brasil, não caminhei sinão 2 leguas. Apece-me no *Sítio de Gorapa* (4), que se compõe de uma reunião de casinholas despreziveis. O proprietario tinha ido á povoação de Santa Luzia para as festas de Pentecostes; mas fui admiravelmente recebido por sua mulher. Quando chegou encontrou todo o seu quarto occupado pelas minhas bagagens, e, não obstante, me acolheu cordialmen-

(*) *N. do T.*: Ao tempo de Saint Hilaire e ainda por muitos annos se acreditava que o impaludismo fosse devido ás emanções insalubres das regiões pantanosas (*miasmas*); hoje sabe-se, graças aos trabalhos memoraveis de Laveran e outros pesquisadores, que esta molestia é devida á picada da femca de um mosquito do genero *Anopheles*, a qual inocula, no sangue do individuo são, formas de resistencia de sporozoarios parasitos, pertencentes a tres espécies do genero *Plasmodium* (*P. Laverani*, *P. vivax*, *P. falciparum*), quando previamente infectada pela picada em um impaludado. Os pantanos não deixam de representar papel importante na historia desta infecção, não pelas suas emanções malfagnas, mas como campos de criação das larvas dos dipteros transmissores.

te. Como os proprietários de Riacho Frio, este homem possuía um pequeno rebanho de carneiros, mas era exclusivamente para retirar a lã, pois que lá não se come a carne desses animais. Vi na casa dos meus hospedeiros cobertas que foram feitas com esta lã, e achei-as bastante finas.

Quanto á festinha que eu quiz celebrar, alguns frangos e uma batida bastaram para o brodio; não tinha então que me queixar dos meus empregados; pareciam contentes, e mais não era necessario para que eu me sentisse tão feliz quanto o poderia ser.

Para além de Carapa subi uma pequena elevação; em seguida o caminho continuou sempre perfeitamente plano, si bem que á direita e á esquerda visse pequenas montanhas. A vegetação era sempre a mesma, a região igualmente deserta, e os campos incultos. Atravesssei alguns correços ladeados por orlas de bosque bastante estreitos, que conservavam um agradável veidor; quanto ao resto tudo estava secco, e apenas reduzido numero de plantas se achava em flôr. Enfim, após uma jornada bastante longa e aborrecida, avistei, por fim, *Santa Luzia de Goyaz* (5); povoação para a qual me dirigia.

Levava uma carta de recommendação para o cura; remetti-a antecipadamente por José Mariano, que em breve

(4) A palavra *garapa* designa hoje em dia o caldo da cana de assucar; mas é certamente indigena, e parece que os indigenas a applicavam outróra ás bebidas doces que fabricavam com o mel. Eis, com effeito, como a respeito se exprime Roulox Barro na sua *Viagem ao Brasil*, traduzida por Moreau em 1647: "Os mais galhardos dos tapuyas foram procurar mel selvagem e fructos, de que fabricavam uma bebida que chamam *grappe*." (Vide a minha *Historia das plantas mais nativas*, etc., I, 190).

(5) POUL (*Rise*, I, 277) dá a Santa Luzia o titulo de pequena villa. Não era certamente mais que uma povoação (*ar-raial*) quando elle por lá passou; era-o ainda em 1832, mas foi elevada a villa de 1832 a 1836.

voltou dizendo que me preparavam a melhor acolhida. Estava-se acabando de celebrar em Santa Luzia as festas de Pentecostes. Todos os lavradores dos arredores estavam reunidos na povoação, e, na hora em que cheguei á praça publica, as *cavalladas* iam ter inicio. O parochio, sr. JOÃO TEIXEIRA ALVARES, veio ao meu encontro, e me fez cordialissima recepção. Sua casa, situada no largo, estava cheia de homens que esperavam que as corridas comessem. Serviram café e doces, e a gente tratou de se collocar nas janellas. Em breve chegou uma duzia de senhoras; fizeram entrar na *sala* que, no mesmo instante, foi evacuada pelos homens, e estes ficaram todos num pequeno vestibulo. Entrementes, vieram as cavalladas. Traçara-se na praça, com barro branco, um grande quadrado em volta do qual se alinhavam os espectadores, de pé ou sentados em bancos. Os cavalleiros usavam o uniforme da *milicia*; tinham um capacete de papelão na cabeça, e cavalgavam animaes enfeitados com fitas; limitaram-se a percorrer a pista em varios sentidos, e, simultaneamente, homens a cavallo, mascarados e disfarçados de varios modos, faziam moinecos semelhantes ás dos nossos palhaços. Durante este espectáculo assás monotono, eu conversava com o cura, e não tardei em verificar que elle reunia instrucção a muita amabilidade. Quando os exercicios terminaram, cada qual se retirou, e as senhoras voltaram para suas casas. Sem uma circumstancia extraordinaria as brasileiras do interior não se animariam, certamente, a sahir durante o dia, a não ser para ir á igreja. Assim como as de Minas (6), estas mulheres avançavam tão lentamente quanto possível, envoltas em longas capas de lã, com um chapéu de feltro á cabeça, sempre em fila, jamais duas lado a lado, duras como lanças, mal levantando os pés, não olhando nem á direita nem á esquerda, e respondendo, no maximo, por

(6) *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro, etc.*, I, 122.

uma leve inclinação de cabeça, ás saudações que lhes eram dirigidas.

No dia seguinte o cura esteve muito occupado, confessou uma multidão de lavradores residentes na parochia, mas que moravam a varias jornadas da povoação. Esta gente não vinha ali a não ser uma vez por anno, e para confessar-se e assistir á Paschoa aproveitavam a opportunidade das festas de Pentecostes, que se celebram, no Brasil, com grande jubilo e muita solemnidade. Poderia pôr-me em marcha logo depois da chegada, mas estava a tanto tempo privado do prazer de conversar com um homem instruido, que me decidi a prolongar a estada em Santa Luzia para gozar da companhia do cura. O sr. João Teixeira Alvares entendia latim, francez, italiano e hespanhol; conhecia a maioria dos nossos bons autores do seculo de Luiz XIV e possuia uma bibliotheca selecta de varias centenas de volumes, o que, nesse paiz, era uma grande raridade. Não só possuia conhecimentos, era bom e amavel, como tambem, constituia, no clero brasileiro, uma notavel excepção; estava compenetrado do verdadeiro espirito dos seus deveres. Costumava fazer prégação todos os domingos; procurava, principalmente, inspirar aos seus parochianos o amor ao trabalho e usava de toda a influencia para determinal-os a abandonar suas praticas viciosas de agricultura. Um missionario capuchinho, do qual adiante fallarei, passára algum tempo antes de mim por Santa Luzia. O parochio retivera-o tres mezes em sua casa; confiáralhe uma missão, e o encarregara de pregar especialmente contra a ociosidade. O missionario identificou-se com os propositos do pastor; agradara immensamente aos habitantes do paiz, e lhes transmittira varias ideias uteis sobre o cultivo das terras e algumas artes indispensaveis. Os trabalhos apostolicos do sr. João Teixeira Alvares não ficaram sem fructo, pois havia, asseguraram-me, mais união e boa fé em Santa Luzia do que nas outras partes

da provincia de Goyaz; os costumes eram ali mais sãos e a concubinação menos frequente (7).

A parochia de que Santa Luzia (8) *Arraial de Santa Luzia* é a sêde, comprehende (1819) uma população de 3 a 4000 almas disseminadas por uma superficie de 50 leguas de comprimento e 30 na maior largura (9). Desta parochia dependem duas succursaes, *S. Antonio dos Montes Claros*, de qual falarei daqui ha pouco, e *Nossa Senhora da Abadia*, na povoação de *Couros* (10).

Muito agradavelmente situada na vertente de um cômodo, sobre um vallão assás largo, Santa Luzia se estende parallelamente á margem direita de um regato chamado *Corrego de Santa Luzia* (11), que corre no fundo de um valle. No sentido da largura, essa povoação é dividida em duas partes desiguaes por um outro corrego, que, muito menos consideravel que o primeiro, augmenta-lhe o volume das aguas.

(7) O general da Cunha Mattos diz que, quando visitou Santa Luzia em 1823, para fazer inspecção, achou os seus habitantes muito mais civilizados do que toda a população que vira desde Barbacena e attribue ao seu excellentê pastor essa feliz differença. Este ultimo lhe mostrou, accrescenta, um excellentê memorial sobre a justiça de Santa Luzia (*Itin.*, I, 166; II, 159). Não tenho conhecimento de que este escripto tenha sido publicado.

(8) O nome de *Santa Luzia* se encontra em varias partes do Brasil. Não tenho necessidade de dizer que não se deve, como um turista francez, escrever *San-Lucia* (*Suz.*, *Sour.*, 273).

(9) Luiz Antonio da Silva e Sousa diz que o districto de S. Luzia é limitado, ao nascente, pelo *jurgado* de S. Romão, que depende de Minas; ao poente, pelo de Meiapotte; ao sul, pelo *jurgado* de Santa Cruz, afastado de 10 leguas da cabeça do districto; ao norte, enfim, pelo de Traliras, distante 34 leguas a contar, tambem, de Santa Luzia (*Mem. orat.*, 36).

(10) Esta povoação, bastante insignificante, foi construida sobre o planalto que termina o inicio da Serra do S. Francisco e do Tocantins.

(11) Pelli não fala sinão de um regato e lhe dá o nome de *Rio Vermelho*.

Extremamente estreita, a povoação de Santa Luzia alarga-se todavia, na parte media do seu comprimento. Lá encontra-se uma praça quasi quadrada, onde foi construida a igreja parochial, bastante grande, isolada como o são, em geral, os edificios religiosos nessa provincia e em Minas, regularmente ornada no interior, mas sem tecto. Além de igreja parochial (*Santa Rita*), existe ainda uma em cada extremidade da povoação. A primeira, a de *Nossa Senhora do Rosario*, foi construida pelos negros no tempo em que se encontrava ouro em abundancia nos arredores da povoação; hoje em dia, que o numero destes diminuiu bastante e todos os que ainda restam, livres ou escravos, vivem na indigencia, a sua igreja cae em ruinas. A segunda foi começada pouco tempo antes da minha passagem, e proseguia na construcção apesar da pobreza extrema, a que estavam reduzidos os habitantes de Santa Luzia (12); de tal maneira os brasileiros do interior estão embebedos (1819) da mania de construir templos inúteis, mania que, na propria opinião dos sacerdotes esclarecidos, não tem outro fundamento além de uma vaidade pueril.

Não devemos julgar das povoações do interior do Brasil pelas nossas, que, em geral, não offerecem mais do que uma reunião de cabanas e ruas lamacentas. A maioria das povoações de Minas e Goyaz, que devem sua origem a minas de ouro, devem ter sido encantadoras no tempo do seu esplendor, e Santa Luzia, certamente, foi uma das mais agradaveis: suas ruas são bastante largas e regulares; as casas, em numero de cerca de trezentas, são, na verdade, construidas de páu e barro, e menores e mais baixas que as das povoações que percorrera até então; mas são todas cobertas de tellas, rebocadas com esta terra branca que chamam *tabatinga* no interior do Brasil, e algumas têm nas

(12) Não estava ainda terminada em 1823 (MAT., *Itin.*, I, 166).

janelas caixilhos de talco tão transparente como o vidro (13).

Foram, ao que parece, mineradores de Paracatú os primeiros que vieram estabelecer-se (1746) em Santa Luzia (14); encontraram ali em abundancia ouro de côr bellissima e de titulo de 23 quilates e ainda superior: em breve se formou, nesse lugar, uma reunião consideravel de habitantes, e a povoação de Santa Luzia tornou-se (1757) não sómente a sêde de uma parochia, mas tambem de um dos *juizados* da *comarca* do sul. Os trabalhos dos primitivos colonos são sufficientemente attestados pelos terrenos revolvidos que se vêm ás margens dos dois regatos e ao redor da povoação. Aconteceu, porém, o mesmo que a uma multidão de outros lugares. A principio retiraram da terra todo o ouro que podiam extrahir sem difficuldade; os mineradores, porém, dissipavam sem providencia o fruto dos seus trabalhos, e quando installações mais consideraveis se tornaram necessarias, quando se começou a necessitar do emprego de agua e machuzismos, os capitães e escravos faltaram ao mesmo tempo; grande aumento de habitantes se afastou, e suas casas, hoje desertas, caem em ruinas. Pela época da minha viagem não havia em Santa Luzia uma unica pessoa que se occupasse em grande no trabalho das minas, e apenas quatro ou cinco negros crioulos iam ainda procurar palhas de ouro nos correços. Esses homens extraem, no tempo das chuvas, cerca de 4 *vintens* (93 3/4 cent.) por dia; mas, durante a secco têm ás vizes difficuldade em conseguir 1 *vintem* (23 7/16 cent.). Hoje em dia, a excepção de pequeno numero de artifices e mercadores, todos os habitantes de Santa Luzia

(13) Este talco se encontra na parochia de *S. José*, uma das da *comarca* do norte.

(14) Pizarro e Pohl concordam em indicar Antonio Bueno de Azevedo como o fundador de Santa Luzia.

cultivam a terra e não vêm ao arraial sinão aos domingos e dias de festa; deste modo, durante a semana não se vê ninguém nas casas nem nas ruas. A descoberta de minas de ouro teve o inconveniente de lançar para longe das costas e da capital uma população consideravel que agora que as minas estão esgotadas ou não podem ser exploradas sem grandes dispendios iniciais, cahiu na maior indigencia (15).

Como Santa Luzia está situada em uma região elevada, os seus arredores são favoraveis não só ás varias especies de cultura em uso entre os brasileiros do interior, como tambem á de plantas de origem caucasica, taes como o trigo (16), e principalmente o marmeleiro. Mas seria em pura perda si os colonos plantassem milho, feijão e urroz em quantidade superior á necessaria ao sustento da familia; porque, exceptuando-se os annos de carestia, como aquella em que eu viajava, esses generos não poderiam encontrar comprador. Os principaes artigos que exportam os habitantes de Santa Luzia são pelles de animaes selvagens, alguns couros, e principalmente, marmeladas excellentes, que enviam até o Rio de Janeiro. E' a eriação de gado que constitue actualhmente o recurso principal dos fazendeiros de Santa Luzia, e nem por isso lhes rende bastante, não só porque não se podem dispensar de administrar

(15) "Santa Luzia cahiu em decadencia, d'z Mattos (*Itin.*, I, 166) desde que as caravanas deixaram de passar pelos registros dos Arrendidos e de S. Marcos" (para tomar o caminho denominado Picada do Correo de Goyaz). Esta povoação entrou na mais triste decadencia muito antes de pensarem em abrir o novo caminho; mas suas misérias devem ter augmentado, si possível, agora que as caravanas não mais passam por lá.

(16) O Sr. Pohl diz que não se cultivava trigo em S. Luzia; comeu, provavelmente, em Villa Boa, pão feito com trigo colhido no territorio desta parochia.

sal ao gado, si o quizerem conservar (17), porém mais ainda, porque estão assás afastados dos mercadores para que estes o venham adquirir-o ás suas terras. Levam as rezes a Bambuly e Formiga (18) onde, tão longe de suas terras, são forçados a vendel-os pelo que lhes quizerem dar, e comprehende-se facilmente que taes viagens não podem ser emprendidas a não ser pelos proprietarios que ainda gozam de certa abastança.

Na verdade, a terra fornece abundantemente tudo o que é necessario á nutrição frugal dos agricultores; vestem-se habitualmente com tecidos grosseiros de algodão e lã que fabricam em suas casas; o proprio sal pouco lhes custa, pois obtem-no em S. Romão em troca do assucar e da aguardente da sua zona; desconhecem qualquer dessas comodidades que para nós se tornaram necessidades, e suas casas, mesmo as melhor cuidadas, não apresentam outros moveis além de bancos de pãu e tamboretos cobertos por couro. Entretanto, embora haja minas de ferro na vizinhança, compram todo o de que têm necessidade; não ha um unico homem que não queira possuir uma roupa propria para os dias de festa, nenhuma mulher que não deseje possuir um vestido de chita, um collar, brincos, lenço de musselina, uma capa de lã, um chapen de feltro, e a venda desses objectos, que custam aqui preços exorbitantes, basta para retirar da região o escasso ouro e numerario que ainda

(17) E' o que tambem se é obrigado a fazer em Minas, a menos que o terreno seja salitrado (vide muitas das *Relações* de viagem já publicadas).

(18) Como já se viu no capitulo intitulado *Continuação da viagem ás fontes do S. Francisco*. — As povoações de Formiga e Pimby. Formiga está situada no termo de Tamanduá, provincia de Minas Geraes. Bambuly é pouco afastada de Formiga.

ahi circula. Já não ha em Santa Luzia sinão pequenissimo numero de lojas muito mal sortidas; tudo se compra a credito. Os jornaleiros têm a maior difficuldade em se fazerem pagar, si bem que o seu salario não vá a mais de 600 (3 fr. 75 s.) por semana; e negros creoulos me diziam que preferiam recolher no corrego de Santa Luzia um unico vintem de ouro (23 1/2 cent.) por dia, do que se pôrem ao serviço dos cultivadores por 4 vintens (94 cent.), uma vez que os patrões pagam em generos dos quaes lhes é impossivel se desfazerem. Certos colonos cahiram em tal miseria, que ficam mezes inteiros sem poder salgar os alimentos, e quando o parochio faz a sua excursão para a confissão pascal, succede frequentemente que todas as mulheres da mesma familia se apresentam uma após a outra com o mesmo vestido.

A preguiça contribuiu bastante para fazer cahir na miseria os lavradores dessa região; mas a miseria que os embutece e desencoraja deve necessariamente por sua vez, contribuir para augmentar a sua apathia; esta chegou, entre varios delles, a tal gráu que, podendo dispôr de quasi toda a terra que lhes convem, não cultivam sequer a sufficiente para suas necessidades. Tracei o painel exacto dos males que affligem essa região; no capitulo precedente, mostrei os remedios que me pareceram menos inefficazes; possa a minha debil voz ser ouvida e a administração occupar-se enfim, com alguma sollicitude, de um povo do qual parece não se ter lembrado até agora (1819), sinão para opprimil-o!

Quando quiz partir de Santa Luzia para dirigir-me á povoação de Meiaponte, e de lá a Villa Boa, o bom cura me disse que podia haver cerca de 6 leguas e meia da séde de sua parochia ao *ponso* mais proximo, e como essa marcha seria extremamente cansativa para um unico

dia, decidi-me a aproximar-me de cerca de 1 legua e meia, indo dormir na sua casa de campo (19).

Desde a villa de S. João d'El Rei não vira sinão fazendas quasi todas mal conservadas ou sitios mais miseraveis ainda; a *chacara* (20) de S. João Evangelista era realmente uma casa de campo. Situada sobre uma encosta pouco inclinada, no meio de um campo, compunha-se de um edificio commodo e de um vasto jardim regado por um riacho. O jardim continha principalmente uma plantação de algodoeiros, outra de bananeiras, um pequeno campo de cannas de assucar e cafeeiros que, contra o uro do paiz, estavam alinhados com perfeita regularidade. Vi ali tambem marmeleiros, batatas, que se desenvolviam admiravelmente e melões quasi tão bons como os da França. Auxiliado pelo *Tratado de Cultura do Solo* de Duhamel o cura mandara fazer uma charrua da qual se servia para cultivar as terras de que o capim gordura se apoderara. Os colonos da vizinhança todos tinham opinado que a canna de assucar não se daria bem no lugar descoberto onde elle a plantara; mas o solo fôra preparado com a char-

(19) Itinerario aproximado da povoação de Santa Luzia á de Meiaponte:

D. Santa Luzia a S. João Evangelista, casa de campo	1	1/2	leguas
.. S. João Evangelista a Ponte Alta, habitação ..	5		"
.. Ponte Alta a S. Antonio dos Montes Claros, povoação	3	1/2	"
.. Montes Claros á Fazenda dos Macacos, habitação	3		"
.. Fazenda dos Macacos a Lage, ao relento, a margem de um correço	4		"
.. Lage a Corumbá, povoação	3		"
.. Corumbá a Meiaponte, povoação	3		"
	23		leguas

(20) O termo *chacara* indicava, entre os indios, as suas mesquinhas plantações, e por uma curiosa extensão, os luso-brasileiros transportaram-na a suas casas de campos mais elegantes.

rua, mandara pôr nelle um pouco de estrume, e a canna veio magnifica. O cura mandára tambem fazer uma trella differente da usual, e grades; criava, enfim, cabeças de gado, e com a lã de um rebanho de carneiros bastante grande fabricavam-se, em sua casa, chapéus para os quacs achava facil sahida (21).

Sua familia, por elle sustentada, era bastante numerosa: além de sua mãe, mantinha em casa as irmãs, varias sobrinhas, um irmão aleijado, e sua casa de campo era um asylo que desejava legar-lhes; seus planos possuiam, todavia, uma utilidade mais geral. Como já tive occasião de dizel-o, o numero de rapazes é, nesse districto, muito menor do que o das moças, e essas se encontram expostas a todos os perigos da miséria e da seducção. O sr. João Teixeira Alvares tinha o projecto de fazer da sua *chacara* uma casa de recolhimento, não só para suas sobrinhas e irmãs, como ainda para moças de boa familia que quizessem viver com ellas. Deviam levar vida em commun e, segundo um plano estabelecido, mas sem proferir voto algum; os exercicios deveriam ser variados e o trabalho constituir o principal objectivo.

Já ha muito tempo que meu amigo o doutor Pohl pagou justo tributo de louvor ao cura de Santa Luzia.

(21) Si se pudesse convencer os mendigos validos (vide o capitulo seguinte) e os vagabundos (*vadios*) a trabalhar, o districto de Santa Luzia seria optimo para o estabelecimento de algumas fabricas; pois que, nos annos communs, os viveres ali custam muito pouco, o que é uma consequencia necessaria do pouco contacto que têm esta zona com as outras regiões, da fertilidade do sólo e da raridade do dinheiro. A farinha, o arroz, a mamona se vendem ahí (1819) a 600 réis (3 fr. 75) o alqueire, e o alqueire de Goyaz é um terço maior do que o de Minas, que por sua vez é ainda maior do que o do Rio de Janeiro; o milho paga-se a 300 réis (1 fr. 87) o alqueire, o açúcar 1\$500 réis (9 fr. 37) a arroba (14 kilog. 7 hectg.), o toucinho a 1\$800 réis (11 fr. 25) a arroba, a carne fresca a 600 réis (3 fr. 75), a secca a 1\$500 réis (9 fr. 37).

Ter-me-ia sentido feliz em unir os meus aos seus; infelizes circumstancias não m'o permittiram antes. Si estas folhas puderem cahir nas mãos do sr. João Teixeira Alvares, verá que dois estrangeiros que recebeu sob o seu tecto conservaram a lembrança das suas virtudes, e que os homens dignos, de todas as nacionalidades, unidos pelos laços de uma doce fraternidade, sabem comprehender-se, estimar-se e amar-se. Si a Providencia arrebatou esse pastor ao seu rebanho, que os nossos louvores, além de mais elevados motivos, encoragem seus successores a seguir o seu exemplo.

CAPITULO XVIII

S. ANTONIO DOS MONTES CLAROS — A POVOAÇÃO DE CORUMBÁ — OS MONTES PYRINEUS — A POVOAÇÃO DE MEIAPONTE

A região situada para além de S. João Evangelista. — As *queimadas*. Causa da floração prematura das plantas que ali vegetam. — *Fazenda de Ponte Alta*. — Região situada para além dessa fazenda. Uma *Pellosia* bastante interessante. — *Morro do Tijão*. — A povoação de S. Antonio dos Montes Claros. Sua capella. Sua unica casa. — Região situada além de S. Antonio. — *Ribeirão dos Macacos*. Pobreza. Moxo por que pagou um comprador. — Região situada mais além de Macacos. A palmeira chamada *andaid*. Vegetação. — Parada ao ar livre. — Comprimento das leguas. — A povoação de *Corumbá*. Visita de dois ecclesiasticos. — Excursão aos *Montes Pyreneus*. Descrição minuciosa dessas montanhas. — O autor perde-se. Volta a Corumbá. — Região situada entre Corumbá e a povoação de *Meiaponte*. — Esta povoação. Visita ao commandante, e depois ao parochio. Situação de *Meiaponte*. — Parochia da qual é a séde. Casas; ruas; igrejas. Vista que se descortina da praça publica. Escolas. Hospicio dos irmãos terceiros da ordem de S. Francisco. Salubridade. — Historia da povoação de *Meiaponte*. — Os habitantes actuaes, na maioria agricultores. O tabaco e toucinho objectos de exploração. Cultivo do algodoeiro. Uvas excellentes. — Mendicancia. — Calor excessivo. — O padre LUIZ GONZAGA DE CAMARGO FLEURY.

Entre a *chacara* de S. João Evangelista e a *fazenda* de Ponte Alta, afastada de 5 leguas, e onde pousei, atravessei, como entre Garapa e Santa Luzia (v. o capitolo precedente), uma região perfeitamente plana, tendo, á direita e á esquerda, pequenas montanhas. São estas contrafortes dos *Montes Claros*, dos quaes falarei em breve, assim como estes ultimos são elles proprios contrafortes dos *Montes Pyrineus* (1); ou, para melhor dizer, nessas altitudes mais ou menos notaveis, não devemos vêr mais do que porções do grande divisor de aguas do norte e do sul, a Serra do Corumbá e do Tocantins.

A' excepção de uma casinhola que me pareceu deserta, não vi, durante toda a jornada, uma unica habitação, não encontrei um só viajante, não vi sequer uma unica cabeça de gado. A região apresenta sempre a mesma alternancia de *campos*, quasi que unicamente cobertos de herva, e de outros *campos* onde, no meio de gramíneas, se elevam arvores enfezadas e retorcidas (*tabuleiros cobertos, tabuleiros descobertos*). Desde muito não via mais o *capim frecha*, essa gramínea que caracteriza os pastos gordos do sul da provincia de Minas; todavia, os do districto que eu então percorria eram tambem optimos, e apesar da secca que durava ha tanto tempo, a herva conservava uma bellissima verdura. As flores continuavam tambem raras; todavia encontrei grande numero em uma *queimada*, nome que se dá, como já o disse allures (2), aos pastos recentemente incendiados.

Mal um *campo natural* acabou de ser queimado, e já no meio das cinzas negras de que está coberta a terra, apparecem aqui e ali plantas anãs, frequentemente avelludadas, cujas folhas são sesséis e pouco desenvolvidas, e que em pouco tempo dão flôr. Durante muito tempo

(1) POHL, *Reise*, I, 285.

(2) *Viagem pelas provincias do Rio de Janeiro, etc.*, I, 277.

pensei que essas plantas fossem especies distinctas, peculiarees ás *queimadas*, como outras pertencem unicamente ás moitas que substituem as florestas virgens; um exame attento, porém, convenceu-me de que estas pretendidas especies não são mais que individuos abortados de especies naturalmente muito mais corpulentas e destinadas a florescer em estação differente. Durante a secca, época do incendio dos *campos*, a vegetação da maioria das plantas que a compõem fica, de certo modo, suspensa, e estas só apresentam caules frescos ou dessecados. Entretanto, deve succeder aqui o mesmo que nos nossos climas; durante esse periodo de repouso as raizes se fortalecem e se enchem de succos destinados a alimentar os brotos novos, como se tem um exemplo typico na colchica e em nossas orchideas. Nas *queimadas* o incendio dos caules antigos determina o desenvolvimento dos germens; como, porém, os novos brotos apparecem prematuramente, e os reservatorios de succos destinados a nutril-os não estão ainda sufficientemente cheios, as folhas se desenvolvem mal; a passagem destas á flôr se faz rapidamente, e esta ultima põe fim, em pouco tempo, ao crescimento da haste (3). Como já tive occasião de fazel-o, convidarei os botanicos que descrevem as plantas do Brasil por herbarios, a empregarem esforços afim de aproximar das verdadeiras especies os abortos singulares que produzem as *queimadas*, e a não cederem á vaidade pueril de indical-os com nomes novos como se fossem especies distinctas (4).

A *fazenda de Ponte Alta* (5), onde pousei, como vimos agora mesmo, está situada á margem de um regato

(3) Vide a minha *Introdução á Historia das plantas mais notavees do Brasil e do Paraguay*, e o meu *Quadro geographico da vegetação primitiva na provincia de Minas Geraes* (*Notas annuaes de viagens*, 1837).

(4) *Piagem pelas provincias do Rio de Janeiro*, etc., I, 277.

(5) Não é *Ponte Alta*, como escreveu o deutor Pohl.

que tem o mesmo nome que ella: como muitas outras habitações, cahia em ruínas.

A região que percorri, após deixal-a, é ainda deserta; mas deixa de ser plana e torna-se montanhosa: está-se (6) nos *Montes Claros*, dos quaes já disse algumas palavras.

Foi nesses lugares elevados que, pela primeira vez, vi, entre as plantas, dos *campos cobertos* e dos *campos descobertos*, esta monocotyledonea arborecente tão pittoresca, tão característica e da qual tratei no quadro geral da provincia, esta interessante *Vellosia* que se bifurca varias vezes, e cujos ramos, revestidos de escamas, se terminam por uma bella flôr que protege uma porção de folhas lineares, curvas como os galhos dos salgueiros chorões e agitadas pelo vento mais brando.

Do alto de um morro bastante elevado que chamam *Morro do Tição*, vi, ao longe, os dois picos que coroam os *Montes Pyreicus*. No mesmo morro vi tambem a capella de *S. Antonio dos Montes Claros*, que está a cerca de um quarto de legua; e, depois de transpôr um regato que tem o mesmo nome que essa capella, fiz alto em uma casa pouco afastada della.

O *Rio de S. Antonio dos Montes Claros*, que tem sua fonte a 8 leguas da capella e se lança no *Corumbá*, rega terrenos auríferos. Out'ora extrahiu-se muito ouro dos arredores de *S. Antonio* (7); mas por falta de braços, as lavagens foram abandonadas, e a povoação de *S. Antonio*

(6) POHL, *Reise*, I.

(7) Pizarro diz (*Mem.*, IX, 213), baseado em informes dos habitantes desse districto, que se encontram parcelas de ouro nas entranhas de todos os animaes que ahi se nutrem. Si o facto é verdadeiro, será necessario suppor que devem existir na região terrenos ao mesmo tempo salitrados e auríferos: pois que o ouro não pode passar para as hastes e folhas das plantas, e sabe-se que o gado come com prazer a terra impregnada de salitre.

dos Montes Claros se acha reduzida hoje em dia á expressão mais simples, á capella e á casa de que falei ainda ha pouco (8).

Esta capella é bastante pequena e constitue, no entanto, uma das tres succursaes que dependem da immensa parochia de que a povoação de Santa Luzia é a séde. O parochio vinha ali dizer missa duas vezes por anno, na epoca da festa do padroeiro e quando fazia a sua correição para confessar os parochianos.

O proprietario da casa onde me apeei, e que constitue toda a povoação, possuia outrora uma loja, mas foi obrigado a renunciar ao seu commercio porque ninguem lhe pagava, e, por occasião da minha viagem, limitava-se a vender ás caravanas o milho de que ellas tinham necessidade.

Além de S. Antonio dos Montes Claros continuei a percorrer uma região montanhosa, inculca e deserta, onde orlas de matas muito estreitas bordam regatos, e onde a mesma *Vellosia* se mostra ainda nas duas especies de pastagens naturaes que compoem as campinas.

Do alto de varios morros bastante elevados tive o prazer de admirar uma vista extensissima, principalmente daquelle que tem o nome de *Morro da Pedra Branca*, porque está coberto de fragmentos de pedras dessa côr.

Tendo descido desse morro, atravessei logo depois um correjo que tem o nome de *Ribeirão da Antinha* (9), á margem do qual vi algumas miseraveis choupanas que cahiam em ruinas.

A cerca de uma legua desse lugar fiz alto junto a outro regato chamado *Ribeirão dos Macacos*, que tem sua

(8) S. Antonio não possui, tambem, como Santa Luzia (1819), o titulo de villa com que a honra o doutor Pohl.

(9) Da Cunha Mattos escreveu (*Itin.*, I, 189) *Ribeirão das Antinhas*.

nascente a 5 leguas de lá, pouco mais ou menos, e é um dos afluentes do Rio Corumbá. Ahi, como no Ribeirão da Antinha, havia algumas choças em ruina, condecoradas com o nome de *Fazenda dos Macacos*, e das quaes não ha hoje, provavelmente vestigios, siquer. José Mariano offerceou as suas mercadorias ao dono da casa; mas foi-lhe respondido que não tinha dinheiro: a maioria dos habitantes da parochia de Santa Luzia poderia, na verdade, dar a mesma resposta.

O proprietario de Macacos foi, ao menos, mais discreto do que o de uma outra casa em que pousei durante a viagem. Este ultimo me offerceou suas gallinhas, papel e almoço; fez questão de me acompanhar durante um trecho do caminho: fazia-me todas as especies de offercimentos, tentou-ma mandar-me plantas, pelles de cobra, não sei que mais ainda. Tantas gentilezas a principio me espantaram, mas deixaram de me surprehender quando soube que este homem tivera a habilidade de comprar a José Mariano algumas mercadorias a credito. Tendo tão pouco dinheiro como o resto dos seus compatriotas, tratou de pagar com gentilezas; não ouvimos falar mais delle, nem das suas plantas, nem das pelles de cobra.

Estavamos então no mez de Junho, e em uma zona bastante alta; a noite que passamos em Macacos foi extraordinariamente fria e, ás seis horas da manhã, o thermometro não marcava mais do que 5 ½ graus Réaumur.

Para além de Macacos a região continua a ser montanhosa, deserta, sem gado e sem cultivo.

A cerca de uma legua dessa pobre *fazenda* vi algumas choças semi-arruinadas á margem de um regato, que tem o nome de *Ribeirão da Ponte Alta*; em seguida, durante toda a jornada, não vi o mais leve vestigio de trabalho humano.

A partir da fronteira até aqui as moitas de avoredo (*capões*) tinham sido muito mais raras nos campos

do que o são nos da provincia das Minas; além de Macacos tornam-se mais communs, provavelmente porque as depressões onde crescem são mais numerosas, mais profundas, mais abrigadas e humidas. Tive o prazer de tornar a encontrar, nesses bosques, a elegante palmeira chamada *andaiá*, que já vi no começo das minhas viagens, e que descrevi ahiures (10); esta palmeira, cujo caule, em grande parte coberto de escamas, parece dilatar-se d' base ao ápice, cujas longas folhas aladas, verdes de um lado, esbranquiçadas do outro, se recurvam como um immenso pennacho, e, não apresentando sinão um dos bordos á espessura do tronco, oscillam á mais leve brisa; cujos cocos, do tamanho de maçãs, cêem em longos racimos, têm uma *spatha* que se assemelha a uma canôa.

Nos outros lugares, além dos bosques a vegetação apresenta sempre a mesma alternativa, e, em grande numero de *campos* se mostra ainda a *Vellozia* arborescente que assignalei como caracterizando esses lugares elevados. Unas vezes só ella occupa espaços consideraveis; em outras, algumas arvores pouco desenvolvidas erguem-se de espaço a espaço no meio das hastes dessa singular monocotyledonea; ahiures arvores rachiticas não lhe deixam mais do que pequeno espaço: é essa planta que, como já o disse, estabelece a maior differença entre os *campos* desse districto e os da provincia das Minas. Aliás, encontram-se aqui as mesmas *Qualea* que em Minas, a *Vochysia* n.º 502, a *Gentianôa* n.º 206, tão commum em todos os *campos*, o *Hyptis* n.º 157, a Composta 453, a Campainha tão conhecida como purgativa, sob o nome de *velame*, o *pequi* (*Caryocar brasiliensis*, Aug. de S. Hil., Juss., Camb.) (11), o *tamboril*, que ahi chamam *vinhatico do campo*, o

(10) *Viagem pelas provincias do Rio de Janeiro, etc.*, I, 103.

(11) Escrevo aqui o nome vulgar dessa pequena arvorez como foi graphado, segundo as minhas notas, na *Flora Brasiliac meridionalis*; mas não estou bem certo si, dada a maneira por que o

barba timão, a Auranciacea n.º 632, o pacari (*Lafoensia Pacari*, Aug. de S. Hil.), a Acathea n. 612, a quina do campo (*Strychnos pseudoquina*, Aug. de S. Hil., Pl. us.) etc.

A pequena distancia de Macacos atravessei um regato que desliza perfeitamente limpido sobre um leito de areia, e que chamam, por esse motivo, *Ribeirão das Areas*; e esse rio um dos affluentes do Corumbá, que separa a parochia de Santa Luzia da de Meiaponte. E' provavel que o Ribeirão das Areas e os tres regatos que atravessei antes augmentem no tempo das chuvas de modo muito sensivel, e foi isso o que, sem duvida, lhe fez dar o nome de ribeirão (12).

Como não existe uma unica choupana num espaço de 6 a 7 leguas, desde o Ribeirão da Ponte Alta, do qual já disse duas palavras, até a povoação de Corumbá, tomei o partido, após uma marcha de 4 leguas, de fazer alto em um bosque, á margem de um regato, no lugar chamado *Lage*. Minhas malas foram collocadas num recinto coberto de relva e rodeado por grandes arvores; o tempo estava tão bonito que nem mesmo armamos os toldos para nos protegerem durante a noite.

Não ha mais do que 3 leguas de Lage á povoação de Corumbá, onde me apeei; mas, a julgar pelo tempo que consumi no percurso, parece haver muito mais. Em geral, as leguas deste paiz são de uma extensão immensa, como succede sempre com as medidas de comprimento nas

pronunciam, não seria mais correcto escrever *piqui*. E' seguramente a mesma arvore que Casal indicou sob o nome de *Piquitá* (*Cor.*, I, 114).

(12) Pohl, que percorreu esse districto na estação das chuvas, diz claramente (*Reise*, I, 286) que muitas vezes o Ribeirão das Areas engrossa repentinamente de tal forma que é impassivel transpô-lo. Aliás, os nomes de *Rio de Areas* e *Rio Arcas*, que o mesmo autor dá ao curso d'agua de que se trata, são evidentemente erroneos, pois a lingua portugueza repete tal composição.

regiões desertas, onde para a coisa mais insignificante se costuma percorrer distancias consideraveis.

Entre Lage e Corumbá a região não muda, a não ser que se vê na encosta dos morros grande numero de moitas de arvoredo. Em parte alguma vê-se um pé de milho, de arroz ou de algodão, e os arredores da povoação de Corumbá não parecem menos incultos do que os lugares mais afastados de toda a habitação. O caminho é tão pouco frequentado que, á margem dos regatos, o *capim gordura* quasi que fez desaparecer-lhe o traçado.

Antes de chegar a Corumbá mandei José Mariano pedir hospedagem ao vigário eueommendado, que lhe indicou uma casa deshabitada, como ha tantas em todas as povoações fundadas por mineradores. Mal acabava de tomar chá quando recebi a visita do cura de Meiaponte e do outro ecclesiastico que tinham vindo passear a Corumbá. Como todos os habitantes do paiz, esses senhores se queixavam amargamente da falsificação do ouro, dos dizimos e do abandono em que o governo deixava essa infeliz provincia.

A pequena povoação de Corumbá tem a forma de um triangulo e está situada na encosta de uma collina, sobre o rio que lhe dá o nome. Suas ruas são largas, e as casas pequenas e extremamente baixas.

Mineradores se fixaram neste lugar para explorar as margens auríferas do Corumbá. Após sua morte e a dos escravos o trabalho das minas, tornando-se provavelmente mais difficil, foi completamente abandonado, e os habitantes da povoação cahiram na indigencia. A maior parte dos actuaes são artifices que trabalham para os lavradores da vizinhança, e que ordinariamente só são pagos em productos da terra. As mulheres fiam o algodão e, como salarios, recebem productos agricolas. Corumbá goza, todavia, de grande vantagem; aprecia-se muito o tabuco dos

arredores, que são bastante elevados, e enviam-no a varias das povoações da provincia.

Corumbá é uma succursal (*capella*) que depende da parochia de Meiaponte, cuja matriz está afastada de 3 leguas. Dou aqui a este desprezível povoado o nome, por assim dizer, legal, mas na região não o conhecem sinão sob o de *Capella*, reserva-se o nome de *Arraial* para a povoação de Meiaponte.

O Rio Corumbá está aqui muito perto da sua nascente, e é possível atravessal-o a váu; mas logo, pouco depois, torna-se um dos rios mais consideraveis da provincia, e, após correr de norte a sudoeste, vai reunir-se ao Paranakyba.

Disso já que do Morro do Tição avistei os dois cumes dos Montes Pyrineus (13), montanhas que formam a parte mais elevada da Serra do Corumbá e do Tocantins, e onde nascem diversos rios importantes, entre outros o Corumbá, e os primeiros affluentes do gigantesco Tocantins. Desde o morro do Tição, aproximara-me sempre dessas montanhas: em Corumbá já não estava a maior distancia que duas leguas: quiz ir ali herborizar. Tomei na povoação um negro para me servir de guia e me puz a caminho acompanhado de Marcellino, meu *tocador*.

A região que atravessamos até os Pyrineus é montanhosa e não differe, absolutamente, na vegetação, da que percorremos nos dias anteriores.

(13) Sigo aqui a orthographia de tres escriptores cuja autoridade é bastante respeitavel, Cazul, Mastius e Mattos; mas creio que seria melhor escrever *Pirineos*, como Pizarro, ou *Perineus*, como Luiz Antonio da Silva e Souza, porque é assim que se pronuncia no paiz, e que o viajante deve principalmente consultar o uso quando indica nomes que antes d'elle, foram graphados poucas ou nenhuma vez. Será verosimil, aliás, que os antigos paulistas, que apenas possuíam vagas noções da geographia de Portugal, tivessem realmente querido applicar o nome de *Pyreneus* a montanhas da provincia de Goyaz? É claro que, em caso algum, se deve, como Pohl, escrever *Pyrenneos*.

Caminhamos cerca de 2 leguas, e, após transpor varios correjos, chegámos ao pé dessas montanhas.

Não devemos imaginal-as taes como os picos majestosos tão communs em algumas partes da Europa, nem mesmo o Itacolumi, o Papagaio ou a Serra do Caraça; são bastante elevadas, sem duvida, mas devem uma parte da sua altitude á região, já por si mesma bastante alta, em que estão situados, e desde a base até o cume a sua altura é realmente pouco consideravel.

Vistas da base, quando se vem de Corumbá, mostram ellas dois terraços que se sobrepõem, e dos quaes o superior parece sustentado por rochedos.

Galgamos o primeiro, onde, em um terreno arenoso e apenas coberto de ervas, recolhi algumas plantas interessantes. Em breve tornamos a avistar os dois cumes que já vira do Morro do Tição e que, por algum tempo, tinham ficado occultos aos nossos olhos. Atravessamos pastagens naturaes onde o terreno ora se mostra arenoso, ora de optima qualidade; em alguns lugares elevados, arvores definhadas se exhibem no meio de rochedos, e o majestoso *bority*, fiel á sua localidade favorita, orna tambem nhi as depressões alagadas.

Pouco depois transpuzemos o Rio Corumbá, que nesse lugar tem pouca largura, e encontramos em suas margens vestigios de uma casa; esta pertencera a um minerador que empregava seus escravos na extracção do ouro do rio, mas acabou por abandonal-a. Em volta das minas dessa casa crescia em abundancia o *capim gorduro*, que podemos collocar no rol dessas plantas que se prendem á passagem do homem; entre Macacos e Lage vira-o á margem dos correjos, por toda a parte em que param os viajantes.

Após transpor o Corumbá, passamos um pequeno regato que nelle se lança, e que chamam *Cocá*. Seu leito

estava obstruído por um monte de seixos de cascalho, triste vestígio dos trabalhos dos primeiros fazeiros.

Meu guia me advertira que os *carrapatos* eram muito communs nesse lugar, e aconselhou-me a montar a cavallo afim de evital-os. Apesar dessa precaução, minhas calças ficaram num instante cobertas por esses odiosos insectos; mas, desembaracei-me, em pouco tempo, dando pequenas pancadas nas minhas roupas com uma varinha coberta de folhas (14). Provavelmente fizeram antigamente pastar nesse lugar burros ou cavallos, pois é principalmente nos lugares em que vivem esses animais, e proximo ás habitações, que se encontram os *carrapatos*.

Do outro lado de Cocá encontramos uma pobre choupana, e ali pernoitei afim de dispor, no dia seguinte, do tempo necessario para subir até o ponto mais elevado da montanha; essa choça era habitada por um velho negro livre, que ali morava isolado, e procurava, para subsistir, um pouco de ouro em pó no correço vizinho. "Ua, disse-me elle, excellentes terras na montanha, varios *campos* seriam mesmo optimos para o cultivo da mandioca, mas não sou mais bastante jovem para cavar a terra." Sua desprezível morada annunciava uma miseria extrema.

(14) E' o meio que indiquei quando, pela primeira vez, falei dos *carrapatos*, cuja picada é, como já disse, extremamente dolorosa (*Viajem pelas provincias de Rio de Janeiro, etc.*, I, 322; II, 296, 45'). Acrescentei que os *carrapatos grandes* e os *carrapatos pequenos* dos brasileiros pareciam não constituir senão uma especie em dois estagios differentes. Pohl mencionou duas especies de *carrapatos*, *Ixoides americanus* e *Ixoides collar*; a primeira corresponde aos *carrapatos grandes*, e a segunda aos *pequenos*, ou haverá realmente duas especies distinctas, comprehendendo cada uma *grandes* e *pequenos*, quer dizer individuos que a idade torna differentes principalmente pelo tamanho? E' o que difficilmente se poderá resolver pelas collecções; observadores sedentarios esclarecerão sem duvida, algum dia, esse ponto de historia natural. Seja como fór, o Sr. Gardner, bom observador pensa que não ha, como eu proprio já o escrevi, senão uma especie de *carrapatos* (*Travels*, 293).

O guia nos deixou quando chegamos á casa do preto velho, mas prometteu voltar no dia seguinte; chegou, effectivamente, depois de se ter feito esperar por muito tempo, e puzemo-nos novamente em marcha. Dentro em pouco, porém, percebi que esse homem não conhecia a parte da montanha em que estavamos, e fomos obrigados a nos dirigir para os cumes mais elevados, sem caminho certo.

Durante muito tempo costeamos o corregio de Cocá, cujas margens foram outr'ora revolvidas pelos mineradores, e apresentam por toda a parte montes de calhaus, residuos das lavagens.

A' excepção de alguns cumes cobertos de rochedos angulosos, que parecem quebrados artificialmente, e se accumulam sem ordem, toda a parte dos Montes Pyrinicus que percorri apresenta um terreno bastante homogeneo. Veem-se, ás vezes, pastos arenosos onde apenas vicejam hervas, outras vezes, moitas de arvoredo e nos valles, que são sempre pantanosos, o elegante *boriy*.

Chegamos, finalmente, á base dos picos mais elevados; ha dois principaes: os que já vira do Morro do Tigão. Quasi da mesma altitude, exhibem ambos um cone de aresta bastante obliqua, e, são completamente cobertos de pedras e rochas angulosas accumuladas sem ordem, e entre as quaes cresce grande numero de arbustos e arvores enfezadas. Gastei cerca de um quarto de hora para chegar ao cume de um delles: de lá uma extensão immensa de terreno deserto e inculto se me offereceu á vista; mas, infelizmente, o negro encarregado de me guiar era muito ignorante para me dizer o nome das montanhas que eu avistava e o dos pontos mais notaveis. Rochedos de pouca largura terminam este pico, e no meio delles crescem exemplares de *canella de ema* (*Vellosia*) incio dessecadas e cobertas de lichens.

Em toda essa excursão não recolhi sião pequeno numero de plantas que ainda não tinha, e não vi um só

passaro, exceptuados dois muito grandes, que planavam sobre os rochedos como para tratar de descobrir preza.

Tendo descido da montanha (15), puzemo-nos em marcha e percorremos, para voltar a Corumbá, um terreno bastante uniforme. No meio daservas que o cobrem, cresce em abundancia uma *Mimosa* (n.º 715), cuja haste, um pouco farinacea, e de um vermelho esbranquiçado, tem a altura de 4 a 5 pés e cujos numerosos ramos, carregados de flores roseas, formam uma cupula hemispherica.

Occupado em procurar plantas, não me tinha apercebido de que nos estavam desviando da direcção do povoado. Todavia, como o dia começava a cair, lembrou-me de perguntar ao guia a que distancia estavam de Corumbá. Provavelmente a 3 leguas, respondeu-me elle; mas em breve vamos encontrar uma casa. Não me contive, e fiz algumas observações, pois que era evidente que elle nos tinha feito perder o caminho. Continuamos a caminhar, e dentro em pouco avistámos a pequena habitação que me fôra annunciada. Uma negra se mostrou á porta, e, não tendo nenhuma vontade de nos receber, garantiu-me que não havia mais de 1 legua de lá á povoação. Envergonhado de ter-se enganado no caminho, o guia, com essa inconsequencia que é apanagio dos homens de sua côr, retratou-se logo do que dissera a principio, e se poz a apoiar a negra; uma discussão se levantou entre nós, mas em pouco puz-lhe um fim, dizendo ao negro: Concordo em que não haja mais do que 1 legua daqui a Corumbá, mas, para fazer este trajecto,

(15) De accordo com o que acabo de dizer ácerca dos Montes Pyreneos, vê-se que enganaram recentemente o doutor Pohl ao lhe dizerem que florestas virgens tornavam essas montanhas inacessiveis; estou certo tambem de que, si o general da Cunha Mattos tivesse occasião de galgar-os, não teria escripto (*Itin.*, I, 170) que uma vegetação majestosa se eleva até o seu cume.

duas horas são mais do que sufficientes; consinto em me pôr a caminho, e si em duas horas não chegarmos lá, previno-te de que não te pagarei coisa alguma. O homem retratou-se ainda uma segunda vez; concordou que podia haver mais de uma legua até a povoação, e decidi-me a não ir mais além. A negra, a quem pedi que me deixasse dormir em sua casa, respondeu-me que seu senhor não a autorizara a conceder esta permissão. Pois bem, vou tomal-a, retorqui-lhe, e entroi sem cerimonia. *E' um homem mandado*, exclamou o negro; estas palavras, como acontecia sempre, produziram um effeito magico; não me fizeram mais uma unica objecção.

No dia seguinte pela manhã, nos fazemos novamente a caminho, e no fim de alguns instantes, descobrimos Meiaponte, o que mostrou que eu estava muito afastado de Corumbá, pois que existem, como já disse, 3 leguas de distancia da primeira dessas povoações á segunda, e, por consequente, fizera muito bem na vespera em não me pôr a caminho ao cair da noite. Atravessamos uma região montanhosa e, descendo sempre, chegamos a Corumbá.

Entre essa povoação e a de Meiaponte, caminhei sempre parallelamente aos Montes Pyrincus que tinha á minha direita. A região é ainda montanhosa, porém, mais cheia de mattas do que aquella por onde viajara antes de chegar a Corumbá. No meio das pedras que cobrem o solo, não apresentava então mais do que um graminado secco, em parte alguma se via uma flôr; nas moitas de arvoredo, diversas arvores tinham conservado a folhagem, mas outras a tinham completamente perdido; a terra estava juncada principalmente de foliolos delicados de Mimosaceas.

Caminhei durante algum tempo sobre um planalto que encima um morro elevado; é ahí que a estrada da Bahía se reune á de Minas e de Rio de Janeiro, que eu

acabava de percorrer. A descida do morro é calçada, o que, nessa zona, é uma verdadeira maravilha. Durante todo o dia tínhamos descido; o calor, sobretudo na base do morro de que acabo de falar, foi mais forte do que nos dias precedentes.

Antes de chegar a Meiaponte, enviei José Mariano a ter com o parcho da povoação, para rogar-lhe que me arranjasse uma casa desoccupada onde eu pudesse ficar; este indicou-lhe uma que era bastante commoda, e lá me installei.

Apenas escampado, fui apresentar o meu passaporte real (*portaria*) ao commandante da povoação, do qual terei occasião de falar adiante. Habitava uma casa bastante bonita e me recebeu em um salão bem mobiliado, de uma limpeza extrema. As paredes eram pintadas até a altura de um homem, caiadas em seguida até o tecto e ornadas de gravuras; um pequeno espelho, algumas mesas, cadeiras bem arrumadas, constituíam o mobiliario dessa peça.

Fui em seguida agradecer ao cura, e achei a sua casa tão bonita e bem guarnecida como a do commandante: o que principalmente a tornava digna de apreço, era um asseio verdadeiramente hollandez. Em geral, é essa uma das qualidades que distinguem os brasileiros; por pobres que sejam, suas choças nunca estão sujas, e si possuem mais de duas camisas, a que vestem está sempre limpa.

A encantadora povoação de Meiaponte é a um só tempo séde de uma justiça e de uma parochia (16). Si-

(16) A povoação de Meiaponte foi erigida em villa por uma lei de 19 de Julho de 1832 (*Mattos, Itin.*, II, 337). — Luiz d'Alincourt diz que, em 1737, foi apresentada a ideia de fazer-a capital da provincia (*Mém.*, 85): mas creio que se enganou no nome do governador ao qual attribue esse projecto. Seja como fór, é incontestavel que, sob muitos aspectos, Meiaponte mereceria mais do que Villa Boa tornar-se a capital da provincia de Goyaz.

tuada aos 15º,30' de latitude sul, em uma zona muito salubre, no ponto de junção das estradas do Rio de Janeiro, da Bahia, de Matto-Grosso e de São Paulo, afastada de Villa Boa no maximo de 27 leguas, rodeada das terras mais férteis, tal povoação não podia deixar de ser uma das menos infelizes da provincia, e é uma das mais povoadas.

Toda a parochia de Meiaponte tem cerca de 32 leguas de norte a sul, e 20 de oeste a leste; e, si bem que menos extensa do que a d. Santa Luzia, é todavia muito mais povoada, pois que nella se contam 7.000 commungan'es: comprehende (1819) duas succursaes (*capellas*) a de Corumbú, da qual já falei, e a do *Corrego de Jaraguá*, que breve darei a conhecer.

Foi edificada a povoação de Meiaponte em uma especie de planicie rodeada de montanhas e coberta de bosques pouco elevados; estende-se, por um declive muito brando, por sobre a margem esquerda do Rio das Almas e defronta a continuação dos Montes Pyreneus. Tem aproximadamente a fórma de um quadrilatero. Contam-se nella 300 e poucas casas, que são bastante limpas, cuidadosamente caçadas, cobertas de telhas, e bastante altas para o peiz; cada uma, como succede em todas as povoações do interior, possui um jardim, ou antes, *um quintal* onde se veem bananeiras, laranjeiras e cafeeiros plantados sem ordem. As ruas são largas, rectas e calçadas dos dois lados. Cinco igrejas (17), entre as quaes se contam tres principaes, contribuem para o embellezamento da povoação. A igreja parochial, dedicada a Nossa Senhora do Rosario, é bastante grande e ergue-se numa praça quadrada; suas paredes, feitas de taipa, têm 12 palmos (9

(17) Em 1823, da Cunha Mattos contava igualmente cinco (*Itin.*, I, 151). Segundo Luiz Antonio da Silva e Sousa teria existido uma a mais em 1832 (*Mem. est.*, 27).

pés) de grossura (18) e assentam sobre alicerces de pedra; no interior é ella sufficientemente ornada, mas não tem tecto.

Da praça em que está situada a igreja parochial, descortina-se a vista mais agradavel, talvez, que eu tenha admirado desde que comecei a viajar pelo interior do Brasil. Esta praça consiste em um plano inclinado; abaixo della estão jardins onde se mostram grupos de cafeeiros, de laranjeiras, de bananeiras de folhas largas; uma igreja, que se ergue um pouco mais longe, contrasta, pela brancura das suas paredes, com o verde carregado dessas diversas plantas; á direita estão jardins e casas, além dos quaes a vista encontra uma outra igreja; á esquerda vê-se uma ponte meia destruida com uma pequena porção do Rio das Almas, que desliza entre arvores; do outro lado do rio, vê-se uma pequena igreja rodeada de moitas; além destas ultimas, avistam-se arvores enfezadas, que se confundem com ellas; enfim, a cerca de meia legua da povoação, o horizonte se limita, ao norte pela cadeia pouco elevada que continúa os Mon'tes Pyreneus e no meio da qual se distingue o cume arredondado do *Frota*, mais elevado do que os vizinhos (19).

Enquanto que nas outras povoações ha no maximo um mestre-escola. Meiaponte tem (1819) um professor de grammatica latina pago pelo governo; mas, duvido muito que tenha grande numero de alumnos e que seu ensino traga resultados uteis.

(18) Da Silva e Souza indica-as (*Mem estat.*, 27) como tendo apenas a espessura de 7 palmos. Não posso dizer com segurança qual dos dois numeros é o exacto.

(19) Não necessario dizer que essas montanhas pertencem tambem á Serra do Corumbá e do Tocantins. — O Morro do Frota, segundo Silva e Sousa (*Mem. estat.*, 13), comprehende varios montes pequenos; estende-se na direcção do occidente e tem 2 leguas de extensão.

Como em Tijuco, no districto dos Diamantes (20), existe em Meiaponte um hospital de irmãos da ordem terceira de São Francisco, encarregados de recolher as esmolas dos fiéis para a conservação do Santo Sepulchro. Por occasião da minha viagem, este hospício não contava mais do que um irmão. As sommas que reunia eram depositadas por elle na própria provincia, em mãos de um syndico particular, e este as enviava ao Rio de Janeiro, ao syndico geral que, como elle, era um leigo. É difficil crêr que, passando por tantas mãos, estas esmolas viagem inteiras de Meiaponte a Jerusalem.

Como disse, o clima de Meiaponte parece bastante sadio (21). Na época de grande calor, todos os habitantes, de ambos os sexos, se banham frequentemente no Rio das Almas, o que contribue a mantel-os em bom estado de saúde. A molestia mais common entre elles é a hydropisia; a especie de elephantiasis chamada *morsão* não é tampoco, rara nessa zona.

O lugar, onde actualmente está situada a povoação de Meiaponte, foi descoberto, em 1731, por um tal MAJOR RODRIGUES THOMAS (22). Os primeiros que ali se estabeleceram foram exploradores de ouro, que queriam extrahir-o das margens do Rio das Almas. Todavia, como a povoação que elles construíram se acha situada na junção das principaes estradas da provincia, e que por lá passava outrora grande numero de caravanas, seus habi-

(20) *Viagem pelo districto dos Diamantes*, etc., I, 44.

(21) Da Silva e Sousa diz (*Mem. estat.*, 14), que o vento de leste sôfrega constantemente das 4 horas da manhã ás 11, do mez de Maio até o de Setembro.

(22) Pizarro relata que, nos praeoordios, se construiu sobre o rio uma ponte formada de duas toras de madeira, que uma dellas foi carregada pelas aguas, e que então se contentaram com a que restou, e, por esse motivo, se deu á povoação o nome de Meiaponte (*Mem.* IX, 212). Da Cunha Maltoes contradiz essa historia e pensa que Meiaponte deve o seu nome a uma pedra que

lantes, certos de venderem vantajosamente os productos do solo, renunciaram logo ás lavagens, de que hoje não se veem sinão fracos vestigios, e foram, ao que parece, os primeiros de toda a capitania que tiveram a gloria de se occupar do cultivo das terras. Os bosques, communs nos arredores da povoação, favoreceram o trabalho dos agricultores; esses capoeirões de que falei atraz, eram outrora grandes mattas, que se cultivaram, e essas *capoeiras*, actualmente abandonadas, tomaram o lugar do feijão e do milho dos antigos colonos.

Ainda hoje a maioria dos habitantes da parochia é de agricultores e, como não vêm á povoação a não ser aos domingos, as casas ficam desertas durante o resto da semana. As terras da parochia de Meiaponte são proprias para qualquer genero de cultura, mesmo a do trigo; mas é principalmente a criação de porcos e ao cultivo do tabaco que se dedicam os colonos dessa zona, e enviam o tabaco em corda e o toucinho não só para Villa Boa como tambem para varias povoações do norte da provincia.

Como já tive occasião de dizer, o algodão dessa região é de optima qualidade. Cada homem pode cultivar em algodoeiros a extensão de terra que se semeiaria com um alqueire de milho. Ali os algodoeiros já dão capsulas com um anro, e basta dar uma capina annualmente na terra em que vegetam. Durante cinco annos não se retiram a esses arbustos nenhum dos galhos; mas, ao fim

se encontra, perto da povoação, no Rio de Meiaponte, e representa a metade de um arco (*Itin.*, I, 153). Segundo Luiz d'Alincourt, Bartholomeu Bueno, não podendo atravessar a vau uma correnteza profunda, fez lançar uma ponte sobre uma pedra chata e bastante grande que avoçava até o meio das aguas, e dahi, o nome de Meiaponte que deram ao curso d'agua, e, em seguida, á povoação que se ergueu nas proximidades (*Mem.*, 82). Não posso decidir qual das tres versões é a verdadeira, nem si ha alguma entre ellas que mereça confiança.

desse tempo tem-se o cuidado de cortar-os um pouco abaixo do pé, e se poda uma parte dos rebentos. Após cinco annos cortam-se os segundos caules, e, tratados sempre da mesma maneira, os arbustos podem dar uma longa série de colheitas (23). Um alqueire plantado em algodoeiros rende 100 arrobas de algodão com sementes, e a arroba, despojada das sementes, rende 8 libras liquidas.

E' provavel que os arredores de Meiaponte possam produzir vinho excellente, pois que, durante minha estada nessa povoação, comi uvas deliciosas que o cura me mandou de presente; eram da qualidade que os portuguezes chamam *uva ferral*. Não tenho, em absoluto, necessidade de dizer que aqui, como em Minas, e provavelmente em todo o Brasil, é em mudas que se importa a vinha.

Muito embora qualquer um possa encontrar nos arredores de Meiaponte mais terra para cultivar do que lhe seja necessaria, embora existam por toda a parte corre-gos auríferos onde facil lhe será recolher um pouco de ouro, sejam raras as braços, e, por conseguinte, todo homem valido possa esperar encontrar trabalho, ao menos sufficiente para seu sustento, não se póde dar um passo em Meiaponte, sem esburrar em mendigos. Alguns delles, atacados de elephantiasis, merecem realmente ser soccorridos; os outros são filhos naturaes que poderiam trabalhar. Proprietarios abastados de Meiaponte se queixavam perante mim do numero prodigioso de mendigos que se vê errarem em sua povoação. A maior parte desses homens,

(23) Devo as informações que aqui transmitto sobre a cultura do algodoeiro nos arredores de Meiaponte, a um dos melhores agricultores do Brasil, o sr. Joaquim Alves de Oliveira. Nas minhas duas relações já publicadas encontra-se-lhe pormenores bastante extensos acerca do cultivo desse precioso arbusto, em Minas Novas e varios outros lugares (Vide o indice da *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro, etc.*, e o da *Viagem pelo districto dos Diamantes, etc.*).

diziam elles, estão em estado de ganhar a vida tornando-se leites; como, porém, elles peçem esmolus *por amor de Deus*, é impossivel recusal-a. e é assim que se fortalece entre elles o habito da preguiça. Ha, nesse sentimento, sem duvida, algo de commovedor, e não mereceria sinão elogios, si sómente tiv. . . e por objecto esses infelizes que uma molestia horrorosa afasta dos seus semelhantes; como, porém, essa bôa gente que conversava na minha presença, pôde pensar que encorajar o vicio é dar a Deus uma prova de amor?

Disse que desci muito antes de chegar a Meiaponte. Durante o tempo em que estava na povoação, o calor foi excessivo e experimentei *incommodos nervosos*, augmentados ainda pela fome que sofri durante os meus passeios. O calor excessivo actouo tambem, provavelmente, sobre os meus auxiliares, pois que elles estavam de um humor insupportavel.

Antes de deixar a povoação (17 de Junho), fui despedir-me do parocho e do jovem sacerdote LOIZ GONZAGA DE CAMARGO FLEURY (24), que já vira com elle em Corumbá.

Durante o tempo em que fiquei em Meiaponte, ambos me cumularam de gentilezas, vieram visitar-me frequentemente, e conversámos muito. Luiz Gonzaga era de origem franceza, como indicava o seu nome de familia. Não ignorava quaes os deveres do seu estado, e, em geral, achei-o bastante instruido; conhecia os nossos bons escriptores francezes, lia muito uma das nossas historias ecclesiasticas e tinha alguns principios da lingua ingleza. O cura, que era cumulativamente *vigario da vara* (25), não exercia si-

(24) Deve-se-lhe um resumido itinerario de Porto Real a Carolina, inserto na obra de Mattos, intitulado *Itinerario* (II, 248).

(25) Vide o que disse a respeito desse cargo na minha primeira relação de viagem.

não a última dessas funções; dividia o encargo de conduzir as suas ovelhas entre o *capellão* de Corumbá, o do Corrego de Jaraguá, e, finalmente, Luiz Gonzaga, que estava encarregado de Meiaponte, e cada um desses tres vigarios lhe pagava um certo arrendamento pelo officio. Esse arranjo não era muito regular; mas, pelo que concerne a religião, o Brasil, em geral, e a provincia de Goyaz, em particular, estão fóra de todas as regras.

CAPITULO XIX

POVOAÇÕES DE JARAGUA, OURO FINO E FERREIRO

Região situada além de Meiaponte. — *Fazenda de S. Antonio*. Discussão com o proprietário. O interior das casas interditado aos viajantes. — Tempo em que viajam as caravanas. — Região situada além de S. Antonio. Grandes florestas. — O *Corrego de Jaraguá*, povoado. Sua situação. Historia. Minas. Cultura das terras das cercanias. Moes-tias. Caso medico interessante. — *Seria de Jaraguá*; sua vegetação. — Retrato do capellão de Jaraguá. Os mulatos. — Polidez dos habitantes do interior para com os estrangeiros. — Igreja de Jaraguá. Original costume das mulheres. Bom gosto e habilidade dos goyanos. — O *Mato Grosso*. — Zona menos deserta nas proximidades da capital da provincia. — *Rancho da Goyabeira*. — Encontro de uma tropa de burros. — *Rancho das Areas*. Seus habitantes. — Incommodos que o tropeiro do autor lhe faz experimentar. Os tropeiros brasileiros. Tédio que se sente em andar sempre com as mesmas pessoas nas viagens. — *Sitio da Lage*. O missionario capuchinho. Os ladrões não são para temer. — Obsequiosidade dos brasileiros do interior. — *Mandinga*. A festa de S. João. — O *Pio Urubú*. — A povoação de *Ouro Fino*. Seu rancho. Sua posição. Pobreza. — Maus caminhos. — *Pouso Alto*. — A povoação de *Ferreiro*. — Recom-mendações do coronel FRANCISCO LEITE.

Para ir de Meiaponte (1) a S. Antonio, onde fiz alto, segui um valle bastante largo, limitado por duas cadeias de montanhas pouco elevadas. A mais septentrional não é sinão a continuação dos Pyrnicos e toma o nome de *Serra de S. Antonio*. Arbusticulos e arvores definhadas crescem bastante aproximadas umas das outras no meio de pastagens que cobrem o valle e as montanhas, e pertencem ainda ás mesmas especies que encontrei nos campos. Por toda a parte a herva estava secca; não via uma só flôr. Atravesssei durante o dia varios regatos bordados de uma estreita orla de mattas; lá gozava de uma frescura deliciosa, mas, noutros lugares, o calor se fazia sentir muito fortemente.

A *fazenda* de S. Antonio, onde me apeci, como acabo de dizer, foi outróra muito importante. Naquelle tempo retirava-se ouro da Serra do mesmo nome; mas a mina se esgotou, deixou-se de conservar as construcções da habitação, e quasi todas estão hoje completamente arruinadas. Entretanto, esse estabelecimento mal conseguiu chegar á terceira geração: taes são os tristes resultados da procura do ouro e da prodigalidade dos mineradores. Estando em Meiaponte, eu vi, do outro lado do Rio das Almas, uma casa que produz um effeito agradabilissimo na paisagem, e parecia ter sido outróra muito bonita; fôra construida por um homem poderosamente rico, que possuia

(1) Itinerario aproximado de Meiaponte a Villa Boa:

De Meiaponte a S. Antonio, fazenda	3	leguas
„ S. Antonio a Jaraguá, povoação	3 1/2	„
„ Jaraguá a Goyabeira, rancho	3	„
„ Goyabeira ao Rancho das Arêas, fazenda ..	3	„
„ Rancho das Arêas a Sitio da Lage, choça	5	„
„ Sitio da Lage a Mandinga, pequena habitação	3	„
„ Mandinga a Ouro Fino, povoação	4	„
„ Ouro Fino a Pouso Novo, rancho	1 1/2	„
„ Pouso Novo a Villa Boa	1 1/2	„
	<hr/>	
	27 1/2	leguas

grande numero de escravos: era um mineiro; suas filhas, por occasião da minha viagem, viviam de esmolas.

José Mariano, que me precedera, pedira hospitalidade á habitação de S. Antonio, e uma negra lhe indicou uma pequena choça que estava desoccupada. Quando cheguei, encontrei esse homem de pessimo humor, porque, dizia elle, queriam alojar-nos em um local cheio de pulgas e bichos de pé (*pulex pentrans*). Ficava tão desgostoso quando via o descontentamento pintado no rosto dos que me acompanhavam, que fui solicitar melhor abrigo. Um mulato garantiu-me que não havia outro para me dar, e, instigado por José Mariano, começava a me exaltar, quando chegou o dono da casa. Sua simplicidade me desarmou; fez varrer a casinhola que nos fôra offerecida, e nella me alojei.

No meio da pequena discussão que tivemos a principio, esse honrado homem exclamou: "Antes me matarem, do que pôrem os pés no quarto das minhas filhas!" Nessa provincia, onde tantas mulheres se prostituem, um pae de familia escrupuloso deve naturalmente usar dessa linguagem, uma vez que o costume exige que uma pessoa do sexo que se quer respeitar conserve-se a distancia, e não tenha nenhum contacto com os homens.

Perguntei ao meu hospedeiro si, nesse anno, passaram grandes caravanas vindas do Rio de Janeiro, de Bahia ou de S. Paulo; respondeu-me que ainda não vira nenhuma, e que, em geral, ellas só chegavam depois de S. João; não conseguem attingir antes o termo da viagem, pois não podem razoavelmente se pôr a caminho antes do fim da estação chuvosa.

Até o Rio das Almas, que se encontra a cerca de 1 legua de S. Antonio, segui o valle onde viajára na vespera e que frequentemente se estreita bastante; mas para além do Rio das Almas não vi mais mortinhas sinão á esquerda. Antigamente existia uma ponte sobre esse rio; como, porém, cahiu, segue-se actualmente outra estrada; por aquella

ocasião, todavia, a secca era tão grande, que o rio se vadeava, e não fui obrigado a me desviar: vê-se, pois, que succede aqui o mesmo que em Minas, onde se constroem pontes, mas não se as conserva (2).

Entre o Rio das Almas e o Corrego de Jaraguá, quer dizer, em um espaço de 2 leguas e meia, pequenos trechos exhibem arvores enfezadas; no restante, por toda parte, não se mostram sino grandes bosques. A vegetação desses ultimos é muito menos vigorosa do que a das florestas virgens de Minas e Rio de Janeiro; todavia, encontrei ali varias bellas oivores: os cipós não são raros, mas não produzem nenhuma desses grandes effeitos que admirei tantas vezes na vizinhança da capital do Brasil; os bambús, que aqui crecem entre os outros vegetaes, não se alicam, como os do litoral, a grande altura para formar elegantes arcadas, suas varas conservam-se delgadas e têm pequena altura. As unicas plantas em flôr, que avistei no meio desses bosques, eram Acantaceas, familia que, nessa zona, pertence quasi que exclusivamente ás mattas.

Após ter atravessado o regato chamado *Corrego de Jaraguá*, cheguei á povoação do mesmo nome (*arraial do Corrego de Jaraguá*) (3).

Tinha enviado José Mariano na frente, com duas cartas de recommendação que me haviam dado para o *capellão* do lugar; este me recebeu admiravelmente bem; alojou-me em uma casa bastante commoda. Logo no irado seguiu

(2) Aquella de que aqui se trata, embora muito necessaria, ainda não estava reparada em 1823 (MATTOS, *Itin.*, I, 150).

(3) Não se deve escrever, como Pohl, *Corrego de Jaraguá*, e, ainda menos, *Corrego de Jaraguay*, como o fez Luiz d'Alincourt. Os nomes de *Corrego de Jaraguá* e *Jaraguá* que se encontram no *Pluto Brasiliensis* de von Eschwege são tão pouco exactos como os precedentes. — Gardner indica, no norte do Brasil, um lugar chamado tambem *Jaraguá*. — Esse termo, em guarany, significa *agua sussurrante*.

e lenha pelos seus escravos e convidou-me a jantar em sua companhia.

Corrego de Jaraguá, ou, simplesmente, *Jaraguá*, como se diz habitualmente no paiz, é uma succursal (*capella filial*) de Meiaponte, comprehendendo na sua dependencia cerca de 2.000 almas. Essa povoação, situada numa vasta planície coberta de bosques, está rodeada de montanhas mais ou menos altas, das quaes as mais aproximadas erguem-se quasi a pique e produzem um bello effeito na paisagem. Jaraguá me pareceu quasi tão grande como Meiaponte; mas suas ruas são menos regulares, suas casas menores (4) e menos bonitas, e não se vêem lá mais do dous igrejas.

Negros, que iam procurar algumas porcelias de ouro nos correjos, descobriram em 1736 (5) a região onde está actualmente situada Jaraguá. As riquezas descobertas nesse lugar não demoraram a attrahir habitantes; e, em breve, uma povoação se formou onde, pouco antes, não se via sinão um deserto.

Aqui as minas não estão inteiramente esgotadas (1819); contam-se umas quarenta pessoas, livres ou escravas, que trabalham ainda na extracção do ouro, e a povoação é muito menos deserta que a de Meiaponte. A agricultura occupa tambem varios dos habitantes de Jaraguá; alguns dentre elles se applicam methodicamente em crear gado, e existem, nos arredores dessa povoação, varios engenhos de assucar de trinta a quarenta escravos, cujos productos se vendem principalmente na capital da provincia (6).

(4) Em 1825 eram, segundo da Cunha Mattos, em numero de 200 (*Itin.*, I, 147).

(5) Esta data é a que admite Pizarro: da Cunha Mattos e d'Almeida indicam o anno de 1737.

(6) Da Cunha Mattos pensa que a abertura do novo caminho, chamado, como já o disse, Picada do Correo de Goyaz, fará

A molestia mais commum em Jaraguá assim como em Meiaponte, é a *hydropisia*; a *morphéa* não é muito rara. Em 1795 houve nessa povoação uma epidemia cuja lenbrança não se apagára ainda pela época da minha passagem, e que se attribua aos reservatorios d'agua muito numerosos que construíram os mineradores. Parece, pelo que diz o doutor Pohl (7), que, na estação das chuvas, a agua do regato, suja, sem duvida, pelo trabalho das lavagens, não é mais quasi potavel, o que indubitavelmente deve prejudicar a saude dos habitantes.

Consignarei aqui um caso medico que, sem duvida, parecerá bastante notavel. Quando me achava em Jaraguá havia, na povoação, uma mulher branca que, embora victima da *morphéa*, uma das molestias mais horrorosas que se conhecem, concebera, e dera á luz uma creança branca, perfeitamente sadia.

Aproveitei da estada em Jaraguá para ir colher plantas em uma montanha cortada quasi a pique, que está bastante proxima da povoação, e que chamam *Serra de Jaraguá*: esta montanha tem pequena elevação, e é encimada por uma chapada estreita e alongada, muito pedregosa, mas bastante uniforme. A flora é ali pouco mais ou menos a mesma que em todos os campos semeados do arvores enfezadas; entretanto lá encontrei grande numero de indivíduos de uma especie de cajú (*Anacardium curatellifolium*, Aug. de S. Hil.) (8) que não me lembrava de ter visto ainda. O fruto dessa pequena arvore é de gosto agradável;

perder á povoação de Jaraguá um pouco da prosperidade de que gozou durante muito tempo, porém que, não abrigando mais os vicios que consigo levam os tropeiros, lucrará sob o aspecto da moralidade. Essa povoação foi erigida em villa por um decreto de 10 de Julho de 1833 (*Itin.*, I, 149; II, 337).

(7) *Reise*, I, 293.

(8) Vide minhas Observações sobre o genero *Anacardium*, etc. (nos *Anaes das sciencias naturaes*, vol. XXIV).

amadurece na época das chuvas, e atráe para a montanha muitas pessoas pobres que ahí encontram tambem grande quantidade de *bacoparis*, sapotacea de frutos egualmente comestiveis.

Durante o tempo que passei em Jaraguá o *capellão* quiz que eu fizesse as refeições em sua companhia; teve commigo innumeradas attensões e me cumulou de gentilezas. Já ouvira falar a seu respeito no Rio de Janeiro, onde se conhecia o seu gosto pelas mathematicas; fizera os estudos nessa cidade, e, além da sua sciencia favorita, aprendera um pouco de grego e philosophia; comprehendia tambem o francez, e tinha na sua bibliotheca alguns dos nossos livros. Em geral, as pessoas do interior que, por occasião da minha viagem, possuíam instrucção, tinham-na hauido em obras francezas, e a maioria só falava da nossa nação com enthusiasmo; não succedia o mesmo no Rio de Janeiro, onde se conhecia melhor o que succedera na Europa ha vinte e cinco annos, e onde varios dos nossos compatriotas, miseraveis aventureiros, tinham acubado de destruir o que restava ainda da nossa antiga reputação.

Seja como fôr, as pessoas dessa provincia, que se entregaram a alguns estudos, como o *capellão* de Jaraguá, abandonam-nos em pouco tempo, porque são em numero insignificante. Si um homem instruido fôr arremessado a qualquer das povoações de Goyaz, não encontrará ninguém com quem possa cultivar os seus gostos e occupações favoritas; se encontrar difficuldades, ninguém o poderá ajudar a vencel-as, e jamais a emulação sustentará a sua coragem: perderá pouco a pouco o gosto pelos estudos que faziam a sua felicidade, abandonal-os-á completamente, e terminará passando uma existencia tão vegetativa como a daselles que o rodeiam.

O *capellão* de Jaraguá era mulato: já prestei homenagens á sua cortezia; porém, ella possuia algo desse servilismo em que a sociedade brasileira mantém os homens

de sangue mestiço (1819), o que esses não esquecem jamais quando estão em presença de brancos. Essa inferioridade não existe realmente, si se tomar por objecto de comparação a intelligencia de uns e outros; talvez mesmo se possa affirmar que os mulatos têm maior vivacidade de espirito e facilidade em aprender do que os homens de raça caucasica; mas compartilham da falta de character inherente á raça africana, e filhos ou netos de escravos, possuem sentimentos menos elevados do que os brancos, sobre os quaes, todavia, os vicios da escravidão não reagem pouco.

O capellão de Jaraguá não foi a unica pessoa notavel que encontrei nesse lugar; recebi a visita de um outro ecclesiastico que, antes d'elle, fôra o capellão, e a do antigo commandante do lugar. Nesse paiz, como em Minas, é de uso ir-se cumprimentar o estrangeiro recém-chegado, e este se contenta em retribuir as visitas que lhe foram feitas.

Antes de deixar Jaraguá ouvi missa na igreja principal, que achei bella e decorada com gosto. Segundo o costume, as mulheres ficam ajoelhadas na nave, todas envoltas em capas de lã, apenas com um lençinho simplesmente collocando na cabeça. Notei que, depois de tomarem os seus lugares, varias dentre ellas tiravam os pantufos, e ficavam de pés no chão. Não estando, provavelmente, accostumadas a usar calçado em casa, apressavam-se em se libertar d'elle.

Não é apenas a igreja de Jaraguá que testemunha o gosto e habilidade dos goyanos. Vi, em Santa Luzia e Meiaponte, moveis e prataria que tinham sido feitos na propria região, e que eram muito bem trabalhados. Varios quadros de flôres, cuja autoria não recusariam os nossos bons desenhistas de historia natural, ornavam o salão do cura de Meiaponte, e se deviam a um homem que nunca sahira de Villa Boa.

Tendo deixado Jaraguá, percorri um trecho de pequena extensão, tendo esparsas arvores de pouco desenvolvimento, e, em seguida, penetrei em grandes mattas. Era o famoso Matto Grosso ao qual já me referi no *Quadro Geral da provincia*, e que a estrada percorre de léste a oéste, em um espaço de 9 leguas. Durante as seis primeiras, esses bosques me pareceram mais ou menos semelhantes aos que vira antes de chegar a Jaraguá; os grandes arbustos são ali mais communs e condensados do que nas mattas virgens propriamente ditas, e dir-se-ia um immenso capoeirão já idoso, em cujo meio se poupou grande numero de arvores de porte avantajado. Acanthaceas e um par de Amaranthaceas foram quasi que as unicas ervas que achei em flôr percorrendo as seis primeiras leguas do Matto Grosso. A última parte desse bosque apresenta uma vegetação muito mais bella do que a primeira; lá, arvores, robustas na maioria, bastante aproximadas umas das outras, estão ligadas entre si por um espesso maço de arbustos e cipós e, em certos lugares, bambús bastante differentes dos que vira acima de Jaraguá, de hastes maiores e mais grossas, formam espessas abobadas. No meio do Matto Grosso existem grandes clareiras onde cresce apenas o *capim gordura*, graminea que, por causa de seu cheiro fétido, chamam aqui *capim catingueiro* ou simplesmente *catinguero* (9): essas lacunas foram antigamente cobertas de bosque; cultivaram o terreno, e o capim gordura acabou por tomar conta delle.

Apesar da secca, a verdura do Matto Grosso era ainda extraordinariamente fresca (20 de Junho), e numerosas folhas cobriam a maioria das arvores, bem differen-

(9) Da palavra *catigua*, mau cheiro, principalmente o que resulta da transpiração.

tes, nesse ponto, das *catingas* do Minas Novas (10) que, na mesma estação do anno, estão quasi tão despidas como as florestas da Europa no rigor do inverno. Estou convencido de que, quando se estudarem com attenção as arvores do Matto Grosso, se encontrarão muito poucas que tambem se desenvolvam nas mattas vizinhas da capital do Brasil. Não vi mais do que duas especies em floração, e inutilmente poderíamos procural-as nas florestas virgens do litoral: a primeira, a *Matomba* ou *Mutombo* (*Guazuma ulnifolia*, Aug. de S. Hil.) (11), cujo fruto, si bem que lenhoso, deixa sahir um succo que lembra, pelo sabor, os figos maduros; o segundo, o *chichá* (*Sterculia chichá*, Aug. de S. Hil.), cujas sementes são optimas para comer, e que seria conveniente introduzir nos jardins da costa.

Voltemos a tratar da minha viagem.

Pouco tempo depois de deixar Jaraguá comecei a perceber que me aproximava da capital da provincia. A região tornou-se muito menos deserta; encontrei varias pessoas no caminho, e passei diante de tres casinhas habitadas, uma das quaes possuia um rancho ou alpendre destinado aos viajantes, e aberto de todos os lados, como os da estrada de Rio de Janeiro a Minas.

Da casa, onde me apeei, dependia tambem um rancho (*Rancho da Goyabeira*), no qual me alojei.

(10) As *catingas* são florestas que perdem as folhas annualmente e são menos vigorosas do que as mattas virgens propriamente ditas (vide a minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro, etc.*, II, 98, 101, e o meu *Quadro geographico da vegetação primitiva, etc.*, nos *Novos Annuaes de Viagens*, vol. III). Tomado nesse sentido, a palavra *catinga* não pertence a lingua portugueza; deriva-se dos dois termos indigenas *caa*, tanga, pau branco (*Viagem pelo Districto dos Diamantes, etc.*, II, 360).

(11) *Flora Brasiliæ meridionalis*, I, 148; — *Summario da Flora do Brasil meridional*, por Aug. de S. Hilaire e Ch. Naudin, nos *Annuaes das sciencias naturaes*, Julho de 1842.

No dia seguinte encontrei, felizmente, sombra no Matto Grosso; por toda a parte em que o sol dardejava os seus raios, o calor era excessivo e agia sobre os meus nervos da maneira mais torturante (12). As noites, pelo contrario, eram sempre frescas e o orvalho extremamente abundante.

Para além de Goyabeira encontrei uma grande caravana; era a segunda desde Formiga, o que prova como o commercio é pouco movimentado nessa região. Esta partira de S. Paulo; fizera a viagem de Cuyabá; de lá viera a Goyaz, para dahi dirigir-se a Bahia; mas o proprietario, tendo sido informado de que os pastos do sertão da Bahia estavam completamente seccos, e não offereceriam alimento algum ás suas bestas, tomara o partido de voltar a S. Paulo. Viagens tão gigantescas deslumbram a imaginação, quando se pensa que as jornadas são no maximo de 3 a 4 leguas, que se é obrigado frequentemente a acampar ao ar livre, ou sob um triste rancho, que se é forçado a condemnar-se ás mais rudes privações e atravessar quasi sempre zonas desertas.

A habitação em que fiz alto, a 3 leguas de Goyabeira, tem o nome de *Rancho das Árêas*, e me pareceu importante, a julgar, não pela moradia do dono, mas pelas terras em cultivo, que vi nos arredores, e o grande numero de cabeças de gado que erravam ao redor da casa.

Installei-me em um rancho grande e bem conservado, que dependia dessa habitação. Era cercado por enormes moirões muito aproximados uns dos outros, que na verdade, não iam até o tecto, mas que, pelo menos, protegiam da voracidade dos porcos as bagagens collocadas sob o alpendre.

(12) Em Goyabeira o thermometro indicava, ás 3 horas da tarde, 24 graus Réaumur, e 18 graus ás 6 horas da tarde.

Apenas minhas malas foram descarregadas e já as pessoas da casa entravam no *ranch*o para admirar as mercadorias de José Mariano; fiquei admirado em vêr um grupo de mulheres entre os curiosos. Todas, brancas ou moretas, tinham maneiras pessimas; chegaram sem fazer o menor cumprimento, e foram-se da mesma maneira. Os homens não eram muito mais cortezes; tinham um ar atolcimado e modos rusticos. Em geral, todavia, encontrei muito mais bondade e cortezia entre os habitantes da provincia de Goyaz, do que em toda a parte occidental da de Minas, tão differente da vizinhança de Tijuco e Villa Rica (Diamantina, Ouro Preto).

Antes da minha partida do Rancho das Arêas, foi necessario discutir com José Mariano, o que já me acontecera por varias vezes. Esse homem, tão perfeito no começo da viagem, entregava-se á bizarrria excessiva do seu temperamento; sabia que eu não podia substituil-o, e si bem que eu o pagasse melhor do que o teria feito qualquer brasileiro, embora fosse tratado com as maiores attentões, faltava-me sempre ao respeito e tornava-se insupportavel. Tinha uma notavel habilidade, muita intelligencia, e eu podia conversar durante alguns instantes com elle, o que, no meio dos monotonos desertos que percorria só, era, aos meus olhos, de um valor inestimavel. Concebera affeição por elle, e, me era duro ter que renunciar a ella. Mas, talvez seja impossivel encontrar um arrieiro brasileiro que se prenda ao amo. Essa gente, sempre, ou quasi sempre, mestiça, têm toda a inconstancia dos negros e dos indios; são sem princípios, e a maioria sem familia; habituados á vida nomade, não se podem acostumar á dependencia, a não ser por pequeno espaço de tempo, e lhes é necessario mudarem de patrão, mesmo estando quasi certos de ser para peor. Aliás, durante as longas viagens das caravanas, o inferior se acha, em todos os instantes da sua vida, sob os olhos do superior, e o

homem gosta tanto da diversidade que, em geral, se aborrece de estar continuamente na mesma companhia, principalmente si esta ultima lhe lembra deveres de que elle gostaria de se libertar. E' raro que, em uma viagem de longa duração, os passageiros não questionem constantemente, seja entre si, seja com o capitão; e uma mulher celebre (13) dizia que, para curar dois amantes da sua paixão, seria necessario fazel-os viajar juntos em liteira.

Seja como fôr, as discordias que eu experimentava no intimo, e das quaes nada me conseguia distrahir, tornavam insupportavel essa viagem já tão enfadonha por si mesma, e que era, por causa da secco, tão pouco frutifera para a historia natural.

Tendo deixado o Rancho das Arêas, caminhei ainda 3 leguas no Matto Grosso, e, de repente, entrei em um campo espargido de arvores enfzadas, mudança que se faz bruscamente, sem zona de transição, como a de uma decoração de theatro; e, todavia, pareceu-me que não havia a menor differença, nem na natureza nem na elevação do solo.

Passei a noite em uma pequena choupana chamada *Sítio da Lage*, que só era habitada por mulheres. A dona da casa não se escondeu á minha chegada; recebeu-me optimamente, e conversou bastante commigo. Vira o missionario capuchinho do qual já falei; elle dera-lhe instrucções e conselhos, e parecia encantada do seu zelo e caridade.

As mulheres que habitavam Lage não estavam na indigencia; a principal dentre ellas usava até joias de ouro, e, entretanto, a casa nem mesmo porta linha. Nessa zona, como já vimos, nem sempre a boa fé preside ás transacções, mas não ha exemplo de que se tenha entrado em uma casa para roubar o quer que seja (1319).

(13) Mme. de Sevigné.

Além de Lage o terreno é plano; continua-se a percorrer campos com arvores rachíticas espalhadas, porém, orlas de bosque ladeiam todos os regatos. A secca era sempre extrema e as plantas não tinham flôres.

Como me haviam prevenido de que, seguindo a grande estrada, eu seria obrigado a atravessar o Rio Urubú por uma ponte que estava a pique de cair, decidi-me a tomar um caminho de través assim de ganhar outra ponte. A proprietaria de uma pequena habitação offereceu-me gentilmente o seu filho como guia; accetei sua offerta, e sem esse jovem ter-me-ia, sem duvida, perdido. E' para se notar que, no interior do Brasil, onde se veem poucos estrangeiros, e onde se é naturalmente bom e obsequioso, estes pequenos serviços se prestam sem nenhuma esperanza de retribuição.

A tres leguas de Lage fiz alto na habitação de *Mandinga* (14), tão pobre e desprezível como são, ordinariamente, as habitações desse paiz.

Nessa tarde (23 de Junho), celebrava-se uma grande festa, a de S. João. Todos os annos os agricultores da vizinhança tiram a sorte para saber quem dará a festa; era a vez do meu hospedeiro. Começou-se por plantar um grande mastro, tendo içada uma pequena bandeira sobre a qual estava a imagem do santo. O terreiro da habitação foi illuminado; fez-se uma grande fogueira, e deram-se tiros de pistola aos gritos de: Viva S. João! Durante esse tempo um tocador de *viola* cantava com o nariz e a garganta *modinhas* (15) ingenuas em tom dolente, acompanhando-se com o seu instrumento. Em geral, a gente do povo é que canta as *modinhas*; as palavras são bastante alegres, e si se ouvisse apenas a toada, julgar-se-ia a de um queixume. Deitou em pouco, entretanto, começaram os *batuques*, essas danças obscenas que os habitantes do Bra-

(14) O termo *mandinga* é africano.

(15) As *modinhas* são canções peculiares ao Brasil.

sil aprenderam dos africanos; a principio só dansavam os homens; quasi todos eram brancos; não queriam carregar agua ou lenha como os negros e, entretanto, não se julgavam rebaixados imitando as ridiculas e barbaras contorsões destes ultimos. Os brasileiros deviam, certamente, ter alguma indulgencia com os seus escravos, aos quaes tão frequentemente se misturam, e que talvez tenham contribuido para ensinar-lhes o systema de agricultura que seguem, o processo de tirar o ouro dos correços, e que, além do mais, foram os seus mestres de dança. Depois dos batuques, os meus hospedeiros, sem nenhuma transição, ajoelharam-se diante de um desses oratorios portateis que se veem em todas as casas e recitaram a oração da tarde. O acto da devoção durou bastante; quando terminou, puzeram-se todos á mesa, bebeu-se á saude dos convivas. Durante toda a noite cantaram-se e dansaram-se *batuques*; as mulheres acabaram por tomar parte nos bailados, e, no dia seguinte, quando parti, dansava-se ainda. Foi assim que se celebrou em Mandinga a festa de São João, e por toda a parte celebraram-na da mesma maneira. Na frente da porta da maior parte dos *sítios* vê-se a grande árvore secca que foi plantada no dia dessa festa, e que exhibe na extremidade uma pequena flamma, na qual um santo é representado.

Pouco tempo depois de deixar Mandinga, atravessei por uma ponte de madeira o Rio Urukú. Esse rio, que se considera, na região, como a origem do Tocantins, e que realmente constitue o seu ramo mais meridional e, por consequente, o mais afastado da embocadura, não é sinão, nesse local, um infimo regato; tem as suas nascentes na *Serra Dourada*; da qual adiante tratarei, e, após um percurso de cerca de 20 leguas, perde o seu nome, reunindo-se ao Rio das Almas (16).

(16) CAZAL, *Corog.*, I, 323.

Para além do Uruhú continuei, durante muito tempo, a percorrer *campos* cuja vegetação é sempre a mesma, e, por fim, entrei em um bosque bastante denso, que se assemelha ás nossas moitas artificiaes de 12 a 15 annos, tão pouca altura têm ali as arvores. Antes de chegar a esse bosque, veem-se unicamente pequenas montanhas ao longe; mas quando se sai delle, toda a zona se torna montanhosa, o caminho está coberto de pedras, e, immediatamente depois de ter passado o regato que tem o nome de *Rio Vermelho* (17), chega-se á povoação de *Ouro Fino*.

Abriguei-me em um *ranch*o aberto, onde já estavam outros viajantes. Tinham-se espalhado, aqui e ali, malas, couros crús, albardas e todos os arreios dos burros; suspenderam-se macas nos esteios que sustinham o *ranch*o; os tropeiros estavam acocorados ao redor do fogo, que servira para cozer-lhe o feijão.

Ouro Fino está situada sobre uma elevação ácima do Rio Vermelho, e defronta as pequenas montanhas chamadas *Morro do Sol*, que se veem do outro lado do regato. Essa povoação, que nunca foi bastante consideravel, deve a sua origem ao ouro que outr'ora se tirava do Rio Vermelho, e seu nome á bella qualidade desse ouro (18). Como actualmente só existem minas nos morros vizinhos, e, por falta de agua, é impossivel exploral-as (19), *Ouro Fino* está em franca decadencia. Todas as casas estão em parte arruinadas; varias dellas sem habitantes, e a igreja, que, depende da parochia de *Villa Boa*, não está em melhor estado do que as proprias casas. O reduzido numero de pessoas que ainda se vê nessa pobre povoação

(17) Vide o que digo a respeito desse rio no capitulo seguinte.

(18) *Ptz. Mem. hist.*, IX, 211.

(19) *Op. cit.*

(20), vive de um pequeno commercio de porcos, e do magro producto de algumas miseraveis tavernas.

No dia seguinte áquelle em que dormi em Ouro Fino, não caninhei sinão uma legua e meia, afim de enviar José Mariano a Villa Boa com uma carta de recommendação que me fôra dada para um coronel de milicia, pelo seu parente, o cura de S. João d'El Rei. Parei na localidade denominada *Pouso Novo*, no abrigo de um mau *ranch*o, dependente de uma casa quasi destruida, habitada por pobres negros. Entre Ouro Fundo e Pouso Novo a estrada, que atravessa os bosques está em pessimo estado, e deve tornar-se totalmente impraticavel na estação das chuvas. Não se reparam os caminhos; devem ser necessariamente peores na vizinhança dos povoados, porque lá é que são mais frequentados.

Tendo chegado cedo a Pouso Novo, aproveitei o tempo que me restava para fazer uma demorada herborização; e, continuando o caminho de Villa Boa, cheguei a um pequeno logarejo que se compõe de uma capella e algumas casas semi-arruinadas.

O logarejo tem o nome de *Ferreiro* (21), e é celebre na historia de Goyaz, porque os paulistas que descobriram a região, fundaram nesse local o seu primeiro estabelecimento. Os colonos, que a principio ali se fixaram, retiraram-se em breve para procurar melhor fortuna em outra parte. Um ferreiro, companheiro desses aventureiros, não quiz seguir o seu exemplo, e deram á povoação o nome do seu officio (22).

(20) Ouro Fino nunca teve o titulo de villa que lhe dá Pohl.

(21) Da Cunha Mattos diz que as povoações de Ouro Fino e de Ferreiro perderam a sua importância desde que as caravanas passam pelo caminho chamado Picada do Correo de Goyaz, (*Itin.*, II, 87). Tinham, certamente, bem pouca coisa a perder.

(22) Sigo aqui, de preferencia, a versão de Casal á de Pizarro, que nesse ponto não está perfeitamente accorde consigo proprio.

José Mariano voltou de Villa Boa encantado com o acolhimento que lhe dispensou o coronel FRANCISCO LEITE, a quem eu fôra recommendado. O coronel o encarregára de me dizer que seria conveniente que eu não chegasse antes do dia seguinte á tarde, porque desejava dispôr de tempo para me arranjar uma casa; accrescentou que devia apciar-me no palacio do general, e aceitar todos os offerecimentos que este quizesse fazer-me.

Segui estriictamente as prescripções do coronel Leite, e parti (26 de Junho), bastante tarde de Pouso Novo para me dirigir a Villa Boa.

CAPITULO XX

VILLA BOA OU A CAPITAL DE GOYAZ

Historia de *Villa Boa*. — Desvantagens e attractivos da sua situação. — O Rio Vermelho atravessa-a; pontes. — Igrejas. — Ruas; casas. — Praças publicas. — Palacio do governador. — *Casa da Contadoria*. — Camara municipal. — Casa para a fundição do ouro. — População. — Molestias; bocio. Carencia de soccorros medicos. — Occupações dos habitantes de *Villa Boa*. — Lojas. — Artesãos. — Alimentos. — Falta de recursos para a sociabilidade. — Raridade dos casamentos. Qual a causa. Maus exemplos dados ao povo pelos que o deviam esclarecer e guiar. — As mulheres de Goyaz. — Gosto pela aguardente. — Falta de polidez. — Um jantar em palaeio. — Descripção do interior deste edificio. — Retrato e historia do capitão-general FERNANDO DELGADO FREIRE DE CASTILHO. — Retrato de RAIMUNDO NONATO HYACINTO. Descripção da sua casa. — O P. JOSEPH, missionario.

Bartholomeu Bueno, que descobriu a provincia de Goyaz, lançou tambem os primeiros alicerces da sua capital. Após deixar a localidade denominada Ferreiro, construiu uma casa á margem do Rio Vermelho, e esta se tornou o nucleo de uma povoação á qual se deu o nome de *Sant'Anna*. As autoridades da região estabeleceram residencia nesse local, que em breve adquiriu grande importancia, e *Sant'Anna* foi originada em *Villa* por um decreto

regio de FEVEREIRO de 1736. Nessa época o districto não constituia ainda uma capitania separada; o governador de S. Paulo, do qual dependia, D. LUIZ DE MASCARENHAS, CONDE DE SARZEDAS, não fez executar o decreto sinão em Julho de 1739, e deu á nova villa o nome de *Villa Boa de Goyaz*, em memoria de Bueno, que fôra o seu fundador (1). Um decreto promulgado pelo rei D. João VI, a 18 de Setembro de 1818 (2), elevou á categoria de cidade a capital da provincia; mas, em lugar de denominá-la *Cidade Boa*, o que teria sido natural, deram-lhe o nome de *Cidade de Goyaz*, que tem o inconveniente de ser a repetição do de toda a provincia, e parece imaginado para fazer esquecer um homem, cuja intrepida perseverança adquirira para a monarchia portugueza uma provincia maior do que a França e que se deixou morrer na indigencia (3).

(1) *Caz., Cor.* I. 333. — *Piz., Mem. hist.*, IX 152 e seg. — *Pohl, Reise*, I, 332.

(2) Tomo essa data a Pizarro, necessariamente melhor instruido do que o doutor Pohl e que, aliás, põe nas suas indicações um apuro mais rigoroso.

(3) Bartholomeu Bueno, que possuira immensas riquezas, não soube conservá-las, e cedeu até a seu filho as diversas peagens que lhe foram concedidas como recompensa. Quando empobreceu, o governador de S. Paulo veio em seu soccorro e lhe deu 1 arroba de ouro do thesouro real; mas esse donativo não foi confirmado pelo rei, e, para poder restituir o que recebera, Bueno foi obrigado a pôr em leilão a sua casa, escravos, e jóias da sua mulher (*POHL, Reise*, I, 332). O sr. general Raimundo José da Cunha Mattos conta que, na travessia do Rio Corumbá, perto da povoação de Santa Cruz, foi recebido, em 1823, pelos bisnetos de Bartholomeu Bueno, duas jovens ás quaes faz grandes elogios, e um rapaz de 17 annos, que não recebera educação, mas se comportavam honestamente, sem esquecer a sua origem. Esta familia habitava uma pobre casinhola mal mobiliada e estava reduzida quasi á indigencia. "Como foi grande a minha dôr, diz Mattos, vendo o príncipe da nobreza goyana forçado a entregar-se a trabalhos manuaes, e suas irmãs condemnadas a todas as privações... Essa é a

Apenas a presença do ouro pôde determinar a fundação de Villa Boa: pois que essa cidade, localizada (4) por 16° 10' lat. S., a 200 leguas da costa, em um districto esteril, longe de todos os rios actualmente navegaveis, communica-se difficilmente com as outras partes do imperio brasileiro: não tem nem mesmo a vantagem de uma grande salubridade, e seria abandonada em pouco tempo si não fosse a residencia de todas as autoridades da provincia.

Foi edificada em uma especie de funil, e é rodeada, por todos os lados, por morros de altura desigual, que

sorte dos descendentes do grande Bartholomeu Bueno, chamado o Anhanguera, que foi o primeiro a descobrir Goyaz, um dos mais illustres aventureiros da provincia de S. Paulo! Essa é a sorte dos descendentes do grande Bartholomeu Bueno, chamado o Anhanguera, que foi o primeiro a descobrir Goyaz, um dos mais illustres, aventureiros da provincia de S. Paulo! Essa a sorte dos bisnetos do segundo Bartholomeu Bueno, esse homem célebre que após conquistar e povoaer a provincia, possuia, por alguns instantes, montes de ouro (*Illus.*, I, 114)". Dois annos mais tarde Mattos tornou a passar pelo mesmo lugar, e viu novamente os descendentes dos Bueno: o presidente da provincia lhes concedera, para que não morressem de fome, a renda da peagem do Corumbá (*Op. cit.*, II, 70)! Não na quem, tendo lido o que precede, não esteja de accordo em que é ponto de honra e dignidade para o governo de Goyaz, não permittir que todo o viajante que entre na provincia tenha sob os olhos um tão triste exemplo da instabilidade das coisas deste mundo, e, sobretudo, da ingratitude dos homens. Esperemos que alguma alma caridosa lembre a S. M. o Imperador do Brasil a situação deploravel em que se encontram os Anhanguera, rebentos de uma familia que deu ao imperio, que elle governa, uma provincia tão vasta como a Alemanha.

(4) Essa posição foi determinada pelos PP. Diogo Soares e Domingos Chapaci, jesuitas e habéis mathematicos que foram encarregados pelo rei D. João V de levantar a carta do Brasil (*Piz.*, *Mem.*, IX, 152). É certamente a elles que se deve a determinação das posições indicadas por Pizarro, Eschwege e outros, ou, ao menos, de uma parte dellas. Eschwege dá, para Villa Boa, 16.º 16'; houve certamente um erro de copista quer no seu manuscrito, quer no de Pizarro.

fazem parte da Serra do Corumbá e do Tocantins. Sua posição não tem, entretanto, nada de triste. Os morros, de que está rodeada, têm pouca altura; são cobertos de matas que conservam sempre uma bella vegetação e que, tendo pouco vigor, não conseguem dar á paisagem o aspecto severo das regiões de florestas virgens; enfim, mesmo no mez de Junho, a côr do céu, menos bella, aliás, tinha aqui ainda o maior brilho. Para a parte do sul as collinas são bastante baixas, e deixam ver no horizonte a *Serra Dourada*, cujo cume, por assim dizer, nivelado, e os flancos nús e cinzentos produzem na paisagem um effeito pittoresco.

A cidade de Goyaz tem forma alongada e é dividida em duas partes quasi iguaes pelo pequeno curso d'agua denominado Rio Vermelho, que, tendo nascido nas montanhas vizinhas á povoação de Ouro Fino, corre de léste a oeste e vai lançar-se no Araguaya (5). Tres pontes de madeira de um só arco estabelecem communicação entre as duas partes da cidade.

Ha, em Villa Boa grande numero de igrejas (6); mas são pequenas, e nenhuma dellas é ornamentada exteriormente. A igreja parochial, a unica em que entrei, é consagrada a *Sant'Anna*, não tem tecto, mas o docel do altar e alguns outros que se veem além d'elle, de cada lado da nave, são enriquecidos de ourados e ornados com bastante gosto. A meio quarto de legua de Villa

(5) Não tomei no paiz nenhuma nota sobre o curso do Rio Vermelho, e extrahi do doutor Pe'rl o que digo aqui desse rio. Pizarro não sequer o nomea.

(6) Em 1818 Luiz d'Alincourt contava oito. Da Silva e Sousa admite o mesmo numero em 1832, a saber: Santa Anna, que, nessa época, tinha a titulo de cathedral, e da qual falearei daqui a pouco; Rosario, Boa Morte, Carmo, S. Francisco de Paula, Nossa Senhora da Abbaçia, Nossa Senhora da Lapa e S. Barbara, que nos occupará um pouco mais tarde.

Boa, do lado norte, se eleva, sobre o cume de uma colina, uma pequena capella dedicada a *Santa Barbara*; de lá descortinam-se a cidade, as campinas circumjacentes, e, mais ao longe, a Serra Dourada; uma estrada larga e bem socada conduz a esse local e constitue para os habitantes, uma especie de passeio.

As ruas da cidade de Goyaz, largas e em geral bem traçadas, são quasi todas pavimentadas: mas o são muito mal. Contam-se nessa localidade cerca de 900 casas (7) de argamassa e madeira, bastante altas para a região, porém pequenas, totalmente caídas na frente e cobertas de telhas; varias dellas têm um andar além do rez-do-chão, e algumas, janellas guarnecidas de caixilhos feitos do talco; a maioria está bem conservada, e as dos principaes habitantes são regularmente mobilizadas e de um aseo rigoroso. Não succede em Villa Boa o mesmo que na capital da provincia das Minas, onde se veem ruas inteiras quasi abandonadas (8); aqui se deixou, muito antes que em Villa Rica, de se occupar com a extracção do ouro, e o numero de casas está em proporção com o dos funcionarios civis e militares, mercadores e artifices, de que esses empregados necessitam.

Existem em Villa Boa duas praças bastante importantes, que têm a forma de um triangulo irregular. Varios edificios publicos, o palacio do governador, a casa da *contadoria* (Repartição de fazenda), a *casa da judicção*, a igreja parochial, outra igreja muito menos importante,

(7) Pohl dá-lhe 700, Luiz d'Alincourt algumas mais, Pizarro 690 ou um pouco mais de 720. Segundo o general Raimundo José da Cunha Mattos, havia 740 em 1823. O mesmo autor acrescenta que a população da cidade de Goyaz se elevava, pela mesma época, a 4.000 almas; mas não posso deixar de considerar esse numero como sendo inferior á verdade.

(8) Vide a minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro e de Minas Geraes*, I, 138.

ornam a primeira dessas duas praças, que chamam *terceiro do paço*. A segunda, que é a maior, está localizada em uma das extremidades da villa. A camara municipal (*casa da camara*) e o quartel dão para essa praça, em cujo centro ha um chafariz. Este ultimo pareceu-me ser de architectura abaixo do mediocre, porém, ao menos não tem aspecto ridiculo.

Quando falo dos edificios publicos desse paiz, não devemos imaginal-os construcções immensas como os que se veem na Europa: aqui tudo é pequeno, tudo mesquinho, sem elegancia, e mesmo, dizem, sem solidez (9).

Quanto ao tamanho, o palacio do capitão-general faz talvez excepção, sobretudo no paiz; aliás, consta de um unico pavimento e não tem ornatos exteriores. Como se acha um pouco acima do nivel do solo, galga-se, para ahi chegar, um patamar mesquinho de alguns degraus; antes, porém, passa-se por um portal que se avança sobre a praça da maneira mais desgraciosa e que serve de corpo de guarda.

Além do rez do chão, a repartição da fazenda tem ainda um andar. Os empregados reúnem-se em uma sala alongada, onde se alinham duas fileiras de secretárias collocadas defronte uma da outra, e, em uma das extremidades da sala, está uma mesa mais elevada, onde trabalha o funcionario mais graduado; disposição que me lembrou, do modo mais perfeito, a da maioria das aulas dos nossos collegios. A sala em que se reune a *junta da fazenda real*, tem poltronas e reposteiros de damasco vermelho. É lá que se pesa o ouro que entra para os cofres, assim como o que sai; mas, as balanças que servem para esse fim estão habitualmente escondidas pelos reposteiros, do mesmo estofa que o resto do mobiliario.

(9) Vide CAZAL, *Corog. Brac.*, 1, 334.

A casa da camara e a da fundição têm tambem um segundo pavimento. Como é costume em todas as villas do interior, o rez-do-chão do primeiro desses edificios foi reservado para a cadeia.

Sob o portico do quartel se veem duas pequenas peças de artilharia (10), o que, dada a distancia em que Goyaz está do litoral, e a extrema difficuldade dos transportes, pode ser considerada como uma maravilha.

Negros e mulatos constituem a maior parte da população de Goyaz (11). Esta urbs, edificada em uma depressão onde o ar não circula como nas montanhas e na planície, onde as aguas parecem pouco salubres, onde o calor é ás vezes excessivo durante a secca, onde a humidade deve ser horrivel na estação das chuvas, não pode ser favoravel aos homens da nossa raça; por isso os brancos de Villa Boa estão longe de possuir o aspecto de pessoas sadias, vigorosas e retivas (12).

As diversas espécies de hidropisia, e principalmente a do peito, são as doenças que arrebatam a Goyaz a maior parte dos individuos. Quasi todos os habitantes dessa cidade e dos arredores têm um hocio, e frequentemente essa

(10) E' isso, sem duvida, o que Cazal chama um fortim.

(11) "Relativamente ao numero de negros e mulatos, vejo aqui muita gente branca". Raimundo José da Cunha Mattos escrevia es.a phrase no mesmo dia da sua chegada á capital da provincia de Goyaz, a 15 de Junho de 1823, (*Itin*, I, 136). Estava investido da mais alta dignidade; os brancos naturalmente reuniram-se-lhe em torno; talvez mesmo tentam vindo de localidades vizinhas para satisfazer a sua curiosidade ou para prestar-lhe homenagens. Pelo tempo adiante convenceu-se que não são tão numerosos como acreditou a principio.

(12) Pohl diz que os brancos da cidade de Goyaz são de constituição delicada, enquanto que os negros e mulatos são muito robustos (*Nelse*, I, 362). Essa observação contribue a confirmar o que alhures aventei (*Pingem pelas provincias de Rio de Janeiro* etc., I), que a raça caucasica tende a se alterar na America do Sul e a raça africana a se aperfeiçoar.

deformidade, tornando-se enorme, impede de falar aos que a trazem.

Por ocasião da minha viagem, não havia em Villa Boa um só medico; não existia outro cirurgião. além do da companhia de dragões, que reunia, assegurava-se, a uma incuria extrema, a mais completa ignorancia. Os mercadores de fazendas e quinquilharia vendiam alguns remedios, que recebiam do Rio de Janeiro, mas ninguem possuia a menor ideia de pharmacia. O capitão-general representara ao governo central sobre a ausencia total de soccorros medicos, mas as suas reclamações não foram attendidas; a administração do Rio de Janeiro era a esse tempo quasi tão despreocupada como se o era em Goyaz (13).

A alimentação dos habitantes de Villa Boa é a de todos os brasileiros do interior; a farinha de milho ou de mandioca forma a base (14). Todavia, encontram-se aqui

(13) "Em 1831, diz o doutor Sigaud (*Du climat*, etc., 146) Goyaz e Mato-Grosso continuavam ainda sem medicos: o presidente de Goyaz reclamou, por essa época, ao governo central, e a sociedade de medicina do Rio de Janeiro apoiou este justo pedido".

(14) Minha Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro e de Minas Geraes deu a conhecer minuciosamente a alimentação principalmente vegetariana dos habitantes da parte sul do Brasil tropical. Um viajante que percorreu a provincia das Minas do Sul ao Norte diz que os brasileiros comem carne salgada geralmente fétida (SUZAN, *Sour.* 266). Presumo que terá querido falar da carne secca que o Rio Grande exportia para o litoral do Brasil, e que lhe deram a comer em qualquer venda da provincia do Rio de Janeiro. Não chegou ao meu conhecimento que Spix e Martius, Pohl e Gardner se tenham jamais queixado de lhe terem dado a comer carne fétida, e não me recordo de que em Minas ou Goyaz ninguem me apresentasse coisa que se lhe assemelhasse. "Os viajantes, diz o sr. Sigaud, que percorreria o paiz, estacionando nas vendas, não tardam a ver que tudo ahi falta...; mas reformam o primeiro juizo quando recebem hospitalidade nas fazendas.... Mawe, Spix e Martius, Aug. de S. H., Koster podem attestar a verdade do que aqui deixo dito (*Du climat*, 93)".

algumas iguarias que não se podem obter nas fazendas; citarei, em particular, o excellente pão que se faz com a farinha de trigo que vem de Santa Luzia, de Meiaponte e de Cavalcante, povoação mais septentrional do que Villa Boa, porém, que é provavelmente mais elevada, e cujos arredores são, dizem, muito favoráveis á cultura do trigo.

Os empregos publicos dão trabalho, tanto quanto se trabalha nesse paiz, a uma boa parte dos habitantes de Goyaz; outros são mercadores; alguns vivem dos productos da terra; pequeno numero de pessoas, como já o disse no *Quadro geral da provincia*, occupa ainda seus negros em extrahir, isoladamente, um pouco de ouro do Rio Vermelho.

Existem em Villa Boa (1819) muitas lojas bem sortidas, onde, como em todas as do interior, se encontram reunidos generos de mercearia, quinquilharia e todas as especies de licidos. E' no Rio de Janeiro que se fornecera os commerciantes dessa cidade; remettera apenas ouro em troca dos objectos que recebem. O numero de vendas é tambem muito consideravel; vende-se ali uma grande quantidade de aguardente de cana (*cachaça*) (15).

Encontram-se em Villa Boa operarios bastante habéis, e que, no entanto, nunca sahiram do seu paiz. Não têm imaginação, é verdade, mas imitam com grande facilidade e aprimoram bastante as suas obras. Como em Mi-

(15) Da Silva e Sousa diz que, em 1832, havia, em Goyaz, 24 casas de mercadorias secas e 169 botequins. Mattos mal chegára a essa cidade quando escreveu (*Itin.*, I, 136) que ali viu poucas tabernas e lojas; certamente reconheceu mais tarde que havia um numero bem sufficiente para uma população que não faz subir a mais de 4.000 almas. Com uma população de 42.584 individuos, a cidade de Orleans não tem, em 1847, sinão 104 botequins: a cidade de Goyaz é, por consequente, sob esse aspecto, dez vezes mais avantajada. Abstenho-me de fazer uma comparação analoga para a instrucção publica.

nas. é bastante commum que um artezão exerça simultaneamente varios officios. Vi o mesmo individuo concertar relógios, fazer vêlas,isqueiros, lapis, etc. (16).

Goyaz não dispõe, em absoluto, de elementos de sociabilidade; cada qual vive em sua casa e não se comunica, por assim dizer, com pessoa alguma.

Em parte alguma, talvez, haja tão pouca gente casada como nessa cidade (1819). Até o mais infimo operario, não ha ninguem que não tenha uma amante; mantêm-na na propria casa, criam junto a si os filhos nascidos dessas uniões illegitimas, da qual se convergonham tão pouco como de um laço sagrado, e si, por acaso, alguém contracta matrimonio, torna-se logo objecto de mofa. Esse relaxamento de costumes data do tempo em que a região foi descoberta. Si os aventureiros, que primeiro penetraram por esses desertos, traziam consigo algumas mulheres, eram negras, com as quaes seu orgulho não permittia que se casassem; o mesmo motivo impedia-os de desposar mulheres indigenas: só tiveram concubinas. A principio deve ter succedido o mesmo na provincia das Minas; como, porém, essa está menos afastada das costas, povoou-se mais, seu esplendor não foi tão ephemero, e mulheres honestas chegaram lá em maior numero. Hoje em dia, mesmo que existem, por toda a parte, na provincia de Goyaz, estabelecimentos fixos, qual a mulher que se não sentiria horrorizada pela distancia dos portos de mar a este paiz central, e pelas fadigas de uma viagem de varios mezes através de desertos, onde se sente falta das coisas mais necessarias? Os descendentes dos primeiros colonos goyanos

(16) Não estou aqui de accordo com o sr. Pohl, que fala dos artezãos de Goyaz com um desprezo que certamente não merecem. Não notei, tampouco, que as mercadorias á venda nessa cidade fossem peores do que no resto do Brasil: como em toda a parte havia lá, sem duvida, boas e más.

necessariamente seguiram o exemplo dos seus pais; a libertinagem tornou-se um habito, e o povo é constantemente estimulado a entregar-se a ella pelo exemplo dos que o governam.

E' raro que os empregados, que se resignam a enterar-se em zona tão remota, sejam casados. Chegam a uma região em que a concubinagem publica é geral; acham commodo conformar-se com o costume e seguindo-o, autorizam-no. Entre os capitães-generaes que governaram a provincia de Goyaz até 1820, não houve um unico que fosse casado, e todos tiveram amantes com as quaes viviam publicamente. A chegada de um general em Villa Boa espalhava o terror entre os homens e puzia em alvoroço a ambição das mulheres. Já se sabia que o capitão em breve escolleria uma amante, e, até que elle lançasse a luva, cada qual trenia pela sua.

Não são apenas os magistrados e funcionarios de Villa Boa os unicos a encorajarem, pela sua má conducta, a do povo. Homens cuja vida deveria ser um protesto incessante contra os desregramentos contrarios, ao mesmo tempo, ás leis da religião tanto como os da moral, aos progressos da civilização, á manutenção da familia e da sociedade, os proprios sacerdotes, pela irregularidade do seu comportamento, justificam as desordens dos fies que lhes foram confiados. Suas concubinas moram com elles; os filhos crescem sob os olhos do pai e da mãe, e frequentemente (1819), deo dizel-o envergonhado, o sacerdote, quando vai para a igreja, o faz acompanhado por sua amante. Si esses lamentaveis abusos não desapareceram ainda completamente no momento em que escrevo, possa a publicidade, que lhes dou, chamar a attenção dos que têm obrigação de tomar delles conhecimento, e incital-os a fazer entrar no caminho do christianismo e da verdadei-

ra civilização um povo que, por ocasião da minha viagem, tendia, cada vez mais, a afastar-se della (17).

Durante o dia não se encontram senão homens pelas ruas de Goyaz; mas, logo que a noite chega, mulheres de todas as côres saem de suas casas, e se espalham pela cidade. Passeiam communmente varias juntas, muito raramente em companhia de homens. Todo o seu corpo é envolvido em longas capas de lã; a cabeça coberta por um lenço ou um chapéu de feltro; aqui ainda, caminham umas atrás das outras; mais se arrastam do que andam, não mexem nem a cabeça nem os braços, e parecem sombras que deslizam no silencio da noite. Umias saem a negocios, outras para fazerem visitas, o maior numero vai á procura de boas opporlunidades.

Os olhos negros e brilhantes das mulheres de Goyaz traem as paixões que as dominam; mas seus traços não têm nenhuma delicadeza, seus movimentos são desgraciosos, a voz é sem doçura. Como não recebem nenhuma educação, sua conversa é totalmente destituida de interesse; mostram-se embaraçadas, estupidas, e desceram ao ponto de não serem mais do que as fêmeas dos homens (1819).

E' facil de comprehender que estes, extranhos aos gozos da sociabilidade, levando uma vida ociosa entre mu-

(17) Sabemos, pela *Memoria estatistica* de Luiz Antonio da Silva e Sousa, qual era ainda, em 1832, o triste estado da instrucção na capital da provincia de Goyaz. "As artes liberaes, diz esse escriptor, são actualmemente pouco cultivadas no termo dessa cidade, e succede o mesmo com as sciencias para cujo ensino o conselho geral propoz, entretanto, a creação de varias cathedras. Não existe actualmemente em Goyaz senão um professor de grammatica latina, uma escola lancastriana e alguns cursos privados onde se seguem os antigos methodos. Houve particulares que quizeram dar gratuitamente lições de geometria, arithmetica, francez e musica; mas têm poucos alumnos". Por essa passagem, extrahida de um escriptor com caracter quasi official, pode-se julgar do estado da instrucção nas partes afastadas da provincia. Gardner

lheres sem principios e sem a menor instrucção, devem ser pouco delicados em todos os gostos; por isso o da cachaça é goral entre os habitantes de Villa Boa. Ennervados pela libertinagem, fatigados pelo desleixo, encontram na aguardente um estimulante que, por alguns instantes, os subtrahê á apathia habitual, e os impede de sentir a monotonia da existencia.

Não se deve suppor, todavia, que o gosto desses homens pela cachaça os conduza frequentemente á embriaguez. Apresso-me a dizer, em louvor não só dos goyanos, como ainda dos habitantes do Brasil em geral, que não me lembro de ter visto, no decurso das minhas longas viagens, um unico homem embriagado, e essa observação é confirmada por um viajante moderno absolutamente digno de fé. Eis, como effeito, de que maneira se exprime o sr. George Gardner (18): "Vindo do Brasil desembarquei num domingo de manhã em Liverpool, e vi só nesse dia mais ebríos, no meio das ruas dessa cidade, do que vi, entre os brasileiros, brancos ou mestiços, durante toda a minha estada em seu paiz, que foi de cinco annos".

Em todos os paizes as pequenas cidades invejam as grandes, onde não se pensa nellas. Ninguem, em Villa Boa, me falou de Santa Luzia e Meiaponte, e nessas duas pro-

diz de uma povoação do norte, pela qual passou em 1840, que a escola não era absolutamente frequentada, e que não havia livros. Lembro-me, a esse respeito, que, encontrando-me em 1818 na provincia de Minas Geraes, passei alguns dias em casa de um dignissimo cidadão que mantinha ao mesmo tempo uma venda e uma escola. Esse homem não deixava a loja; mas, como a pequena peça em que estavam as creanças ficava aberta, podia ouvir-os e ver o que faziam. Estes não possuíam livro; exercitavam-se sobre uma folha de papel, sempre a mesma, na qual se escrevera á mão os tristes lamentos de um pobre encarcerado. Passavam a vida a ler e rler em voz alta a carta do captivo, ou, falando melhor, recitavam-na; pois que após tantos annos não esqueci ainda a ultima phrase: *Nunca verei mais o arrial de S. Bartholomeu!* (18) *Travels, etc.*

voações toda a gente grita contra a má fé dos habitantes de Villa Boa. A provincia das Minas inspira á de Goyaz uma inveja semelhante. Os mineiros mal mostram suspeitar a existencia de Goyaz, e os goyanos não cessam de declamar contra os mineiros. Concordeam em que estes ultimos têm bastante intelligencia, concedem-lhes mais actividade do que elles proprios têm (tudo é relativo nesse mundo); mas accusam-nos de falta de escrupulos. Esta accusação é, de resto, tão geral de uma cidade a outra, de provincia a provincia, que se é quasi tentado a crer que todas a merecem. Quanto á região de Goyaz, especialmente, a falta de boa fé é ahí o resultado necessario da alteração continua dos valores representativos, e do habito de fazer o contrabando; e como a falsificação do ouro em pó é, como já o disse no *Quadro geral da provincia*, mais frequente em Villa Boa do que nas povoações, é claro que os habitantes de Meiaponte e de Santa Luzia têm direito de assacar nos da capital as accusações que lhes fazem (19).

Quando cheguei a Villa Boa, dirigimo-me ao palacio, e apresentei ao governador, o sr. FERNANDO DELGADO FREIRE DE CASTILHO, os meus passaportes e as cartas de recom-

(19) Os que tiverem lido a citação de Pizarro, que inseri no *Quadro geral da provincia*, verão que estou longe de ter-me entregue, em tudo o que precede a qualquer exaggero. Vide ainda de que maneira se exprime Luiz d'Alincourt: "Os goyanos são pouco industriosos, não são, porém, as facultades naturaes que lhes faltam; deixam-se dominar pela preguiça, e se entregam, sem freio, aos prazeres dos sentidos (*Mem.*, 93)". Após ter pintado, em varios trechos do seu livro um painel horrivel dos habitantes da região que se estende, em linha recta, de Barbacena á fronteira de Goyaz, Mattos acrescenta o que se segue, falando da população desta ultima provincia: "São os mesmos costumes, a mesma preguiça, a mesma indolencia, casas e jardins igualmente mal conservados, uma agricultura quasi nullo, a mesma ternura, a mesma tolerancia para com os vagabundos, tocadores de violão (*Itin.*, I, 138)". Esse escriptor se mostra, na verdade, mais indulgente para com a cidade de Goyaz em particular; mas sente-se que sua

mendação que trazia para elle. Fui admiravelmente acolhido; instou commigo para jantar todos os dias em sua casa durante o tempo em que ficasse em Villa Boa, e me offereceu todos os serviços que me pudesse prestar. Do palacio fui ter com o coronel FRANCISCO LEITE, que me recebeu muito bem, e me mandou levar á casa que me destinára.

No dia seguinte, accetando o convite que me fizera o governador, dirigi-me ao palacio á hora do jantar. Após transpor o portico de que falei ácima, e que serve de corpo de guarda, subi ao patamar, e entrei em um vestibulo que o corpo da guarda priva de luz, e onde está uma sentinella. Uma porta, fechada, segundo o velho uso, por uma cortina de panno verde com as armas de Portugal, abre para uma ante-camara rodeada de bancos de madeira de espaldar elevado. Ahi encontrei reunidas as principaes autoridades da provincia, e dentro em pouco, appareceu o capitão-general. A primeira coisa que fez, após saudar a todos, foi apresentar-me duas creanças de sete a oito annos, um rapaz e uma menina dizendo-me: São dois jovens goyanos, filhos naturaes; mas Sua Majestade teve a bondade de reconhecer-os como meus e legitimal-os (20). Vieram annun-

posição lhe impunha reservas. Quanto ao doutor Pohl, si bem que não entre em muitos pormenores, não é menos severo do que Pizarro. Pode-se mesmo argui-lo de injusio quando se exprime da maneira seguinte: "E' uma particularidade dessa zona os habitantes agruparem-se em volta do estrangeiro e lhe testemunharem amizade, afim de assegurarem-se d'elle e fazerem pagar os mais infimos serviços da maneira mais escandalosa (Reise, I, 364)". Pohl pode ter encontrado em Goyaz gente dessa categoria, como existe por toda a parte; mas não me recordo de que algo semelhante me tenha acontecido durante os seis annos que empreguei em percorrer o Brasil; encontrei por quasi toda a parte a hospitalidade mais amavel e generosa, e creio que nada existe no caracter dos brasileiros, em geral, que justifique o que o escriptor austriaco diz dos goyanos.

(20) Sabe-se que, antigamente, em França, a legitimação dos filhos naturaes competia tambem aos soberanos.

ciar que o jantar estava na mesa. Passamos, por uma galeria bastante larga, para um grande salão muito triste, porém bem mobiliado. O jantar fôra servido em uma sala um pouco escura e de tamanho medíoere. As iguarias eram abundantes e bem preparadas; brilhavam na mesa porcelanas e muito bella prataria. Era impossivel não ficar maravilhado por esse luxo, pensando que tudo chega a Villa Boa em lombo de burro, e que nós estavamos a 300 leguas do litoral.

Viam-se na mesa varias garrafas de vinho; o governador offereceu-me um copo para que bebesse á saude do nosso amigo commum João Rodrigues Pereira de Almeida, que me dêra uma carta para elle (21), porém ninguem provou desse vinho além de nós dois. Durante a minha estada em Villa Boa, o vinho reapareceu diariamente á mesa, mas estava lá apenas para exhibição; o governador bebia, creio, um pequeno copo; eu não tomava senão agua. O vinho é aqui horriavelmente caro; não é vendido a menos de 1500 réis (9 fr. 37 c.) a garrafa, e, por occasião da minha viagem, as catavanas que deviam trazel-o não tinham ainda chegado.

No primeiro jantar em que tomei parte no palacio, um prato de magnificas uvas moscateis não foi, como o vinho, mais do que um objecto de inveja para a maior parte dos convivas; fui mais favorecido, e achei-as excellentes. Si hen, que a vinha produza aqui optimos frutos, e que os ensaios de fabricação do vinho tenham sido felizes, um prato de uvas é ainda um objecto de luxo, tanta negligencia e preguiça existem no paiz.

Dois dias após a minha chegada, o capitão-general me mostrou todo o interior do palacio, nome pomposo, em

(21) Dei a conhecer o sr. João Rodrigues Pereira de Almeida em varios trechos das minhas obras, e em particular, no começo da *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro*, etc.

absoluto não merecido pelo edificio que o usa. Os commodos são vastos, porém tristes e mal illuminados. O mobiliario foi feito no proprio paiz. Um pequeno jardim, muito abandonado, é annexo no palacio. Calçaram-se as aléas, como fazem, em geral, nessa zona, com todos os jardins de certo trato, o que lhes dá um ar affectado e os torna immensamente tristes. Um jacto d'agua ornava antigamente o jardim do palacio; mas os encanamentos eram de madeira; não tardaram a apodrecer e não foram substituidos.

Fernando Delgado, que governava Goyaz, por occasião de minha viagem, chegára a 26 de Novembro de 1809. Era um homem frio, tinha espirito, alguma instrução, maneiras distinctas, integridade absoluta, e conhecia os homens. Desejava ardentemente fazer o bem; mas encontrára por toda a parte a mais desanimadora resistencia passiva, resultado da apathia dos habitantes e da indifferença do governo central. Vendo, desde o momento em que chegou, que a provincia de Goyaz não achava mais quasi recursos na exploração das minas, sentiu que era necessario dirigir os esforços dos habitantes para a agricultura e o commercio; procurou abrir mercados aos productos da terra, e tratou de facilitar a navegação do Araguaya e Tocantins. Foi perfeitamente auxiliado pelo *ouvidor* da comarca do Norte JOAQUIM THEOTONIO SEGURADO, e felizes resultados coroaram as tentativas desse magistrado; mas, para continuar tão grandes empresas, teria sido necessario mais perseverança e actividade do que têm actualmente os goyanos, e os gloriosos esforços de Fernando Delgado ficaram, em definitiva, até agora (1819-1822) quasi sem resultado (22).

Em um dos jantares em que tomei parte no palacio, um jovem magistrado, recém-chegado, manifestou sua surpresa perante a originalidade dos costumes do paiz, e observou que era inconcebivel que os habitantes de Villa Boa,

habitando com suas amantes de portas a dentro, e vivendo com ellas maritalmente, não as despossassem. Como que-
reis, exclamou o governador, mostrando os seus filhos, que
eu me cuido com a mãe dessas creanças, a filha de um car-
pinteiro! Essas palavras, que puzeram termo á conversa-
ção, mostravam já os sentimentos que acarretaram o de-
ploravel fim de Fernando Delgado. Deixou o governo em
Agosto de 1820 para voltar a Portugal, e partiu de Villa
Boa com os filhos e a amante. Chegado ao Rio de Janeiro,
esta lhe declarou que consentiria em segui-lo á Europa,
porém como sua esposa, e não como sua concubina. Fer-
nando Delgado, a quem os soffrimentos prejudicavam, ao
que se dizia, a perfeita lucidez do espirito, não ponde sup-
portar a alternativa em que se achava de desposar a filha
do carpinteiro ou deixal-a no Brasil, e poz termo á propria
existencia (23).

Mal cheguei a Villa Boa, recebi a visita dos princi-
pales funcionarios publicos. Achei-os de modos bastante
dignos; todos estavam bem vestidos e com extrema lim-
peza.

O que me cumulou de maiores gentilezas foi RAYMUNDO
NONATO HYACINTHO, escrivão da junta da fazenda real.
Logo no segundo dia após a minha chegada mandou bus-
car-me para almoçar com elle, e me disse desejar que eu
comesse em sua casa todas as vezes em que não jantasse no
palacio. Raymundo nasceu na Europa; viajára, tivera
aventuras, e regalava-se em re'atal-as (24). Gostava das
suas commodidades, e possuia em Goyaz uma residencia
encantadora, que mandára construir, e que reunia a grande

(23) O filho de Fernando Delgado morreu, em Paris, muito
jovem ainda, addido á legação brasileira.

(24) Depois da revolução que separou para sempre o Brasil
de Portugal, Raymundo Nonato Hyacinto foi nomeado membro
do governo provisório de Goyaz; morreu entre 1826 e 1836 (*Mat.,
Itin., I, 136, II, 339*).

limpeza o conforto das casas europeas. O que ha de notavel é que os seus moveis e a prataria tinham sido confeccionados em Villa Boa. Na verdade elle dera os desenhos, mas a execução mostrava quanto os artezãos goyanos têm habilidade e intelligencia natural. Elle proprio os formára, e sob a sua direcção aprenderam a executar uma porção de trabalhos que, na mesma época, eram desconhecidos em Minas. Raymundo mostrou-me entre outras coisas, uma liteira que mandára fazer em Villa Boa, e que offercia todos os recursos das nossas carruagens de viagem melhor concebidas (25).

Quando cheguei a Villa-Boa, encontrei ali o missionario italiano do qual já falei. Pettercia, como já o disse. á ordem dos Capuchinhos, e fôra enviado pelo governo portuguez a *Albuquerque*, na provincia de Matto Grosso,

(25) Parece que, depois dessa época, os artezãos de Goyaz nunca mais encontraram quem os soubesse dirigir; pois eis, segundo o sr. Kiedler, coizo se exprime o ministro do Imperio no seu relatório de anno de 1844: "Mal se consegue encontrar, em Goyaz, algumas pessoas que tentam um pouco de habilidade para as artes mechanicas, tendo em consideração principalmente, as necessidades dessa vasta provincia. Oito artifices francezes se dirigiam recentemente para Matto Grosso: quando passaram por Goyaz, o governo provincial convenceu tres d'elles, um carpinteiro, um marceneiro, e um ferreiro, a ficarem na provincia, e esse acontecimento pareceu assás importante para ser consignado na mensagem enviada, pelo presidente, á proxima assembléa provincial..." — Luiz Antonio da Silva e Sousa diz que, em 1832, se contavam, na cidade de Goyaz, 14 serralheiros com 6 aprendizes, 27 carpinteiros e alguns aprendizes, 15 cordoeiros com 7 praticantes, 8 ourives, 4 funileiros, 10 oleiros, e acrescenta que o que muito prejudica os progressos dos artezãos é que todos querem trabalhar por conta propria logo que sabem alguma coisa (*Mem. estat.*, 12)". Remediar-se-ia facilmente esse grave inconveniente obrigando os aprendizes a fazer contractos com os mestres, e creando, para fazer respeitar as obrigações reciprocas, um tribunal de homens notaveis, que, como os nossos peritos, decidiriam as questões sem direito de exigir nenhuma retribuição.

para dirigir uma *aldeia* de índios. Villa Boa estava no seu parento; demorára-se ali, retido pelas instancias do povo e do capitão general, e exoitára um enthusiasmo extraordinario. Vinham confessar-se com elle de 15 a 20 leguas ao redor; os *batuques* cessaram; a igreja parochial ficava repleta quando elle pregava; traziam-lhe as creanças doentes para que as abençoasse, e, quando passava pelas ruas, aggloravam-se á sua volta para beijar-lhe as mãos e o habito. O amor da novidade tinha naturalmente grande parte nesse enthusiasmo; todavia não era a unica causa.

Comia todos os dias no palacio com o padre José; não era homem instruido nem de espirito, porém, o que vale mais, era austero, caridoso, cheio de doçura e paciencia, alegre, de genio uniforme, e, como o povo não achava, desgraçadamente sinão vicios nos sacerdotes que tinha constantemente sob os olhos, não pudera ver, sem profunda sympathya, um homem verdadeiramente carístico. Tal foi o effeito que devem ter produzido sobre os pagãos os exemplos dos primeiros fieis.

CAPITULO XXI

OS INDIOS COYAPÓS

Partida de Villa Boa. — Região situada para além dessa cidade. — Pousa ao ar livre chamado *As Areas Carrapatos*. — Região situada para além d'As Areas. Uma palmeira de folhas em leque. — *Gorgulho*. — A *Serra Dourada Arvore do Papel*. — Zona situada além de Gorgulho. — *Aldeia de S. José*. — Sua historia. — Descrição dessa aldeia. — Regimen ao qual estão submettidos os indios coyapós. — Comparação desse regimen com o que seguiam os jesuitas com os indios da costa. — Visita aos coyapós nas suas plantações. — Suas casas. — Danças. — Nomes. — Lingua. Vocabulario. — Character. — Triste futuro da Aldeia de S. José. — Molestias dos coyapós. — Sua instrução religiosa. Observações sobre os deveres do capelão. — Sua industria no estado selvagem e no semi-civilizado. — Como fazem as cestas que chamam *jeunús*. — O que entre elles substitue os leitões. — Mulheres encarregadas de levar os iardos. — Como cozinham a carne. — Bebida forte. — Usos seguidos por occasião das mortes, nascimentos e casamentos. — Jogo do *touro*. — Visita a DONA DAMIANA.

Durante o tempo que passei em Villa Boa, todos os habitantes cumularam-me de obsequios, e a estadia nessa cidade foi agradabilissima. Almoçava e jantava em casa de Raynundo, e ceava com o governador. O arranjo das collecções de historia natural já collectadas, a conversação,

as retribuições sociais que me era necessário fazer, tomaram a maior parte dos meus instantes.

Parti a 3 de Julho com o projecto de subir a Serra Dourada, visitar a *Aldeia de S. José*, habitada pelos indios da nação do Coyapós; caminha rentfim, para oeste, até o *Rio Claro*, onde se encontram diamantes, e, mesmo, até a fronteira da provincia de Matto Grosso, si alguma fructo pudesse esperar dessa excursão.

Tendo sahido da cidade, subi um pouco, e atravessei uma certa extensão de terreno coberto de arbustos, que, esgallados desde a base e aproximados uns dos outros, me recordaram os *carrascos* de *Minas Novas* (1). Os caules, entretanto, eram mais grossos, os galhos mais retorcidos, as folhas maiores, e um exame attento me fez reconhecer, nesses arbustos, a maior parte das arvores dos *campos comuns*, que devem, sem duvida, esse estado de degeneração, não só á natureza do sólo pedregoso e arenoso, porém, muito mais ainda, a que foram cortados por cem vezes pelos negros da cidade, e a que os brotos novos são frequentemente destruidos pelo fogo quando se queimam os pastos: são, de certo modo, touceiras dessas arvores nanicas, que os campos possuem em quantidade. O que prova que não foi só a natureza do sólo a influir na degeneração dessas arvores é que, a certa distancia da cidade, voltei a encontrar todas as formas da vegetação ordinaria dos *campos*, embora o terreno fosse ainda, talvez, mais arenoso e cheio de pedras. Vi algumas especies que ainda não conhecia, e não duvido que, noutra estação, pudesse ter feito abundante colheita.

(1) Denominam-se *carrascos* certas florestas anãs compostas de arbustos de 3 ou 4 pés, de caules e ramos delgados, e que, em geral, se approximam muito uns dos outros (vide a minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro e de Minas Geraes*, II, 22, e o meu *Quadro da vegetação primitiva na provincia de Minas Geraes*, nos *Novos Annuaes de Viagens*, 1837).

Da cidade ao local em que fiz alto, por um espaço de cerca de 1 legua, a região é montanhosa, e tive quasi sempre na minha frente a extremidade da Serra Dourada, montanha afastada de cerca de 3 leguas da cidade de Goyaz, pelo lado do sul. Essa Serra, que como já disse, parece nivelada no seu cume, e cujo flanco apresenta rochedos nus e a pique, confere um caracter de grandeza a essas solidões selvagens e estercis. Assim, como já vimos, ella faz parte da Serra do Corumbá e do Tocantins, que, para além de Villa Boa, avança em direcção ao sul, para em seguida prolongar-se mais ou menos directamente para o sudoeste (2).

Não avistei durante esse curto trajecto uma só casa, o que a má qualidade do terreno explica sufficientemente: no maximo encontram-se alguns raros habitantes nos districtos mais fortes.

Partira muito tarde da cidade: não caminhei, como acabo de dizer, mais do que cerca de 2 leguas, e parei á margem de um regato, em uma especie de recinto formado

(2) Da Silva e Sousa, Pohl e Mattos dizem que a porção da Serra do Corumbá e do Tocantins á qual se dá, na região, o nome de *Serra Dourada*, se estende até a provincia de Matto-Grosso, e não acho nada nas minhas notas que contradiga essa opinião; todavia, é claro que Casal, que conhecia todas as antigas tradições, situava entre a Serra Dourada e o Rio Claro, primeiro, a *Serra Escalvada*, depois a *Serra dos Coypós*. — Segundo Pizarro (*Mem.*, IX, 230), a Serra Dourada cobria todo o territorio de Goyaz, e se estenderia até Matto-Grosso, e os Pyrenæus não seriam senão essa mesma Serra Dourada. O autor das Memorias teve, evidentemente a ideia de uma cadeia continua desde a fronteira de Minas até a de Matto Grosso; mas errou, applicando a toda essa cadeia um nome que os habitantes não empregaram senão para uma das suas partes mais elevadas, o que se pode tornar uma fonte de confusões. A nomenclatura que estabeleci (cap. XI) remedieia completamente esse inconveniente, estabelecendo nomes genericos para as cordilheiras continuas, e conservando escriptulosamente para as suas diferentes porções os nomes que a estas dão os habitantes do paiz.

por arvores frondosas. Esse local tem o nome de *As Areas*, que deve ao riacho que o rega (*Corrego das Areas*).

Já desde algum tempo os *carrapitos* se estavam tornando insupportaveis; como vimos. já fôra por elles atacado nos Montes Pyreneus; em Mandinga, eram em numero excessivo; em Areas, não havia, sequer, um só pé de capim que não estivesse coberto delles.

Para além d'As Areas o solo continua a apresentar uma mistura de pedras e saibro, grupos de arvores retorcidas e enfezadas se dispersam por aqui e ali; as *Vellozia* (vulgarmente *canela d'ema*), amigas dos lugares elevados e terrenos estercis, mostram-se em muito grande abundancia. Até então não encontrei eu outra especie de palmeira *digitifolia* além do *buriti*; aquem e além d'As Areas, vi uma segunda especie (n.º 763), que não creio ter voltado a encontrar depois.

Na vespera começára a contornar a extremidade da Serra Dourada; para lá d'Areas percorrei uma parte da estrada, mais ou menos parallelamente á face meridional dessas montanhas.

Tendo caminhado 1 legua, cheguei a uma casa que a esse tempo cahia em ruínas, mas que devia ter sido bastante bonita. Cahira nas mãos do fisco (*fazenda real*), e, como já se viu, este deixa destruir-se, tanto aqui como em Minas, todas as propriedades de que se apodera.

Disto casa até o lugar em que parei para repousar, num espaço de uma legua o caminho é bastante bonito e bordado de campos de arvores pequenas. De um lado avista-se uma grande planicie; do opposto, o começo da Serra Dourada. Tendo atravessado um regato limpido, cheguei a uma casa bastante grande e comoda, chamada *Gurgulho* (3), que teve a sorte da outra de que acabei de falar, a *fazenda real* deixou-a tambem cahir em ruínas.

(3) Os mineiros do Brasil dão o nome de *gurgulho* aos fragmentos de rocha ainda angulosos, no meio dos quaes se en-

Apenas caminhára 2 leguas, quando cheguei a Gurgulho, mas não quiz ir além, para estar, no dia seguinte, nas vizinhanças da *Serra Dourada* (4), onde desejava fazer uma excursão.

Levei commigo José Mariano. Tendo atravessado alguns *queimadas* e *campos*, onde as arvores enfezadas ficam muito afastadas umas das outras, como succede sempre nos máus terrenos, amarramos os burros á margem de um córrego e começamos a subir: si não tivéssemos feito algumas paradas, não nos teria sido necessario mais de meia hora para chegar ao alto da Serra. Não apresenta uma só anfractuosidade notavel; mas, na parte pouco consideravel em que eu a percorri, achei-a coberta de grandes pedras accumuladas, entre as quaes crescem arvores rachiticas. Como o sólo não tem agua, e é muito pedregoso, a maioria das plantas estava secca, e não vi senão pequeno numero em flôr.

Entre as arvores enfezadas, que se veem em meio ás pedras amontoadas, ha uma que merece ser citada, a que chamam, no paiz, *Arvore do Papel*, porque a sua cortex, perfeitamente branca, se compõe de varias camadas separaveis e bastante delgadas (5), que têm a consistencia do papel da China; eleva-se mais ou menos á altura de 5 a 8 pés; seu caule é tortuoso, os galhos, que o são igualmente, começam a pequena distancia da base do tronco; têm uma direcção quasi vertical e se terminam por um grande numero de ramulos curtos e miudos. Na época da minha viz-

contra ouro nas explorações de jazidas chamadas *lavras de guapura* (*Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro e de Minas Geraes*, I, 252).

(4) Pohl escreve *Serra d'Ourada*; *ourada* não é palavra portugueza, *dourado* é o participio do verbo *dourar*.

(5) Pohl, que esteve no mez de Maio na Serra Dourada, parece crer que só a epiderme é separavel. Sua memoria trahi-o, ou, quiçá, a separação não se faz como no da secca, ao tempo em que a planta está em pleno vigor.

gem esta arvore estava, infelizmente, despojada das suas folhas, e não pude ver a que genero pertenceria; mais tarde, porém, apesar da difficuldade das communicações, o reverendo LUIS ANTONIO DA SILVA E SOUZA (6), autor do escripto intitulado *Memoria sobre o descobrimento, etc., de Goyaz, me fez chegar ás mãos, no Rio de Janeiro, um exemplar em flôr. Reconheci que a Arvore do Papel é uma melastomacea e, depois, foi descripta pelo doutor Pohl, sob o nome de *Lasiandra Papyrus* (?), Não vi essa curiosa arvore a não ser na Serra Dourada, e Pohl diz tambem que não a encontrou allures.*

Chegado ao cume da montanha descortinei uma consideravel extensão de terras; distinguí perfectamente Villa Boa, que parece um oasis no meio de um deserto, e, muito mais longe, reconheci os dois cumes dos Montes Pyreneus.

Pelas alturas da *Fazenda de Conceição*, da qual falei daqui a pouco, existe, disseram-me, na Serra Dourada, uma galeria escavada por um dos capitães-generaes de Goyaz, que d'ahi retirou ouro no valor de 80.000 cruzados. Todos concordam em dizer que o metal precioso abunda nessas montanhas: a falta de capitães, de braços, e, provavelmente, d'agua, não permite, porém, a exploração.

A partir da base da serra começamos a ser atormentados por uma especie de abelha uegra, muito pequena, cujo cheiro é o do ambar, e que se mettia pelos nossos cabellos, pousava nos rostos, entrava pelos olhos e ouvidos; no alto da montanha o ar estava cheio desses insectos: tornaram-se de tal forma insupportaveis, e encontrei tão poucas plantas, que tomei a resolução de voltar a Gurgulho.

(6) Não escrevo Souza como Pohl e Mattos, porque o proprio autor assignou com o nome de Souza o seu escripto intitulado *Memoria estatistica*.

(7) *Reise*, I, 397.

No dia seguinte fiz toda a jornada caminhando parallelamente á Serra Dourada. A 1 legua de Gurgulho passei em frente a uma fazenda consideravel, a de *Conceição*, que pertencia ao cura da Aldeia de S. José; era a primeira casa habitada que eu via desde que deixára a capital da provincia, e, entretanto, tinha percorrido 5 leguas.

Entre Conceição e a aldeia a região é montanhosa e florestada. As arvores ostentavam ainda todo o seu verdor, o que prova que o conservam sempre; pois que, na estação que atravessávamos, deveriam estar completamente despojadas, si estivessem destinados a perdê-lo. Em trechos consideraveis, as matas tinham sido queimadas; o capim gorda tomára-lhes o lugar, e não restavam mais das arvores que outróra davam sombra á terra, sinão alguns troncos escurecidos e semi-consumidos.

Antes de se chegar á Aldeia de S. José, é ella avistada de longe, e, fatigado por uma triste monotonia, goza-se com delicia o effeito encantador que produzem na paisagem construções regulares, contrastando com o aspecto selvagem dos desertos que as rodeam.

Essa aldeia, occupada por índios *Coyapós*, ou, como se diz geralmente no paiz, *Coyapós*, não foi originariamente destinada a homens desta nação.

Desde os primeiros tempos da descoberta de Goyaz, os aventureiros, que se espatharam pela região, exerceram sobre os indigenas as mais horribéis crueldades, e estes se vingaram, mais de uma vez, com represalias não menos terríveis. O governo portuguez, quasi sempre generoso para com os índios, tomou-os sob a sua protecção; ordenou que fossem tratados com brandura, que os jesuitas se encarregassem de tornal-os christãos, e civilisal-os; que não se olhasse a despesa, o que se devassasse sobre os seus perseguidores. Ha muita distancia de Lisboa a Goyaz; essas beneficenas medidas ficaram sem effeito.

Algumas aldeias se construíram, entretanto, com grandes dispendios, e, entre outras, as de *Douro* e de *Formiga* (1749), perto da povoação das *Almas*, na parte septentrional da provincia. A principio confiou-se a direcção das duas aldeias nos jesuitas, que logo passaram a exercer sobre os *Acroás* (8), que alli foram aldeados, uma grande influencia. Cinco annos mais tarde, porém, collocou-se uma guarnição de soldados á testa dos indios: estes se revoltaram e foram massacrados (9).

(8) Não é nem *Coroás* nem *Aldeia do Duro*, como escreveu Gardner. Devo dizer todavia, que a orthographia desses nomes é a que adopto Mattos.

(9) Segundo o doutor Pohl, foram os jesuitas que incitaram os indios á revolta. Mostrei allures (*Viagem pelo Districto dos Diamantes e sobre o litoral do Brasil*, vol. II) que o governo dos padres da companhia de Jesus era o unico compativel com o temperamento dessas grandes criancas, e que esse governo exigia necessariamente que os brancos fossem afastados das aldeias, o que, aliás, estava de accordo com as leis do rei D. Pedro II. Os jesuitas prepostos ás aldeias de Douro e de Formiga viram pois, com magua, chegar os homens que iam destruir sua obra; puzeram de sobre-aviso aos *Acroás* contra os maus exemplos dos soldados, e os indios tratados, sem duvida, por estes, com a tyrannia que os aventureiros goyanos exerciam então contra a sua raça, não puderam supportar um jugo que contrastava com a doçura dos primeiros tutores. Mas é evidente que um punhado de indios não poderia levar a melhor do poder portuguez, e que a revolta acarretar a sua destruição, e a propria expulsão dos jesuitas. Pretender que foram estes os instigadores directos dessa revolta, será accusal-os de uma estupidez grosseira, e até o presente ainda não se lhes fez semelhante imputação. Southey, que parece ter hauido suas informações no jornal intitulado *Patriota*, não relatou de maneira bastante satisfatoria os factos precedentes; mas termina exclamando: "A conducta dos indios, nessa conjuntura, era bastante natural; mas não deixaram de attribuil-a ás machinações dos jesuitas (*Hist.* III, 599)." Esses religiosos foram expulsos da Aldeia de Douro: vamos ver o que é agora. Os seus habitantes, diz Gardner que a visitou em 1839, estão mais ou menos entregues a si proprios, sem pastor ha dez annos, sem mestre-escola, mal abrigados em casas que caem em ruínas, nutrido-se

No governo do capitão-general JOSÉ DE ALMEIDA, BARÃO DE MOSSAMEDÉS (10), por cerca de 1773 ou 1774, revoltaram-se ainda; foram mortos os cabeças, transportaram-se para as proximidades da capital os outros prisioneiros, e se lhes deu uma aldeia construída em 1755 (11), a 5 leguas de Villa Boa. Era a de *S. José de Mossamedes* ou, como se diz singelamente no paiz, *S. José*, nome tomado ao capitão-general (12).

Os Acroás não tardaram a extinguir-se ou dispersar-se, e, por cerca de 1781, foram substituídos pelos *Javaês* e *Carajás* (13) que se fizeram vir da *Aldeia da Nova Beira*, situada ao norte da provincia, e que em breve desapareceram por sua vez.

Emquanto se desenrolavam esses acontecimentos, outros semelhantes se passavam alhures.

do producto da caça e dos frutos que encontram no deserto, não possuindo mais que algumas armas ordinárias para se defenderem contra os selvagens (*Travels*, ch., IX).

(10) Seu nome completo era JOSÉ DE ALMEIDA DE VASCONCELLOS DE SOBERAL E CARVALHO, BARÃO DE MOSSAMEDÉS.

(11) Casal e Pizarro indicam a data de 1744. Dou aqui a que me foi communicada na propria região e que o doutor Pohl adoptou. — Atribue-se a fundação da aldeia a José de Almeida; mas ou a data de 1755 é erronea, ou não foi elle que construiu *S. José*, pois não governava Goyaz em 1755.

(12) A aldeia de *S. José* não tem, na verdade, artigo especial no útil *Diccionario Geographico do Brasil*; mas é indicada varias vezes sob o nome de *Mossamedes* (vol. I, pag. 398; 528; II, 574). Este nome assim não estava certamente em uso na época da estada do doutor Pohl, e da minha, na aldeia dos Coya-pós; não se encontra, tambem, nos escriptos de Casal, Pizarro, Mattos e L. A. da Silva e Sousa; foi, provavelmente, consagrado por algum decreto provincial posterior a 1832, o de 1833, por exemplo, que creou o novo districto de Jaraguá.

(13) Escrevo este nome como o pronunciam na região. Casal designa tambem: essa mesma tribo sob o nome de *Carajás*; mas encontra-se *Carajós* nas *Memorias* de Pizarro

Mal se descobriu a provincia de Goyaz, começou a guerra entre os aventureiros paulistas e os indios coyapós, que habitam ao sudceste da provincia, vastas solidões ainda quasi desconhecidas. De ambos os lados essa guerra se fazia com egual crueldade. Os Coyapós cahiram repentinamente sobre as caravanas que se dirigiam para S. Paulo ou vinham dessa cidade, e forçaram os portuguezes a abandonar alguns estabelecimentos por elles fundados na parte septentrional da provincia do mesmo nome. As hostilidades perduravam ainda em 1780, quando um simples soldado chamado Luiz, que já tomára parte em varias expedições contra os indios, emprehendeu, com a protecção do capitão-general LUIZ DA CUNHA MENEZES, a redução dos Coyapós, que passavam por indomaveis. Acompanhado apenas de cincoenta portuguezes e tres indios, poz-se em marcha, a 15 de Fevereiro de 1780, e penetrou pelos desertos dos Coyapós. Durante varios mezes esses ousados aventureiros se nutriram apenas de caça e mel selvagem; iam, com mostras de amizade, ao encontro de todos os indios que encontravam, conversavam com elles com o auxilio dos tres interpretes, tratavam-n'os com bondade, faziam-lhes presentes, e acabaram por convencer um certo numero delles a acompanhal-os até Villa Boa para conhecerem o chefe que governa a todos os outros (14). Uma tropa de cerca

(14) Quando estava no Rio de Janeiro, de volta da minha viagem a Minas, fui com Firmiano a Copacabana, a certa distancia da cidade. Subimos a uma collina: o ceu era de um azul admiravel; diante de nós descobrimos o mar alto; por traz elevavam-se florestas majestosas; por todos os lados as modificações de terreno mais pittorescas. Nunca vira coisa tão bella; o indio exprinha sua admiração por uma alegria infantil. Cheio de enthusiasmo, aproveitei esse momento para falar-lhe de Deus. No dia seguinte perguntei-lhe si se lembrava do que eu lhe disse em Copacabana. Poz-se a fazer a enumeração do que o Creador fez pelos homens, e terminou por essa exclamação: *O', um capitão muito grande!*

de quarenta individuos, composta de um ancião, seis guerreiros, mulheres e creanças, chegou á capital da provincia com o soldado Luiz, e foi recebida com toda a magnificencia que se pode ostentar: fizeram-se festas, deram-se tiros de canhão, cantou-se um *Te Deum* e baptisaram-se as creanças. O velho, encantado com essa recepção, declarou que não voltaria mais para as florestas; ficou em Goyaz com as mulheres e creanças, e despachou os guerreiros com ordem de voltar, em seis luas, com tropa maior. Em Maio de 1781, duzentos e trinta e sete Coyapós entraram em Villa Boa sob a chefia de dois caciques, e não foram peor recebidos do que os primeiros. O capitão-general mandou erguer para os índios, a 11 leguas da capital, uma nova aldeia que denominou *aldeia Maria*, do nome de D. MARIA I, rainha de Portugal, e ali se installou uma população de 600 coyapós. Não consta que, desde essa época feliz, as caravanas tenham sido jamais atacadas pelos índios na estrada de S. Paulo (15).

Todavia, desde que os Javões e os Carajás se extinguiram, a Aldeia de S. José ficára vaga. Como está um pouco menos afastada da capital do que a Aldeia Maria, julgou-se, com acerto, que seria mais economico abandonar esta ultima povoação, e, quasi já nos nossos dias, mudaram-se os coyapós para S. José, apesar do apego que tinham pela primitiva residencia (16).

(15) Pizarro attribuiu no presente factos relatados em memorias muito antigas, quando escreveu (*Mem.*, IX, 238) que, todos os annos os Coyapós commettem hostilidades contra os habitantes de Santa Cruz, e estendem suas devastações até S. Luzia. E' provavel até, que, nesta ultima parochia, grande numero de colonos não tenham ouvido falar jamais dos Coyapós.

(16) Vide os escriptos de Manuel Ayres de Casal, de Pizarro e de Pohl. — Mattos, no pouco que diz dos Coyapós, não está de accordo com as graves autoridades que cito aqui: elle, porém, não pretendia escrever a historia de Goyaz; tinha por fim traçar-lhe o itinerario, e, esse objectivo preencheu-o perfeitamente.

Essa povoação, situada no cume de uma collina, e dominada pelo Serra Donrada, é rodeada por morres que não são mais altos do que a própria collina; os edificios, que a constituem, estão dispostos ao redor de um vasto terreiro de 145 passos de comprimento por 112 de largura, e apresentam um conjunto de regularidade perfeita. A igreja, edificio singelo e de bom gosto, occupa o meio de um dos pequenos lados desse quadrilatero alongado. Em cada angulo do polygono está um pavilhão de dois pavimentos; as outras construcções constam apenas do rez-do-cão. Estas ultimas servem, em parte, de morada aos soldados encarregados da guarda dos Coyapós; o general tem ali tambem um alojamento muito agradável, e por traz desse ha um jardim bastante grande, regado por um córrego que foi desviado para o serviço da *aldeia*; outra porção, enfim, é utilizada como celeiro, e nelle se deposita a colheita das plantações communaes. O resto das construcções, originariamente reservado para os indios, está hoje em dia (1819) em parte vago, e em parte occupado por uns cincoenta *agregados* dos quaes tratarei dentro em pouco.

Acostumados, nas florestas, a dormir sob choças onde não era possível entrar sem abaixar-se, os indios achavam muito frias as casas altas e cobertas de telhas em que queriam alojar-se, e elles proprios construíram outras muito mais baixas, a pouco passos da *aldeia*. O tecto destas ultimas é de sapé; a estrutura é feita á maneira das casas dos *mazombos* (*), com espeques verticaes fixos na terra e longos bambús presos transversalmente a esses espeques por meio de cascas flexiveis (*embiras*); mas, emquanto que os portuguezes costumam encher, com barro amassado, os

(*) *N. do P.*: *Mazombos* significa homens brancos, fillos de portuguezes, nascidos no Brasil. O padre Antonio Vieira, quando portuguez de nascimento, se considerava *mazombo* em uma das suas cartas, e foi esse um dos fundamentos em que se baseavam os biographos que o queriam dar como natural da Bahia, onde passára a meninice, e veio fallecer.

intervallos que ficam vazios entre essas taquaras, os Coyapós contentam-se em passar folhas de palmeira, como o fazem outros indios que procuraram imitar as construcções europêas. As choupanas que os coyapós construíram próximo á *aldeia* são apenas em numero de oito a dez; é a uma legua de S. José, nas suas plantações, que se encontra a maior parte das meradas.

Os *agregados* (17), que se installaram nas casas da *aldeia*, são mulatos pobres aos quaes o governador permitiu estabelecer-se entre os indios; encontram em S. José não só uma moradia que nada lhe custa, como ainda, viveres baratos, e podem cultivar as terras dos Coyapós.

O regimen a que estes ultimos foram submettidos pelos portuguezes tem sido modificado por varias vezes; vou descrevel-o tal como era por occasião da minha viagem.

A administração geral da *aldeia* é confiada a um coronel, que reside em Villa Boa e é o director de todas as *aldeias* da provincia. Os Coyapós estão, em S. José, sob a tutela immediata de um destacamento militar que se compõe de um cabo, tendo o titulo de *commandante*, um simples dragão, ambos da companhia de Villa-Boa, e de quinze *pelestres*, dois dos quaes são officiaes subalternos. Entre os simples *pelestres* contam-se um serralheiro e um carpinteiro; o primeiro encarregado de reparar os instrumentos dos Coyapós, o ultimo de conservar os edificios da *aldeia*. O cabo *commandante* tem autoridade para castigar os indios, pondo os homens no *tronco* (18) e dando fêrulas ás

(17) Sabe-se que os *agregados* são homens que se estabeleceram em terras de outrem.

(18) Eis de que maneira dei a conhecer aihures (*Viagem pelas provincias do Rio de Janeiro, etc.*, II, 42), este instrumento de supplicio: "Entre quatro estacas se collocam, uma sobre a outra, horizontal e parallelamente, duas tabuas muito grossas e de grande peso. Cada tabua apresenta, em um dos bordos, entalhes semi-circulares, feitos de forma que os entalhes de uma correspondam aos da outra e formem um círculo perfeito. Quando se

mulheres e crianças. Os Coyapós lavram a terra em commum durante cinco dias da semana, sob a inspecção dos pedestres; deposita-se a colheita das plantações communs nos armazens da aldeia, e, em seguida é distribuída pelo cabo commandante entre as famílias indígenas, segundo as necessidades de cada uma. O excedente é vendido, quer na cidade, quer aos pedestres, que são obrigados a sustentarse á propria custa, e, com o dinheiro que resulta dessa venda, o director geral compra sal, tabaco, tecido de algodão, e instrumentos de ferro que envia ao cabo commandante para distribuil-os entre os indios. Ha na aldeia uma roda d'agua que move ao mesmo tempo um moinho destinado a moer o milho, uma machina para descaroçar o algodão, e, por fim, vinte e quatro fusos; uma mulata recebe, por anno, 50.000 réis (312 f. 50c.) para cusinar ás mulheres Coyapós a fiar e tecer o algodão, e o resultado dos seus trabalhos pertence á comunidade como os productos do sólo. Os dois dias da semana, de que os indios podem dispôr são o domingo e a quinta-feira; empregam-no em caçar ou tratar de pequenas plantações particulares de inhames (*Colodium esculentum*) e batatas (*Convolvulus Batatas*).

A forma de governo, que acabo de dar a conhecer, foi calcada sobre a que tinham adoptado os jesuitas (19), e é forçoso confessar que convem aos indios, os quaes, sendo em absoluto faltos de providencia, são incapazes de se governar por si. As melhores leis, porém, são insufficientes; são necessarios homens capazes de fazel-as cumprir, e não ha pessoa que não sinta que é absurdo pretender obter

quer castigar um homem levanta-se a tabua superior; o culpado passa as pernas em dois dos entalhes da inferior, e sobre esta deixa-se caber a primeira. Si a falta foi grave, é o pescoço que se põe assim entre dois pranchões”.

(19) Vide o que escrevi no segundo volume da minha Viagem pelo Districto dos Diamantes e litoral do Brasil, relativamente ás aldeias da costa e á conducta dos padre, da Companhia de Jesus em relação aos indios,

com soldados o mesmo resultado que com missionarios. Os jesuitas eram movidos por dois estímulos que fazem levar a effeito as maiores coisas, a religião e a honra; teriam vendido, mesmo recolhendo para os indios uma forma de governo menos perfeita. Mas que é que se pode esperar de homens e mo os pedestres, que, sahidos da mais baixa classe da sociedade, e todos mulatos, estão acostumados ao desprezo; que, nem mesmo, podem ser contidos pelo temor, pois que vivem longe dos seus superiores, e que, mal pagos, não têm outro intuito senão explorar os Coyapós em proveito proprio. Estes estão descontentes e fogem para os matos: vão em sua procura, capturam-n'os e fogem novamente. Um unico religioso da companhia de Jesus conduzia, muitas vezes, varios milheiros de indios, e com dezsete soldados se tem difficuldade em reter duzentos Coyapós reunidos sem vantagem para o Estado, e sem grande utilidade para elles proprios.

O escripto intitulado *Memoria sobre o descobrimento da capitania de Goyaz* (20), prova que o governo portuguez despendeu sommas enormes com as aldeias dessa provincia: a de S. José custou, só ella, 67.316,066 réis (420,912 fr.), em gastos de construcção e estabelecimento. Isso prova que houve boas intenções; os meios empregados, porém, não foram efficazes, e, entre as despesas que se fizeram, ha algumas cuja inutilidade resalta á primeira vista. Para que, por exemplo, uma residencia de recreio para os governadores da capitania na Aldeia de S. José e na Aldeia Maria? Para que, nas aldeias de indios, essa immensidade de construcções que não deveriam ser jamais habitadas pelos indios?

Chozas dispostas com regularidade, como na Aldeia de S. Pedro e a Villa dos Reis Magos (21), teriam produzido,

(20) Falei mais tarde dessa memoria e co seu autor, o padre Luiz Antonio da Silva e Souza, que já citi.

(21) Vide a minha *Viagem pelo districto dos Diamantes e litoral do Brasil*, II, 10, 281.

na paisagem, um effeito não agradável como as casas cobertas de telhas de S. José; teriam custado muito menos dinheiro; os índios, bem dirigidos, teriam podido construí-las elles próprios, como faziam os outrora governados pelos jesuitas, e não achariam nenhuma difficuldade em habitá-las.

Levára a S. José uma carta do coronel, Director geral dos índios para o cabo que commandava a *aldeia*. Encontrei um homem de certa idade, estropeado, cujas vestes em nada lembravam o militar, mas cuja physionomia era bastante agradável e os modos decentes. Deu-me, ã chegada, um alojamento bastante limpo, e me mostrou toda a *aldeia*. Manifestou desejos de ir visitar os índios nas suas plantações; mostrou muito pezar em não me poder acompanhar, e me mandou conduzir pelo soldado que lhe servia de immediato.

Após caminhar 1 legua, atravessando quasi sempre muitas de pequena altura e pouco vigorosas, chegámos á pequena eminencia em frente á Serra Dourada, e sobre a qual crescem, esparsas, arvores de caule delgado: foi nesse local que os Coyapós construíram suas casas. Estão dispersas entre as arvores, são cobertas de sapé, pequenas, baixas e edificadas, como as da *aldeia*, com espeques enfiados na terra; bambús que, amarrados horizontalmente, se cruzam com esses esteios; e folhas de palmeira, as quaes preenchem os intervallos; não têm janellas; a entrada é muito estreita e se fecha com folhas de palmeira. No interior vêem-se algumas pedras que sorvem de fogão, cestas de uma forma particular, chamadas *jucunús*, e, ás vezes, *giraus*, que têm apenas a largura do corpo: nisto consiste o mobiliario de taes choupanas.

Após tê-las visitado, dirigimo-nos ás plantações. Vimos logo varias mulheres que, sob a inspecção de dois ou tres *pedestres*, colhiam espigas de milho. Iamos passar ao terreno em que trabalhavam os homens, quando os

avistámos caminhando ao nosso encontro. Tinham-n'os chamado para fazel-os dansar na minha presença. Voltamos, pois, o dragão e eu, para o lugar em que estão as habitações; os índios lá chegaram alguns instantes depois de nós, e em breve começou a cerimonia.

Os homens dansaram sós, pois que não se pensara em chamar as mulheres. Formaram uma roda, mas sem se darem as mãos, e se puzeram a cantar. Suas arias são de uma monotonia extrema, mas não possuem nada de barbaro e terrificante como as dos botocudos (22). Cantaram, a principio, muito lentamente, e não faziam então mais do que marcar o compasso com os pés sem sair do lugar. Pouco a pouco o canto se animou e os dansarinos se puzeram a andar á roda, sempre no mesmo sentido, marcando perfeitamente o rythmo, mas sem nenhuma vivacidade, as pernas um pouco vergadas, o corpo curvado para a frente, e saltitando apenas. Havia já muito tempo que a roda girava assim, e começava a fatigar-me de tal uniformidade, quando começou a dansa do urubú, o abutre chamado pelos naturalistas *Vultur aura*.

Um dos dansadores collocou-se no meio do circulo e, continuando sempre a dar os mesmos passos, abaixou-se e com tres dedos de uma das mãos, que mantinha reunidos, batia repetidamente na terra; endireitou-se em seguida e, pondo-se defronte dos outros ballarinos, fazia contorções e fingia querer bater-lhes com os dedos que mantinha sempre unidos, pretendendo imitar assim a acção do urubú, que dilacera as carnes mortas.

Entrementes começaram a cantar outra aria, e a dansa da onça succedeu á do urubú. O mesmo dansador collocou-se tambem no meio da ronda e poz-se a dansar, com o dorso curvado, os dois braços estendiços com rijeza para a terra, os dedos afastados e meio curvados como

(22) Vide a minha *Vingem pelas provincias do Rio de Janeiro e de Minas Geraes*, II, 164.

garras. Depois de dar algumas voltas nessa attitude, esse homem saiu do circulo; mantendo-se sempre curvado, poz-se a correr para uma creança, pô-la ás costas, entrou novamente na ronda e continuou a dansar: imitava o jaguar procurando a presa, apoderando-se della e levando-a para saciar-se.

Durante esse tempo, toda essa boa gente tinha um ar de contentamento e alegria que jamais se vêem nos tristes goyancs.

Os portuguezes deram, não sei por que, o nome de Coyapós ou Cayapós a esses indios. Pelo que me disseram, parece que aquelles dentre os seus que ainda vivem nas mattas, não tendo na vizinhança nenhum outro povo indigena, não têm nome de nação, mas servem-se da palavra *panariú* para se distinguirem, como raça, dos negros e dos brancos: donde devemos concluir, parece-me, que esse termo é posterior á descoberta, muito recente, do paiz, e que antes dessa época os Coyapós se acreditavam provavelmente sós no universo.

Encontram-se nesses indios todos os traços característicos da raça americana. cabeça grande, enterrada nos hombros; cabellos lisos, negros, duros e bastos; thorax largo; pelle parda; pernas finas; como nação distinguem-se, principalmente, pela redondeza da cabeça, physionomia aberta e espirital, alta estatura, pouca differença entre os olhos e a côr carregada da pelle (23); os Coyapós são indios bellos (24).

(23) Nas minhas duas precedentes *relações* tracei successivamente o retrato dos Coroados, Malalis, Macunis, Botocudos, Indios civilizados de S. Pedro, e comparei a physionomia dos Indigenas Americanos com a dos Monges. — Chamo a attenção, de passagem, que si se quizer conformar-se com a pronuncia actualmente usada no paiz, não devemos escrever *Macunis*, como fizeram os sábios Spix, Martius e d'Orbigny, nem *Panhams*, mas *Panhams*, ou melhor, *Pinhams*.

(24) O sr. Pohl acha os homens feios e as mulheres muito

Entre os de S. José vi algumas crianças nascidas de mulheres da sua nação casadas com mulatos. Os olhos eram menos longos e estreitos do que os dos Coyapós; não tinham a cabeça grande nem o peito largo destes ultimos, mas diferenciavam-se perfeitamente dos mulatos pelos cabellos que não eram absolutamente crespos, sem serem, no entanto, negros e duros como os dos verdadeiros indigenas.

Disse allures que ha na pronuncia das linguas indigenas caracteres que pertencem a toda a raça e que podem servir para fazel-a distinguir (25). Como as diversas nações indias que vi até então, os coyapós falam com a garganta e a bocca quasi fechadas (26). Aliás, o seu idioma não parece ter relações com as linguas das populações que já visitara. Transcrevo aqui varias palavras que escrevi, dictadas por um Coyapó bastante intelligente, que conhecia bem o portuguez, e fazia parte da companhia dos *pedestres*. De accordo com o meu costume, após ter escripto essas palavras, li-as ao que m'as dictara, afin de saber si elle as entendia e si, por consequinte, não me enganara:

Dous, *puhanca*
 Sol, *imputé*
 Lua, *putunni*
 Estrellas, *amisiti*
 Terra, *cúpá*.

O *n*, nessa palavra, tem a pronuncia do *au* francez.

Homem, *impuaria*
 Mulher, *intiera*

leias Os Coyapós eram os primeiros Indios que via; comparava-os com a raça caucasica.

(25) *Viagem pelo Districto dos Diamantes e litoral*, II, 20.

(26) A memoria do doutor Pohl trahi-o certamente quando disse o contrario.

Creança do peito, *uhontuára*
 Rapaz, *iprintué*
 Menina, *iprontuaria*
 Ur branco, *cacatéta*
 Um negro, *tapanho*
 Uma negra, *tapanhocua*
 Um indio, *panarili*
 Cabeça, *icrian*.

O r se pronuncia com a bocca fechada e participa do som de l.

Cabellos, *iquim*
 Olhos, *intó*
 Nariz, *chacaré*
 Bocca, *chapé*
 Dentes, *chuá*
 Ocellas, *chicré*
 Pescoco, *impudé*
 Peito, *chucotó*
 Ventre, *itú*
 Braço, *ipá*
 Mãos, *chicria*
 Coxa, *icria*
 Pernas, *itê*
 Pé, *ipaá*
 Pedago de madeira, *poré*.

O r participa do som do l (r brando).

Folha, *parachó*
 Fruta, *patso*
 Cavallo, *iquitachó*
 Tapir, *ieritê*
 Veado, *impó*
 Ave, *itchune*
 Pemas, *impantsa*
 Richo de pé, *patê*
 Arco, *itsé*

Flecha, *cujone*.

O *e* se ouve apenas.

Agua, *incó*

Rio, *pupú*

Carne, *jóbo*

Peixe, *tépa*

Bom, *impéimparé*

Bello, *intompéipuré*

Feio, *intomarca*

Branco, *macucú*

Preto, *cotú*

Vermelho, *ampíampio*

Pequeno, *ipanré*.

O *au* é muito prolongado.

Danso, *incréti*.

Como para os diversos vocabularios (27) que se encontram nas minhas duas relações precedentes, adopto aqui a orthographia portugueza, que geralmente está mais de accôrdo que a nossa, com a maneira de pronunciar, admite uma accentuação prosodica (28), e pôde indicar as vogaes nasaladas.

(27) Publiquei successivamente, na minha *Viagem pelas paragens de Rio de Janeiro e de Minas Geraes*, um pequeno vocabulario da lingua dos Coroados (I, 46), da dos Malalis (I, 427), dos Monochós (id), dos Macunis (II, 47), dos Botocudos (II, 154), dos Machaculis (II, 213). Minha *Viagem pelo districto dos Diamantes e litoral do Brasil* apresenta (II, 293), para algumas palavras as differenças existentes entre o dialecto actual de S. Pedro dos Indios, o de Villa Nova de Almeida e a *lingua geral*, tal como os jesuitas a escreveram no seu d'iccionario, obra composta provavelmente no seculo XVI.

(28) O *u* se pronuncia *ou* (francez); *uh, uh*; o accento cás geralmente sobre a penultima syllaba, a menos que o signal indique uma ou mais syllabas tonicas; quando o accento está sobre a letra *o*, pronuncia-se como na nossa palavra *or* (ouro); o *e* accentuado tem o som do nosso *é*; *im* final é um *i* muito nasal; *ao* um *au*

É impossível tirar conclusões geraes do curto vocabulario que acabo de dar; todavia, posso crer que a lingua dos Goyapós admitta certa semelhança nas palavras que representam coisas ou qualidades apresentando alguma analogia. Assim *impeiparé* quer dizer *bom*; *intompeiparé*, bello; *impuaria* significa *homem*, e *iprontuaria*, rapariga; *chicria*, mãos; *ieria*, coxa.

Todos os luso-brasileiros estão de accôrdo em considerar os coyapós um povo de indole docil (29). Esses indios, é verdade, questionam, ás vezes, uns com os outros, mas sempre por causa de mulheres. O unico defeito que lhes impo anti os portuguezes é essa propensão que têm de

tambem muito nasal. — Por ter querido seguir a orthographia allemã, o sr. Pohl, no seu vocabulario, foi forçado a commetter varios erros; assim, não encontrando na sua lingua letra que corresponde ao *j* dos portuguezes e francezes, escreveu *cashoné* por *cojoné*, e, não podendo graphar o som do *nh* portuguez ou *gn* francez; admittio *apanio* por *apanho*. Não posso deixar de crer, aliás, que, por falta de sufficiente conhecimento da lingua portuguesa, não lhe tenham escapado alguns equivoccos. Si, por exemplo, *itpé* quer dizer *homem branco*, não é verosimil que *itpé-pri*, visivelmente palavra composta de *itpé* signifique *creança em geral*.

29) Um homem bastante distincto, que conheci em Ubá em 1816, e que vinha de Goyaz, trouxera consigo dois Coyapós, dos quaes fizera seus empregados. Esses indios falavam o portuguez e não eram absolutamente menos civilisados que os mulatos da classe inferior. Um delles tinha uma sagacidade surprehendente para encontrar homens e animaes cagueiros perdidos nas florestas: não lhe eram necessários, para guiá-lo, mais que os restos de uma folha cortada por um burro ou uma herva esmagada pelos pés de um homem. Os dois Coyapós não quizeram ver os Coroados, ainda selvagens, que se achavam em Ubá na mesma occasião que elles (*Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro, etc. I, 37 e seq.*), quer por causa da aversão que as diferentes tribus têm frequentemente umas pelas outras, quer porque a vista de um selvagem é, para o indio civilizado, um motivo de humilhação lembrando-lhe o estado do qual sahio, ou aquelle, pelo menos, em que viveram os seus antepassados.

fugir para as matas: ora, sente-se que essa censura recae sobre os proprios portuguezes; si os Coyapós não tivessem que se queixar da sua presente condição, não voltariam á vida primitiva, da qual comprehendem bem os graves inconvenientes. Esses indios são, aliás, como todos os demais, despreocupados e inteiramente imprevidentes. Para fazer a colheita dos legumes que cultivam nas suas roças particulares, rotamente esperam a maturidade perfeita; não pensam no dia seguinte, não economizam nunca, vivem apenas no presente, e sentem-se completamente felizes quando podem satisfazer o seu gosto pela carne, aguardente e tabaco (30).

Os Coyapós possuem, pois, em grão tão diminuto como os outros indios, as qualidades necessarias para viver no seio da nossa civilização, toda baseada na ideia do futuro: têm necessidade de tutores bemfazejos, como os que fizeram florescer as aldeias da costa e as reduções do Paraguay: esses tutores foram para sempre arrebatados aos indios, e em breve nada mais restará das antigas populações indigenas que outróra cobriam a terra do Brasil (31). No mesmo local que habitavam os Coyapós, por occasião da minha viagem, tinham vivido, como já se viu, outros indios, os Acrás, depois os Carajás e os Javaês; cinquenta annos bastaram para fazel-os desaparecer a todos, e, em trinta os proprios coyapós foram reduzidos de seiscentos, que eram inicialmente, a duzentos. Novas immigrações de individuos completamente selvagens, si tiveram lugar, o que não é absolutamente impossivel, como logo se

(30) A brandura que, como se vê, é, entre os Coyapós, um dom natural, tende a demonstrar que as crueldades attribuidas aos seus antepassados não eram mais que represalias. Si, desde a origem, tivessem procedido com esses selvagens como depois o fez o soldado Luiz, ter-se-iam obtido, certamente, resultados semelhantes.

(31) Vide o que escrevi sobre os indios nas minhas duas primeiras relações.

vorá, terão podido prolongar a existencia da Aldeia de S. José; mas terão accelerado o aniquilamento de todo o povo, e, brevemente, o viajante que procurar essa *aldeia* não achará mais do que ruínas e a continuação de um deserto.

Os portuguezes transmittiram molestias venericas aos Coyapós, e como esses não têm meios de se curar, parece que têm contribuido muito para destruil-os. Esses homens-infantes, não tendo quem os guie, entregam-se a todos os excessos, e apressam frequentemente o fim da existencia: quasi todos foram, ha poucos annos, atacados de sarampo; em meio á febre iam banhar-se na agua fria, e morreram assim mais de oitenta. Não vi, aliás, um unico que tivesse a papeira, deformidade que desfigura todos os *pedestres*, seus guardas, e que, como se sabe, é quasi geral em Villa Boa.

Pelas informações que collhi, parece que os Coyapós selvagens não só não têm culto, como tambem, sequer, nenhuma ideia de divindade. Para dizer *Deus* os da aldeia se servem, é verdade, do termo *puhancú*, que não provem; certamente, nem do portuguez nem da *lingua geral* (32), falada outrora pelos luso-paulistas; o termo, porém, pelo qual designam o *caballo* não tem, tampouco, relação alguma com a palavra portugueza ou com o termo da *lingua geral*, *cabarú*, e entretanto, não conhecem esse animal si não a partir do contacto com os portuguezes (33). A' exce-

(32) A *lingua geral* era a dos Indios da costa. Os jesuitas escreveram-lhe a grammatica e o dicionario, e foi adoptada pelos Paulistas que viviam entre os Indigenas. A *lingue geral* e o guarani das reduções do Paraguay são dialectos do mesmo idioma (vide minha *Viagem pelo Districto dos Diamantes e litoral do Brazil*, II, 11).

(33) Antes do descobrimento, os Coyapós não tinham visto ainda nenhum Africano; mas forjaram termo para designar o negro: seu termo *tapauho* vem visivelmente de *tapauhuna*, que, na *lingua geral*, significa preto.

ção de pequeno numero de velhos, aos quaes não foi possível ensinar as preces mais curtas e algumas respostas do catecismo, todos os indios da *aldeia* receberam o baptismo: casam-se perante o seu parochio (34), e alguns mesmo se confessam. Comprehende-se bem, entretanto, que as ideias que elles têm do christianismo são muito superficiaes, pois que o cura da *aldeia* se contentava (1819) de ir lá dizer missa aos domingos e passava o resto do tempo no seu engenho de assucar da *Conceição*, situado a 2 leguas de S. José, ou no de S. *Isidro*, que está muito mais distante ainda. Ninguém, na provincia, uehava essa conducta condemnavel, porque não se imagina que um sacerdote possa ter outros deveres a cumprir além dos de rezar uma missa aos domingos, e confessar os que se apresentarem. E, no entanto, como seria bella a missão do vigario da *aldeia*! Podoria tornar christãos a essas creanças grandes, tão boas e doces, protegel-as contra a propria imprevidencia, e contra as vexações dos seus guardas, prolongar sua existencia por meio de bons conselhos, civilizal-os tanto quanto são susceptiveis de sê-lo, tornarem-se para elles uma segunda providencia: no entanto, fazia assucar!

Os Coyapós, que vivem ainda nos bosques, estão submettidos a um cacique geral que tem sob seus ordens varios capitães: na *aldeia* os portuguezes deram titulos de coronel, capitão, *alferes*, aos individuos mais considerados pelos seus compatriotas. E' um meio bastante innocente e pouco dispendioso de excitar a emulação desses indios.

Os Coyapós de S. José aprenderam com os portuguezes a construir casas, cultivar a terra, fiar o algodão, etc.; porém os da mesma nação que ainda vivem nos mat-

(34) Até 1832, inclusive, a Aldeia de S. José constituiu uma parochia dependente do districto da capital de Goyaz (DA SILVA E SOUZA, *Mem., estat.*, 3); mas, em 1833, incluíram-na no districto da nova villa de Jaraguá (MILLIET E LOPES DE MORAES, *Dicc. Broc.*, I, 527).

tos não conhecem outra industria além da de fazer arcos, flechas e a especie de balaio que chamam *jucunú* (35), cujo uso, como já vimos, se conservou na aldeia.

Fazem-se esses *jucunús* tomando duas folhas de *bority* (*Mauritia vinifera*); dividem-se em tiras estreitas os foliolos que as compoem e formam o leque; tecem-se as tiras de uma folha com as de outra, e dahi resulta uma especie de cesta elliptica aberta dos lados, á qual se acrescenta como alça uma longa trança flexivel, feita tambem de *bority*. Para se servirem dessas cestas, introduzem-lhes uma esteira delgada e elliptica, enrolada em cylindro; quando esta está quasi enrolada, paseam-lhe uma segunda, que se enrola como a primeira, e, desse modo, podem-se elevar estas especies de cestos até á altura de 4 pés e mesmo além. As esteiras das quaes acabo de falar são feitas cada qual com uma folha de *bority*, cujos foliolos, tambem divididos em tiras estreitas e trançadas umas com as outras, são retidos pela ponta do peciolo que forma uma das extremidades da esteira.

Os Coyapós deitam-se em *giraus* quando os têm, porém, geralmente, dormem estendidos no chão, e sem travesseiro, sobre as esteiras delgadas e estreitissimas, cuja fabricação acabo de descrever.

Entre esses indios, como entre todas as populações que até então visitei, são as mulheres que transportam os fardos. Vi ás costas dessas pobres creaturas enormes feixes de lenha ou *jucunús* cheias de *mandubis* (*Arachis hypogea*) que desciam até o meio das pernas, e eram simplesmente retidos pela alça, passada como um diadema pelo alto da cabeça.

E' dessa mesma maneira que as mulheres levam as crianças quando vão para o trabalho e querem conservar

(35) Creio que o doutor Pohl equivocou-se quando dá a esses cestos o nome de *piapa*.

os braços livres. A criança fica assentada em uma tira mantida pela frente da mãe; apoia as pernas nas ancas desta ultima, e firma-se nos seus hombros com as mãos.

Enquanto ha alguem na choça dos coyapós, conserva-se ali o fogo, e os homens e mulheres acocoram-se em torno.

Não é, todavia, no interior da casa que se cozinha a carne. As mulheres que se encarregam disso, cavam buracos na terra; põem pedras no fundo e, por cima, accendem o fogo, que retiram quando as pedras estão vermelhas. Collocam, então, sobre estas, os pedaços de carne que querem fazer assar; depois cobrem com um leito de folhas, e a terra acaba de encher o buraco. Dessa maneira a carne se assa desegualmente, mas ouvi dizer a portuguezes que ella tem optimo sabor (36).

Os Coyapós faziam antigamente uma heberagem forte com pimentas; mas renunciaram quasi completamente a ella, depois que conheceram a cachaça.

No estado de meia civilização em que se acham actualmente, esses indios conservam varios dos seus antigos costumes. Assim, quando entre elles morre alguem de consideração, ferem-se no peito com pequenas flechas, ou melhor, dão grandes patcadas nas proprias cabeças para que saiam sangue.

Si lhes nasce uma criança, não se contentam com o nome de baptismo portuguez: um dos anciãos da tribo confere outro, ainda, ao recém-nascido, e é geralmente o de algum animal.

Os casamentos se celebram com um grande banquete e dansas, durante as quaes a noiva segura uma corda

(36) Esta moda de cozinhar a carne estava em uso entre as mais primitivas tribus brasileiras, os Tupinambis e Tapuyas, e se encontra nas illhas do mar do sul (FERDINAND DENTIS, *Brasil*, 18).

amarrada á cabeça do esposo; costume symbolico que dispensa explicação.

Na frente de quasi todas as casas de Coyapós vi pedaços de grandes troncos de arvores, de 2 a 3 pés de comprimento, que, escavados nas duas extremidades na parte central, terminam em cada uma por um bordo espesso, com cerca de 2 a 3 pollegadas de altura. Esses pedaços de pau, chamados *tourp* (37), servem ao seu divertimento favorito. Um Indio agarra o enorme pedaço de madeira, lança-o ás costas e põe-se a correr com todas as forças; um segundo indio corre atraz do primeiro e quando o consegue apankar, arrebatá-lhe o madeiro, colloca-o por sua vez ás costas, sem interromper a corrida, e continúa até ser substituido por terceiro, e assim por diante até chegarem a um ponto designado (38). E' por occasião da Paschoa que esses indios se entregam principalmente ás suas foliás.

Antes de deixar S. José fui visitar, em companhia do cabo commandante, a pessoa por quem os Coyapós tinham a maior veneração: era uma mulher de sua raça,

(37) Esta palavra, em portuguez, significa o macho da especie bovina, mas, na lingua dos Coyapós tem, como se vê, significação totalmente differente.

(38) Os antigos Tapuyas tinham um jogo semelhante. "Um costume muito curioso, diz o sr. Ferdinand Denis, distinguia esse povo dos demais habitantes do Brasil. Quando os *pagés* (feiticeiros, adivinhos) ordenavam a mudança da *tuba*, ou mesmo quando principiavam, após a refeição da tarde, as ceremonias religiosas, alguns jovens apoderavam-se de um tronco pesado e o carregavam, correndo com rapidez prodigiosa, até que a fadiga os obrigasse a entregar o fardo a outro guerreiro. A victoria pertencia áquelle que desse a corrida mais longa (*Brasil, 7*)". Vimos já que os Coyapós usam a carne pelo mesmo processo que os antigos Tapuyas. Dessa semelhança em alguns usos, seria, entretanto, temerario, concluir que os Coyapós devem descender dos primitivos Tapuyas. Encontram-se costumes analogos entre povos que certamente nunca tiveram nenhum contacto entre si.

que chamavam DONA DAMIANA, neta de um cacique e viúva de um sargento de *pedestres*, ao qual esteve confiado o governo da *aldeia* durante muito tempo. Dona Damiana falava perfeitamente bem o portuguez; era amavel e tinha uma physionomia alegre, franca e espirital. Confirmou-me o que já me fôra dito por outros Coyapós, de que os da tribu, que vivem em estado selvagem, não têm a menor ideia de Deus (39). Dona Damiana formara tenção de ir buscar dos matos os Coyapós da *aldeia* que tinham fugido, e trazer, ao mesmo tempo, grande numero dos seus compatriotas ainda selvagens. Obtivera do capitão-general a permissão de se ausentar por tres mezes, e esperava partir em breve. Manifestei-lhe minhas duvidas sobre o exito dos seus projectos (*). Elles me respeitam muito, respondeu-me ella, para não fazerem o que eu lhes ordenar. Pelo que me disse esta mulher, ella emprehendia essa viagem na persuasão de que os seus irmãos de raça seriam mais felizes na *aldeia* do que no amago das florestas. As noções de christianismo que os coyapós recebem em contacto com os portuguezes, por muito fracas que sejam, elevam-n'os realmente bastante acima de seus compatriotas ainda selvagens, cuja existencia é puramente animal; estes

(39) Foi, pois, inexactamente, que se pretendeu que elles tivessem adoração pelo sol e a lua, e, principalmente, sacrificassem creaturas humanas.

(*) N. do T. Ao contrario das previsões pessimistas de Saint-Hilaire, D. Damiana conseguiu arrancar ás selvas e aldear grande numero de seus irmãos selvagens; o que fez ainda nos ultimos annos de sua vida, que se estinguio em 1830. De facto em 1828 e 1829 alguns Coyapós foram por ella pessoalmente trazidos do Rio Claro e Alto Araguaya. (Vide ALENCASTRE: *Annaes da Provincia de Goyaz*, in *Rev. Inst. Hist., Geog. Bras.*, tomo XXVIII, p. II, pag. 99).

ultimos são, talvez, mais livres, mas os outros gozam de alguns dos confortos da civilização, seu sustento está garantido, e não se acham sujeitos a todas as intemperies das estações. Com nomes semelhantes aos que civilizaram os indígenas do litoral, os Coyapós de S. José teriam sido completamente felizes.

CAPITULO XXII

O OURO E OS DIAMANTES DO RIO CLARO

Partida de S. José. — A *Fazenda d'El Rei*. Seu gado. Fim a que se destina. — Um Indio *chavante*. — Ideia geral da região que se estende da *Fazenda d'El Rei* ao *Rio dos Pilões*. — Estacionamento ao ar livre em *Topera*. — A *Aldeia Maria* — Alto ao ar livre à margem do *Rio Fatura*. — *Carrapatos*. Noites frias. — Pousa ao ar livre em *Porco Morto*. — Jornada fatigante. A *Torre de Babel*. Campos incendiados. — Estacionamento à margem do *Rio dos Pilões*. — Pormenores sobre esse rio. Dissertação sobre o minhoão dos Goyanos. — O logarejo dos *Pilões*. Está situado junto ao *Rio Claro*. Suas casas; igreja. Sua historia e a da exploração dos diamantes do *Rio Claro*. — Os habitantes occupam-se exclusivamente com a procura de ouro e diamantes. — Vantagens que teriam em cultivar a terra. — Joias de ouro das mulheres. — Exploradores nomades de ouro e diamantes. — As tres maneiras de extrahir os diamantes e o ouro do *Rio Claro*. — Os *escravos dos diamantes*. — O destacamento de militares acantonado no povoado de *Pilões*. Como é facil aos contrabandistas e criminosos se subtraírem ás perseguições. — Meia pequeno diamante. — Pormenores sobre o *Rio Claro*. Insectos maleficos. — Inatéis tentativas para formar uma collecção de peixes.

Após despedir-me de Dona Damiana (8 de Julho), puz-me a caminho com a pequena caravana e um pedestre que o cabo commandante me deu por guia. Que-

ria dirigir-me á povoação de Pilões, situada na estrada de Villa Boa a Matto-Grosso, e de lá ao Rio Claro, rico em ouro e diamantes (1).

Em um espaço de duas leguas encontramos bosques de pouca altura, caminhando parallelamente á continuação da Serra Dourada, e chegámos á *Fazenda d'El Rei*, onde passei a noite.

Essa *fazenda* pertence ao rei, como o nome indica, e está situada nas terras da *aldeia*. Não se vêem ali construcções outras além de duas casinhas; como, porém, se limitam á criação de gado e nas zonas tropicaes os estabulos seriam mais prejudiciaes que uteis, não se tem aqui

(1) Itinerario aproximativo da Aldeia de S. José á povoação de Pilões:

Da Aldeia de S. José á Fazenda d'E' Rei	2	leguas
Da Fazenda d'El Rei a Tapera, lugar deserto, sem habitação	3	"
De Tapera ás margens do Rio Fartura lugar sem habitação	3 ½	"
De Rio Fartura a Porco Morto, lugar deserto sem habitação	5	"
De Porco Morto ás margens do Rio dos Pilões, ao byre	5 ½	"
Do Rio dos Pilões ao Arraial dos Pilões, povoado	1	"
	20	leguas

L. A. da Silva e Sousa indicou a distancia da cidade de Goyaz á povoação de Pilões, como sendo de 18 leguas; Mattos (*Itin.*, II, 136) admittie a exactidão desse numero para o caminho que passa por S. José, mas, quando entra em por-menores, conta 21 leguas; 8 da cidade de Goyaz a S. José, 6 de S. José á Aldeia Maria, 7 de Aldeia Maria ao Arraial dos Pilões. E'-me impossivel admittir que haja 8 leguas de Goyaz a S. José, por Areas, Gurgulho e Conceição; estou de accordo com o estimavel autor do *Itinerario* quanto á distancia de S. José á Aldeia Maria; mas differimos de metade para a de Aldeia Maria á povoação de Pilões, ou, si quizerem, do Rio Claro. Existe algum caminho mais curto e igualmente abandonado? Mattos, que parece não ter percorrido esse districto, teria sido induzido em erro pelas informações recebidas? E' o que não posso decidir.

necessidade sinão de um alojamento para os homens, aos quaes são confiadas a guarda e a conservação do rebanho: eram, por occasião da minha passagem, dois pedestres e um indio da tribo dos Chavantes (*), que habita o norte

(*) N. do T. Por essa época os Chavantes, tribo que apresenta grandes afinidades com os Cherentes do norte de Goyaz, entretinham relações, sinão cordiaes, pelo menos pacificas, com os civilizados. Pohl, Castelhan e outros viajantes estiveram em contacto com elles, e vou Martius inserir um vocabulario da lingua dos Chavantes no seu magnifico *Glossario Linguarum Brasiliensium*, Leipzig, 1867, pgs. 135-138, e descreveu-lhes minuciosamente os costumes no tomo I de mesma obra, intitulada *Zur Ethnographie Amerika's annual Brasiliens*, Leipzig, 1867, pgs. 269-275. Naquelle tempo tinham ainda as suas aldeias localizadas ao longo do Rio Crixá, afluente da margem direita do Araguaya. Desde muito tempo, porém, occupam, no Estado de Matto-Grosso, a área limitada pelos rios Xingü, Araguaya, e seus dois afluentes da margem esquerda, o Rio das Mortes e o Tapirapés. Este exodo para a margem opposta do Araguaya, internando-se por ella a dentro até o espigão divisor com o Xingü, deu-se ha cerca de uns oitenta annos, e desde então os Chavantes romperam todas as relações com os civilizados, a quem attribuem suas desgraças e doenças, e até mesmo com os Cherentes, tribo aparentada com elles, e os pacificos Carajás, seus vizinhos habitantes da ilha do Baranal, á margem direita do braço maior do Araguaya, que têm verdadeiro pavor desses bugres pelas atrocidades que commettem, sempre á traição, contra quem quer que se aventure imprudentemente pelos seus dominios.

O tão decantado explorador inglez, coronel Fawcett foi, com toda a verosimilhança, morto pelos Chavantes, e muitos garimpeiros e indios Carajás têm pago tributo á sua ferocidade, sendo os cadaveres encontrados com os craneos esphacelados, e ao lado delles os formidaveis cacetes que serviram á execução do crime, sempre abandonados sobre as victimas. As ultimas foram os religiosos salesianos João Fuchs e Pedro Saielotti, massacrados ao procurarem estabelecer contacto com elles, com objectivos de catechese, e um grupo de exploradores estrangeiros.

Devo a maioria desses informes ao precioso trabalho do sr. Hermanno Ribeiro da Silva, intitulado *Nas Sertões do Araguaya*, *Edições Cultura Brasileira*, (S. Paulo, 1935), livro que veio enriquecer bastante a nossa litteratura de viagens, pois, além de inte-

da provincia de Goyaz. Contavam-se, nessa época, 400 cabeças de gado bovino nas terras da Fazenda d'El Rei. Os pastos dessa propriedade são excellentes, o gado ahí se multiplica bastante e não se é obrigado a dar-lhes sal, porque existem no paiz, assim como no Serião de Minas (2), terrenos salitrados.

Quando o governador da provincia passava alguns dias entre os Indios da *aldeia*, o que fazin algumas vezes, a Fazenda d'El Rei lhe fornecia o gado necessario ao seu consumo. De tempos em tempos mandava-se tambem um boi para os Coyapós; como, porém, esses Indios têm pela carne a mesma paixão que todas as tribus da sua raça, lamentavam-se muito de que lhe regateassem o prato favorito.

Si todos os Chavautes se parecem com o guardador dos rebanhos da Fazenda d'El Rei, essa nação deve ser ainda mais bella do que a dos Coyapós. Esse jovem era alto, tinha a cabeça não muito grande, bellos olhos e physionomia franca e agradável (3). Na sua lingua, os Cha-

ressantissimo pela materia, e repleto de preciosas informações, é escripto em estylo simples e agradável, condimentado por alguns toques de sadio humorismo.

(2) *Viagem pelas provincias do Rio de Janeiro e Minas Geraes*, II, 317.

(3) Um sabio ao qual se devem immensas investigações sobre uma parte da America hespanhola, mas que só passou alguns instantes no Rio de Janeiro e não teve occasião de ver simão um Indio pertencente ao Brasil (ALC. d'ORSTONY, *Voyage*, III, 349), foi levado, pelo seu assumpto, a classificar os indigenas deste vasto imperio, e, depois de agrupal-os todos sob o título de raça *brasílio-guarani* divide essa raça em duas nações, *guarani* e *botocudo*, entendendo pelo termo nação todo *conjuncto de homens que falam uma lingua emanando de fonte commum* (*O Homem Americano*, I, 9; II, 249). Os *Botocudos*, por um lado, e, de outro, os *Guaranis* com os Indios do litoral, aos quaes denominei de *sub-raça tupi* (*Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro, etc.*, I), constituem, certamente, dois grupos distinctos e bem definidos; mas, em seguida, não vejo mais classificação possível. Pela de-

vantes não podem fazer-se comprehender pelos Coyapós; mas entendem. disseram-me, varias outras nações que, como elles, habitam o norte da provincia.

fimção supra citada, podemos reunir os Malalis, os Macunis e os Machaculis, que, visivelmente, falam dialectos da mesma lingua; mas seremos obrigados a separar d'elles os Monochós e os Coroados, e no entanto, pelas tradições dos Malalis, todas essas tribus têm origem commum, os Malalis, os Macunis e os Machaculis, que vão juntos, pertencem tão pouco aos Guaranis como aos Botocudos, e dá-se o mesmo com os Coroados, Monochós e Coyapós igualmente distinctos entre si (vide os vocabularios que dei na minha *Vinagem pelas provincias de Rio de Janeiro*, etc., I, 46, 427; II, 47, 154, 213, e na *Vinagem pelo litoral do Brasil*, II, 293). Si, presentemente, tomamos como base de classificação os caracteres exteriores, é incontestavel que encontraremos duas nações bem distinctas nos Botocudos e Indios da Costa; a rigor, podemos entroncar nestes ultimos os Malalis, Macunis, e Machaculis; mas não devemos, creio, incluir nelles os Coroados, assignalados por uma característica especial de fealdade, e, ainda, meos, fazer d'elles Botocudos. Ninguem teria, certamente, a ideia de tomar por um Botocudo ou por um Guaraní esse Panhame que vi em Passanha, e que se assemelhava tanto aos nossos camponozes franceses, e me é outrotanto impossivel confundir com essas duas nações os Coyapós e esse bello Chavante do qual acabo de tratar. O erudito autor, que acima citei, viu-se forçado, repito-o, a fazer entrar em sua classificação geral povos que não conhecia; si tivesse percorrido o Brasil como a America Hespanhola, teria reconhecido que a classificação que admitte para a sua raça *brasilioguarani* está longe de comprehender todas as populações do Brasil; teria visto que os caracteres que attribue a toda essa raça, convêm admiravelmente bem aos Guaranis da provincia de Missões, mas estão longe de se applicarem tão exactamente a outros povos, o que demonstram as descripções especies que dei de varios d'elles, e esta unica phrase, pela qual Gardner indica como, na Aldea do Dourno, podem-se distinguir os authenticos Indios dos homens de sangue mestiçado: "E' muito facil reconhecer o Indio puro pela sua pelle amarelhada, cabellos longos e lisos, membros salientes e a caracteristica obliquidade dos olhos" (*Travels*, 316). "Já Lery descreva dos seus *Toupinambout* (*Tupinambás*), habitantes do litoral, que tanto se approximavam dos verdadeiros Guaranis, "não tendo outros caracteres de negros, que são simplesmente tostados, como chamariam os Espanhoes ou Provençaes" (*Hist.*, 3.^a ed., 95").

Procurei resolver o problema da origem dos idiomas da America (4); essas creanças-grandes desapparecem diante da nossa raça previdente e usurpadora, e em breve não restará das suas linguas sinão vocabulários incompletos e quasi sempre inexactos.

Da Fazenda d'El Rei até o lugar em que entrámos, novamente, no caminho de Villa Boa á provincia de Matto Grosso, devemos contar cerca de 16 a 17 leguas. Gastamos quatro dias nessa viagem; havia quem a fizesse, indubitavelmente quando a *Aldeia Maria*, da qual fallarei daqui a pouco, era ainda habitada; mas, por occasião da minha passagem, quem quer que fosse o viajante, não necessitava de atravessar esse districto. Desde que deixei o Rio de Janeiro, nunca vi região tão deserta; exceptuando as ruínas da *Aldeia Maria*, não v'slumbrei, durante esses quatro dias, nenhum vestigio de habitação, não avistei uma unica creatura humana (5). Em certos lugares, o traçado da picada que seguimos desapparecera quasi completamente; em outros, era muito pedregoso e estava embaraçado por troncos de arvores cahidas, galhos e cipós que barravam a passagem; aliás, tornava-se de uma difficuldade atroz, e parecia-nos que nos iam precipitar no fundo de um despenhadeiro escuro. A região é ás vezes plana, porém, mais frequentemente montanhosa. Em geral, apresenta grandes bosques; de tempos em tempos veem-se campos com arvores debeis e pouco desenvolvidas; a secca continuava a ser excessiva; não encontrava uma unica

(4) Capitulo II do 1.º volume desta obra.

(5) Mattos diz (*Itin.*, II, 137) que o caminho de Goyaz ao Rio Claro, por S. José, deixou de ser frequentado não só por causa do abandono da *Aldeia Maria*, como tambem porque os pastos não são ali tão bons como na outra estrada, e porque se teme o ataque dos Indios Coyabós da povoação de S. José: ninguem, por occasião da minha viagem, parecia ter semelhante temor.

planta em flôr. Myriades de insectos importunos de todas as especies, não nos deixavam um só momento de repouso. Quando cahia a tarde faziamos alto á margem de algum regato, e nos deitavamos ao ar livre. Durante o dia o calor tinha sido, ás vezes insupportavel; á noite tremia de frio, e suspirava em vão por um pouco de somno.

Algumas indicações mais completarão o quadro desses desertos.

No dia em que deixei a Fazenda d'El Rei continuei a caminhar parallelamente á continuação da Serra Dourada; entretanto, a região que percorri é bastante uniforme. Apresenta um mixto de florestas e campos onde dominam as primeiras; são, porém, quasi sempre, de pastagens, os territorios que o caminho corta. Parece que os campos de uma região geralmente cheia de mattas deveriam apresentar mais arvores do que os das zonas onde ha poucas; não succede, porém, assim, nesse districto; as arvores dos pastos são ali, pelo contrario, não sei por que motivo, muito afastadas umas das outras. Tendo caminhado 3 leguas, apeamo-nos, para passar a noite, em um campo, á margem de um pequeno regato, no local chamado *Tapera*. As minhas bagagens foram arrumadas debaixo de *boritys*; como, porém, essas palmeiras dão pouca sombra e o sol era ainda excessivamente ardente; os meus homens me armaram uma pequena barraca com paus e os couros destinados a cobrir a carga dos burros.

Durante a noite o frio foi excessivo e me impedia de dormir; no dia seguinte, como já o experimentara na vespera, o calor começou pelas dez horas da manhã e se tornou, em pouco, insupportavel. Essa alternativa de frio e calor agia fortemente sobre os meus nervos, e tendia a diminuir-me as forças. Nesse dia ainda conservámos á esquerda e prolongamento da Serra Dourada, que tem ali altura pouco consideravel. Embora o caminho continue a ser de bosques, a estrada atravessa, quasi sem interrupção,

campos cujos matizes pardacentos entristeciam nossos olhares.

A meia legua do local em que fizemos alto, passámos pela *Aldeia Maria* que, como o disse, foi outr'ora habitada pelos Coyapós, e que então, completamente abandonada, servia de asylo a morcegos e insectos daninhos (6). As construcções que ainda se viam, a casa do governador, a caserna e o celeiro eram grandes e de bello aspecto, mas dispostos sem nenhuma symetria. Foi por traz desses edificios que se construíram as choupanas dos Indios. Esses homens visitam frequentemente as antigas moradias (7); não se recordam dellas sem tristeza, e não pude deixar de partilhar dos seus pezares. Si a *Aldeia Maria* não tem a regularidade da de S. José, está melhor situada, e a *Serra Dourada*, bastante afastada, dá interesse á paisagem, sem impedir o descortino do panorama (8).

Caminháramos 3 leguas e meia quando nos apeamos á margem do *Rio Fartura*, que transpuzeramos antes de chegar a S. José, mas que lá não é mais que um correjo e forma já aqui um pequeno rio. Estabelecemo-nos em uma especie de sala formada por arvores frondosas,

(6) Segundo Mattos (*Itin.*, II, 139), a *Aldeia Maria* foi fundada por Indios Coyapós enviados da povoação de S. José. Segundo as mais respeitaveis autoridades foi, pelo contrario, de *Aldeia Maria* como vimos acima (pag. 99 no orig. franc.), que os Coyapós foram transportados a S. José, para succeder aos Javaês e Carajás, que se dispersaram.

(7) *Pont.*, *Reise*, I, 409.

(8) O estimavel escriptor brasileiro da Cunha Mattos diz (*Itin.*, II, 139), que existe ainda nesse lugar (Neste lugar ainda permanece) uma fazenda que pertence á nação, e onde se cria gado. Este estabelecimento, accrescenta o mesmo escriptor, apenas beneficia a seu administrador e ás pessoas que deseja agradecer. E' evidente que aqui se trata da *Fazenda d'El Rei*, que, depois da mudança de governo, se terá tornado uma proprio nacional; mas essa fazenda não está situada no lugar onde havia a *Aldeia Maria*, e sim a 3 leguas e meia desta ultima e 2 da de S. José.

e teria achado esse local muito agradável si não tivéssemos sido devorados por innumeros carrapatos, e forçados a examinar o corpo a cada instante, o que me fazia perder muito tempo.

A noite foi ainda extraordinariamente fria, e si bem que meu leito fosse collocado proximo ao fogo, fiquei muito tempo sem poder fechar os olhos. Nessa estação o orvalho é muito abundante; ao raiar da aurora, as folhas do arvoredo estão quasi tão molhadas como se tivesse cahido chuva, e quando me levantei, minha coberta estava quasi humida.

A zona que percorri para além do Rio Fartura, em uma longa jornada de 5 leguas, é montanhosa, coberta de florestas, e não apresenta sómente arvores enfezadas, sinão em pequenissimos intervallos. As mattas, como todas as que já víra nessa provincia, estão longe de ter a majestade das florestas virgens do Rio de Janeiro, ou mesmo de Minas; todavia, nos lugares baixos e humidos, fazem-se notaveis pelo vigor, e por toda a parte apresentam um espesso cerrado de arbustos, que dão muita sombra e frescor.

Apeamo-nos no local denominado *Porco Morto*, á margem de um pequenino regato, em um valle profundo e bastante estreito, rodendo de montanhas cobertas de florestas. Grandes arvores formavam sobre nossas cabeças uma espessa abobada: tal solidão parecia isolada do resto do universo; era, entretanto, impossivel gozar da belleza desse lugar, por causa dos milhares de insectos de toda a especie, que nos devoravam. Pequenas abelhas negras entravam pelos nossos olhos e ouvidos; os *harrachudos* (9) picavam-nos o rosto e as mãos; não podiamos dar um passo sem nos cobrirmos de *carrapatos* de todos

(9) Descrevi este insecto na minha primeira *Relação*.

os tamanhos; não estávamos, enfim, sequer, isentos de mosquitos e bichos de pé.

Minha gente, ao cahir da noite, lançou ao fogo o tronco inteiro de uma grande arvore secca; armaram-me o leito bem perto da fogueira; estava gelado de um lado, sentia-me queimado do outro, e não podia dormir. De repente gritos de terror me chegam aos ouvidos: *olha a onça, a onça!* Saio do leito e me dirijo para o lado de onde vinham os clamores. Era o bom Larotte que os lançara. "Ah! senhor, disse-me elle, sonhei que uma onça me devorava". Durante o dia, os nossos animaes tinham frequentemente dado signaes de terror, e meus acolytos tinham conseguido encontrar na areia o rasto de um jaguar. Não se falava sinão de onça na minha pequena caravana, e a imaginação amedrontada do pobre Larotte lhe mostrara, durante o somno, esse feroz animal occupado em dilacerar-lhe os membros.

A jornada seguinte foi, talvez, a mais tediosa de toda a viagem. Atravessamos primeiro bosques onde gozavamos de sombra e frescura; mas, em seguida, entrámos em campos onde o calôr era insupportavel. A's vezes o caminho é montanhoso, mais frequentemente é plano; segue quasi sempre um valle bastante largo ou, para dizer melhor, uma planicie alongada, ladeada de montanhas cobertas de arvoredo. As da direita são mais elevadas; em certos lugares erguem-se quasi a pique; aqui, por consequente, devem ser muito secas; por isso as arvores que lá crescem, estavam, por occasião da minha passagem, quasi completamente despojadas de folhas.

O nome dessas montanhas é, em geral, bastante plano; todavia, em dois lugares differentes, são coroadas por eminencias que se assemelham a um castello medieval com as suas torres, e contribuem para a austeridade da paisagem: foi, provavelmente, n uma dessas montanhas que os primeiros sertanistas deram o nome de *Torre de Babel*

(10). Em algumas depressões pantanosas encontrêi o imóvel e magestoso *bority*, que tão bem se harmoniza com a calma de deserto. Por toda a parte os *campos* tinham sido recentemente queimados, e os mosquitos estavam insupportáveis, mettiam-se pelos meus olhos, penetravam pelos ouvidos, cobriam-me o rosto e as mãos, e, para livrar-me delles era obrigado a agitar continuamente o lenço. Não podia adivinhar quem se dera ao trabalho de queimar esses pastos sem dono e afastados de qualquer habitação; mais tarde, porém, deram-me explicação do enigma. . Uma mulher que habitava os arredores do Rio Grande, limite da provincia de Matto-Grosso, e possuia um numeroso rebanho de gado bovino, estava em vias de dei-

(10) O governador Antonio Furtado de Mendonça em 1770 ou 1771, diz Pizarro (*Mém. hist.* IX, 164): "promoveu a descoberta do ouro, fazendo expedir do côrego de Jaraguá uma bandeira auxiliada de homens praticos dessas diligencias, sob a direcção de Urbano de Couto (sócio das expedições de Bueno), por molestia do qual seguiu o Capitão Francisco Soares de Bulhões (comandante da bandeira) o distincto roteiro que lhe deu o mesmo Couto, e governando-se á risca por elle, foi ter ao lugar chamado *Fundão* com 67 dias de marcha. Depois de atravessadas extensas matas e campinas (entre as quaes se distinguia uma mui notavel, por ter no meio um monte de pedras, como arranjadas por arte, a que os primeiros Sertanistas dera o nome de *Torre de Babel*), chegou a sornitiva a um rio, em que desaguam varios ribeirões, onde o sobreuito Couto annunciava riqueza consideravel e fazendo-se ahí algumas provas, com effeito se verificou a abundancia do ouro. Conferenciando, porém, Bulhões com os seus companheiros, sobre aquelle lugar, e parecendo a todos que estava nas vertentes do Rio Claro, e se comprehendia na vedada demarcação das terras Diamantinas, suspendeu os principiaes socavões, e tendo perdido a grande despriza, que fizera á sua custa, com os mesmos companheiros, e um capellão, voltou a dar conta de se facto". Para chegar do Rio Claro, Bulhões e seus *sertanistas*, partindo de Jaraguá, tinham feito provavelmente o mesmo caminho que eu; foi antes de chegar ao Rio Claro que viram a *Torre de Babel*: assim é muito provavel que essa montanha seja uma d'aquellas a que aqui me refiro.

xar a sua residência para ir estabelecer-se na povoação de Aunicuns, e, antecipadamente, mandara incendiar as pastagens vizinhas á estrada, afim de que os seus animaes encontrassem, por occasião de sua passagem, melhor nutrição.

Caminháramos 5 leguas e meia e a jornada parecia interminavel quando, enfim, o ruido alternativamente surdo e forte do *monjolo*, nos avisou da proximidade de uma habitação, e em breve chegámos perto de algumas miseraveis choupanas. Pedi ahí hospitalidade, mas recusaram-na, dizendo que não havia lugar em parte alguma, que o paiol, unico lugar que me poderiam offerecer, estava cheio de bichos de pé, e que eu ficaria muito melhor na margem do rio. A pequenez desses choças fez-me crer que não me enganavam; não foi, todavia, sem contrariedade que me resignei a dormir ainda uma vez ao relento.

Atravessamos a vau o Rio dos Pilões, e nos instalamos na margem esquerda, debaixo de grandes arvores que, ordinariamente, servem de abrigo ás caravanas; entramos, então, no verdadeiro caminho de Villa Boa á provincia de Matto-Grosso.

O Rio dos Pilões tem suas nascentes nos arredores de Annicuns, corre do sul para o norte (11) e se lança no Rio Claro. Durante a secca tem pequena largura; mas, no

(11) O que aqui digo da nascente e percurso do Rio dos Pilões é devido ao doutor Pohl (*Reise*, I, 420); deve, porém, acrescentar que Luiz Antonio da Silva e Sousa assevera que este rio nasce no planalto chamado *Estrada* e se dirige para leste (*Mem. est.*, 7). Não pretendo decidir entre esses dois escriptores; todavia, seu levado a crer que haja algum erro na indicação do ultimo Luiz d'Alincourt, Milhet e Lopes de Moura fazem nascer o Rio dos Pilões na Serra Dourada (*Mem. viag.*, 119. — *Dicc. Braz.*, II, 303). Disse alhures (vol. I, 311 no orig. fr.) que este rio foi descoberto pelo segundo Buato durante a sua primeira expedição, mas que, segundo o exacto Casal, o Rio dos Pilões de Buato era aquelle ao qual se dá actualmente esse nome.

tempo das chuvas, augmenta de modo sensivel, e então não é possível atravessal-o sinão em canoas. Garantem que esse rio não é menos abundante em ouro e diamantes do que o proprio Rio Claro, do qual hatarei em breve; mas, para explorar esses thesouros seriam necessarias grandes installações, incompativeis com a pobreza dos habitantes da região.

Luiz Antonio da Silva e Souza (12) diz, falando do lago do Padre Aranda, situado na provincia de Goyaz, que é habitado por *minhocões* (13), e acrescenta que esses monstros, é assim que se exprime, já têm arrastado para o fundo d'agua, onde vivem ordinariamente, cavallos e bois; Pizarro repete mais ou menos a mesma coisa (14), e indica a lagoa Feta, que pertence tambem a Goyaz, como servindo igualmente de habitação aos *minhocões* (15).

Ouvira já falar, por varias vezes, desses animaes, e considerava-os ainda como fabulosos quando taes desappareições de cavallos, burros e bois nas travessias de rios me foram confirmadas por tanta gente, que me pareceu impossivel pô-las em duvida. Quando estive no Rio dos Pilões, falaram-me tambem muito dos *minhocões*; disseram-me que existiam muito nesse rio e que, na época das grandes chuvas, tinham frequentemente levado cavallos e burros, enquanto estes atravessavam o rio a nado. A palavra *minhocão* é um augmentativo de *minhoca*, que significa em portuguez, verme da terra, e, effectivamente, pretende-se que o monstro de que se trata se parece em absoluto com esses vermes, com a unica differença que tem bocca visivel: acrescenta-se que é negro, curto,

(12) *Memoria sobre o descobrimento, etc., da capitania de Goyaz, no Patriota*, 1814.

(13) Plural de minhocão.

(14) *Mem. hist.*, IX.

(15) O lago Feta é já situado na nova comarca de Palma e na visinhança da povoação de Couros (*MILLIER E LOPES DE MOURA, Dicc. Braz.*, I, 363).

de grande grossura; que não vem á superficie da agua, mas faz desaparecer os animaes enlaçando-os por baixo do ventre. Quando, cerca de vinte dias após deixar o rio e a povoação de Pilões, hospedei-me, como veremos, em casa do commandante de Meiaponte, o sr. JOAQUIM ALVES DE OLIVEIRA, um dos homens mais respeitaveis que já encontrei, interroguei-o a respeito dos *minhocões*; confirmou-me o que me disseram; citou-me varios exemplos recentes de desgraças causadas por esses monstros, e assegurou-me, tambem, de accordo com o que disseram varios pescadores, que o *minhocão*, apesar da sua forma muito roliça, era um verdadeiro peixe provido de nadadeiras. Pensei a principio que o *minhocão* fosse o *Gymnotes Carapa* que, segundo Pohl (16), se encontra no Rio Vermelho; parece, porém, pela descripção desse autor, que o citado peixe tem na região o nome de *terma-termi* (*), e, aliás, os effeitos produzidos pelos *Gymnotes* ou enguias electricas, bem conhecidos, não têm nada de commum com o que se conta do *minhocão*. O professor Gervais, a quem communiquei minhas duvidas, chamou-me a attenção para a descripção que P. L. Bischoff fez da *Lepidosiren* (17); e, na realidade, o pouco que sabemos do *minhocão* coincide bem com o que se relata do animal raro e curioso descoberto pelo sr. Natterer. Este naturalista encontrou o seu *Lepidosiren* nas aguas estagnadas proximas do Rio Madeira e do Amazonas; assignala-se o *minhocão* não só em rios como tambem em lagos. Ha, sem duvida, grande distancia da lagoa Feia ás duas localidades indicadas pelo viajante

(16) *Reise*, I, 360. — Vide tambem, sobre o *terma-termi* ou *termetermie* GARDNER, *Travels*, 354.

(*) N. do T. Saint Hilaire, copiando erradamente a Pohl, escreve *terma-termi* em vez de *treme-treme*, um dos nomes vulgares por que é conhecido o *Piracaré*, peixe electrico, cujo actual nome scientifico é *Gymnotus electricus*.

(17) *Annaes das sciencias naturaes*, 2.^a serie, vol. XIV, 116.

austriaco; mas, sabe-se que o calor é excessivo em Goyaz. A Serra do Corumbá e do Tocantins, que atravessa a provincia, é um dos mais notaveis divisores d'agua entre as do norte do Brasil e as do sul; o rio dos Pilões pertence ás primeiras, como o Madeira. O *Lepidosiren paradoxa* do sr. Natterer tem perfeitamente a forma de um verme como o *minhocão*. Ambos têm nadadeiras; mas não é de espantar que não as tenham sempre encontrado no *minhocão* si, como no *Lepidosiren*, estão no animal do Rio dos Pilões reduzidos a simples rudimentos. "Os dentes do *Lepidosiren*, diz Bischoff, são muito proprios para abocanhar a preza, e, a julgar pela sua estructura e os musculos das mandibulas, devem possuir uma força consideravel". Esses caracteres concordam admiravelmente com os que se têm necessariamente que admittir no *minhocão*, pois que segura fortemente animaes bastante grandes e arrasta-os para devoral-os. E' provavel que o *minhocão* seja uma possante especie de *Lepidosiren* e poder-se-ia, no caso desta conjectura passar a certeza, dar o nome de *Lepidosiren minhocão* ao animal da lagoa Feia e do Rio dos Pilões. Os zoologistas que percorrerem essas longinquas regiões, deverão demorar-se nas margens da lagoa Feia, do Padre Aranda ou do Rio dos Pilões, afim de chegar a um conhecimento perfeito da verdade, para saber de modo exacto o que é o *minhocão*, ou si, não obstante o testemunho de tanta gente, mesmo de homens esclarecidos, sua existencia deve ser, o que é pouco verosimil, remettida para o rol das fabulas (18).

(18) O sr. general Raimundo José da Cunha Mattos não crê, absolutamente, quanto á actualidade, é assim que se exprime, na existencia do; *minhocões*; confessa, entretanto, que varias pessoas lhe affirmaram que não eram animaes imaginarios; acrescenta até que um soldado lhe disse ter visto um no Rio Grande, na fronteira de Matto-Grasso, e lhe fez a descripção d'elle. Segundo esse militar, o *minhocão* tinha um comprimento prodigioso, mas se-

À margem do Rio dos Pilões o meu leito foi feito próximo á fogueira; no entanto, senti ainda, toda a noite, um frio muito penetrante, que me impediu de dormir.

Do Rio dos Pilões á povoação do mesmo nome (19), não ha mais que uma legua. O caminho, que para lá conduz, atravessa um *campo* largo semendo de arvores enfezadas e encaixado entre duas crdens de collinas.

Chegando á povoação ou, antes, ao logarejo de Pilões, apresentei ao commandante do destacamento ahí aquartelado uma carta que o governador me dera para elle; recebeu-me muito bem, e me arranjou uma casinha bastante commoda. Tendo dormido quatro dias seguidos ao relento, gelado de frio e devorado por insectos, achei bem agradável poder reponer sob um tecto.

O povoado de Pilões compõe-se de uma vintena de casas tão miseraveis, na maioria, como as dos Coyapós

ria susceptivel de se contrahir; sua pelle é lisa, a bocca muito pequena e guarnecida de uma especie de barba (*Itinerario*, II) (*).

(19) Poder-se-ia escrever *Rio dos Pilões* e *Arraial dos Pilões* porém não *Rio Pilões*, *Arraial Pilões*, como fez o doutor Pohl. — Não me lembro de ter ouvido chamar a povoação de que tratamos aqui por outro nome que o de *Arraial dos Pilões*, e é tambem o unico nome que admite L. A. da Silva na sua *Mentoria estatística*. Devo dizer, todavia, que não se encontra sinão *Arraial de Rio Claro*, na memoria de Luiz d'Alincourt (*Meu. viag.*, 119), e que se lê um e outro nome no *Itinerario de Mattos*. Sentir-se-á que, dessa applicação de dois nomes diferentes ao mesmo local, podem resultar facilmente erros; assim, em um livro absolutamente indispensavel aos que queiram conhecer a geographia geral do Brasil, o *Diccionario geographico, historico e descriptivo do Brasil*, se consagraram dois artigos á povoação situada entre o Rio dos Pilões e o Rio Claro: o primeiro (II, 312), sob o nome de *Pilões*; o ultimo (460), sob o de *Rio Claro*.

(*) N. do T. Ainda actual'mente está em pleno curso essa lenda do *minhoão* em *Matto Grosso*, onde a ouvia Ernesto Vinhaes (Vide seu livro intitulado *Faixas do Pantanal*, editado em 1936., pg. 90).

(20). Foram todas construídas á margem do caminho que leva a Malto-Grosso, e, como estão muito afastadas umas das outras, occupam, na direcção léste-oúste, uma extensão bastante grande. Logo abaixo da povoação corre o Rio Claro, corrente de largura mediocre, que não poderia receber nome mais apropriado que o seu, pois que suas aguas, de uma limpidez absoluta, deixam ver (Julho) as pedras e grãos de areia de que é formado o seu leito.

Começaram a construir em Pilões uma igreja bastante grande; mas não foi continuada, e não existe, para celebrar a missa nesse povoado, sinão uma capellinha, sob a invocação do *Senhor Bom Jesus*, que não está tumpouco acabada, e depende da parochia de Villa Boa.

Parece que quasi na epocha da descoberta de Goyaz reconheceu-se existirem diamantes no Rio dos Pilões e no Rio Claro. Quando, em 1749, os irmãos Joaquim e Felisberto Caldeira Brant arremataram o contracto dos diamantes do Tijuco, na provincia de Minas Geraes (21), impoz-se-lhes a condição de fornecer um *serviço diamantino* de duzentos negros (22) para explorar os dois rios de garimpos da provincia de Goyaz; 40 leguas de terreno foram reservadas aos contractadores no districto de Pilões, e uma povoação se formou com o nome de Bom Fim, ás margens do Rio Claro. Infelizmente os resultados não corresponderam ás esperanças que os arrendatarios tinham

(20) R. J. da Cunha Mattos indica 42 (*Itinerario*, II, 99); mas elle não esteve em pessoa nesses lugares, e não diz a que anno se refere tal numero; provavelmente será ao de 1825.

(21) Era a esta familia que pertencia o famoso Marquez de Barbacena, de que falei no *Resumo historico das revoluções do Brasil* (vide minha *Viagem pelo districto dos Diamantes*, etc., II, 378).

(22) Chamam-se *serviços* aos lugares onde se extrahem diamantes e onde se colloca uma *tropa* de negros para executar esse trabalho (vide minha *Viagem pelo districto dos Diamantes*, etc., I, 9).

concebido; abandonaram pouco depois (23) o garimpo, e a povoação de Bom Fim foi destruída pelos Coyapós (24). Todavia, uma extensão de 40 leguas continuou interdita aos mineiros; guardaram-na com tanto cuidado como o podem ser desertos (25), e não havia, para isso, em Pilões, senão a guarnição militar encarregada de fazer respeitar as proibições do governo. Os habitantes de Goyaz queixaram-se muito tempo de que, sem utilidade para ninguém, privavam-nos, a elles tão pobres, dos recursos que lhes concedera a natureza: foram, por fim, attendidas suas reclamações e, em 1801, sob a administração de JOÃO MANUEL DE MENEZES, o governo permitiu a todos procurar ouro e diamantes no Rio Claro; mas, ao mesmo tempo, estabeleceu que esses ultimos fossem levados á caixa da *fazenda real*, onde o seu valor seria pago de accordo com uma certa tarifa. Como a reputação dos thesouros do Rio Claro foi muito exagerada, uma

(23) Por tudo o que se sabe é bem evidente que a administração dos irmãos Caldeira Brand não durou cincoenta annos, como dizem, até 1799, como parecem crer-o os auctores da obra eminentemente útil, intitulada *Diccionario geographico do Brasil (artigo Pilões)*. Decorreu um grande lapso de tempo entre a retirada dos mineradores e a época em que a permissão foi dada a todos (1801) de procurar ouro no Rio Claro, e foi nesse intervallo que teve lugar a destruição de Bom Fim pelos Coyapós, como tambem a especie de descobrimento que Francisco Soares de Bullhões fez, em 1772, das terras diamantiferas do Rio Claro, já conhecidas ha muito tempo (*vide* atraz, pag. 13) *orig.*). Aliás, ambos os auctores do *Diccionario* confirmam tudo o que deixo dito aqui no seu artigo intitulado *Rio Claro*.

(24) Não pude descobrir si essa povoação estava situada onde hoje em dia se acha a de Pilões. Seja como fór, devemos evitar confundir a povoação de Bom Fim, de que aqui se trata, com a do mesmo nome, de que tratei dentro em pouco, e pela qual se passa viajando de Goyaz para S. Paulc.

(25) LUIZ ANTONIO DA SILVA E SOUZA, *Memoria sobre o descobrimento, etc.* — PIZARRO, *Memorias historicas, etc.* — POILL, *Reise, etc.* — ESCHW., *Plano Brasiliensis, etc.*

enorme população acorreu para as margens desse rio, persuadida de que iria enriquecer rapidamente; mas, vendo illudidas as suas esperanças, retirou-se para a povoação de Annicuns onde, nesse entre-tempo, se tinham descoberto minas riquíssimas, e actualmente (1819) acha-se, apenas, naquella povoação, uma população sedentaria de 200 indivíduos (26).

É verdadeiro, entretanto, que o Rio Claro, os seus afluentes e os terrenos proximos são abundantes em ouro; mas, para extrahir o que se acha no seio da terra seria necessario fazer vir agua de muito longe e empreliender trabalhos que excedem as forças de homens pobres, ignorantes e isolados, que podem apenas dispor dos seus braços. É quasi que unicamente no Rio Claro que se podem entregar a explorações que compensem os seus trabalhos; e, para isso, são obrigados a esperar pelo tempo da secca. Antes dessa época fazem jornadas, trabalhando muito, de 100 a 300 réis; mas, nos mezes de Julho, Agosto e Se-

(26) "O Arraial do Rio Claro, ao qual se dá tambem o nome de Arraial dos Pilões, diz Mattos.... (*Itin.*, II, 99), foi fundado no anno de 1746, sob o nome de Arraial do Senhor Jesus de Bom Fim; foi destruido por uma ordem regia de 1749, e reedificado por outra ordem de 1789". Esta passagem não confiz bem com os relatos dos graves historiadores que citei nesse instante; todavia, pode-se, até certo ponto, concilia-los. Como se sabia existirem diamantes no Rio Claro, alguns aventureiros devem ter ido desde os primeiros tempos, estabelecer-se em suas margens: teria sido esta a primeira fundação de que falla Mattos, e cuja data fixa em 1746. Estes homens foram naturalmente expulsos, quando as terras do districto se arrendaram aos Caldeira Brant: foi a destruição de 1749. Enfin, quando foi permittido a qualquer um explorar o districto privilegiado, acerescentaram-se certamente algumas casas ás que eram occupadas pelos soldados da guarnição: reedificação do povoado. Aliás, repito-o, Mattos não quiz tratar da historia da provincia de Goyaz, mas unicamente da sua topographia, e, sob esse aspecto, merece o maior apreço.

tembro, as diárias attingem a 1.200 a 1.500 réis (1 fr., 1 fr. 87 — 7 frs. 50, 9 frs. 37) (27).

Como já vimos, o metal precioso não é a unica riqueza do Rio Claro; esse rio fornece, annualmente, diamantes de bellissima agua e peso notavel. Como os primeiros, que, de accordo com a lei, foram levados aos cofres da *fazenda real*, jamais foram pagos por falta de dinheiro, já ha muito tempo que não os levavam lá mais. Os garimpeiros, que os encontram, vendem-nos a mercadores de Villa Boa, e, mais frequentemente ainda, ás caravanas que se dirigem de Matto-Grosso á cidade da Bahia e têm necessariamente o habito desse commercio, porque a proximidade de Matto-Grosso fornece tambem muitos diamantes. A administração fecha os olhos ao contrabando (1819), e o proprio governador parecia querer ignorar existirem thesouros no Rio Claro. Tudo o que se parece pedir aos contrabandistas é um pouco de prudencia. A extracção de ouro é completamente livre; mas, procurando o metal, os trabalhadores encontram diamantes: seria absurdo exigir que elles os jogassem ao rio (28).

Os habitantes do povoado de Pilões, todos mulatos e negros livres (29), não cultivam a terra; como os primeiros aventureiros paulistas que chegaram a Goyaz, não pensam sinão nos diamantes e no ouro. Os viveres que se consomem nesse povoado vêm de Villa Boa e são geral-

(27) Mattos diz (*Itin.*, II, 99), baseado em informações que lhe foram prestadas, que "a povoação de Pilões conserva-se sempre sem habitantes, mas que é muito frequentada na época em que ha menos agua no Rio Claro, o Cuyabá e o Pilões". Pohl, que esteve, em Fevereiro de 1818, na povoação de Pilões, não a achou absolutamente deserta, e Luiz d'Alincourt, que por lá passára no mesmo anno, exprime-se do modo seguinte. "Nos mezes que não são de secca, os habitantes se entregam á ociosidade (*Mém. sobre a viag.* etc., 120)"

(28) Pohl, *Reise*, I, 422

(29) *Op. e loc. cit.*

mente trazidos por mercadores dessa cidade, que os revendem com lucro de 100 por 1. Na estação das chuvas, na qual os caminhos são impraticaveis, não se encontra nada para comprar (30). Si, como os habitantes de Meiaponte, deram o exemplo na época da descoberta, alguma dentre os moradores de Pilões se dedicassem á agricultura, não só tornariam menos precaria sua existencia, como ainda asseguriariam sua fortuna vendendo generos ás caravanas que, aquem e além da povoação, não encontram sinão desertos. O cultivo das terras, porém, não convem a essa gente, tão imprevidente como os proprios Indios; vivem do que ganham diariamente, gozam a vida e descansam quando o rio lhes deu um pouco de ouro; pedem-lho outra vez quando não possuem mais nada, nunca economizam, e, no meio de thesouros, ficam sempre miseraveis. Frequentemente, por um lenço, uma garrafa de aguardente, a mais infima bagatella que cobizam, um garimpeiro entrega uma pedra de valor consideravel; mergulhando a minha *bateca* no rio, dizem esses homens despreocupados, posso encontrar amanhã o que perdi hoje (31).

Em todos os paizes que produzem ouro as mulheres mais pobres usam collares e pingentes muito pesados feitos com esse metal. Fiquei surprehendido, principalmente, pela quantidade de ouro que tinham sobre si, no logarejo de Pilões, infelizes cujos traços indicavam extrema miseria. Os garimpeiros, que frequentemente por uma garrafa de *cachaça*, dão um diamante precioso, não podem recusar ouro ás suas mulheres ou amantes. E' o unico capital que

(30) *Pohl, Reise*, 423.

(31) Um decreto de 1.º de Julho de 1833 creou uma escola primaria na povoação de Pilões, ou, si se preferir, do Rio Claro (*Mill. e Lop. Mour., Dicc. Braz.*, II, 401). Si essa escola puder ser confiada a um mestre zeloso e religioso, produzirá, certamente beneficios.

se possui em reserva. Quando ha necessidade de dinheiro, não se vendem as joias: quebram-nas, e é muito commum encontrar, em lucio ao ouro em pó que circula no commercio, pequenos pedaços desse metal que foram trabalhados.

Os habitantes de Pilões não são os unicos a tirarem proveito das riquezas do Rio Claro. No tempo de *secca*, durante os mezes de Julho, Agosto e Setembro, homens de Meiaponte, Villa Boa, etc., vêm estabelecer-se a algumas leguas da povoação. á margem do rio; trazem consigo os viveres necessarios e constroem barracas para dormir; não é tanto o ouro que os atrahie, como a esperanza de encontrar diamantes. Entre os homens que exploram as areias do Rio Claro, existem alguns que mais ambiciosos que os outros, e não querendo perder um tempo certo e precioso, desdenham inteiramente do ouro. Enquanto estava em Pilões vi chegar um magote desses trabalhadores nomades; não ficaram na povoação, e apresaram-se em ir estabelecer-se 8 leguas adiante, perto do affluente do rio. Outros tinham formado o designio de seguir o curso até á nascente, que ainda não era conhecida (1819). Esses homens levavam consigo algumas provisões; como, porém, ellas não podiam bastar-lhes para todo o tempo que contavam passar na região, tencionavam recorrer á caça. O povoado de Pilões me apresentava, assim, o aspecto do que deveria ter sido o do interior do Brasil, quando se começaram a descobrir minas de ouro (32).

Ha tres modos distinctos de extrahir o ouro do Rio Claro.

O processo chamado de *canoa* consiste em fazer cahir um filete de agua, tirado do rio, no conducto aberto cha-

(32) Vide minha *Introdução á historia das plantas mais curiosas do Brasil e do Paraguay*.

mado *cano* onde se ajuntou o *cascalho* (33), e a revolver este, trazendo-o sem cessar para o lugar em que a agua cõe; o ouro ajunta-se sob a queda d'agua; as partes terrosas, desagregadas, escorrem e os diamantes ficam entre os seixos, dos quaes se distinguem facilmente. Esse modo de extracção é o mais geralmente empregado em Minas, nas grandes *lavras* de ouro e de diamantes (34).

Outras pessoas se contentam em fazer o que se chama um *cuyacú*; é uma especie de trapezio muito estreito, de cerca de 9 palmos de comprimento por 2 pés de altura, que se constroe na margem do rio com pedaços de madeira, de modo que o lado mais estreito do trapezio, que se deixa aberto, seja o mais visinho da agua e lhe fique paralelo. Enche-se o *cuyacú* de *cascalho*, lança-se-lhe em seguida agua tirada do rio; mexe-se o *cascalho* com as mãos, comprimindo-o contra a base do trapezio; a agua, carregada de terra, escorre pelo lado aberto deste, e continua-se a operação até que o minerio tenha sido bem lavado.

A terceira maneira, chamada de *batea* (35), se reduz a tomar a areia do rio e lavar-a in loco na *batea* que serviu para retirala. Esse processo é o que empregam geralmente esses homens chamados *faiscadores* que vão isoladamente lavar a areia dos *corregos* (36).

E' nos lugares mais profundos, e sob os rochedos, que durante a secca se mostram acima d'agua, que se en-

(33) Sob esse nome os mineiros designam, como disse alhures, uma mistura de seixos e areia que encerra particulas de ouro ou diamantes.

(34) Vide minha *Viagem pelas provincias do Rio de Janeiro e de Minas Geraes*, I, 247, e *Viagem pelo districto dos Diamantes e litoral do Brasil*, I, 68.

(35) Não é *batea*, como escreveram os eruditos viajantes Pohl e Martius. Não devemos tampouco, como o primeiro destes e Mawe, escrever *cascação*.

(36) *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro*, etc. I, 259.

contram mais diamantes. Os homens que se contentam com o processo de extracção mais facil, o de *bateca*, vão geralmente colher o *casculho* nesses buracos. O garimpeiro um pouco experimentado reconhece a presença dessa preciosa gemma pelo encontro de certas pedras que o acompanham ordinariamente e que se chamam *escravos dos diamantes* e *pingos d'agua* (37).

Si alguma ordem pode ser mantida entre os exploradores de diamantes, uns sedentarios, outros de arribação, pertencentes a populações differentes, não se o consegue a não ser com o auxilio do destacamento acantonado, como o disse, no povoado de Pilões. Esse destacamento se compõe de quatro *pedetres* e de um commandante, que é ajudante da companhia de dragões (1819). Esses militares são encarregados de examinar os passaportes, e em perseguição dos desertores e criminosos que procuram refugiar-se na provincia de Matto-Grosso, e de impedir, enfim, que os commerciantes, dirigindo-se de Goyaz para esta ultima provincia, levem consigo ouro em pó em quantidade superior á necessaria para a viagem. Eis com que finalidade foi tomada essa ultima medida. O ouro em pó corre em Matto-Grosso (1819), tanto como em Goyaz, e parece que poderia transportar-se sem inconvenientes de uma provincia para a outra; todavia, como cada capitania paga suas despezas com as proprias rendas, o governador de Goyaz, Fernando Delgado, restringira a exportação do ouro por essa fronteira (38), para

(37) Esses nomes não me foram dados nos lugares; tomou-os do doutor Pohl, que identifica os *escravos dos diamantes* com o *thonsenstein* (segundo Delafosse, a variedade compacia do limante de Beudant ou do ferro oxidado *verdâtre de Haby*), e diz que os *pingos d'agua*, são pedaços de quartzo. O mesmo autor accreenta que essas pedras são consideradas no paiz como a rocha matriz dos diamantes e do ouro (*Reise*, I, 427).

(38) Como já vimos o ouro em pó não pode, de modo algum, passar para as provincias onde não circula como moeda.

que o quinto fosse mais rendoso no seu governo. Mas, as localidades tornavam a prohibição absolutamente illusoria, pois o Rio Claro, que é vadeavel em varios pontos, no tempo da secca, não é guardado sinão em um unico, e quando um mercador quer ir para Matto-Grosso com uma quantidade de ouro mais consideravel do que a que lhe é permittida, passa pela estrada traçada e envia um dos seus homens um pouco acima ou abaixo, com a somma que deve passar em contrabando. Os criminosos que tentam fugir á justiça, passando de uma provincia para a outra, encontram tambem poucas difficuldades. Na verdade, o Rio Grande, que se acha a cerca de 25 leguas de Pilões e serve de limite ás provincias de Goyaz e Matto-Grosso, não é jamais vadeavel; mas os fugitivos constroem jangadas com pedaços de madeira secca ou troncos de bority e atravessam o rio, acima ou abaixo da estrada larga, em cuja entrada está aquartelado, do lado de Matto-Grosso, um destacamento de soldados dependente desta ultima provincia.

Emquanto estava no povoado de Pilões, vieram offercer-me alguns diamantes; mas achei que, protegido pelo governo brasileiro, não devia praticar o que este declarara illicito. Esses escrupulos têm, talvez, algum mérito, pois que estou certo de que, no paiz, ninguem me acreditaria. Aliás, não posso em absoluto gabar-me de ter sido totalmente isento do peccado de contrabando. Um pobre garoto de seis a sete annos, muito mal vestido, entrou um dia no meu quarto e me perguntou muito timidamente: — O senhor me quer comprar meu diamante pequenino? — Quanto queres pelo teu diamante? — Quatro *vintens* (93 cents.), respondeu-me o menino. Dei-lhe os quatro *vintens* e elle me entregou uma pequenissima fagulha. Aliás, este ensaio de contrabando teve pessimos resultados; puz o diamante na minha pasta e poucos instantes depois, já eu o tinha perdido.

Quizeram vender a José Mariano por 40.000 (250 fr.) um diamante do peso de meia pataca (9 decigrammas), que elle me garantiu ser de bellissima agua.

Como já vimos, o Rio Claro, do qual tanto falei neste capítulo, não é ainda perfeitamente conhecido (39); desconhecem-se as suas fontes (39). O rio que corre approximadamente de sudoeste a noroeste recebe no seu leito as aguas de varios affluentes, entre outros do Rio Fartura (40) e do Rio dos Pilões, e, após um curso que não é de extensão consideravel, reune-se ao Rio Grande. No tempo da secca o Rio Claro é vadeavel abaixo do povoado de Pilões e, provavelmente, em grande parte de sua extensão; mas, na época das chuvas e mesmo algum tempo depois, augmenta, torna-se a sua correnteza mais forte, mais profunda, e fica intransponivel sem o recurso de canoas. Nessa época, então, a passagem não é mais livre, e constitue uma fonte de renda para a fazenda real. O Rio Grande, no qual se lança o Rio Claro, é um curso d'agua gigantesco que divide a provincia de Goyaz da do Matto-Grosso, e tem extensão quasi tão grande como a da primeira dessas provincias. Parece que nas suas origens o chamam *Rio Bonito*; após receber as aguas do *Rio Goyapó* e do *Rio dos Barreiros* (41), toma o nome de

(39) Pohl diz que elle começa na *Serra dos Coyapós*; mas essa Serra dos Coyapós é tambem quasi desconhecida. Mais recentemente Mattos escreveu (*Itin.* II, 138) que elle nascia das montanhas chamadas hoje em dia *Serra das Divisões*, das quaes parece saber-se tambem bem pouca coisa. Os srs. Milliet e Lopes de Moura situam sua nascente na *Serra de Santa Martha* (*Dicc. Braz.*, I, 276), a respeito da qual reinam igualmente incertezas, mas que, para Mattos, é a mesma das Divisões.

(40) *Casal, Corog.*, I, 326.

(41) Estes pormenores devem-se a Casal (*Corog.*, I, 326). Os srs. Milliet de S. Adolphe e Caetano Lopes de Moura mostram-se de accordo com o geographo precedente no artigo *Bonito* do seu dictionario, com a differença que collocam o Rio das Barreiras mais perto da nascente do Bonito do que o Rio Coyapó

Rio Grande, deixa-o em seguida para tomar o de *Araguaya* (42), e, augmentado pelas aguas de muitos regatos e rios, reune-se ao Tocantins.

Já muitas vezes tivera que me queixar de insectos maleficos; mas, em parte alguma me fizeram soffrer tanto como no Rio Claro. Eu me fôra banhar nesse rio: emquanto o sol se manteve bastante alto, fui pouco atormentado; mas, logo que o dia começou a cair, myriades de *borrachudos me puzeram* o corpo em fogo. Afastara-me das roupas e não podia mais commigo quando cheguei ao local em que as tinha deixado.

(*Dicc. Braz.*, I, 156) mas, quando falam do Araguaya (op. cit., 70), dizem "que este ultimo deve sua origem ao ribeiro *Caiapós*, que nasce na Serra tambem chamada *Caiapós*, e que toma o nome de *Araguaya*; quando, engrossado pelas aguas do Bonito e do Barreiros, torna-se navegavel". De tudo isto resulta claramente que o Rio Grande de Goyaz, ou si quizerem, o Araguaya, é formado, na sua origem, pelos Rios Bonito, Coyapó, Barreiros; mas não se sabe bem em que ordem estão collocados esses rios. Esta incerteza, aliás, não tem nada de surpreendente; pois as regiões por onde correm não são habitadas ainda senão por Indios selvagens.

(42) Pode-se, sem inconveniente, adoptar o nome de *Araguay*, em lugar de *Araguaya*; devemos, porém, evitar, como já chamou a attenção o sabio Balbi (*Geographia universal*) escreveu *Uraguay* ou *Uruguay*, como já o fizeram centenas de vezes: O *Uruguay* é o rio que, reunido ao *Paraguay*, forma o *Rio de la Plata*. Deve-se tambem evitar confundir o Rio Grande, começo do Araguaya, com essa multidão de *Rio Grande* que se encontra nas diversas provincias do Brasil, e, sobretudo, com o que tem sua nascente na *comarca* de S. João d'El Rei, e termina por levar suas aguas ao de la Plata. Pizarro provou, por extralhos quiproquós como é para lamentar que o mesmo nome tenha sido applicado a rios tão differentes (vide *Mém. hist.*, IX, 53). O excellente sr. Warden foi tambem induzido, por uma semelhança de nomes, a confundir um rio de Minas Novas com a provincia de Piahy.

Desejava fazer uma collecção de peixes na provincia de Goyaz, e disseram-me em Villa Bon que nenhum rio é mais rico delles do que o Rio Claro. Ao chegar ao povoado de Pilões, manifestei ao commandante o desejo de reunir a maior quantidade possível. Elle poz logo em campo alguns pescadores; como, porém, nem um só reappareceu, e não encontrei quasi nenhuma planta nos arredores do povoado, decidi-me a não mais prolongar a minha estadia ahí.

CAPITULO XXIII

REGRESSO A VILLA BOA

O autor regressa a Villa Boa pela estrada directa. — Firmiano cõe docente devido ao mel selvagem. — Golpe de vista geral da viagem do Rio dos Pilões a Villa Boa. — Como se reconhecem os lugares onde pousam as caravanas quando não ha habitação. — Parada ao ar livre em Mamoeiros. — Região situada entre Mamoeiros e o rancho de Guarda-mór. — O rasto de um jaguar. — O rancho de Guarda-mór. — Região situada para além desse rancho. — Vegetação curiosa. — Parada ao relento em um local muito pittoresco. — Conversação com Firminiano sobre o sen Grande Piolho. — Fazenda do Jacú. — Região visinha de Villa Boa totalmente deserta; qual a causa. — Vista que se goza perto dessa cidade. — Chega o autor. — O governador da provincia finge não acreditar no contrabando dos diamantes do Rio Claro. — Visita ao missionario. — Querem retel-o a força em Goyaz. — O padre Luiz Antonio da Silva e Sousa. — Processo de purificar a cera indigena. — O conde da Barca. — Temperatura. — Quadro de incendio dos campos.

Começára a viagem ao Rio Claro com tenção de continuar-a até o Rio Grande, que, como já disse, constitue a divisa das provincias de Goyaz e de Matto-Grosso; como, porém, teria sido necessario, para ir e voltar, atravessar ainda, durante duas semanas, campos absolutamente desertos, onde nada podia esperar a mais do que naquelles

que já percorrera, renunciou completamente á minha primeira resolução. Deixei, pois, (15 de Julho de 1819), o povoado de Pilões para voltar a Villa Boa; mas, em vez de passar novamente por S. José, tomei a estrada directa que ainda não conhecia, a que seguem as caravanas que se dirigem de Matto-Grosso a Goyaz (1).

Como, antes da partida, demorámos muito tempo procurando os burros, Firmiano, segundo os seus habitos, foi procurar mel selvagem nos campos. Encontrou no chão uma colmeia de abelhas negras e voltou para casa com

(1) Itinerario approximativo do povoado de Pilões a Villa Boa, pela estrada de Matto Grosso:

Do povoado de Pilões, ao Rio dos Pilões	1	legua
Do Rio dos Pilões a Mamoneiras: ao relento	3	leguas
De Mamoneiras a Guarda-mór, rancho	4	"
De Guarda-mór a Dona Antonia	4	"
De Dona Antonia a Jacú, habitação	4	"
De Jacú á cidade de Goyaz	5	"

21 leguas

Mattos, que com tanto zelo e exito estudou a topographia de Goyaz, collejou cuidadosamente varios itinerarios manuscritos de Villa Boa ao Rio Claro; e achou entre elles notaveis differenças. Não nos devemos admirar disso; pois só a presença do homem pode acarretar o conhecimento perfeito das distancias, e fixar os nomes dos lugares. Si, em uma região ha' itada, o viajante se enganar no de uma villa ou rio, achará logo quem lhe corrija o erro; mas, si percorrer um praz deserto e retiver mal ou confundir os nomes que lhe foram indicados anteriormente, permanecerá necessariamente no seu engano, e induzirá em erro aos que vierem depois d'elle. Encontro *Doa Vista*, *Mamoneiras*, que talvez seja antes *Mamoeiras*, e *Guarda-mór* no itinerario de Luiz d'Alincourt (*Mém. viag.*, 149) e no de Ant. Seixas de Brito, copiado por Mattos (*It.*, II, 94), mas não vejo ahí *Jacú*, que faz tambem parte do meu. E', pois, provavel, que para além de *Guarda-mór* eu t'chá tomado por alguma desvio; pois que, si uma *fazenda* habitada e tão importante como *Jacú* se encontrasse no caminho de humens que acabo de citar, e que não omittiram o menor *córrego*, não teriam deixado de mencional-a.

um grande vaso cheio de mel de gosto acre e detestavel. Parece que elle bebeu muito d'elle; teve vomitos, e, quando chegámos ao Rio dos Pilões que, como já vimos, atravessa o caminho, estava pallido e impossibilitado de ir além. Parámos, pela segunda vez, á margem do rio dos Pilões, e algumas chicaras de chá, em pouco, curaram o doente.

Do Rio dos Pilões a Villa Boa contam-se 20 leguas; não gastei menos de cinco dias para concluir essa viagem, da qual darei de inicio uma descripção geral. A região, sempre montanhosa, apresenta ora bosques, ora *campos*: os primeiros têm maior extensão para os lados de Pilões; nas proximidades de Villa Boa, onde o solo é muito pedregoso, pelo contrario, os *campos* é que predominam. Nesses ultimos, as arvores são mais elevadas e dispostas com menor regularidade do que nos das zonas planas; umas vezes são muito approximadas, noutras, deixam entre si uma distancia consideravel; no meio d'elles cresce uma pequena Palmeira, cujo fuste, coberto de espessas escamas, termina por um pennacho de folhas, de cujo centro um gomo terminal se alça, como uma flecha aguda, á altura de 5 a 6 pés (2); aliás, reconheci nesses campos a maior parte das arvores que estava acostumado a ver em localidades semelhantes: *Qualeas*, a *Rotala* n.º 820, o *pão d'arco*, as mesmas *Malpighiaceus*, etc. Pela época da minha viagem, a maioria dessas arvores estava com as folhas amarelladas e seccas; algumas, completamente despojadas da folhagem, taes como o *claruiba* e o *pão d'arco*, se achavam, todavia, cobertas de flores; as *paínciras do campo* (*Puchira marginata*) já fructificavam, e não tinham ainda follas. O verdor dos bosques era, pelo contrario, muito vistoso e, em alguns lugares, apresentavam elles notavel pujança; numero consideravel de

(2) Os habitantes da região chamam a essa Palmeira *ma-caúba*. Vide o que digo a respeito no capitulo seguinte.

arbustos forma, entre as arvores, um cerrado denso e, frequentemente, grandes lianas enlaçam esses diversos vegetaes; as mattas são, além disso, embelezadas por uma quantidade immensa de Palmeiras de varias especies, mas que, infelizmente, não tinham, por occasião da minha viagem, nem flôres nem fructos. No meio dos campos o calor era insupportavel; nos bosques encontrava sombra, e uma grande quantidade de correços entretinham a mais agradável frescura. O caminho, muito pedregoso, muitas vezes embaraçado por galhos e troncos cahidos, é apenas, na floresta, uma picada muito estreita, e deve tornar-se impracticavel quando as chuvas amollecem a terra e os numerosos regatos transformam-se em torrentes (3); e, no entanto, é o unico pelo qual a provincia de Matto-Grosso se communica, por terra, com as demais provincias; e si, partindo das proximidades de *Porto Feliz*, na capitania de S. Paulo, pode-se ir a Matto-Grosso por via fluvial, muito pouca gente ha que tenha bastante perseverança e coragem para tentar uma navegação tão difficil. Todas as terras que percorri desde a Fazenda d'El Rei até o Rio dos Pilões são devolutas; a região que se estende deste rio até a habitação de Jacú, situada a 5 leguas de Villa

(3) O doutor Pohl teve a coragem inaudita de fazer essa viagem no mez de Fevereiro: mas voltaram elle e seus companheiros para Villa Boa com febre. Taes fadigas devem ter contribuido para abreviar a existencia desse excellente homem. Pessoas a quem circumstancias favoraveis collocaram na situação mais invejavel, sem que tenham tido necessidade de se darem ao menor trabalho, dizem, todavia, que os naturalistas viajantes ficaram bastante compensados pelo prazer que tiveram "Senhores sensiveis, diz ingenuamente o bom Lévy..., quereis embarcar-vos para viver dessa maneira? Não vos aconselho... Também gostaria de sollicitar-vos que, quando se fallar de mar, e sobretudo, de taes viagens..., vos callasseis um pouco e deixasseis d'scorrer os que passaram por taes trabalhos, e têm conhecimento pratico das coisas..." (*Hist.*, 3.^a ed., 34).

Boa, não possui também proprietario (1819), e todavia encontram-se, nesse longo espaço de 15 leguas, terrenos que, cobertos de mattas e de optima qualidade, poderiam ser cultivados com vantagem. Entre Jacú e a capital da provincia, vi duas casas semi-arruinadas; mas, entre o Rio dos Pilões e Jacú não existe nenhuma (1819), e embora viajando em uma das estradas mais importantes do Brasil, fui obrigado a dormir ao relento quatro noites consecutivas. Era assaltado por nuvens de insectos damninhos que, principalmente nas paradas, enquanto eu trabalhava, não me deixavam repousar, por *borrachudos*, mosquitos, *carrapatos*, moscas grandes chamadas *mutucas*, e duas ou trez especies de abelhas que me cobriam o rosto e as mãos, e entravam-me pelos olhos e ouvidos: esses insectos não se mostravam, todavia, em conjuncto; apenas o sol se levantava, as *mutucas* vinham atormentar-nos; á tarde cediam o lugar ás abelhas, mosquitos e *borrachudos*; logo que o sol se punha não se via mais nem *borrachudos*, nem uma unica abelha, mas então ficavam os mosquitos e *carrapatos*. No primeiro dia encontrei um homem que ia para Rio Claro; no segundo, não vi ninguem; no terceiro, fui cruzado por um jovem official que fôra enviado a Villa Rica, na provincia de Minas, pelo governador de Matto Grosso, e que voltava a sua residencia habitual. Não avistei uma unica caravana, e, o que prova quanto as relações de Matto Grosso com Goyaz são pouco frequentes, é que, desde Meiaponte, não vi sinão aquella da qual já faltei, e não chegou nenhuma enquanto estive em Villa Boa (4).

(4) Mattos diz que, na estrada de Pilões á cidade de Goyaz, corre-se o risco de ser atacado pelos Coyapós de S. José, que se disfarçam em selvagens. Isto se terá passado no anno de 1825 ou proximidades; mas, segundo o mesmo escriptor, não havia mais, nessa época, do que 140 Indios na povoação de S. José; ora, desse numero não podia haver mais de 30 homens capazes de emprender semelhantes expedições, e parece-me que

Passarei agora a tratar de certas minucias.

Para além do Rio dos Pilões, em um percurso de 3 leguas, atravesssei ora *campos* ora *mattas*; mas não encontrei nenhuma planta em flôr.

Reconheci o lugar chamado *Boa Vista* como um *dezes* em que as *caravanas* costumam acampar: taes lugares são bem assinalados pelos vestigios dos fogos que se acenderam, e pelos grandes esteios, fincados na terra, que servitam para amarrar os burros. E' sempre á margem dos ribeirões e ordinariamente sob arvores frondosas que se acampa, e, em varios pontos, encontrei barracas de folhas de Palmeira que tinham deixado os viajantes.

Como *Boa Vista* não está a mais de 2 leguas do Rio dos Pilões, caminhei até outro pouso: é assim que se chamam os lugares onde se costuma fazer alto. O de *Mamoeiros*, onde me apeei (5), offerece ao viajante uma especie de amphitheatro ensombrado por arvores copadas que se erguem á margem de um corrego.

Disse já que o caminho da Aldeia de S. José ao Rio dos Pilões percorre, desde *Porco Morto*, uma planicie alongada, ladeado por duas linhas de montanhas; entre *Mamoeiras* e o rancho de *Guarda mór*, onde me apeei, a estrada prolonga-se a meia encosta de uma dessas filas de montanhas, e reconheci essa eminencia que, como vimos, ergue-se, semelhante a uma fortaleza, sobre os montes oppostos daquelles em que eu caminhava. Não a mais in-

esses 20 homens podiam ser perfeitamente contidos pelos seus guardas. E' possível, pois, que a narração de Mattos seja apenas uma fabula inventada no paiz por odio aos C. após. Quando da minha viagem pela provincia do Espirito Santo, pretendia-se ahí tambem que os Indios, amigos dos Portuguezes em Minas, se apresentavam como inimigos no littoral (vide minha *segunda relação*).

(5) Melhor, talvez, como já o disse, *Mamoeiros* ou *Mamoeiras*.

fima cabana, absolutamente nenhum gado, nenhum caçador, e todavia, não se poderá dizer que esses desertos tenham nada de horroroso: o céu desse paiz embelleza tudo. Além disso, nos bosques, o viajante recreia-se sem cessar com os curiosos accidentes de vegetação ou as differenças maravilhosas de forma e de folhagem; nos lugares descobertos, o terreno baixo e humido é, geralmente semcado de *boritys*, que majestosamente se erguem a alturas differentes; enfim, as montanhas vizinhas, cujos flancos apresentam arvoredos ou rochas a pique, modificam a cada momento o aspecto da paisagem.

Fiquei, frequentemente, surprehendido de encontrar tão poucos mammiferos nas vastas solidões que percorria; mas, alguns dias antes da chegada a Guarda-mór, os meus camaradas avistaram varios cervos; mataram um macaco, do qual comemos a carne, que achei optima; enfim, durante grande parte da noite que passamos em Mamoneiras, ouvimos os uivos do guará (*Canis campestris*, New e Gervais). Antes de chegarmos a esse ultimo *posso*, as bestas avançavam com pouca vontade; farejavam, á direita, á esquerda, e pareciam irrequiètas e amedrontadas. Asseguravam-me os meus companheiros que esses signaes de terror indicavam que um jaguar (*Felix Onça*) nos precedera; não se tinham enganado, pois que, no dia seguinte, antes de chegar a Guarda-mór, vimos na areia o rasto do feroz animal.

Encontramos em Guarda-mór um pequeno *rancho* coberto de folhas de Palmeira, que fôra construido para receber uma personagem de distincção, *João Carlos Augusto d'Oyenhausen*, quando pouco antes, deixara o governo da provincia de Matto Grosso para assumir o de São Paulo, onde o vi posteriormente. Era uma bõa sorte poder dormir sob esse alpendre, que, entretanto, era aberto de todos os lados, e onde os insectos mostraram-se ainda muito importunos.

No dia seguinte não atravessamos tantos bosques, e, nos campos o calor era insupportavel; tinhamos á direita a Serra Dourada, que ás vezes produzia bellissimo effeito na paysagem.

Nesse dia atravesssei ainda varios regatos de agua limpida. Em geral encontrára até então, na provincia de Goyaz, aguas tão abundantes e boas como na de Minas.

No âmago de uma das mattas que percorri, observei um effeito de vegetação bastante curioso. Nesses bosques cresce abundantemente uma Palmeira cujo fuste grosso, curto, e carregado desde a base de folhas velhas, se termina por um soberbo tuffo de longas folhas aladas e de bellissimo verde: vi uma arvore que, após fazer trez ou quatro voltas em espiral ao redor de uma dessas Palmeiras, tornou-se perfeitamente vertical e ergueu bastante alto o seu caule fino, dividido, no ápice, em numerosos ramos.

A 4 leguas de Guarda mór fizemos alto em um local que provavelmente não recebe a ainda nome e que eu denomino *Pouso de Dona Antonia* (6). Arrumamos nossas

(6) Este nome era o de minha irmã, Antoinette de Salvart, née de S. Milaire, de cujo fallecimento me chegou a noticia no momento em que partia do Rio de Janeiro. Madame de Salvart reunia ás mais peregrinas virtudes uma doce a'egria, perfeita igualdade de genio, espirito cultivado, e memoria feliz; si bem que muito joven, era pouco expansiva, fazia a felicidade dos que a rodeavam e era adorada pelos camponezes da sua villa: contribui para sua educação; jamais um irmão foi mais ternamente amado do que eu o fui por ella... Sem as occupações sempre renascentes que me tomavam o tempo, não poderia resistir á minha dôr. Desejava ardentemente passar o resto dos meus dias perto de minha irmã; quando soube que ella me fora arrebatada, não alimentei mais aspirações, não tive mais esperanças; a vida perdera todos os encantos para mim. Na viagem a Minas minha irmã estivera sem cessar presente ao meu espirito: cada facto que se dava commigo, rejubilava-me de poder contar-lhe um dia; não vivia senão por ella e para ella; quando a perdi, parecia-me que estava só no mundo; o presente era triste e fati-

bagagens na encosta de uma collina, sob arvores copadas; pela base do morro deslisava um corrego de agua lim-pida, e, para além, estendia-se uma vasta planicie coberta de malthas; perto de nós um grupo de *boritys* se erguia majestozamente ácima de uma pastagem humida, e toda a pay-sagem era dominada pela Serra Dourada que corôa uma massa de rochedos escarpados, e cujo cume tem o aspecto de uma plataforma: era uma magnifica solidão.

Durante esse trajecto perguntei, um dia, ao Botocudo Firmiano, porque elle estava na occasião tão contente, emquanto que se mantivera quasi sempre tristonho emquanto percorriamos o littoral. E', disse-me elle, porque, durante a viagem do Rio Doce, o meu Piolho Grande ficou no Rio de Janeiro, e me'acompanhou nesta. — O que é o teu Piolho Grande? — E' um piolho do tamanho de um rato, que me acompanha por toda a parte; mas não o posso ver sinão á noite, quando durmo, e mesmo assim, passa diversas noites sem se mostrar. Quando elle quer conversar commigo prende-se aos meus cabellos e me fala ao ouvido. — Que te diz elle? — Indica-me o que devo fazer e ralha commigo quando eu o mereço. Por exemplo, me censurava frequentemente no Rio de Janeiro quando eu quebrava travessas e pratos. Fallou-te elle algumas vezes a meu respeito — Muitas vezes, e me disse que o sr. era muito bom. — Todos os homens da tua raça têm, como tu, um Piolho Grande? — Alguns têm, outros, não. Meu pae não tem, mas minha tia possui um. Este dialogo, que tive o cuidado de escrever,

gante, o futuro me aterrava; temia voltar á França onde não mais a encontraria... Si tivesse podido construir um alpendre para as caravanas no lugar que aqui descrevo, e que denomino *Pousa de Dona Antonia*, esse nome seria adoptado pelos habitantes do paiz; ficará perdido nestas folhas: não deixo, todavia, de pensar com certo enternecimento que, si alguma vez um viajante que as tiver lido, parar nesse local, o nome de *Dona Antonia* talvez lhe venha á lembrança.

prova que, si os Botocudos não têm ideia de Deus, possuem, pelo menos, alguma noção dos espiritos (7)

Após deixar a bella solidão que descrevi, percorremos a'nda matas e campos. Enfin, pégadas de gado annunciaram-nos proximidade de habitação, e, com effeito, chegamos a uma fazenda, a de Jacú, onde fomos muito bem recebidos. Alojaram-nos em um grande galpão onde se fazia farinha de mandioca. Era um abrigo pouco confortavel, mas sentia-me feliz em poder trabalhar sem ser devorado pelos insectos, nem torrado pelo sol, e de pensar que não seria obrigado a engulir lamaça durante a noite para não me enregelar.

Entre a fazenda de Jacú e Villa Boa, em um espaço de 5 leguas, atravessamos quasi sempre campos em que o calor era insupportavel. Nesse dia, e, principalmente na vespera, vimos varias dessas baixadas pantanosas em que cresce o *bority*, asylo de duas magnificas especies de araras, aquella cuja plumagem é completamente azul, e a que tem as costas azues e o ventre amarello (*Psittacus hyacinthinus* e *P. Aravaú*) (8).

(7) Si me fôr permitido continuar os meus trabalhos, darei em outro lugar, com certa minucia, o fim da historia de Firmiano. Direi sómente aqui, que, querendo prestar homenagem á liberdade dos Indios, offercei a esse joven, antes da minha partida para a Europa, ou de leval-o conmigo, ou de recambial-o para a sua terra. Preferiu o ultimo partido, e encarreguei o hom Larotte de acompanhal-o. O Botocudo cahiu doente em Contendas, no Sertão, em casa do meu digno amigo o parochy Antonio Nogueira Duarte. Approximava-se a estação chuvosa; o sr. Nogueira aconselhou a Larotte que partisse, e prometteu-lhe mandar ler o Botocudo ao seu paiz. Não ouvi mais fallar delle, quando soube, pelos *Souvenirs* do sr. Conde de Suzannel, que morrera de sarampo entre os seus. Si este livro chegar ao Detento, como a minha primeira relação, o sr. Nogueira Duarte saberá que fiquei tão enternecido como captivo das provas de amizade que me quiz dar, cumprindo fielmente sua promessa.

(8) Já disse noutro lugar que estas duas especies de araras vivem no meio de *boritys* e comendo-lhes os fructos; dai tambem

Entre as arvores rachiticas dos *campos*, ha algumas cujos ramulos são muito grossos, pouco numerosos e obtusos. Observai, durante essa excursão, que não havia brotos na axilla das folhas desses ramulos, e que esses se continuavam unicamente por gomos terminaes. O pequeno numero dessas ramificações e a espessura da sua casca, quasi identica á da cortiça, tornam muito verosimil a certeza dessa observação; para maior segurança, todavia, os botanicos que percorrerem esses campos, farão bem em verifical-as (9).

Entre a *fazenda de Jacú* e a cidade de Goyaz não vimos sinão duas casas, e essas cahiam em ruinas. Por toda a parte, na Europa, a vizinhança das cidades é indicada por residências mais cuidadas; e succede o mesmo com as cidades da costa do Brasil que foram fundadas, neste ou naquelle local, porque a situação era favoravel ao commercio ou á agricultura. Nas regiões auríferas, as povoações e villas foram levantadas onde o ouro se encontrava em maior quantidade; só se levava em consideração esta circumstancia, e, sob outros aspectos, o local escolhido succedia, ás vezes, como em Villa Rica (Cidade d'Ouro Preto)

a conhecer o erro curioso em que cahiram o illustre Marcgraff e, depois d'elle, todos os naturalistas, relativamente ao nome dessas aves. (*Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro e de Minas Geraes*. II, 376).

(9) Isto é tanto mais importante quanto outras observações me levaram a escrever o seguinte: "Si o broto não se desenvolve sempre, talvez, pelo menos, persista algum vestigio ligeiro d'elle: encontrei, quanto a mim, esse vestigio, sempre que o procurei com alguma attenção. As gramíneas que nascem nos tropicos, dotadas de grande energia vital, apresentam-se, na maior parte das vezes, ramificadas; as dos noesses climas delgadas e frageis, são quasi sempre simples; mas não é irenos certo que, na axilla da folha das mais humídes dessas plantas, como, por exemplo, do *Poa annua*, sempre encontrei um broto, ao qual não seria necessario, para se desenvolver, sinão um pouco mais de vigor (*Morphologia vegetal*, 213)".

e Villa Boa. ser o mais desfavoravel possível. O systema de agricultura adoptado pelos Brasileiros não lhes permite cultivar outros terrenos que não os de mattas; por conseguinte, os campos visinhos de Villa Boa, perto da estrada de Matto-Grosso, tiuham que ficar desertos.

Não devemos imaginar, entretanto, que, mesmo no actual estado de coisas, não se possa tirar absolutamente nenhum partido dos arredores dessa cidade. Encontram-se ahí terrenos salitrados. muito favoraveis, portanto, á criação de gado; e si, no pequeno numero de habitações ruvas que existem, se dá de vez em quando um pouco de sal às rezes, é para que aprendam a conhecer a casa do dono.

Das collinas mais proximas dessa cidade, descortina-se todo o burgo: vê-se que tem, no seu conjuncto, uma forma alongada, que está situado em uma depressão e na contiguidade de montanhas; enfim que, do lado opposto a estas ultimas até a Serra Dourada, o terreno é desigual, porém muito menos elevado.

Antes de partir da cidade de Goyaz roguei ao coronel Francisco Leite (*) que já dei a conhecer, que me guardasse a casa em que me alojei quando da primeira passagem. Não tive, pois, para me installar, nenhum desses embarazos que soffria sempre que chegava a uma cidade.

Quasi logo depois de deseavalgar, fui ver Raimundo Nonato Hyacintho, que me tratou com a mesma amabilidade com que me honrou durante a primeira estadia.

Da sua casa fui ter com o governador, e fui igualmente bem recebido. Este ultimo affectava não acreditar

(*) *N. do T.* Não sei si era esse coronel Francisco Leite o celebre caçador goyano Chico Leite, figura que passou para a lenda, e do qual Henrique Silva, no seu livro *Caças e Caçadas no Brasil* refere um episodio anecdotico succedido numa caçada de anta (pgs. 124-125).

no contrabando dos diamantes do Rio Claro, provavelmente porque sentia que seria absurdo punil-o; comprehendese facilmente, aliás, que eu mal podia animar-me a tocar em materia tão delicada. O sr. Fernando Delgado pretendia tambem não ser possível que os *faiscudores* do Rio Claro *fizessem* diarias de 2.200 a 2.500 réis (7 frs. 50 c. — 9 frs. 37), e pensava proval-o com o argumento de que todos vivem na indigencia. Julgava-os como si fossem Europeus. e não sabia que esses homens imprevidentes despendem o seu dinheiro assim que o ganham; que, por conseguinte, nada têm quando chega a estação má.

Quando sahi do palacio era já noite; era a hora em que as mulheres de todas as côres se espalharam pela cidade; fui ver o missionario, e achei o seu quarto cheio de pobres mães que vinham trazer-lhe os filhos doentes para que os benzesse. No começo, disse-me elle, achava essas visitas nocturnas pouco conformes ao decôro, mas o governador asseverou-me que ninguém veria nisso mal algum; accrescentou mesmo que, si eu recusasse receber as mulheres á noite, nenhuma viria procurar-me, e, por conseguinte, eu as privaria de um consolo que a caridade me obriga a conceder-lhes.

Frei José devia deixar a cidade dahi a oito dias. Na vesper, sahiamos juntos do palacio, quando vimos a praça cheia de gente; em breve tinham-se todos agglomerado em torno do missionario, e eu consegui escapulir antes que a multidão impedisse a passagem. Soube mais tarde que o povo e a *camara* faziam questão absoluta de reter frei José; mas elle lhes respondeu que, tendo feito voto de obediencia, não podia, sem faltar aos mais sagrados deveres, e tornar-se indigno da sua estima, deixar de ir para o seu destino. Ganharam ainda um dia ou dois escondendo os seus burros.

Durante a estadia em Villa Boa, travei conhecimento com o padre LUIZ ANTONIO DA SILVA E SOUSA (10) que, enquanto aguardava a chegada do prelado nomeado, governava a diocese de Goyaz com o título de vigário geral. Era um homem educado e modesto, a quem se devem as primeiras informações que se possuem sobre a historia e a estatistica de Goyaz. Empréstou-me o manuscrito do seu importante trabalho intitulado *Memoria sobre o descobrimento, população, governo e coisas mais notaveis da Capitania de Goyaz*, trabalho que, sem autorização do autor, já fôra publicado no Rio de Janeiro, no jornal brasileiro *O Patriota* (1814). Cuzal teve em mãos o mesmo manuscrito, utilizou-o e não citou o nome do autor; Pizarro tampouco o menciona, mas Pohl esmerou-se em fazer-lhe toda a justiça. Redigindo essa relação de viagem, não tenho, infelizmente, sob os olhos mais do que uma pequena parte do extracto que fiz da memoria do sr. Luiz Antonio da Silva e Souza, mas creio que a elle é que se devem a maior parte das citações relativas á historia e á estatistica de Goyaz, que extrahi de Pizarro e do doutor Pohl (11).

Durante minha demora na cidade de Goyaz vieram ainda offerecer-me diamantes do Rio Claro. Achei-os de bellissima agua; talvez mesmo fossem superiores aos de Tijuco (12); porém, si um sentimento de escrupulo não me obstasse, como disse, de tomar parte no contrabando

(10) Escrevo sempre *Sousa*, e não *Souza*, por que foi assim que o proprio assignou o escripto intitulado *Memoria estatistica*, etc.

(11) Em 1832 o padre Luiz Antonio da Silva publicou ainda um pequeno trabalho, repleto de factos, e que tenho tido frequenter occasião de citar nesta obra; esse trabalho intitula-se *Memoria estatistica da Provincia de Goyaz dividida pelos Julgados e na forma do Elenco enviado pela Secretaria do Imperio*, etc.

(12) Vide minha *Viagem pelo districto dos Diamantes*, etc., I, 1 e seq.

dessas preciosas gemmas, é claro que seria nos proprios lugares de extracção que eu os compraria, e não em Villa Boa, onde não os poderia haver sinão de segunda ou terceira mão.

O CONDE DA BARCA, ministro do rei D. João VI (13), mandara fazer muitas experiencias afim de purificar a cera indigena, e nenhuma tivera exito. Vi na cidade de Goyaz um operario que a purificava muito bem, e cujo segredo consistia em fundil-a, escumal-a, dividil-a em pequenos pedaços, e expol-os ao sol. Repetia essa operação até dezeseis vezes, o que tomava de dois a trez mezes, e ao cabo desse tempo a cera estava quasi tão branca como a das nossas abelhas domesticas. Usei vellas feitas com essa cera e fiquei satisfeito: achei, todavia, que sua luz era muito mais vermellia que a das excellentes vellas que se vendiam no Rio de Janeiro, que dava muito mais fumaça e se derretia rapidamente; devo acrescentar que a cera indigena, si bem que purificada, conservava um gosto amargo. Ser-me-ia impossivel dizer a que abelhas se devia a cera de Goyaz (14), mas presumo que não provinha de

(13) Quando cheguei ao Rio de Janeiro fui perfeitamente acolhido pelo conde da Barca. Era um homem de merecimento, de maneiras extremamente distinctas, e que se exprimia em francez com grande elegancia. Chegára ao Brasil com o rei; quando entrou para o ministerio já attingira, infelizmente, idade muito avançada, e não gozava mais de boa saude, e dispor, assim, de tempo para conteeer o paiz que devia administrar.

(14) E' difficil crer que as abelhas da parte meridional de Goyaz não sejam pelo menos, na maioria, as mesmas que as do Sertão de Minas (*Viagem pelas provincias do Rio de Janeiro e Minas Geraes*, II, 371 e seg.). O sr. Gardner, que, dirigindo-se de Piauí a Minas, passou pelo nordeste da provincia de Goyaz, diz que as abelhas selvagens são ahí muito communs, e indica, pelos seus nomes vulgares, dezoito especies dessas animaes, das quaes a maioria pertencente, diz elle, ao genero *Mellipona*, Illig. Entre os nomes que cita, cinco apenas, na verdade, se encontram na lista que dei das abelhas do Sertão oriental de Minas; mas

uma unica especie. Quanto á que por essa época se empregava em todo o Brasil, vinha da Africa; as vellas feitas com esta ultima eram mal modeladas e tinham uma coloração amarella, mas, eram muito duras e não se desfaziã com o calor, mesmo quando trabalhava fóra ou em ranchos abertos.

Quando passei pela segunda vez por Villa Boa (de 20 a 27 de Julho), as manhãs eram ainda frescas e as tardes deliciasas, mas, pelo meio do dia, o calor tornava-se insupportavel. Esta temperatura tão elevada nada tinha, no entanto, de extraordinaria, pois que os morros que rodeiam a cidade constituem obstaculo á ventilação e reflectem, convergindo-os sobre ella, os raios solares.

Começava-se por essa occasião a pôr fogo aos *campos* vizinhos á cidade de Goyaz. Como já tive ensejo de dizel-o, a chamma que consome a herva dos pastos tem cor avermelhada e se alastra, de ordinario, em linhas que se vêm serpentear de varias inanciras, deixando entre ellas pequenas interrupções determinadas pela distancia de um massiço de hervas a outro. Os morros que rodeam a cidade, offerceram-me certa noite um espectáculo magnifico; pareciam illuminados por fileiras de lampções dispostos em varios sentidos; algumas partes ficavam ainda em profunda obscuridade, enquanto outras eram illuminadas por uma luz viva que se reflectia sobre a cidade. No dia seguinte, tudo mudou assim que o dia raiou: uma fumaça avermelhada enchiã a atmospherã, o céu perdera o brilho e respirava-se um ar abaçado. Até então não se

a parte de Goyaz atravessada pelo sr. Gardner é muito mais septentrional do que a do Sertão de Minas em que vinjei; a vegetação não é ali a mesma, como o demonstram as amostras de plantas que enviei para a Europa o naturalista inglez, e não é irpossivel, aliás, que, em lugares assim afastados unos dos outros, os mesmos insectos tenham nomes differentes (GARDN., *Travels*, 327).

puzera fogo sinão a pequena porção dos *campos*; mas todos affirmam que, quando ha maior extensão em chaminas, o calor, já tão forte em Villa Bella, não se pode mais supportar.

Fui forçado a ficar oito dias nessa cidade para mandar executar varios trabalhos. Durante todo esse tempo, como por occasião da primeira passagem, jantava com o governador e almoçava e cejava em casa de Raimundo, sendo sempre alvo de gentilezas e provas de consideração por parte delles (15).

(15) A tudo o que disse da cidade de Goyaz neste capítulo e no vigesimo, acrescentarei que ella é actualmente a residencia do bispo da diocese, como devia ser antigamente dos prelados; que a assembléa legislativa provincial, composta de vinte membros, realisa ahí suas sessões; que a de 1835 abriu creditos para a construcção de um hospital; que a *comarca*, hoje muito reduzida, da qual é a séde, tem o nome de *Comarca de Goyaz*; e que esta *comarca*, enfim, comprehende, além do districto da propria cidade, as antigas cidades de Araxá, Pilar, Meiafonte e Jaraguá, que foram erigidas em villa, tendo cada qual o seu districto (MILLIET e LOP. DE MOURA, *Dicc. Braz.*, I, 456, 407), mas que com essa mudança, nem por isso melhoraram sensivelmente. — Devo fazer notar que a villa de Jaraguá não se encontra no numero das que os srs. Milliet e Lopez de Moura mencionam, no antigo Goyaz, do seu dictionario, como fazendo parte da comarca, cuja séde é a capital da provincia; todavia, não hesito em cital-a com as outras, porque, no antigo *Jaraguá* (*Dicc.* I, 527), estes senhores dizem positivamente que essa localidade pertence á comarca de *Goyaz*.

CAPITULO XXIV

COMEÇO DA VIAGEM DA CAPITAL DE GOYAZ A S. PAULO — O MATTO GROSSO — UMA HABI- TAÇÃO MODELAR — A POVOAÇÃO DE BOM FIM

Quadro geral da viagem de Goyaz a S. Paulo. — O autor toma, para ir de Villa Boa a Meiaponte, uma estrada differente da que já percorrera. — Região situada para além d'As Areas. — *Sítio dos Coqueiros*. A *Palmeira maciça*. — Região situada além de Coqueiros. *França*. — Descrição geral do Matto Grosso. — *Manjolinho*. — *As caveiras*. Temperatura — Festas de Pentecostes. — *Lugoa grande*. *Secca*. — *Sítio de Gorsala Atacapas*. — Uma tropa de ciganos. — A *fazenda* do sr. JOAQUIM ALVES DE OLIVEIRA. Retrato do proprietario. Descrição da sua casa. Como governava os seus negros. O engenho de assucar. As machinas para descaroçar o algodão. A de ralar a mandioca. Excellento processo de cultura. Escamento dos productos do sólo. Exportação do algodão. Completamente absurda a ideia de uma moeda provincial. O autor deixa a *fazenda* de Joaquim Alves. — *Idea geral da região situada entre Meiaponte e a povoação de Bom Fim*. — *Sítio das Furnas*. Negociação com a dona da propriedade. Sua granja. — Região situada para além de Furnas. — *Sítio da Forquilha*. Osentação de pratarias. Região além de Forquilha. — *Fazenda das Antas*. Mercadores de Araxá. O missionario. — Zona situada além da Fazenda das Antas. — Mudança de temperatura. — O povoado de *Pyacanjuba*. — Região situada mais além. — A povoação de *Bom Fim*. — Sua posição, ruas; praça; igreja; casas. Suas jazidas. Cultura das terras. Venda facil dos productos do sólo. Pó vermelho — Festa de N. S. da Abbadia.

Parti de Villa Boa com intenção de dirigir-me a São Paulo e visitar, em seguida, as partes mais meridionaes do Brasil. A capital da provincia de Goyaz está situada, como já disse, aos 16°.10' (1), e S. Paulo o está a 23°.30' (2) de lat. sul e 331°.25' de longit., a contar do meridiano da ilha do Ferro; ora, pôde haver approximadamente grau e meio de oeste a leste entre o meridiano da primeira dessas cidades e o da segunda; por conseguinte, para ir de uma para a outra, tinha que me dirigir para o sul, inclinando para o oriente. Gastei trez mezes em fazer essa viagem, desviando-me quasi que unicamente para ir, da povoação de *Bom Fim*, visitar as aguas thermaes denominadas *Caldas Novas* e *Caldas Velhas*. Não posso avaliar em menos de 212 leguas (3) esta viagem, incluindo o desvio que acabo de mencionar; estacionei vinte e trez dias e caminhei setenta, o que perfaz, termo medio, um pouco mais de 3 leguas e meia por dia, marcha ordinaria dos burros carregados. Foram-me necessarios trinta e dois dias, comprehendendo a pequena excursão ás *Caldas*, para sair da provincia de Goyaz. Deixando esta ultima, entrei na de Minas Geraes, em cujo territorio viajei por espaço de doze dias; e, finalmente, cheguei á de S. Paulo. Passei, na provincia de Goyaz, pelas trez povoações de *Meiaponte*, *Bom Fim* e *Santa Cruz* (4); na do Minas, pelas quatro aldeias d'*As Pedras*, *Estiva*, *Boa Vista* e *Santa Anna*, e pela povoação de *Farinha Podre*; emfim, na provincia do

(1) Vide o capitulo intitulado *Villa Boa ou a cidade de Goyaz*.

(2) Segundo outros, 24°.30' ou 23°.5'.

(3) Luiz d'Alincourt conta 212 leguas pelo caminho directo (*Meu. vias*, 115).

(4) Como já se viu, *Meiaponte* foi condecorada com o nome de villa, por uma lei provincial de 10 de Julho de 1832, e, como se verá adiante, *Santa Cruz* o foi por outra de 1853, e *Bom Fim* por uma outra de 1836 (MILLIET e LOPES DE MOURA, *Dict. Braz.*).

S. Paulo, pelas trez povoações de Franca, Casa Branca e Mogiguassú (5), e, além disso, pelas tres villas de Mogimirim, São Carlos e Jundiahy. A estrada foi aberta pouco tempo após a descoberta de Goyaz (anno de 1736) (6), e, consequentemente, data já de mais de um seculo; por isso, tem-se a segurança de encontrar um abrigo ao fim de cada jornada; entretanto, até a villa de Mogi os campos estão desertos, sem cultura, e, ao termino de uma caminhada fatigante, não tinha, como em Minas, o consolo de poder conversar com um hospedeito acolhedor; pois que os colonos, em cuja casa se *pousa*, são, na maioria, homens grosseiros que a passagem das caravanas põe de sobreaviso contra os viajantes. Até o mez de Outubro, época em que entrei na provincia de S. Paulo, a secca foi excessiva; passei, por vezes, dias inteiros sem ver mais do que duas ou tres flôres, pertencentes a espécies vulgares; os coleopteros tinham desapparecido; os passaros tornavam-se raros; era devotado por nuvens de insectos inoportunos e forçado, ás vezes, a acampar ás margens de um rio insalubre, tal como o Rio Grande. Pelo mez de Outubro as chuvas começam a cair, as campinas a reverdecer e a se cobrirem de flores (7); mas, nessa occasião, *approximava-me do tropico*, e a vegetação não era mais tão variada como a de Minas Geraes. Não tenho necessidade de dizer que, em uma extensão de mais de 7 graus, passando de regiões equinoxiaes para uma zona situada fóra dos tropicte, devia encontrar grandes differenças nas

(5) Franca tornou-se uma villa, sob o nome de *Villa Franca do Imperador*, por um decreto da asenbléa legislativa provincial de S. Paulo, em 1836; hoje em dia Casa Branca é, tambem, uma villa (Mitt. e Lopes de Moura, *Dicc. Braz.*); Mogiguassú suspira ainda pela mesma felicidade.

(6) Vide a *viagem* dos Srs. Spix e Martius (vol. 1) obra tão erudita, e onde as conveniencias são tão respeitadas.

(7) Vide a minha *Vista geral de uma viagem pelo interior do Brasil*, nas *Memorias das plantas mais notaveis*, etc.

particularidades da flora. Durante muito tempo, todavia, o seu conjunto não me mostrou nenhuma; eram sempre as matas de mata e os campos semeados de arvores definhadas; mas, entre estes ultimos, mestrua-se já, no territorio de Minas, outros campos somente constituídos de hervas. Em breve ultrapassari o limite dos *baritys*; o *capim flecha rrapateeca* para caracterizar os bons pastos; acabei por não encontrar nestes ultimos mais nenhuma arvore, e, enfim, a pequena distancia da cidade de São Paulo, entrei na *região das matas*: a flora dos sertões do S. Francisco e da sul de Goyaz cedera o lugar a outra.

Disse, no capitulo intitulado *A povoação de Corumbó Os Montes Pyriueus*, etc., que a estrada de S. Paulo passa por Meiaponte; por conseguinte, era obrigado a atravessar segunda vez essa povoação para ir adiante. Mas o caminho que segui de Meiaponte a Villa Boa não é o unico que liga as duas localidades: existe ainda um outro menos frequentado; foi o que escolhi para voltar, afim de ver um districto que ainda não conhecia (8).

(8) Itinerario approximado de Villa Boa a Meiaponte pelo caminho menos frequentado.

Da cidade de Goyaz a Areas, ao retento	1	legua
De Areas ao Sítio dos Coqueiros, pequena habitação	2 ½	"
De Sítio dos Coqueiros a Mandinga, peq. habit.	4	"
De Mandinga a Manjolinho, choupana	5	"
De Manjolinho as As Caveiras, choça	4	"
De Caveiras a Lagoa Grande, casa	3 ½	"
De Lagoa Grande ao Sítio de Gonsalo Marques	3	"
Do Sítio de Gonsalo Marques á Fazenda de Joaquim Alves, habitação	5	"
Da Fazenda de Joaquim Alves a Meiaponte, povoação	1	"

Era já muito tarde quando os meus preparativos se concluíram; todavia, não quiz deixar para o dia seguinte a minha partida de Villa Boa, para que não tivéssemos, pela segunda vez, o transtorno de ir procurar bastante longe os burros. Tomei, inicialmente, a estrada que seguira para *dirigir-me a S. José e ao Rio Claro, e cheguei, com um bello luar, ao lugar denominado As Areas,*

Após caminhar cerca de 3 leguas desde a Villa Boa, deixei em Gorgulho o caminho da Aldeia de S. José, e, tendo dobrado a extremidade da Serra Dourada opposta á cidade, atravessci, em direcção differente, uma vasta planície. Lá *offerceceu-se-me á vista uma agradável alternativa de moitas de arvoredos, campos semeados de arvores rachiticas, e de outros campos onde, o que é bastante raro nessa zona, não crescem sítãoervas; deixei para traz a Serra Dourada e, á minha direita, descortinei as collinas que limitam a planície.*

Caminhára 2 leguas desde Areas quando cheguei ás margens do rio Urubú, que já dei a conhecer, transpul-o por uma ponte de madeira pessoalmente conservada como e são todas as do interior do Brasil.

A pequena distancia dessa ponte encontrei uma tropa que ia de S. Paulo para Matto-Grosso; compunha-se de mais de cem animaes de carga levando diversas mercadorias. Era a primeira que, naquelle anno, vinha directamente da cidade de S. Paulo; estavamos então em 28 de Julio.

Todos os *campos* que percorri tinham sido recentemente queimados; o fogo seccara as folhas das arvores; uma cinza negra cobia a terra e, excepto nas moitas de arvoredos, não se via a menor verdura: entretanto o céu é, nessa zona, de um azul tão brilhante, a luz do sol tão radiosa que a natureza ainda parecia bella, apesar da sua nudez.

Nesse dia acampamos no *Sítio dos Coqueiros*, situado á margem de um regato, no meio de uma multidão de Palmeiras. Estas ultimas não differem das que já vira nas mattas vizinhas ao Rio dos Pilões, e das quaes fallei no capitulo precedente. Como já tive occasião de dizê-lo, chamam-nas, no paiz, de *macaúba*; minha descripção prova que se parecem muito com uma especie do mesmo nome que cresce no Sertão de S. Francisco, a *Aerocomia sclerocarpa*, de Martius (9); não posso crer, no entanto, que as duas arvores sejam idênticas.

Para além do Sítio dos Coqueiros atravessei uma região plana que, até o lugar chamado *França*, consiste numa vasta campina semeada de arvores rachiticas. porém, onde, mais ao longe, se erguem algumas moitas de arvoredo. O calor era excessivo e nos campos que não tinham sido ainda incendiados, só se via uma herva inteiramente secca, de coloração pardacenta.

Ignoro si França pode esperar o brilhante futuro que seu nome parece annunciar; mas, por occasião da minha viagem, não era ainda mais que uma reunião de poucas choupanas. Perguntámos ahi pelo caminho e nolo ensinaram mal; perdemo-nos, e ficamos muito espantados de chegar a Mandinga, essa choça onde, cerca de um mez atrás, vira celebrar a festa de S. João (10). Dormi ahi ainda uma vez.

No dia seguinte tornei a entrar na estrada que deixára. Tendo caminhado cerca de 2 leguas, percorrendo uma região muito plana em que a estrada é magnifica, como o foi na vespera, cheguei ao Matto Grosso, que já dei a conhecer (11). Até lá percorrera campos semeados

(9) Vide a minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro e Minas Geraes*, II, 377.

(10) Vide o capitulo intitulado, *As provações de Jaraguá, Ouro Fino e Ferreiro*.

(11) *Idem*.

de arvores rachiticas. Pouco antes de chegar á floresta, as arvores do *campo* são algo mais altas e mais approximadas umas das outras; todavia, a transição de um typo de vegetação para o outro é ali quasi tão brusca como no Sitio de Lage, tambem chamado de *Dona Maria* (12).

Caminhei pelo Matto Grosso durante cinco dias, comprehendendo o em que entrei nelle, e percorri no seu interior 18 leguas e meia. O caminho, tão bom anteriormente, tornou-se nessa matta extremamente difficil; não era mais que uma picada estreita, sem cessar embaraçada pelas ramagens e troncos atravessados. Toda a parte da floresta, que percorri nessa segunda viagem, apresenta uma vegetação muito menos vigorosa que a das proximidades de Lage. Aliás, as terras do Matto Grosso assemelham-se, em muitos pontos, ás que, em Minas Novas, produzem algodão de qualidade tão fina (13); são folhas muito favoraveis ao plantio, e, como já o disse noutro lugar, o milho rende ali 200 por 1; o feijão, de 40 a 50. Parece que se começou ha muito tempo a fazer plantações nessa floresta; pois que, em varios lugares, vêm-se grandes espaços unicamente cobertos pelo *capim gordura*, planta que, como se sabe, é o indice certo de antigas lavouras. Estabeleceram-se no interior do Matto Grosso grande numero de colonos que vendem os seus generos a *Villa Boa*, porém que, tendo, sem duvida, começado sem possuir a minima coisa, e não sendo, em absoluto, favorecidos pela administração, vivem em extrema pobreza. No terceiro dia da minha viagem por essas mattas passei, no lugar chamado *Pouso Alto* ou *Pousoal*, diante de uma casa que merecia esse nome, mas, até então, não vira mais que meia duzia de choupanas as quaes, mais miseraveis que as

(12) *Idem.*

(13) *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro e de Minas Gerais*, II, 106.

choças dos Coyapós, tinham por paredes longos esteios aproximados uns dos outros, entre os quaes deviam certamente penetrar o vento e a chuva. Por occasião da minha viagem, uma parte das arvores da floresta tinha perdido completamente as folhas, e, excepto, creio, quatro especies de Acanthaceas e, a Composta chamada vulgarmente *assa peixe branco*, todas as plantas estavam sem flôres; as estipes do *capim gordura* estavam completamente seccas, e como o ar não circula nos lugares descobertos e completamente rodeados de mattas em que cresce essa planta, sentia-se ali um calor insupportavel. A terra ficára tanto tempo sem ser humedecida que os porcos e remiñantes não andavam ao redor das habitações sem fazer voar turbilhões de pó; por toda a parte queixavam-se da falta d'agua; varios regatos estavam seccos e, em muitos lugares não se podia fazer funcionar o *monjolo* (S. Hilaire escreve *manjola*) para fazer farinha.

De Mandinga fui dormir em *Manjolinho*, uma dessas choças de que acabei de falar neste momento. O proprietario da miseravel morada vestia andrajos, mas foi para mim de uma extrema anabilidade.

A cabana d'*As Caveiras*, onde me devia apear, a 4 leguas de Manjolinho, tambem tinha apenas espeqes por paredes, e era tão pequena que toda a minha bagagem não coube lá: foi necessario resignar-me a dormir, ainda uma vez, ao relento. A noite foi extremamente fria, o orvalho abundante, e embora tivessemos mandado fazer a cama perto do fogo, foi-me quasi impossivel dormir. Ao raiar do dia o thermometro marcava apenas 3º Réaumur; mas, pouco depois, passamos a sentir um calor excessivo e ás 3 horas da tarde tinhamos ainda 26º.

Tendo-nos posto novamente a caminho, passamos deante da habitação de Pousoal ou Pouso Alto, de que fallei, e perto da qual uma grande extensão de terreno coberto de *capim gordura* indicava culturas muito antigas. Essa

habitação pertencia, sem duvida, a um homem abastado, pois me offereceu agua, que pedi á sua porta, em uma dessas grandes canecas de prata pieças a uma corrente do mesmo metal. que são objectos de luxo no interior do Brasil.

Nesse dia encontrei na floresta uma tropa de homens a cavallo, conduzindo burros carregados de provisões; um delles levava uma bandeira, outro um violão, e o terceiro, um tambor. Tendo inquirido o que tudo isso significava, soube que era uma *folia*, nome de que vou dar a explicação.

Já tive occasião de dizer allures que a festa de Pentecostes se celebra em todo o Brasil com muito enthusiasmo e ceremonias bizarras (14). Tira-se a sorte, no fim de cada festa, para saber-se quem fará os principaes gastos da do anno seguinte, e o que é eleito usa o nome de Imperador. Para poder celebrar a festividade com maior pompa e tornar mais esplendido o banquete, que é sua consequencia indispensavel, o Imperador vai recolher offertas em toda a região, ou escolhe alguém que o substitua. Mas não anda nunca só quando faz esse peditorio: leva consigo musicos e cantores, e quando o grupo chega a uma habitação, faz o pedido entoando canticos em que sempre ha de mistura lóas ao Espirito Santo. Os cantores e musicos são, ordinariamente, pagos pelo Imperador; mas frequentemente, talvez, são homens que cumprem um voto, e mesmo que recebem retribuição, é sempre muito pequena, porque não ha ninguem que não julgue obra muito meritoria servir assim ao Espirito Santo. Estes peditorios duram, ás vezes, varios mezes, e é ás tropas encarregadas de fazel-o que se dá o nome de *folia*. Como cada parochia, cada saccursal, é interessada em attrahir muita gente, a festa não se celebra no mesmo dia

(14) Vide minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro e de Minas Geraes*, II, 236.

em todas ellas: assim, a *folia*, que encontrei no Matto Grosso, pertencia á pequena capella de *Currallinho*, perto de Villa Boa, cuja festa só se devia realizar a 12 do mez de Agosto.

Para além de Ponsoal atravessei o correjo de *Lagoinha*, que separa a parochia e a justiça de Villa Boa da jurisdicção de Meiaponte. Reconheci, ao longe, a Serra de Jaraguá, que já dei a conhecer.

Muito proximo ao ribeirão de Lagoinha fiz alto, no lugar chamado *Lagoa Grande*, em casa de um serrialheiro que me permittiu guardar as bagagens na sua officina. Perto da casa está o lago ao qual deve o nome; mas, nessa occasião, não se via lá uma unica gotta d'agua, tanto as chuvas, nesse anno, foram pouco abundantes.

A 3 leguas e meia de Lagoa Grande pousei na choupana chamada *Sítio do Gonsalo Marques*.

No dia immediato comeccei a avistar, ao longe, as montanhas vizinhas de Meiaponte. Continuei sempre percorrendo o Matto Grosso; mas, em uma encosta arida e pedregosa, não vi mais que arvores mesquinhas dispersas no meio de hervas, absolutamente como nos mais vastos *campos*. Essa especie de vegetação indica sempre terrenos menos bons, mais seccoos e expostos á acção dos ventos.

Para além de Gonsalo Marques vi, na floresta, varias tropas de homens que, logo á primeira vista, me pareceram pertencer a outra sub-raça que não a dos descendentes de Portuguezes. Todos usavam cabellos longos, enquanto que os Brasileiros os têm cortados; seu rosto era mais redondo que o dos ultimos, e seus olhos maiores; a pelle era escura, sem apresentar esse matiz amarello que se nota nos mulatos. Dirigi-lhes a palavra, responderam-me com um sotaque arrastado e nasal, com phrases de polidez servil, que não estão em uso entre os Portuguezes: eram ciganos. Si bem que o governo tenha decretado medidas contra os

homens dessa casta (15), ha ainda muitos delles, que erram em grupos pelo interior do Brasil, roubando, por onde passam, porcos e gallinhas; procurando fazer barganhas, principalmente de cavallos e burros, e enganando os que tratam com elles. Quando lhes nasce uma creança, convidam um lavrador abastado para ser o seu padrinho, e não deixam de arrancar-lhe algum dinheiro; vão, em seguida, mais além, fazer o mesmo convite a outro colono, e repetem o baptismo tantas vezes quantos padrinhos generosos podem encontrar. Alguns, entretanto, se fixaram e cultivam a terra. Era o que se dava com os que encontrei no Matto Grosso; havia já varios annos que se tinham estabelecido nesse districto; o commandante de Meiaponte, do qual dependiam, assegurou-me, mais tarde, que elles se portavam bem, cumpriam os deveres de christãos, mas que, apesar das suas prohibições, voltavam de vez em quando á pratica dos escambos.

A 5 leguas de Gonsalo Marques parei na *fazenda* do commandante de Meiaponte, o sr. JOAQUIM ALVES DE OLIVEIRA, para o qual o governador da provincia me dera uma carta de recommendação, e do qual me fizera grandes elogios. Fui muito bem recebido por elle, e passei alguns dias na sua habitação.

O sr. Joaquim Alves de Oliveira era o autor da sua fortuna, e essa era consideravel. Fôra educado por um jesuita, e parece que assimilára dessa escola o espirito de ordem e discreção que o fazia distinguir tão bem dos seus

(15) "Por uma bizarrria inconcebível, diz o sr. Freycinet, o governo portuguez tolera essa peste publica (*Viagem, Urania, historico*, I, 197). A administração franceza, tampouco, repelle os ciganos, pois que, ha muitos annos, existe, em Montpellier, um certo numero delles, e é difficil adivinhar o que ha de bizarro nessa tolerancia. Devem-se fazer esforços para incorporar esses homens á sociedade christã, e punil-os quando violam as leis; porém, uma vez que existem, tã: que viver em algum lugar, e porque não toleral-os como aos judeus?"

compatriotas. Dedicou-se, a principio, ao commercio; como, porém, tinha mais gosto pela agricultura, acabou por renunciar quasi completamente ás occupações mercantis; todavia, entregava-se ainda a especulações commerciaes quando esperava dellas lueros importantes; assim, por occasião da minha viagem, acabava de mandar o seu genro a Cuyabá, com uma enorme caravana carregada de varias mercadorias. O commandante de Meiaponte, porém, não falava jamais dos seus negocios a quem quer que fosse, e niguem sabia se tinha ganho ou perdido nelles. De todos os Brasileiros que conheci era elle, talvez, aquelle em quem encontrei maior odio pela ociosidade; concedo aos meus hospedes, dizia-me elle rindo, trez dias de repouso; mas, no cabo desse tempo, encurrego-os de uma parte da administração da minha casa. A conversação de Joaquim Alves demonstrava grande amor á justiça e a religião, sem mesquinhasias; era homem de grande sensatez, extrema simplicidade e de uma bondade infinita.

A *fazenda de Joaquim Alves*, fundada pelo seu proprietario, tinha apenas o seu nome (16); era, seguramente, o mais bello estabelecimento existente na zona de Goyaz que percorri. Reinavam lá uma limpeza e ordem como não vi em parte alguma. A casa do proprietario constava apenas do andar terreo; não se via lá nada de magnifico, mas era muito vasta e perfeitamente conservada. Uma longa *varanda* (17) se extendia na frente das construcções, e mantinha a todas as horas do dia sombra e ventilação livre. O engenho de assucar, que dependia da casa do dono, era disposto de maneira que, da sala de jantar, se podia ver o que se fazia na casa dos tachos, e da *varanda*,

(16) Mattos dá a essa habitação o nome de *Engenho de S. Joaquim*; naturalmente recebeu essa denominação posteriormente á época da minha viagem.

(17) Descrevi noutro lugar estas especies de galerias abertas na frente.

o que se passava na moenda. Esta ultima dava para um pateo quadrangular. Uma série de dependencias, a sala dos arreios, a officina do cordoeiro, a do ferreiro, o lugar em que se guardava tudo o que era necessario aos burros, enfim, as cavallariças, prolongavam a residencia do proprietario, e dando, como esta ultima, para o terreiro, formavam um dos seus lados. Um outro era occupado pelas senzalas dos negros casados, separadas umas das outras por paredes, mas dispostas sob um unico tecto, que era coberto de telhas. Paredes de barro soccado fechavam o terreiro pelos outros dois lados.

Toda essa casa fôra, desde o principio, tão perfeitamente montada que o proprietario não tinha, por assim dizer, necessidade de dar nenhuma ordem; cada qual sabia o que tinha a fazer, e collocava-se por si mesmo no lugar que devia occupar. Para se fazer comprehender, o commandante de Meiaponte podia contentar-se em dar uma palavra ou fazer um gesto. No meio de cem escravos não se ouvia um só grito; não se viam desses homens apressados que vão e vêm, e cujos movimentos, apparentando actividade, não indicam realmente sinão o embaraço de saber em que se occupar; por toda a parte o silencio, a ordem e uma especie de tranquillidade, em harmonia com a que reina na natureza nesses climas felizes. Dir-se-ia que um genio invisivel governava essa casa; o proprietario ficava sentado tranquillamente na sua *varanda*, mas é facil de ver que nada lhe escapava, e que um rapido golpe de vista lhe bastava para inteirar-se de tudo.

A regra que adoptara Joaquim Alves, na sua conducta para com os escravos, era de alimental-os fartamente, vestil-os de maneira conveniente, ter o maior cuidado com elles quando doentes, e de não deixal-os jamais na ociosidade. Annualmente casava alguns delles; as mães só iam trabalhar nas plantações quando os filhos já as podiam dispensar, e então ficavam sob a guarda de uma

única mulher, que tomava conta de todos. Uma precaução intelligente fôra tomada para evitar, tanto quanto possível, as emulações, desordens e rixas; e de afastar muito as senzalas dos negros celibatarios das dos homens casados.

O dia de domingo pertencia aos escravos; era-lhes prohibido ir procurar ouro, mas davam-se-lhes terras que podiam cultivar em seu exclusivo proveito. Joaquim Alves estabelecera na propria casa uma venda onde seus negros encontravam os diversos objectos que são ordinariamente do gosto dos Africanos, e era o algodão que servia de moeda; por este meio afastava dos seus homens a tentação do roubo; incitava-os ao trabalho, dando-lhes grande interesse em cultivar, tornava-os apegados á terra e ao senhor, e, ao mesmo tempo, augmentava os productos do solo.

Enquanto me detive em casa do commandante de Meiaponte, visitei as differentes partes do seu estabelecimento; o chiqueiro, os paiões, o engenho de farinha, o local em que se ralavam as raizes da mandioca, aquelle em que se collocara a machina destinada a descaroçar o algodão, a tecelagem, etc., e por toda a parte achei uma ordem e limpeza notaveis. Os fornos do engenho de assucar não tinham sido construidos de accordo com os modernos principios scientificos, mas eram aquecidos por fóra, o que tornava menos penosa, para os trabalhadores, a operação da fervura. Um tambor horizontal, que a agua punha em movimento, fazia funcionar doze dessas pequenas machinas chamadas *descaroçadores*, que servem para separar o algodão das suas sementes (18). Era tambem a agua que fazia mover o ralador da mandioca cuja descripção dou a seguir. O alpendre onde estava o ralador erguia-se sobre esteios; abaixo do seu assoalho entre os esteios, a

(18) Vide a descripção dessas pequenas machinas e tanbores de que trato aqui, na minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro e de Minas Geraes*, vol. I, 400; II, 91.

agua, trazida por uma calha inclinada, batia em uma roda horizontal e a fazia girar; o eixo da roda atravessava o soalho da camara superior e se elevava até altura commoda ao trabalho; na extremidade estava fixada outra roda horizontal, cujo bordo era revestido de um ralo de folha de Flandres; o eixo e a segunda roda se alojavam em taboas que constituíam um prisma quadrangular, cada lado do qual tinha uma chanfradura correspondente ao ralo; quando a roda girava, quatro pessoas de cada vez apresentavam raízes de mandioca ao ralo, e como ellas se apoiavam nas chanfraduras das taboas do prisma, seus braços não podiam fazel-as vacillar, e a acção da machina não se interrompia.

O commandante de Meiaponte renunciára, em parte das suas plantações, á maneira barbara de cultivar a terra que geralmente adoptaram os Brasileiros; fazia uso da charrua e adubava a terra com o bagaço da canna de assucar (19); por esse processo, não era obrigado a incendiar todos os annos novas mattas; replantava a canna nas mesmas terras e conservava suas plantações proximas da casa, o que tornava a vigilancia mais facil e economizava o tempo dos seus escravos. Vendia em Meiapontê o Villa Boa o seu assucar e a aguardente; mas cultivava o algodão para remettel-o ao Rio de Janeiro e á Bahia. Foi elle o primeiro, já o disse, que começou com essas exportações, e seu exemplo foi imitado por varios outros colonos. Por occasião da minha viagem tinha o projecto de ampliar ainda a cultura do algodoeiro na sua fazenda, e queria estabelecer, na propria povoação de Meiaponte, uma usina para separar o algodão das sementes, assim como uma tecelagem em que contava empregar mulheres e creanças sem trabalho. Despojado das sementes, o algo-

(19) O bagaço é a cana de assucar que passou pelos cylindros onde deixou o succo.

dão do paiz, cuja qualidade é optima, pagava-se, naquella época, no local, a 3.000 réis (18 frs. 75 c.) a arroba (20); o frete de Meiaponte a Bahia era de 1.800 réis (11 frs. 25c.) por arroba, ou de 2.000 réis (12 frs. 50 c.) até o Rio de Janeiro (21), e havia tão grande vantagem em fazer remessas por esse preço que Joaquim Alves offerecera, sem hesitar, a todos os lavradores da zona, comprar-lhes o algodão á razão de 3.000 réis.

Mostrando-lhes um genero que seria possível exportar com vantagem, o commandante de Meiaponte abria aos seus compatriotas uma era nova; mostrava o que era necessario fazer para arrancar á sua desgraçada provincia á situação de miseria em que a lançara a extracção do ouro mal dirigida. Enquanto elle agia, varios dos seus concidadãos sustentavam que não havia salvação para a provincia, sinão realizando uma ideia absurda aventada por Luiz Antonio da Silva e Sousa (22); para detor a decadencia, que diariamente fazia progresso, era necessario, diziam elles, impedir o ouro de sahir do paiz, creando uma moeda provincial. "Mas, pode-se-lhes retorquir, si essa moeda não é um valor metallico, ou não é permutable á vontade por um valor metallico, não ha forças humanas que lhe possam dar algum credito. Si, pelo con-

(20) A arroba do Rio de Janeiro, segundo a avaliação dos srs. Freycinet e Verdier, pesa 14,745 g.: 60.

(21) Si Joaquim Alves podia exportar a preços tão baixos, é que não havia nenhum pedido de carregamento de Goyaz para o Rio de Janeiro; o preço de Rio de Janeiro a Goyaz era bem mais elevado, como se poderá ver no capitulo desta obra, intitulado *Viagem de Araxá a Paracatú*, (vol. 1, 259). O augmento da quantidade de algodão a expedir terá, sem duvida feito elevar os preços de transporte; mas não terá podido ultrapassar certos limites, porque então não haveria mais exportações possíveis, e os proprios tropeiros eram bastante interessados em que continuassem.

(22) *Memoria sobre o descobrimento, etc., da Capitania de Goyaz.*

trario, a moeda fôr de cobre, ouro ou prata, sahirá da nossa provincia, apezar das mais rigorosas prohibições, como o ouro em pó são todos os dias; porém, além dos limites da provincia, accepta-a-ão somente pelo valor intrinseco, e os negociantes da vossa capitania venderão suas mercadorias por preços que os indemnizem da perda (23). O ouro alterado, que circula em Goyaz, pode já ser considerado como uma especie de moeda provincial, pois que não tem curso fóra della, e quando o commerciante a exporta é obrigado a reduzi-lo ao verdadeiro valor purificando-o, e depois proporciona os preços á diminuição que soffreu”.

Após tantas jornadas tão monotomas como fatigantes, passadas no meio de desertos, sentia-me feliz em me encontrar em uma casa que reunia todas as commodidades que o paiz pôde offerecer, onde gozava de inteira liberdade, e cujo proprietario, homem esclarecido, tinha para commigo todas as attentões. O tempo que passei em casa de Joaquim Alves foi empregado mui proveitosamente. Os meus homens fizeram uma soberba caçada nas margens de um pequeno lago vizinho á habitação; quanto a mim, redigi uma parte dos esclarecimentos que consegui a respeito de varios assumptos, e haui novos com a conversação do meu hospedeiro (24).

(23) Foi o que necessariamente succeder com a moeda de cobre que o governo provincial introduziu na região de Goyaz e á qual se deu um valor ficticio (vide o capitulo intitulado *Quadro geral da provincia de Goyaz*, vol. I, 341).

(24) Após a revolução que mudou a situação do Brasil, Joaquim Alves de Oliveira foi eleito deputado á assemblea legislativa geral do Brasil, mas não acceptou essa honraria. Esse homem generoso, não só fundou uma pharmacia para os pobres do seu districto, como ainda, dotou a povoação de Meiaponte de uma bibliotheca publica e uma typographia. Fóra-lhe predito que serviriam dessa ultima contra elle proprio, e, effectivamente, não tardaram a procurar diffama-lo em um libello cheio de calumnias (MARTOS, *Itin.*, I, 129, 151; II, 341).

Deixei a Fazenda de Joaquim Alves cheio de reconhecimento pela excellente hospitalidade que me dera o proprietario, dirigi-me para Meiaponte, afastada cerca de uma legua.

Percorri, até á povoação, uma zona montanhosa, cheia de arvores rachiticas, e não tornei a ver o Matto Grosso.

A partir de Meiaponte, entrei no verdadeiro caninho de Goyaz a S. Paulo. A primeira povoação por onde passei é a de *Bom Fim*, situada a 18 leguas de Meiaponte. Em todo esse intervallo a região é soberba; o paiz, a principio montanhoso, acaba por se tornar simplesmente ondulado. O campo apresenta sempre uma alternancia de matas e campos semeados de arvores enfezadas, as mesmas que crescem no Sertão de Minas. A' medida que a estação avançava, a secca tornava-se maior e a vista dos campos era de uma tristeza mortal. Nos que se tinham recentemente incendiado (*queimadas*), não se via sobre a terra sinão uma cinza negra, e as folhas que restavam ás arvores estavam completamente secas; por todos os outros lugares em que não se tinha ainda posto fogo, a herva era de coloração purda, e as arvores esparsas no meio dellas, ou estavam completamente despojadas, ou não possuíam mais que uma folhagem amarellecida.

Em vão procuraria descobrir qualquer vestigio de cultura; aqui como em toda a parte, é nas depressões que se costuma plantar, e só as *queimadas* me annunciavam visinhança de habitações (25).

(25) Itinerario approximado de Meiaponte á Povoação de Bom Fim:

De Meiaponte ao Sítio das Furnas, casinholas ..	3	leguas
Do Sítio das Furnas ao Sítio de Forquilha, casinholas	4 ½	"
Do Sítio de Forquilhas á Fazenda das Antas, habitação	3	"

A 3 leguas de Meiaponte fiz alto no *Sítio das Furnas*, que se compunha de algumas pequenas edificações esparsas e semi-arruinadas, construídas em uma baixada.

Antes que eu chegasse, a doza da casa, cujo marido estava ausente, quiz dar aos meus acolytos um quarto pequenissimo e extremamente sujo. Tinham pedido permissão para se installarem no paiol; este pequeno obsequio não lhes foi concedido. Ao chegar, reiterei o mesmo pedido; mas, si conseguí o que solicitava, foi somente depois de muito implorar e de longas negociações. Não vi, entretanto, aquella com quem tratava: mandava-me a sua negra trazer as respostas, mas eu a ouvia bradar muito alto do fundo da casa, e cada vez que a escrava apparecia não deixava de me dizer que sua senhora fazia questão que eu soubesse que ella era legitimamente casada, e merecia todo o respeito. Essa recommendação, tantas vezes repetida, mostrava bem quaes os costumes dessa zona; era necessario que o casamento fosse ali coisa muito rara para que se fizesse disso um titulo de honra.

Seja como fôr, o favor de nos permittir dormir no paiol não merecia seguramente que se lho desse tanto valor, pois que ali nos achavamos pessimamente. A cada passo que davamos, as espigas de milho, espalhadas pelo chão, rolavam sob nossos pés, e provocavam alguma queda; as malhas que nos serviam, em todas as paradas, de mesas e assentos, estavam tão mal seguras, que não nos

Da Fazenda das Antas a Pyracanjuba, logarejo ..	4 ½ leguas
De Pyracanjuba a Boa Fim, povoação	3 "
	<hr/>
	18 leguas

Mattos não avalla em mais de 17 leguas a distancia de Meiaponte a Boa Fim, e Luiz d'Alincourt não a orça em mais de 15. Esses ultimos algarismos são, sem duvida, inexactos; pois que ha, certamente, mais de 1 legua de Meiaponte a Furnas, e d'Alincourt não dá mais que uma (*Mem. Viag.*, 114).

podíamos sentar em cima, e si qualquer objecto nos cahia das mãos, perdíamos um tempo immenso procurando-o no meio do milho.

Deixando o Sitio das Furnas, atravessamos um bosque, e, subindo sempre, acabámos por nos encontrar sobre um planalto elevado, coberto deervas e arvores enfezadas. Nesse local um panorama de grande extensão se nos apresentou aos olhos; distinguimos, de um lado, a Serra Dourada, e do outro, os Monte Pyrincus com seus cumes pyramidaes. Este planalto se continua, por um espaço de 2 leguas e meia, até o *Sitio dos Abrantes*.

Lá existe um valle coberto de bosques onde corre o *Rio Capivarhy* (26), em cuja margem vi um engenho de assucar bastante importante para a região. O Rio Capivarhy é um dos affluentes da margem direita do Rio Cocumbá do qual já fallei (27).

Um pouco antes de chegar aos Abrantes enganei-me no caminho; mas, felizmente, encontrei um homem que me poz novamente, com extrema complacencia, na verdadeira rota. Durante essa jornada toda, que foi de 4 leguas e meia, não encontrei outra pessoa, e, entretanto, seguia a estrada mais frequentada da provincia de Goyaz.

Nesse dia apeiamo-nos numa casa que, como todas as dessa provincia, estava em pessimo estado, e tinha o nome de *Sitio da Forquilha*. Esta casa, perto da qual encontrei o Rio Capivarhy, pertencia a mulheres brancas; não se furtaram á nossa vista, e foram muito mais amaveis que a de Furnas.

(26) Existem rios com o mesmo nome nas provincias de Rio Grande, S. Paulo, Santa Catharina, Minas Geraes, etc., o que prova que as capivaras eram, outóra, muito communs no Brasil. Pode-se escrever tambem *Capibarhy*.

(27) Os srs. Milliet e Lopes de Moura dizem que os viajantes atravessam o Rio Capivarhy em canoas (*Dicc.*, I. 238). Naturalmente, empregam-nas na estação das chuvas.

Pouco depois de mim chegaram a Forquilha dois proprietários abastados de Meiaponte, que se dirigiam a Bem Fim para assistir a uma festa que iam lá celebrar. Segundo o costume geralmente adoptado pela gente rica, eram seguidos por um molecote que, a cavallo com elles, levava ao pescoço uma grande copa de prata suspensa por uma cadeia do mesmo metal; suas esporas eram de prata; chapas do mesmo metal guarneciam os arreios dos cavallos; enfim, uma grande faca com cabo de prata estava mettida em uma de suas botas. Essa ostentação de prataria é geral, e, na maioria das vezes, a gente que exhibe todo esse luxo, quando faz uma visita a cavallo, e viaja, não tem um unico movel em casa.

Para além de Forquilha, em alguns lugares em que a terra era menos barrenta que em outros, os pastos não se compunham sinão de hervas e sub-arbustos, o que, em Goyaz, é uma grande raridade. Em um espaço de 7 a 8 leguas, desde Forquilha até o povoado de *Pyracanjuba*, do qual falei aqui a pouco, o campo, queimado pelo ardor do sol, tinha approximadamente o aspecto que apresenta o Gatinais por meados de Outubro, quando todas as colheitas já se ultimarani e a estação má se approxima.

A 3 leguas de Forquilha, apezue na *Fazenda das Antas*, situada acima do rio do mesmo nome, ainda um dos affluentes do Rio Corumbá. Essa fazenda era um engenho de assucar que me parecia em pessimo estado, mas da qual dependia um rancho muito limpo e bastante grande, no qual nos alojámos.

Como o de Areas, de que falei num dos capitulos precedentes (28), este rancho estava cercado de grossos moirões da altura de um homem, que formavam uma especie de parede e preservavam os viajantes da visita muito inopportuna dos cães e dos porcos.

(28) Vide o capitulo intitulado *A povoação de Jaraguá*; a de *Ouro Fino*, a de *Ferreiro*, vol. II, 58.

Foi sob esse alpendre que encontrei esses mercadores de Araxá, dos quaes já tive occasião de dizer algumas palavras noutra lugar (29). Esses homens percorriam as fazendas com cobertas, chumbo para caça e outros objectos, que permutavam por cabeças de gado. Tinham que levar esses animaes, fazel-os engordar nos excellentes pastos do seu paiz e, em seguida, vendel-os aos mercadores da comarca de S. João d'El Rei, que, como já vimos (30), se transportam, todos os annos, ao districto de Araxá para ali adquirir gado.

O proprietario da Fazenda d'Autas me fallou muito do missionario capuchinho que, nessa época, constitua o assumpto de todas as conversações. Alguns padres se tinham erguido contra o acodamento com que o povo seguia frei Joseph para confessar-se com elle e ouvir as suas exhortações. E' bem verdade que os sacerdotes da provincia, quando se animavam a subir ao pulpito, pregavam a mesma doutrina que elle, mas estavam longe de ter a sua conducta. O cotoje tinha feito desse digno religioso um propheta e um santo operando milagres. Asseguravam que elle predissera que choveria no correr do mez de Agosto, e me foi impossivel persuadir o meu hospedeiro que eu conhecia bastante o missionario, em cuja companhia passara varios dias, para estar bem certo de que elle não fizera semelhante predição.

Depois de ter deixado a Fazenda das Autas, vi algumas *campas* onde a terra, de um cinzento amarelado, não produz sinão arvores pouco numerosas, pertencentes a especies corriqueiras, e que attingem apenas á metade do sua altura corrente, já pouco consideravel.

(29) Capitulo intitulado *Quadro geral da provincia*, vol. I, 362.

(30) V.de o capitulo intitulado *Araxá e suas aguas mineraes*.

Fiquei bastante surprehendido de ver massigos de arvores em algumas elevações, pois que não se encontram ordinariamente sinão nas partes baixas do terreno. Si, porém, existe, em geral, no Brasil, uma coincidência entre a natureza do solo, a exposição dos lugares, os movimentos de terreno e tal ou qual especie de vegetação, encontram-se, todavia, excepções para as quaes é impossivel encontrar explicação (31).

Entre a Fazenda das Antas e *Pyracanjuba*, em um espaço de 4 leguas e meia, passei deante de um pequeno engenho de assucar, cuja moenda não era abrigada, siquer, por um tecto; não vi, porém, nenhuma habitação durante toda a jornada.

Já ha trez dias, quer dizer, desde 10 do mez de Agosto, a temperatura mudára de modo brusco; o ar era refrescado por uma brisa continua, e parecia que o sol perdera algo da sua força. Asseveraram-me, na região, que o vento se faz sentir, regularmente, todos os annos, pelos fins de Julho, e dura até a época das chuvas. que começam em Setembro.

Pyracanjuba (32) da qual já fiz menção de falar e onde apeei no dia da partida de d'Antas, é uma especie de pequeno povouado que se compõe de algumas choças esparsas, e situadas á margem de um regato, em um valle coberto de mattas. O dono da casa em que parei me recebeu optimamente, e me offereceu uma tija de leite.

A 1 legua de *Pyracanjuba* atravessei o *Rio de Juru-batuba* (33), que serve de limite á parochia, assim como

(31) Vide o que escrevo a esse respeito na minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro e Minas Geraes, e meu Quadro da vegetação primitiva na provincia de Minas Geraes.*

(32) Por *Parocajuba*, que, em guarany significa *cabeça mosqueada de amarello.*

(33) Esse nome deriva das palavras guaranis *yribu* e *tibu*, reunião de palmeiras.

ao *juizado* de Meiaponte, e além do qual começa a jurisdição de Santa Cruz.

Emquanto que, para os lados d'Antas, o terreno, de um cinzento amarelado, não produz sinão arvores naticas pouco numerosas, e que, em um espaço de 2 leguas, para além de Pyracanjuba, uma vegetação semelhaute se encontra em um solo misturado de areia e pequenas pedras, as terras de um vermelho carregado, que se começam a ver a 1 legua da povoação de Bom Fim, dão nascimento a arvores que, embora ainda pertencentes às especies communs, são bastante approximadas umas das outras, o que faz os *campos* tomarem um aspecto que não têm communmente.

Pouco tempo antes de chegar a Bom Fim, onde parci, desce-se por uma encosta pouco iugreine e chega-se ao pequeno rio chamado Rio Vermelho, que passa abaixo da povoação.

Bom Fim, cuja fundação remonta ao anno de 1774 (34), é uma succursal da parochia de Santa Cruz e depende do *juizado* do mesmo lugar (35). Sob o aspecto da sua situação, esse burgo pertence ao pequeno numero dos que foram bastante favorecidos pela presença do ouro. Foi edificado na extremidade de uma planicie que se termina no Rio Vermelho, e que é de altitude um pouco menor que a região percorrida vindo-se de Meiaponte; uma orla de mattas, prolongando-se pelas margens do Rio Vermelho, descreve-lhes as sinuosidades; as cam-

(34) *Piz. Mem.*, IX, 216.

(35) "Um decreto da assembléa geral de 29 de Abril de 1833 erigiu em parochia a igreja de Bom Fim, e destacou o territorio della dependente da villa de Santa Cruz... Por uma lei provincial de 1836, Bom Fim foi elevada a villa... O districto da sua dependencia é limitado pelos ribeirões de Passa-quatro, Peixe, Pyracanjuba e os rios d'Antas e Corumbá (MILLIET e LORES DE MOURA, *Diccionario do Brasil*, I. 151)".

pinas adjacentes apenas apresentam ondulações, são risonhas e agradavelmente cortadas de bosques e pastagens (36).

Aliás, a povoação de Bom Fim é pouco importante. Compõe-se de algumas ruas bastante curtas, e de uma praça triangular, em uma de cujas extremidades está a igreja dedicada a *Nosso Senhor Bom Jesus de Bom Fim* (37). A igreja é muito pequena (38), mas, por ocasião da minha viagem, construía-se uma outra. As casas que constituem as ruas são também pequenas, porém, muito bem conservadas; são afastadas umas das outras, e todas têm um *quintal*, plantado principalmente de bananaeiras e mamoeiros.

Uma extensão de terreno muito consideravel, escavada em profundidade de cerca de 2 1/2 metros a 3, sulcado, revolvido de todas as maneiras, mostra bem, quando se chega a Bom Fim, quaes foram as occupações dos primeiros que se estabeleceram na região. Extrahiu-se antigamente muito ouro das jazidas que se vêem por todos os lados; hoje em dia, porém, estão quasi abandonadas; a maior parte dos habitantes de Bom Fim entregou-se á agricultura.

(36) D'Eschwege situa (*Pluto Bras.*, 55) perto de Bom Fim o pequeno rio de Meiaponte, e o local em que foi construida, por Bueno, a ponte que deu o seu nome ao rio; mas a carta desse mesmo escriptor basta para mostrar que é bem realmente, como o disse, na vizinhança da villa actual de Meiaponte que corre o regato de que se trata, e não proximo a nova villa de Bom Fim.

(37) *Piz., Mem.*, IX, 216.

(38) "Como a igreja de Bom Fim se achava completamente arruinada e as rendas municipaes eram insufficientes para custear a sua reconstrucção, um decreto da assemblea provincial de 1839 ordenou que as reparações fossem feitas á custa da provincia. (*MILL. e LOU. DE MOURA, Dicc. Bras.*, I, 151)." Esse facto prova que o titulo de villa não augmentou muito a prosperidade de Bom Fim.

Alguns dos moradores, não obstante, ainda enviam seus escravos á procura de ouro; mas esse trabalho se faz isoladamente e sem methodo, tal como na capital de Goyaz. Cada negro minerador retira terra dos lugares onde se sabe que o metal precioso ainda existe; amontona nas margens do Rio Vermelho, leva-a e, ao terminar a semana, é obrigado a pagar ao senhor de 900 a 1.000 réis (5 frs. 62 c. a 6 frs. 25 c.), nutrido-se como pode, do excedente, que se suppõe sempre que deve ter recolhido.

Quanto aos agricultores, encontram sahida para seus productos em Meiaponte, na capital de Goyaz e na propria povoação por onde passam obrigatoriamente as caravanas que vão de S. Paulo a Goyaz e a Matto-Grosso. Não só Bom Fim, como toda a zona que percorria por essa época era, pela sua situação á margem de uma estrada muito frequentada, muito menos desgraçada que a região que se estende desde a fronteira de Minas até a povoação de Corumbá (39). As habitações, sem demonstrarem opulencia, conservam-se em melhor estado que as dos lados de Arrepellidos (40) e de Santa Luzia; entre Meiaponte e Bom Fim (41) contei quatro engenhos, e asseveraram-

(39) Vide o capitulo intitulado *Começo da viagem pela provincia de Goyaz. — A povoação de S. Luzia.*

(40) Os auctores do excellente Diccionario Geographico situam o Registro dos Arrepellidos na provincia de Minas Gerais. Por occasião da minha viagem, pertencia seguramente á de Goyaz, e parece, pelos escriptos de Mattos e Luiz Antonio da Silva e Sousa, que, até 1836, nenhuma mudança houve nesse particular. Os mesmos escriptores dão a Arrepellidos o nome de *povoação*. No meu tempo não havia nessa localidade mais que um *registro*, e me admiro que se tenha formado uma povoação nesse lugar deserto, enquanto se abandonavam Cotros e S. Luzia na vizinhança.

(41) Já fiz sentir alvures quantos inconvenientes ha na repetição frequente dos mesmos nomes nas differentes partes do Brasil. O que diz Pizarro da antiga povoação de *Bom Fim*,

me que havia trinta em todo o *judgado* de Meiaponte, o que suppõe escravos e, por conseguinte, certa abastança. Independentemente das vantagens que lhes dá a posição do seu povoado, os colonos de Bom Fim encontram outra ainda, bem significativa, na natureza das terras; toda a sua zona tem terrenos salitrados e, portanto, não precisam fazer despesas consideraveis com a aquisição de sal para o gado.

Já fallei da côr muito avermelhada dos terrenos das proximidades de Bom Fim; aquelles em que foi construida a povoação têm igualmente a mesma côr, e dahi resulta, para os habitantes, um inconveniente bastante grave que, aliás, como já tive occasião de dizer noutro lugar, se reproduz em outras partes do Brasil. No tempo da secca, a terra se reduz a uma poeira finissima que suja a roupa branca e os trajes, e, com as chuvas, forma uma lama permanente talvez ainda peor.

Chegando a Bom Fim, despachei José Mariano com uma carta de recommendação do governador da provincia ao commandante do lugar, que era simultaneamente *juiz ordinario* de todo o *judgado* de S. Cruz. Este ultimo disse a José que, como havia, por essa occasião, em Bom Fim, grande affluxo de forasteiros por causa de uma festa que em breve se celebraria, teria muita difficuldade em me arranjar uma casa e, por isso, decidi-me a me installar em um *ranch*o bastante commodo que existia á entrada da po-

uatróra situada á margem de Rio Claro, e actualmente destruida, pareceu-me, a principio, dever applicar-se á actual villa de Bom Fim, perto de Santa Cruz, e teria, talvez, persistido no erro, si não tivesse pessoalmente visitado os dois lugares. Não nos devemos, pois, espantar, de encontral-o em um livro que abarca, não uma unica provincia, mas todo o Brasil, o *Diccionario do Brasil*. Uma descoberta de diamantes em um córrego visinho de Bom Fim, e a prohibição de procurar ouro no districto, feita em 1749, são factos que pertencem seguramente á historia da povoação de Bom Fim, perto do Rio Claro.

voação, e onde tinha o conforto de ficar só e absolutamente livre.

O commandante veio ver-me poucos instantes após a minha chegada, e offereceu-me muito os seus prestimos. Pouco depois foi seguido pelo cura de Meiaponte e pelo joven sacerdote Luiz Gonzaga Fleury, que tinham vindo para assistir á festa de *Nossa Senhora da Abbadia*, que se celebra todos os annos, com muita solemnidade, em Bom Fim e Trahiras, povoação da comarca do norte.

Esta festividade tem por objectivo recordar um milagre operado por intercessão da Virgem, não sei em que convento de França; mas, o que é bastante curioso é que, enquanto que a celebram com muita pompa em povoações tão distantes do Brasil, não seja em absoluto objecto de nenhum interesse para os catholicos da França, paiz no qual, dizem, teve lugar o prodigio. Seja como fôr, um grande numero de pessoas se dirige a Bom Fim, de Santa Luzia, Meiaponte e de muito mais longe; mas é muito menos a devoção que a atráe do que o desejo de assistir aos festejos que acompanham sempre a celebração (42); com effeito, ha não só uma missa com musica e sermão, como tambem foguetes, bombas, uma representação, e um simulacro de torneio, divertimentos profanos que se mesclam á solemnidade religiosa, como succede com a festa de Pentecostes. Os actores do torneio e da opera são, em geral, as pessoas mais abastadas da redondeza. O torneio representa, quasi sempre, alguma historia do velho romance de Carlos Magno e dos doze pares de França, que é ainda muito apreciado pelos Brasileiros do interior.

Si, para assistir á festa de Bom Fim, só me fosse necessario demorar um dia na povoação, teria, talvez, feito esse sacrificio; mas não me pude resignar a perder um tempo mais consideravel. Creio, aliás, que não se affligiram

(42) Poder-se-ia dizer o mesmo das nossas festas de aldeia.

muito com a minha partida; suspeitei que certa pessoa estivesse receiosa de que eu ficasse um tanto escandalizado com algumas scenas de inconveniencias que sempre tinham lugar nessas occasiões, e que não se deixava de censurar, o que já era muito.

Na tarde do dia em que cheguei a Bom Fim, fui visitar o commandante da povoação; ouvi, em sua casa, os musicos que deviam tocar na opera, que se pretendia representar, e, ainda uma vez, tive ensejo de admirar o gosto natural do Brasileiros para a musica.

CAPITULO XXV

AS AGUAS THERMAES CHAMADAS CALDAS NOVAS, CALDAS VELHAS, CALDAS DE PYRAPITINGA

Ideia geral da viagem de Bom Fim, ás *Caldas*. — *Sítio do Pari*. Exemplos de longevidade. Resultado dos cruzamentos da raça branca com a negra. — Quadro do incendio dos campos. — *Sítio de Joaquim Dias*. Casas raramente isoladas — *Sítio de Gregorio Nunes*. Um aucião; os homens de antigamente e os de hoje. — As arvores que florescem antes de ter folhas. — *Sítio de Francisco Alves*. Casas que apenas annunciam miseria. Costume dos habitantes. — Região situada além de Francisco Alves. Insectos, aves, mamíferos. — *Sapesal*. — Chegada ás *Caldas Novas*. Boa recepção. — Excursão ás *Caldas Velhas*. A *Serra das Caldas*. O *Ribeirão de Agua Quente*. As tres principaes fontes de agua mineral. Historia das *Caldas Velhas*. A verdadeira fonte do *Ribeirão d'Agua Quente*. O autor galga a *Serra das Caldas*; descripção do seu cume. — Descripção das *Caldas Novas*. O *Córrego das Caldas*. Calor. Terrenos auríferos. — *Caldas de Pyrapitinga*. — Partida das *Caldas*. — A festa de S. Luiz. — Chegada a *Santa Cruz*.

Deixando a povoação de Bom Fim, desviei-me da estrada de S. Paulo para ir visitar as aguas mineraes, de que me gabavam muito a efficacia, principalmente para

as molestias da pelle, e que se conhecem pelos nomes de *Caldas Velha e Caldas Novas* (1).

Marchando com toda a miúda caravana, fui obrigado a gastar as 22 leguas e meias que se contam de Bom Fim às Caldas Novas. Graças às viagens que o governador fizera varias vezes a essas aguas, achei o caminho magnifico, e muito largo. A região, quasi deserta, (1819), é, ás vezes, plana ou ondulada, mais frequentemente montanhosa e se eleva gradualmente. Unas vezes caminha-se varias leguas sem ver nada mais que campos semeados de arvores rachiticas; noutras o campo apresenta uma alternativa de matas e campos que, na vizinhança das Caldas, estão frequentemente cobertos unicamente de gramineas, e subarbustos. Em espaços consideraveis, encontrei esta bella *Vellozia* que já observára entre Arrepellidos e a povoação de Santa Luzia, e que caracteriza os lugares elevados (2). Como nas outras partes, a secca era excessiva: nenhuma flôr, nenhuma ave, nenhum insecto, a não ser as especies importunas que nos viam assaltar por myriades; nenhum vestigio de cultura, nenhuma viajante no camiúho, uma monotonia sem igual, uma solidão profunda; nada que me distraisse por um só momento do tedio que me aniquilhava.

(1) Itinerario approximado da povoação de Bom Fim às Caldas Novas:

De Bom Fim ao Sítio do Pari	3	leguas
Do Sítio do Pari ao d. Joaquim Dias	3	"
De Joaquim Dias ao Sítio de Gregorio Nunes	4 ½	"
Do Sítio de Gregorio Nunes ao de Francisco Alves	3	"
Do Sítio de Francisco Alves á Sapescal	4	"
De Sapescal a Caldas Novas	5	"

22 ½ leguas

(2) Vide o capítulo XVIII.

A primeira casa que vimos ao cahir de Bom Fim está a uma distancia de 3 leguas; tem o nome *Sítio do Pari* (3), e é agradavelmente situada proximo ao rio dos Bois, que me disseram, lança-se no Corumbá: foi lá que fizemos alto. Essa casa era originariamente um *ranchão* que o governador da provincia mandára construir perto de uma choça arruinada, para abrigal-o nas suas viagens. Os habitantes da choupana fizeram do *ranchão* uma casa e ali se instalaram. O chefe da familia era um velho centenário que conservára toda a sua intelligencia, e, como o paiz é perfeitamente salubre, não ficaria admirado si apresentasse outros exemplos de tal longevidade (4).

Entre os numerosos habitantes do Sítio do Pari, todos irmãos ou primos, havia alguns perfeitamente brancos, com cabellos louros e faces rosadas; outros cuja côr amarelleada e cabellos crespos trahiam uma origem africana. Apesar da pouca sympathia que, em geral, existe entre brancos e mulatos, essas misturas não são muito raras nas familias pobres, que não podem ser muito exigentes nas allianças. Frequentemente, tambem, familias de sangue mestiçado tornam-se outra vez brancas por novos cruzamentos; assim, um dos habitantes de Pari tinha evidentemente, um quarto de sangue negro; desposára uma mulhor branca, os cabellos do filho eram lisos e de um bello louro. De tantos cruzamentos diversos resulta que, muitas vezes, é difficil decidir si um homem é realmente branco, ou si deve ser classificado entre os mestiços.

(3) Os paris são engenhos para apanhar o peixe, que já descrevi no 2.º volume da minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro e de Minas Geraes*.

(4) Quando, em 1816, o sr. d'Eschwege visitou a povoação de Desemboque, que até então pertencera á provincia de Goyaz, e se compunha apenas de sessenta e cinco casas, apresentaram-se dois velhos bem dispostos e cheios de vigor, dos quaes, um tinha 108, e outro 115 annos de idade.

Antes de chegar ao Sítio do Pari, a atmosphera estava carregada de vapores avermelhados, que me pareceram ser o resultado da queima dos *campos* dos arredores. Os que percorremos no dia seguinte acabavam certamente de sofrer a acção do fogo; caminhamos muito tempo sem ver outra coisa além de cinzas ennegrecidas e arvores despojadas de vegetação; alcançamos, por fim, o incendio que caminha na nossa frente. Uma chamma vermelha e crepitante, atizada pelo vento alastrava-se com rapidez sobre uma longa linha, e turbilhões de fumaça se elevavam pelos ares. Nuvens de andorinhas e grande numero de aves de rapina voavam no meio da fumaça, ora abaixando-se com extrema rapidez, ora elevando-se com escillações repetidas, afastando-se algumas vezes, e reaparecendo logo depois. Os meus hemens me disseram que succede o mesmo todas as vezes que se põe fogo nos *campos*; os rapaces se reúnem para devorar as *perdizes* e *codornas* (5) perseguidas pelo incendio, enquanto que as andorinhas procuram pegar os mosquitos e outros insectes que se elevam da terra a fim de evitar a chamma.

Durante todo o dia atravessamos sinão dois córregos, o *Rio Preto*, e o *Passa-quatro*. Essa parte do Brasil é, como Minas, tão bem irrigada, que ver apenas dois riachos em um dia de marcha é uma especie de raridade (6). Fiz alto em uma pequena choupana recentemente cons-

(5) Pohl identifica a *perdiz* dos brasileiros com o *mevius rufescens* e sua *codorniz* com o *tinamus brevipes*. Supponho que a *codorna* seja a mesma *codorniz*. Si a collecção de aves que formei com tanto trabalho não se tivesse dispersado, e as etiquetas se tivessem conservado, teriamos talvez meios de resolver essa questão. Não tenho necessidade de dizer que os nomes de *perdiz* e *codorniz* foram applicados pelos portuguezes a especies americanas differentes das que os têm na Europa.

(6) Pode-se ver, na minha *Viagem, pelas provincias de Rio de Janeiro e Minas Geraes*, vol. II, que o Sertão de Minas apresenta tristes excepções.

truida, caiada por dentro e por fóra, e de uma l'impeza extrema; essa choupana, denominada *Sítio de Joaquim Dias*, provavelmente do nome do proprietario, está situada a alguns passos do *Passu-quatro*, que é bordado por uma orla de bosques, e se lança no *Rio do Peixe* (7), um dos affluentes da margem direita do Corumbá. Diante da casa ha um largo espaço de terreno descoberto, que se estende por uma encosta suave; para além ha moitas de arvoredos, e, por todos os lados, se elevam morros de altura desigual.

A choupana de Joaquim Dias não estava isolada; junto della havia ainda duas outras. Nos lugares pouco habitados é raro que uma casa não esteja acompanhada de algumas mais. O primeiro que se estabelece fica bom satisfeito de ter visinhos; decide os compadres (8), amigos e parentes a se fixarem perto delle, e o pobre, pelo seu lado, procura approximar-se daquelle cuja indigencia é menor que a sua.

Tendo deixado o sitio de Joaquim Dias, subimos e descemos alguns morros elevados e pedregosos, e, de lá passamos por um planalto perfeitamente unido, que se continúa por espaço de 2 leguas e meia, pelo menos, além do qual o sólo se torna menos uniforme.

O proprietario do *Sítio de Gregorio Nunes*, onde passei a noite após a jornada mais monotona e fatigante, era um velho octagonario, que gozava de todas as faculdades. Filho de um dos primeiros paulistas que vieram procurar ouro na provincia de Goyaz, vira o início dos mais antigos estabelecimentos. Havia vinte e quatro annos, por occasião da minha viagem, que se fixára na cabana que ainda habitava; inaugurando-a, plantou deante da sua

(7) Existem, só na Provincia de Goyaz, varios rios com o nome de *Rio do Peixe*, nome que se encontra tambem em Malto-Grosso, Minas, S. Paulo etc.

(8) Mostrei alhures como são poderosos, no interior do Brasil, os laços de compadresco.

granja duas gamelleiras, e já, desde muitos annes, podia gozar da sua sombra. Os homens de hoje não se parecem com os de antigamente, me dizia esse ancião, e, quanto áquella provincia, tinha toda a razão. Os actuaes habitantes da capitania de Goyaz, amolecidos pelo calor e ociosidade, não se mostram, em absoluto, os descendentes desses intrepidos paulistas que atravessavam desertos ainda desconhecidos, expunham-se a todas as fadigas e privações, desafiavam todos os perigos e pareciam, pela coragem, estar acima dos outros homens.

Para além do sitio de Gregorio Nunes a região, que é montanhosa, me apresentou ora uma, ora outra vez, não só moitas de arvoredo e *campos* espargidos de arvores rachiticas, como ainda outros *campos* completamente descobertos, e outros, enfim, onde, como na vizinhança de Antas e Pyrreanajuba (9), as arvores ficam sempre anãs e muito afastadas umas das outras.

No meio de duas ou tres moitas de arvoredo que atravesssei, vi algumas plantas lenhosas que, após terem perdido a folhagem, se cobriam de flôres antes de se encherem de novas folhas; eram Bignoneaceas, uma Malpighiaceae, e o *Sebastião de Arruda* (*Physocalymna florida*, Pohl), cujo lenho é cor de rosa (10). Entre essas arvores cresce abundantemente o *mutombo* (*Guazuma ulmifolia*, Aug. de St. Hil.), que, após ter ficado algum tempo despojado de verdura, apresentava nessa occasião (17 de Agosto), simultaneamente, flôres e folhas nascentes, e, ao mesmo tempo, estava carregado de fructos maduros, ultimo resultado do renovo anterior. Não é a queda das eluvas que determina, nesses vegetaes lenhosos, o renovo da vegetação, pois que não ché agua na estação que então atravessavamos; havia já varios mezes que não chovia, e os proprios velhos não se recordavam de ter visto tão grande

(9) Vide o capitulo precedente.

(10) Aug. de St. Hil., *Flora Brasiliæ meridionalis*, III, 140

secca como a de 1819; não é, tampouco, pelo menos para todas as espécies, o retorno dos grandes calores, pois que as *paineiras do campo* (*Pachira marginata*) e o *caraiiba* tinham florido desde os mezes de Junho e Julho, após a queda das folhas. Todavia não ha vegetação sem alguma humidade; devemos, pois, crer que as arvores de que se trata são de natureza a se poderem contentar, para o desenvolvimento dos seus gomos floraes, com a pequena quantidade de humus que ainda podem absorver do sólo, coadjuvadas pelo orvalho nocturno, sempre muito abundante. Esses brotos, aliás, não necessitam de auxilios tão passantes como os outros, pois que não consistem sinão em órgãos alterados, sustentados por pedunculos extremamente curtos (11).

Esse periodo da minha viagem foi certamente um dos mais felizes. Desde o Rio dos Pílhões não tivera que fazer a mais leve censura aos meus auxiliares; gozava de uma saude perfeita, e acostumava-me, cada vez mais, ás fadigas e privações quotidianas. Estava quasi pozaroso em pensar que esse genero de vida devia terminar em breve. A paz e a liberdade que usufrui nesses desertos, dizia de mim para mim, serão um dia objecto de saudaes para mim; si vejo homens, não é sinão por poucos instantes, e me mostram apenas o lado bom..., sentia-me quasi assustado com a ideia de me achar novamente no seio de uma sociedade, onde se fica tão perto uns dos outros, que, faça-se o que se fizer, se é sempre obrigado a chocar-se com o proximo, onde as paixões chegaram ao gráu maximo de exaltação, e se parece estar sempre presente para criticar defeitos e se prejudicar mutuamente.

Após caminhar 4 leguas a partir do Sitio de Gregorio Nunes, parei num local chamado *Sitio de Francisco Alves*.

(11) Vide a theoria que desenvolvi na minha obra intitulada *Morphologia vegetal*.

Via-se ali um engenho de assucar descoberto, como o são geralmente os dos colonos pouco ricos, e uma duzia de casinholas esparsas por aqui e ali: uma era habitada pelo principal proprietario, as outras por negros e agregados; mas todos pareciam igualmente miseraveis, e era impossivel distinguir a do melhor. As vestes dos habitantes dessas mesquinhas moradias correspondia perfeitamente á indigencia que annunciavam. O melhor vestido dellos não tinha mais que umas calças de algodão e uma camisa do mesmo tecido passada por cima das calças, maneira de vestir que é a dos habitantes mais pobres do interior do Brasil.

O Sitio de Francisco Alves não está a mais de 2 leguas de Santa Cruz, e, para irmos de Bom Fim a essa povoação, varias pessoas preferem o caminho que seguí, á estrada directa, que, dizem, é muito pedregosa.

De Francisco Alves até ás aguas thermaes, em um espaço de 9 leguas, a região, na época em que a percorri, era ainda totalmente deshabitada.

Durante as 4 ou 5 primeiras leguas, vi um grande numero dessas baixadas pantanosas, onde cresce o *bority*, e das quaes tive occasião de falar varias vezes. Havia, nesses pantanos, nuvens de insectos importunos, e, em geral, fomos cruelmente atormentados por esses animaes entre o Sitio de Francisco Alves e o local em que nos apeamos. Eram, durante o dia, *borrachudos* e abelhas cheirosas de varias especies; á tarde, os mosquitos as substituiam. Os insectos são sempre muito mais numerosos nos districtos deshabitados do que nos outros; presumo que o incendio muitas vezes repetido dos bosques e pastagens contribue para destruil-os. Em compensação, encontram-se muito poucos passaros nos desertos e muitos na proximidade das habitações, para onde são attrahidos, os de rajina, pela presença das aves domesticas, os outros

pelas flôres e fructos de laranjeiras, pelas plantações do arroz e milho, pelas sementes que cáem dos coleiros. E' nos desertos que se vê maior quantidade de animaes selvagens; além de Francisco Alves, os meus *camaradas* avistaram alguns veados e o rasto de uma onça.

Graças ás viagens que Fernando Delgado fizera as Caldas, não necessitei de dormir ao relento. Em honra ao capitão general erguera-se um *rancho* coberto de folhas de palmeira, á margem de um regato; foi lá que me abriguei. Esse local tem o nome de *Sapesal*, que significa o lugar em que cresce o sapé, graminha que se emprega em substituição ao colmo (*Saccharum Sapé*. Aug. de St. Hil.).

Além de *Sapesal* avistamos, na nossa frente, a *Serra das Caldas*, cujo cume, que parece truncado, é perfeitamente plano em toda a extensão. Enganamo-nos de caminho; mas ficamos, por acaso bem sorvidos, pois que elle nos conduziu ao regato em cuja margem se encontravam as aguas mineraes chamadas *Caldas Novas*.

Trazia uma carta de recommendação do capitão general para o proprietario de uma pequena fazenda (*Fazenda das Caldas*) situada a alguns passos das aguas thermaes. Esse homem não estava em casa quando cheguei: sua esposa me alojou em um quarto que fazia parte de um edificio em que se installava o capitão general quando vinha tomar os banhos: essa peça era muito pequena, e, quando o proprietario chegou, me pediu muitas desculpas por não me terem hospedado melhor (12).

(12) Fiz mal em não me ter informado, no local, acerca do nome desse excellentes homem; como, porém, era ainda jovem pela época da minha viagem, e o doutor Favre diz (*Analyse des aguas thermaes de Caldas Novas*, p. 1) que o sr. tenente Coelho, proprietario, em 1842, da Fazenda das Caldas, era filho de Martinho Coelho, que em 1777, descobriu novas aguas thermaes, é bem evidente que foi o tenente que me acolheu com tanta bondade.

Combinamos que eu iria no dia seguinte ao lugar chamado *Caldas Velhas*, onde ha aguas thermaes descobertas anteriormente ás *Caldas Novas*. Deviam dar-me um guia, e eu tencionava levar apenas José Mariano com um burro de carga.

No momento de partir, José Mariano ficou de máu humor, e foi Marcelino quem me acompanhou. Quando parava em algum lugar, e ali me demorava, cada qual ficava embaraçado com a sua pessoa. Era um genero de vida novo que iam ter; gozariam de menos liberdade; talvez, mesmo, teriam de que se queixar das pessoas em cuja casa eram recebidos; aborreciam-se, entediavam-se, entristeciam-se, e se tornavam irritaveis.

O proprietario da *Fazenda das Caldas*, cheio de attentões para conmigo, queria absolutamente ser o meu guia na excursão que eu ia fazer; mas exigi que elle ficasse, e me cedeu o irmão.

A Serra das *Caldas* não está a mais de tres quartos de legua portugueza da fazenda, tem apenas pouca altura, e, de longe, apresenta-se sob a forma de um prisma trapezoidal alongado, com o cume de altura uniforme. Avancamos para essa montanha seguindo uma trilha pouco frequentada, e chegados quasi á sua base, mudamos de direcção; a trilha, então, tornou-se pedregosa, e, por vezes, bastante difficil. Dobramos um dos dois lados mais estreitos da montanha, e, durante algum tempo, caminhamos parallelamente a uma das grandes encostas. Esta ultima muito mais irregular do que o flanco que lhe está opposto, apresenta alternadamente depressões profundas e saliencias abruptas; a outra encosta, pelo contrario, se estende por um declive ásás brando, e não apresenta nenhuma anfractuosidade; vêem-se ali, somente, gargantas pelas quaes correm as aguas e que a sulcam serpenteando.

Nessa excursão atravessamos quasi sempre campos seccos, como todos então o estavam, onde, porém, reco-

nheci algumas plantas de zonas elevadas, particularmente a *Myrtacca* n.º 881 4.º.

Enfim após ter caminhado cerca de 3 leguas, entramos em um bosque, e, em breve, chegavamos á margem de um rio bastante largo, mas pouco profundo, que vehicula com rapidez, sobre um leito muito pedregoso, aguas cuja limpidez sobrepuja tudo o que se poderia imaginar. Desmantei para beber, e fiquei muito surprehendido de achar as aguas do rio muito quentes. "É esse, disse-me o guia, o *Ribeirão d'Agua Quente*; é alimentado pelas fontes das *Caldas Velhas*, das quaes estamos muito perto, e, não augmenta nem diminue de modo sensível em qualquer estução". Tive o cuidado de medir, e achei-o com 34 passos de largura por 2 palmos e meio de profundidade (cerca de 44 centimetros); suas aguas, nas quaes mergulhei o thermometro de Réaumur, accusavam a temperatura de 28º (20 de Agosto).

Tendo atravessado o rio, continuamos a caminhar dentro da matta, e chegamos, ao cabo de poucos minutos, ao local em que ficam os banhos. Lá tornamos a encontrar o rio, que não tinha mais que 2 ou tres passos de largura. De um lado, as mattas se estendem até ás suas margens; a outra ribeira apresenta um espaço pequeno, coberto de *capim gordura*, além do qual a montanha se ergue quasi a pique. Nesse local sombrio e selvagem, do mais romantico aspecto, viam-se duas cabanas de palmas construidas para os banhistas. Do mesmo lado estão as tres fontes de aguas thermas, que tinham sido alargadas e escavadas, para permittirem a entrada dos mesmos. Deza-se uma forma oval á mais elevada, que está muito proxima das duas cabanas que acabei de mencionar, e, para abrigal-a, erguera-se, por cima della, uma cobertura de folhas de palmeira.

Essa fonte, que, nessa época do anno, fornece o começo do *Ribeirão d'Agua Quente*, tem o nome de *Poço da*

Gamelleira. É de uma limpidez extrema, e fornece, borbulhando com lentidão, uma enorme quantidade de agua. O thermometro de Réaumur subiu ahí a 30°; as aguas não têm, absolutamente, nenhum sabor, fazem escumtar o sabão e não escurecem a prata. Bebi della grande quantidade antes de comer e durante a refeição; não as deixava esfriar, e, entretanto, não fiquei incommodado como succede geralmente quando se bebe agua morna. Banhei-me nellas e ahí fiquei muito tempo sem sentir o menor incommodo; enquanto estava no banho, uma multidão de peixes pequenos nadava ao redor de mim com extrema vivacidade. A segunda fonte, chamada *Poço do Limociro*, nasce a alguns passos da outra, á margem do rio, e reúne suas aguas ás dessa ultima; como o *Poço da Gamelleira*, fez subir o thermometro a 30° Réaumur. Mais quente que as duas precedentes, a terceira, que chamam de *Poço do General*, fez-o subir a 31°. O meu guia asseverou-me que, além dessas tres fontes, havia ainda mais de cem outras, tanto na margem do rio, como no leito, desde a sua origem até o local onde o caminho o atravessa. Teria gostado de contal-as pessoalmente; mas isso não me foi possível, porque, para além do *Poço do General*, as mattas muito densas não permitem o avanço; aliás, a largura do rio, no local pouca afastado da fonte onde eu o atravessára, e o calor das aguas, parecem-me demonstrar que o guia não se afastava da verdade.

Ha já muito tempo que as aguas thermaes chamadas *Caldas Velhas* se descobriram. O fumoso Aulianguera (Bartholomeu Bueno) atravessou dizem, o Ribeirão d'Agua Quente, quando penetrou na região de Goyaz, e o caminho, hoje abandonado, que se abriu nas suas pégadas, atravessava o rio um pouco abaixo do lugar em que se o transpõe actualmente (1819), para se ir aos banhos. Ha doze ou quinze annos (1819), havia ainda, nas proximidades das *Caldas Velhas*, um *sítio*, cujo proprietario conheci,

mas hoje em dia não ha mais nenhum vestigio d'elle, e a descoberta de aguas mais quentes e menos afastadas, denominadas Caldas Novas, votou ao completo abandono as antigas fontes. Como ás Caldas Novas, se lhes attribue, no paiz, a propriedade de curar as molestias entoneas, principalmente as dôres rheumaticas e as que provêm de affecções venereas, e asseguram que *Tristão da Cunha Menezes*, que governou Goyaz de 1783 a 1800 reconheo, com o seu uso, novo vigor (13).

Nos tempos da secca o Ribeirão d'Agua Quente começa, como já o disse, no Poço da Gamelleira; mas não é essa a sua verdadeira nascente. Esta ultima se encontra na montanha, a meio quarto de legua dos banhos, e, como suas aguas são absolutamente frias, as do rio, temperadas por ellas, tornam-se um pouco menos quentes na época das chuvas. Após um curso de cerca de 2 leguas, o Ribeirão d'Agua Quente lança-se no Pyracanjuba, que se reúne ao Corumbá (14). Até o seu confluente conserva-se, em todas as estações, um calor sensivel (15), e, entretanto, é frequentemente remontado, asseverou-me o guia, por peixes bastante grandes.

Como a visita ás Caldas Velhas me tomou muito tempo, não pude voltar no mesmo dia ás Caldas Novas. O meu guia tomia que, no lugar extremamente selvagem em que se encontram as aguas theriacas, e tão perto da montanha, tivéssemos, durante a noite, a visita de algum jaguar, e queria que voltássemos sobre os nossos passos para ir dormir no meio do campo mais proximo. Mas então me sentia bem, estava cheio de ardor, não acreditava no perigo; insisti para passar a noite em uma das

(13) Ptz., *Mem hist.*, IX.

(14) É não Corumbá.

(15) Vê-se que Pizarro se engana quando diz (*Mem.*, IX, 224), que o Ribeirão d'Agua Quente não conserva o calor senão em pequena parte do curso.

duas cabanas proximas dos banhos; amarramos nossos animaes bem proximo, no meio do *capim gordura*, e não nos sobreveio mal nenhum. Durante a noite o calor foi horrivel, e, ao nascer do sol, o thermometro indicava 15°.

Voltando ás Caldas Novas, seguimos o caminho que tinhamos tomado para ir aos antigos banhos; mas não quiz afastar-me da serra sem lá ir herborisar.

Subimos por aquelle dos grandes lados da montanha que é o menos escarpado, e não fomos obrigados a descer dos nossos burros sinão um pouco antes de chegar ao cume. Em toda a sua altura esse lado não apresenta, como já o disse, nenhuma anfractuosidade; é arido e pedregoso; as plantas estavam ali, pela época da minha passagem, completamente seccas; mas, no meio dellas, as gargantas pelas quaes as aguas escorrem, no tempo do inverno, se desenhavam em faixas onduladas de bellissimo verdor. O planalto que termina a montanha pode ter, disse-nos o guia, cerca de 3 leguas de comprimento por 1 de largo; é muito uniforme e coberto de arvores enfezadas que pertencem ás mesmas especies que as de todos os campos: encontra-se ali em grande abundancia a *mangabeira*, pequena arvore cujos fructos amollecidos, como os da pessegueira e da sorveira, são de gosto agradável, e cujo succo leitoso fornece, segundo as experiencias de frei Vellozo, excellente borracha (16). Em algumas zonas um pouco baixas o terreno é humido e pantanoso (17), e o majestoso *bority*

(16) Existem duas especies de *Mangabeiras* que têm entre si as maiores semelhanças, porém que, não obstante, devem ser distinguidas pelos botanicos, a *Hancornia speciosa*, Gomes, que cresce em varias partes do Brasil tropical e a *Hancornia pubescens*, Nées de Martins, de flôres um pouco maiores, que até hoje só foi encontrada na provincia de Goyaz.

(17) É muito possível que, na estação das chuvas, esses lugares baixos e pantanosos fiquem cobertos d'agua, e foi isso o que terá feito dizer que existia um ou varios lagos no cume da montanha (Da SILVA e SOUSA, *Mem. Goy.*; — MILL. e MOURA, *Disc.*, 1, 201).

ahi se desenvolve no meio de um mattagal denso; entretanto, nem lá, nem aliures, encontrei uma só planta em flôr. Vimos sobre esse planalto os rustos de varios veados e outros animaes, e meu guia asseverou-me que os animaes selvagens, caçados unicamente por seu irmão, eram lá muito communs (18).

A' minha chegada a *Caldas Novas* encontrei todas as bagagens installadas no aposento que occupava o governador de Goyaz quando fazia a estação balnearia. Meu hospedador, sempre complacente e attento, fizera essa pequena mudança durante minha ausencia.

Foi *Martinho Coelho* que, em 1777, descobriu os banhos de aguas thermaes chamadas *Caldas Novas* (19); mas, durante uma longa serie de annos, permaneceram de tal modo desconhecidas, que *Cazal*, que, escrevia em 1817, e *Pizarro*, em 1822, só mencionam as *Caldas Velhas*, e foi sómente depois das viagens que fez o capitão general *Fernando Delgado*, que algumas pessoas começaram a frequental-as.

Os novos banhos de agua thermal chamados *Caldas Novas* estão situados em um valle estreito, á margem de um córrego de agua fria que desce da montanha. Tanto

(18) *Cazal* dá, como eu, á *Serra das Caldas*, uma forma quadrangular; mas parece crer que seus lados são eguaes, e diz que elles têm 4 leguas de extensão (*Corog. Braz.*, I, 351). *Luiz Antonio da Silva e Sousa* não diz nada da extensão da chapada; dá-lhe, porém, assim como o meu guia 1 legua de largura.

(19) *FAIVRE, Anal.*, I. — Após ter relatado esses factos, o sr. *Faivre* acrescenta que *Martinho Coelho* foi, durante a sua estada nas *Caldas Novas*, inquietado por incursões dos *Coyanós* e *Chavantes*; mas não posso deixar de considerar as tradições, segundo as quaes se refere a esses ataques, como não sendo perfeitamente exactas no que concerne aos últimos desses indios. Com effeito, como se viu no capitolo XXII, p. 122, os *Chavantes* habitam o norte da provincia, e é nas terras da povoação de *Pilar* que elles exerciam suas depredações (*CAZAL, Corog.*, I; — *Piz.*, *Mem.*, IX, 197, 239).

na margem do regato, como no seu leito, se encontram muitas fontes de agua quente; mas, até á época da minha viagem, não se tinham ainda preparado mais de quatro. Arranjaram-nas sob a forma de banheiras de 2m. a 1m,40 de profundidade, e por cima tinham-nas coberto, como as Caldas Velhas, com um pequeno tecto de folhas de palmeira; era ao meu hospedeiro que se devia esse trabalho. A nascente chamada *Poço Quente* fez subir o thermometro de Réaumur a 35°; o que chamam *Poço d'Agua Morna*, a 31.°; o *Poço do Meio*, a 33°, e o *Poço da Pedra*, a 32° (21 de Agosto). As aguas dessas fontes, frias ou quentes, não têm, absolutamente, nenhum sabor, e me pareceram bastante leves; como as das Caldas Velhas, fazem espumar o sabão e não escurecem a prata. Gozam, na provincia de Goyaz, de optima reputação para as moléstias cutaneas, e todas as especies de dores (20). Por occa-

(20) O sr. Faivre, na sua notavel memoria sobre a *morféa* e as Caldas Novas, confirma integralmente o que digo dessas aguas, pois que as achou "limpidas, sem côr, sem cheiro nem sabor apreciaveis (*Anal.* 8)". A analyse, accrescenta elle, dá, em resumo, azoto, tres acidos, o chlorico o carbonico o silicico, e, enfim, potassa, iodo, traços de cal, magnesia e traços de alumina. "Empregadas contra a *morféa* não determinaram, até agora, nenhum effeito curativo...; absorvidas por via gastrica, sua acção sobre a economia deve ser muita fraca; mas, sob a forma de banhos, agem como um excitante da pelle... Auxiliadas pela temperatura, poderão curar rheumatismos chronicos e certas ulceras". Communiquei o fraco resultado das minhas observações sobre as aguas de Caldas Novas e o extracto de memoria do sr. Faivre, publicado pelo doutor Sigaud (*De climat*, 508), ao sr. Pouzin, professor da escola de pharmacia de Montpellier, cujos estudos tornam um juiz perfeitamente competente. Após um exame attento, foi de opinião que as aguas de que se trata não differem realmente das aguas communis sinão pela elevação da temperatura, e crê que devem ser classificadas entre as aguas thermaes simples. Fiz mais: enviei a propria analyse do sr. Faivre ao sr. Pelouze, sabio chimico, membro do Instituto de França, que o achou perfeitamente conforme ás regras da

sião da minha viagem, uma dúzia de doentes tomavam banhos nas Caldas Novas; eram todos homens pobres de Meiaponte, S. Luzia e Bom Fim; mas, algumas vezes tinham-se visto doentes de Matto-Grosso, e até um do Rio de Janeiro. Algumas cabanas de folhas de palmeira serviam de habitação aos banhistas (21).

O ribeirão, proximo ao qual se acham os banhos, tem o nome de *Córrego das Caldas*. Si bem que as fontes de agua quente lá venham a ter, e algumas, mesmo, saiam do seu leito, não são bastante abundantes para aquecer a massa das aguas. Após um curso de 1 legua, esse córrego

seguia e perfilha integralmente a opinião do sr. Pouzin. E' pois, provavel que, para a cura de molestias cutaneas, se tire melhor partido das aguas sulphurosas de Araxá, Salitre, Serra Negra de Paracatu e Farinha Podre, do que das de Caldas Novas e Velhas; é de crer, enfim, que talvez, sejam preferiveis a estas ultimas as aguas de Rio Pardo, das quaes direi algo noutro lugar, e que se acham a 1 legua da estrada de Goyaz, no districto de Casa Branca, provincia de S. Paulo.

(21) Segundo a memoria do sr. Faure citada acima, havia em Caldas Novas, em 1842, uma povoação temporaria de umas cincoenta casas. Sabe-se com que rapidez os lugares onde se encontram aguas mineraes mudam de aspecto quando estão em voga. Pelos annos de 1811 ou 1812, não existiam, nos banhos de Mont-d'Or, sinão cabanas de madeira; tudo alli era selvagem: alguns annos mais tarde viam-se magnificos passeios e bellos edificios. Em 1829, meu amigo o dr. Lallemand, sua familia e eu mal encontramos onde nos alojar em Vernet, onde no entanto, não havia mais ninguém além de rós; depois disso ergueram-se lá, como por magia, immensos estabelecimentos. Não fico, pois, admirado de que, apesar da extrema lentidão com que se operam ligeiras mudanças nos lugares desertos, as Caldas tenham experimentado alguns melhoramentos: não me admiraria, tampouco, de que a região que se estende desses banhos a Bom Fim e a Santa Cruz seja menos deshabitada, e que esta ultima povoação tenha progredido um pouco: não ficaria admirado, tambem, de que alguns nomes se tivessem mudado desde a época da minha viagem: viços os banhos d'Arles tornarem-se os banhos de Amelia, e o *Salto d'Annibal*, que está na sua vizinhança, tornar-se o *Salto de Castellane*.

se lança no rio de Pyrapitinga (22), que é tambem um dos affluentes do Corumbá.

Como me avisára o governador da provincia (23), que já estivera nas Caldas, achei o calor extremamente forte durante todo o tempo que ali fiquei. A 20 de Agosto, o thermometro de Réaumur marcava, em Caldas Novas, 10° ao nascer do sol; no dia 21, á mesma hora, elle se elevou, como já o disse, a 15° nas Caldas Velhas. Os terrenos que estão nas proximidades dos banhos são todos auríferos, e a principal occupação do proprietario da Fazenda das Caldas era de mandar procurar ouro pelos quatro ou cinco escravos que possuia (24).

Deixei os banhos para dirigir-me á povoação de Santa Cruz (25), obrigado, como já o disse, a seguir até Francisco Alves o caminho que já conhecia. Enviei minha caravana na frente, e acompanhado do meu hospedeiro, desviei-me um pouco do caminho para ir visitar uma fonte de agua thermal que se acha em um bosque perto do rio de Pyrapitinga, do qual tomou o nome (*Caldas de Pyrapitinga*). Esta ultima, muito mais quente que todas as que vira nas Caldas Velhas e Novas, fez subir o thermometro a 39° Réaumur; nada, aliás, na sua vizinhança, me attraheu a attenção (26).

(22) *Pyra*, peixe pitunuga, que cheira mal, na lingua indigena.

(23) E' bastante provavel que fosse na estação da secca que o sr. Fernando Delgado fizesse sua estação nas Caldas, e talvez tenha lá estado, como eu, no mez de Agosto.

(24) Era ainda assim em 1842 (*FAYRE Anal.*).

(25) Itinerario approximado das Caldas a Santa Cruz:

De Caldas Novas a Sapesal	5	leguas
De Sapesal ao Sitio de Francisco Alves	4	"
De Francisco Alves a Santa Cruz, povoação	4	2 ½ "
		11 ½ leguas

(26) Parece, pelo que diz o sr. Faivre, que a fonte de que falo aqui não é a unica que se encontra perto de Pyrapitinga (*Anal.*).

Despedi-me, enfim, do meu hospedador, que durante a estada nas Caldas, fôra para commigo, cheio de attentões, e fui reunir-me á minha gente (27).

Esse dia era a vespera da festa de São Luiz; era a festa da França, e quiz celebral-a com os meus companheiros no meio do deserto. A vida que levava no Brasil, não obstante as fadigas e privações de que era acompanhada, cada vez agradava-se mais, e, como o disse, não pensava sem algum receio, na volta a França; mas a França é minha patria; lá é que estavam reunidos todos os objectos da minha afeição, devia revel-a um dia; como poderia não me interessar mais vivamente a sua felicidade do que a propria? Chegando a Sapesal, distribui os lugares a cada um dos meus acolytos, ao cahir do dia, puzeram fogo aos campos que bordam os dois lados do regato, perto do qual fôra o rancho construido. Em poucos instantes uma chamma brilhante se alastrou em linha recta nos dois campos: cada touceira de hervas parecia um vaso inflamado, e tivemos o espectaculo de uma illuminação vagabunda com vezes mais bella que todas as que se preparam nas cidades com tanta arte e symetria. Trouxera do Rio de Janeiro um pequeno barril de aguardente de Portugal; e já desde muito tempo guardava, ciosamente, uma pequena porção para celebrar essa festa. O punch excitou a alegria. Marcellino tocou violão cantando *modinhas*, acompanhado por José Mariano. Larotte os fez valsar a ambos, e o sarán terminou pelo jogo dos quatro-cantos e da mão quente, divertimentos que os meus brasileiros não conheciam ainda, e que pareceram

(27) O sr. Faivre conta que o bom tenente Coelho não cobra coisa alguma aos doentes que vêm estabelecer-se em suas terras, perto das fontes thermaes. Na Europa, ser-lhes-ia comutado o espaço aos millimetros, e cada millimetro teria o seu preço. Vê-se quanto os brasileiros estão ainda longe da nossa civilisação adiantada.

divertil-os muito. Esse instante de alegria foi de curta duração; insupportaveis aborrecimentos, contrariedades sem numero, fadigas que nada compensava iam em breve succeder-lhe.

De Sapesal dirigi-me ao Sitio de Francisco Alves, e, no dia seguinte, parti para Santa Cruz, que não dista de lá mais de 2 $\frac{1}{2}$ leguas.

Sahindo do sitio, atravessei o Rio do Peixe do qual já falei. Este rio estava então com muito pouca agua, de grande limpidez, e podia ter, approximadamente, a largura de um dos nossos cursos de quarta ordem (25 de Agosto). Asseveraram-me que havia muito ouro no seu leito, tanto acima como abaixo de Francisco Alves, mas que não se o encontrava no trecho em frente a essa pequena habitação; o que podia provir da natureza, ou melhor, da forma dos calhãos, que, nesse lugar, constituem, sem duvida, o fundo do rio.

A cerca de 1 $\frac{1}{2}$ legua portugueza de Francisco Alves a região torna-se mais montanhosa e, simultaneamente, mais florestal, como succede sempre. Entramos nas matas e transpuzemos dois regatos, cujas margens, outróra exploradas por mineiros, exhibem por toda a parte montes de pedras, residuos das lavagens. Pouco depois chegamos a Santa Cruz.

Trazia uma carta de recommendação para o commandante da povoação; descobri-o depois de muito procural-o inutilmente, e elle me installou em uma casa bastante grande e muito commoda, mas que, não sendo habitada de longa data, tornára-se eriadouro de pulgas e bichos de pé (*pulex penetrans*).

CAPITULO XXVI

A POVOAÇÃO DE SANTA CRUZ — CAMINHO BASTANTE PENOSO

Historia da povoação de *Santa Cruz de Goyaz*. Seus habitantes actuaes. Miséria. Posição. Jazidas. Ruas: suas casas: igrejas. Limites da jurisdicção de que Santa Cruz é a sede; população. — *Sítio Novo*. — Região situada entre essa habitação e o *Rio Corumbá*. — Esse rio. — Uma caravana. — *Sítio de Pedro da Rocha*. Malas e uma mula. — Quadro geral do paiz situado entre o *Corumbá* e o *Paranáhyba*. — *Sítio da Posse*. Emigrados *geralistas*. — Estado da atmosphera. — O *Braço do Perissimo*; seu *ranchão*. — O *Sítio do Perissimo*. Calor. Falta de commodidades. — Uma jornada muito fatigante. — *Sítio do Ribeirão*. Parada desagradavel. Fertilidade. Dificuldade em collocar os productos da terra. — Insectos malfazejos. — José Mariano. — *Sítio do Riacho*. Os habitantes dessa zona privados de instrucção e soccorros religiosos. — *Fazenda dos Casados* — Incendio em uma floresta.

A povoação de *S. Cruz de Goyaz*, ou simplesmente, *Santa Cruz*, situada nos 17° 54' lat. sul, é um dos mais antigos estabelecimentos da provincia (1). Extrahiu-se

(1) Pizarro relata (*Mem.*, IX, 216) que um tal Manoel Dias da Silva, atravessando o deserto para ir a Cuyabá, descobriu, no anno de 1729, os terrenos auríferos em que se levau-

muito ouro dos terrenos que a rodeiam; foi habitada por homens que possuíam muitos escravos; teve o seu momento de esplendor; terminou, porém, por experimentar a mesma sorte que todos os outros estabelecimentos devidos a mineiros. O ouro foi dissipado; os escravos morreram; S. Cruz cahiu num estado de decadencia que sobrepuja (1819) o de todas as outras localidades que visitara até então (2), e o numerador que, por occasião da minha passagem, passava pelo mais rico do districto, trabalhava com tres escravos apenas. A estrada de Goyaz a S. Paulo passou, durante muito tempo, por Santa Cruz, e então, as caravanas ali deixavam um pouco de dinheiro; mas ainda esse fraco recurso foi arrebatado á povoação; pois hoje, ao sair de Bom Fim, se toma um novo caminho, que abrevia a viagem de 4 leguas.

A maior parte dos habitantes de S. Cruz são, hoje em dia (1819), pobres agricultores, que só vêm á povoação

tou a povoação de Santa Cruz, e que ali ergueu uma cruz com essa inscripção: *Piva El-Rei de Portugal*. Acrescenta que o rei de Hespanha se queixou dessa tomada da posse, mas que não se levou em conta a sua reclamação, e que Silva foi recompensado pelo seu governo. Estou longe de negar esses factos; todavia, devo confessal-o, acho difficil explicar como o rei de Hespanha pôde queixar-se da erecção dessa cruz em um deserto tão afastado de suas posses, e, até de como poderia elle ter tido noticia disso.

(2) Apesar do estado de miseria e decadencia em que cahiu, a povoação de Santa Cruz foi erigida em villa pela assembléa provincial de 1835, e se tornou a séde de uma das *comarcas* da provincia (MILL. e LOPES DE MOURA, *Dicc. Braz.*, II, 488). É incontestavel que, querendo crear uma *comarca* entre a de Goyaz e a fronteira meridional da provincia, não se poderia agir melhor do que escolhendo Santa Cruz para ser a sua cabeça; acostumado, porém, como estava, a não ver por capitães de *comarcas* sinão nucleos povoados de importancia uctavel, como Sabará, Villa do Principe, S. João d'El Rei, Itú, etc.; não posso habituar-me á ideia da metamorphose da pobre povoação de Santa Cruz em séde de *comarca*.

aos domingos. Muito pequena a população permanente desse lugar se compõe de um numero reduzidissimo de artezãos, mulheres de má vida, dois ou tres tendeiros, e, finalmente, de alguns mulatos e negros livres que passam a maior parte da vida em completa ociosidade. São esses ultimos que ainda vão á procura de ouro. Quando a secca pôe a descoberto uma parte do leito do Rio Corumbá, do Rio do Peixe e de alguns outros regatos vizinhos, essa gente lava a areia e os seixos nos pontos em que as aguas depositaram o ouro em pó. *Fazem ás vezes optimas diarias; mas, quando se vêm com alguns vintens, interrompem os trabalhos, bebem cachaça, e saboreiam a ociosidade ao lado de suas amantes.*

Embora Santa Cruz seja a sêde de um *juizado* e d'uma parochia, a povoação é tão pobre que inutilmente se procuraria ali uma loja e não se acha sinão cachaça nas duas ou tres miseraveis *ventas* que ainda lá se vêm (3). Tinha necessidade absoluta de cravos para ferir os meus animaes; não havia sinão um ferreiro na povoação, e, não tendo nem anel nem carvão, tinha ido para o campo. Os colonos dos arredores, que não têm esperanza de vender os seus generos, e pagam os dizimos pela extensão das plantações, cultivam micamente o indispensavel para alimentar suas familias (4) e obter, por escambo, sal e ferro; não enviam quasi nada para a povoação, e os objectos de primeira necessidade faltam ali quasi que completamente; foram-me necessarias recommendações para poder obter uma *quarta de milho* (5).

(3) Como já tive occasião de dizer noutro lugar, costumase vender nas *ventas* não só aguardente, como ainda, diversos comestive's.

(4) Vide acima, o capitulo intitulado *Quadro geral da provincia de Goyaz*, paragrapho *Resultados dos dizimos*.

(5) A *quarta* do Rio de Janeiro equivale a 1 decalitro, a de Goyaz é mais forte.

Santa Cruz é rodeada por mattas e edificada sobre uma plataforma alongada, um pouco acima de um pequenissimo riacho que tem o nome de *Corrego Vermelho*. Um espaço de terra de algumas centenas de passos se estende, por um declive insensível, entre a povoação e o corrego. Como esse terreno possuia outróra muito ouro, foi revolvido de todas as maneiras pelos *fiscadores*, e, depois de ter sido coberto de mattas, não apresenta hoje em dia sino sargas. Além do Corrego Vermelho erguem-se morros com bosques e assús escarpados, que dominam a povoação (6).

Esta se compõe de duas ruas largas e muito bem alinhadas, que se estendem parallelamente ao regato. As casas que as ladeiam são muito pequenas, em máu estado, e grande numero dellas estão actualmemente abandonadas; vê-se que todas foram caídas noutro tempo, mas o reboco já cahiu quasi completamente. Ha duas igrejas em Santa Cruz: a parochial, dedicada a *Nossa Senhora da Conceição*, e uma pequena capella semi-arruinada consagrada a *Nossa Senhora do Rosario*.

O *judgado* e a parochia, de que Santa Cruz é a cabeça, se estendem, por uma extensão de cerca de 40 leguas, de norte a sul, desde o Rio Jurubatuba até o Paranahyba, fronteira da provincia; não ha ainda limites fixados do lado de oeste, onde existe ainda uma immensa região

(6) Infelizmente não me informei do nome desse morro; provavelmente o *Morro do Clemente*, onde Casal e Pohl garantem que existem minas riquissimas, que a carencia d'agua impede de explorar. "A provincia de Goyaz, diz d'Eschwege, é, de todo o Brasil, uma das mais ricas em ouro; suas montanhas não foram ainda exploradas; no maximo, em alguns lugares, descascou-se-lhes a superficie... Quando a população fôr maior e os brasileiros souberem explorar suas jazidas de manciara regular, tirar-se-ão dellas vantagens que actualmemente não se conseguiriam sino com immensos sacrificios (*Pluto Bras.*, 78)".

deshabitada e desconhecida (7). Não se contam (1819), em toda a parochia de Santa Cruz, mais de 3000 almas, comprehendendo os escravos, e a igreja parochial não tem outra succursal além da de Bom Fim (8).

Si bem que, nessa viagem, minhas colleitas de plantas, estivessem longe de ser consideraveis, minhas malas pouco a pouco se encheram, e me eram necessarias novas, com um burro para levá-las. O commandante de Santa Cruz teve, inutilmente, um immenso trabalho, tentando

(7) O reverendo Luiz Antonio da Silva e Sousa, de accordo conmigo sobre a extensão do *julgado* de Santa Cruz de norte ao Sul, acrescenta (*Mem. estat.*, 29-35) que ella tem 60 leguas e, talvez, mais ainda, na sua maior dimensão. Segundo o mesmo escriptor havia, em 1332, sobre esse territorio, do tamanho approximado de Portuga sem os Algarves, 816 plantações (*roças*), das quaes 19 engenhos de assucar, 347 mestéres de tecelagem diversas de lã e algodão, 15 oleiros, 22 fabricantes de telhas, 24 cordoeiros, 22 carpinteiros, 2 marceneiros, 10 selheiros, 2 pedreiros, 16 ferreiros 8 ourives, 12 lojas e 31 tavernas. Ficou-se-á, sem duvida, espantado de encontrar nessa lista quatro vezes mais ourives que pedreiros; as mulheres dos lavradores têm todas algumas joias de ouro, e se constroem facilmente só, ou com auxilio dos escravos, as paredes de terra da propria casa, e os mesquinhos moveis que ella encerra. Desde 1832, o territorio de Santa Cruz não tem mais a mesma extensão, pois que se separou d'elle e da nova villa de Bom Fim; por consequente, haveria muito a certa, da estatística fornecida por Luiz Antonio da Silva e Sousa, e não é crível que tenha encontrado compensações em um estado de maior prosperidade; as coisas, infelizmente, não mudaram muito; em 1844, o collegio eleitoral de Santa Cruz não contava ainda sinão 14 membros (*MILL. e LOPES MOURA, Dicc. Bras.*, II, 487).

(8) Posteriormente a minha viagem, acrescentaram a essa succursal a de *Madre de Deus*, na povoação de *Catalão* (LUIZ DA SILVA E SOUSA, *Mem. est.* 29), da qual direi adiante algumas palavras. Em 1832 destacaram, como já disse, da parochia de Santa Cruz a succursal de Bom Fim; assim esta parochia teria ainda ficado com uma succursal; mas parece que, actualmnte ella não possui nenhuma, pois os srs. Milliet e Lopes de Moura dão a Catalão o titulo de parochia (*Arquitectura*).

arranjar-me esses objectos; fui obrigado a partir sem que elle tivesse conseguido coisa alguma; indicou-me porém um proprietario que morava na vizinhança de Corumbá, e que dizia elle, podia vender-me o burro e as malas.

Para além de Santa Cruz (9), percorri uma zona regularmente arborizada; a uma legua da povoação passei diante de um engenho de assucar assás importante, que pertencia ao commandante; desviei-me do caminho para evitar má hospedagem, e fui dormir em *Sítio Novo*, habitação que parecia ter tido importancia outróra, mas cujas edificações semi-arruinadas eram, nessa época, habitadas unicamente por morecos.

No dia seguinte, querendo pegar novamente a estrada, perdi-me, e fiz 2 leguas a mais do que me era necessario. Durante essa fatigante jornada de 6 leguas não observei nenhuma modificação no aspecto do paiz, nem na sua vegetação. Após caminhar duas leguas, cheguei ao *Sítio do Brejo*, que se compunha de duas ou tres choças miseraveis, cujas paredes, construídas, segundo o costume, com estacas cruzadas, não tinham, sequer, reboco de terra. A alguma distancia de lá encontrei outro *sítio* que não era muito superior ao primeiro, e cheguei, por fim, ao

(9) Itinerario approximado da povoação de Santa Cruz ao rio Paranahyba:

De Santa Cruz ao Sítio Novo, habitação	2 ½ leguas
" Sítio Novo ao de Pedro da Rocha, choça	4 "
" Pedro da Rocha ao Sítio da Posse, choça ...	3 "
" Posse ao Sítio do Braço do Verissimo, casinhola	4 ½ "
" Braço do Verissimo ao Sítio do Verissimo, casinha	4 ½ "
" Sítio do Verissimo ao do Ribeirão, casota	5 "
" Sítio do Ribeirão, ao do Riacho, casota	4 "
" Sítio do Riacho ao Porto Real da Paranahyba	4 "

31 ½ leguas

Vê-se, pelo curto itinerario de Luiz d'Alincourt, que elle não passou por Santa Cruz, e que seguiu um caminho que não o meu.

Rio Corumbá, em cujas margens se via um engenho que não me pareceu em melhor estado que os dois sítios.

O Corumbá, que já vira na povoação do mesmo nome (10), tem sua nascente proxima aos Montes Pyrenens, em um lugar que, disseram-me, tem o nome de *Curral*: e, após receber as aguas de grande numero de rios e correjos, lança-se, como se viu, no Parahyba. No local onde se o atravessa, elle podia ter, por occasião da minha viagem, mais ou menos a mesma largura que o Loiret, algumas centenas de passos acima da ponte de Olivet, e deve ser muito mais largo no tempo das chuvas. Acima e abaixo desse mesmo local, o seu leito é obstruido por grandes pedras que, durante a ecca, erguem-se acima das aguas, mas devem ser cobertas por estas na outra estação. Sobre as suas duas margens erguem-se grandes arvores, cujo verdor muito fresco, continuamente alimentado pela humidade, repousou, por alguns instantes, a minha vista fatigada pelos matizes pardacentos dos campos. O Corumbá era um dos rios cuja peagem fora concedida, por tres gerações á familia de Bartholomeu Bueno, e, na época da minha viagem, a terceira vida ainda não se extinguiu (11). Mostrei meu passaporte real ao jovem encarregado de receber a peagem, e, depois de algumas difficuldades, dispensou-me de pagar, como, por toda a parte, procederam conmigo. Passam-se em canoas os homens e as mercadorias, e se fazem esperar até o fim os cavallos e

(10) Vide o capitulo intitulado *S. Antonio das Montes Claros*. — *A povoação de Corumbá*, etc.

(11) Como já se viu no capitulo XIV do primeiro volume desta obra, a honra de ter descoberto a provincia de Goyaz pertence bem realmente aos dois Bueno; mas não é menos verdadeiro que Manoel Correa lá penetrára antes delles. D'Eschwege não está de accordo com os historiadores quando mencionam (*Pluto Brasiliensis*, 54) a expedição do primeiro Bueno antes da de Manoel Correa, e indica esta ultima, que remonta a 1670, como sendo de 1719.

os burros, que se obrigam a atravessar o rio a nado. Cada pessoa paga 40 réis; os animais carregados, 120 réis; os que não o estão. 30 (0 fr. 25 c., 0 fr. 75 c., 0 fr. 50).

A pouca distancia do Corumbá já encontrára uma caravana muito consideravel que se dirigia a Cuyabá; uma segunda esperava, na viagem do rio, que o tivéssemos passado, para atravessal-o por sua vez. Fiz-me a conversar com o negociante a quem ella pertencia; disse-me que a sua tropa se compunha de sessenta cargueiros, e que, além disso, conduzia uma duzia de negriãos da costa d'África. Vinha de S. Paulo e ia para Cuyabá. Esperava ter que vender a prazo longo quasi todas as mercadorias, e não esperava poder voltar a S. Paulo antes de dois annos. Negocios desse genero são muito lucrativos sem daviða; mas, si dão grandes lucros, são, certamente, comprados bem caro. Os paulistas que fazem estas interminaveis viagens através de desertos, devem, necessariamente, ter conservado alguma coisa do espirito aventureiro e perseverante dos seus antepassados.

Depois de transpor o Corumbá, camilhei ainda 1 legua para ir ao *Sítio de Pedro da Rocha*, onde tinham a venda malas e um burro. Aprendera tanto, por experiencia propria, a aproveitar as oportunidades, nesse paiz em que faltam as coisas mais indispensaveis á vida, que, tendo não encontrar malas até Mogimirim, primeira villa da provincia de S. Paulo, comprei as que me offereciam, si bem que fossem carissimas, e, em virtude disso, vi-me forçado a comprar um burro que não o era menos.

De Corumbá ao Parahyba, não se contam menos de 25 leguas. Neste espaço a região, ora montanhosa, ora simplesmente ondulada, continua a apresentar uma alternativa de bosques e de *campos*, os primeiros nas depressões, os segundos nas elevações e encostas. O terreno torna-se frequentemente pedregoso e arenoso, então as arvores dos *campos* têm menos vigor e se mostram mais

afastadas umas das outras: aliás, são sempre mais ou menos as mesmas espécies. Tão longe quanto a vista se pode dilatar, não se descobrem vestígios de cultura, não se vê gado nos pastos; por toda a parte uma solidão profunda, a monotonia mais fatigante. Nesse paiz, não existe uma só *fazenda* (1819); mas, a algumas leguas de distancia umas das outras, encontram-se, á margem da estrada, miseráveis *sítios* sempre acompanhados de um *ranchio* aberto de todos os lados. Os proprietarios mandam construir esses alpendres perto de suas casas afim de attrahir as caravanas e poderem vender o seu milho; mas, naquelle anno, não se encontrava o grão em parte alguma, pois que não o plantam sinão na quantidade que se tem certeza de vender, e a secca alterara todas as previsões. Vendo a indolencia e o tédio que se pintam no rosto dos sertanejos vizinhos da estrada, é difficil reprimir um sentimento de desprezo. Esses homens são de uma pobreza extrema e nada fazem para melhorar de sorte. Assim, por toda a parte vêem-se excellentes pastagens, quasi por toda a parte ha terrenos saltrados, que dispensariam os proprietarios de dar sal ao gado, e, no maximo, possuem duas ou tres vacas para ter um pouco de leite. Suas vestes consistem, como as dos mineiros mais pobres, em umas calças de tecido grosso de algodão e uma camisa do mesmo tecido passada por cima das calças, á maneira de blusa; os mais ricos delles acrescentam ao trajo um colete de tecido de lã.

No dia em que deixei o sitio de Pedro da Rocha, fiquei extremamente fatigado pelo movimento de palpebras que fazia sem cessar, para impedir as pequenas abelhas e os *borrachudos* de se precipitarem nos meus olhos; fui particularmente atormentado por elles na margem de um pequeno riachello lodacento, onde fui herborizar; si deixasse, por um momento, de agitar o lenço diante do

rosto, elle ficava logo coberto por esses insectos malfezjos.

A 1 legua de Pedro da Rocha passei diante do *Sítio do Palmital*, que se compunha de algumas choupanas e de um *ranchão*; em seguida não vi mais nenhuma habitação até o local onde me apeei, o *Sítio da Posse*.

Não havia mais que uma miseravel choupana semi-descoberta que habitava o proprietario, e uma outra quasi destruida, de que se fizera uma especie de *ranchão*. A secca era, por essa occasião, tão grande que, perto desse triste abrigo, outerravamos na poeira, e, a cada instante, os porcos e cavallos faziam voar turbilhões em volta de nós.

O *Sítio da Posse* era occupado por um homem de Minas Geraes que nelle se estabelecera muito recentemente. Encontrára já muitos *Geralistas* (12) estabelecidos ha pouco tempo na provincia de Goyaz. Esses homens allegavam terem deixado o seu paiz porque lá todas as terras já estavam occupadas; a verdade é que, emigrando, procuravam subtrahir-se á perseguição da justiça ou a de seus credores.

Como disse allures (13), o céu, desde o 22 do mez de Agosto, perdera o seu luminoso brilho, uma nevoa esbranquiçada tirava á atmosphera toda a transparencia, e, ao começo da tarde, podia-se olhar fixamente o disco solar sem se ser incommodado. A 30, dia em que deixei Posse, o trovão se fez ouvir, e vimos coriscos; a chuva, porém, não cahiu; estavam longe ainda da época em que ella devia começar.

(12) Nome que em muitos lugares se dá aos habitantes da provincia de Minas Geraes.

(13) Vide o capítulo intitulado *Quadro geral da provincia de Goyaz*, paragrapho *Clima, salubridade*.

Paramez em um *sítio* composto de algumas casinholas esparsas construídas quasi ás margens de um pequeno rio que tem o nome de *Braço do Veríssimo*.

Esse rio foi assim denominado porque se lança no *Rio Veríssimo* (14); nasce a cerca de 8 leguas dessa pequena habitação, em um lugar conhecido, disseram-me, por *Imbiruçu*, e não tem um curso de mais de 12 a 13 leguas; passa por ser muito piscoso; mas, até o presente (1819), não se encontrou ainda ouro no seu leito.

Uma caravana, que se dirigia de S. Paulo a Cuyabá, se encontrou conmigo em Braço do Veríssimo; era a terceira que via desde Moiaponte. Tinham-me dado um pequeno quarto, cuja frente, completamente aberta, servia de *ranchão*. Os saccos de couro (*broacas*) (15), que continham as mercadorias da caravana, estavam arrumados com ordem entre as longas varas destinadas a amarrar os burros. Nosso fogo foi accendido, a pouca distancia; o da caravana estava proximo, e os negros acorados formavam um circulo ao redor, enquanto que seus senhores se estendiam nas macas que tinham mandado fixar ao ar livre, nos moirões de que era cercado o curral.

A mesquinha habitação, em que pousei no dia seguinte, tem o nome de *Sítio do Veríssimo*, porque é construída á

(14) Escrevo esta palavra da mesma maneira que Casal e Luiz d'Alincourt, e certo a pronunciam no paiz; creio que não se deve admittir a orthographia de Pizarro, que escreveu *Verissimo*.

(15)

É por grupos apinhados,
Em seu centro estão arreios,
Sacos, couros e *broacas*.
Fileiras de estacas toscas
No terreiro em frente se alçam,
Em que estão presas as bestas
Sacudindo seus bornaes.

margem do Rio Veríssimo. Esse pequeno curso d'agua, affluente do Corumbá, estava por essa época quasi secco, mas torna-se muito largo na estação das chuvas.

Si bem que os vapores que carregavam a atmosphera diminuíssem muito o ardor do sol, era a occasião em que o ar estava mais quente, desde meados de Março, e, ás tres horas da tarde, o thermometro marcava geralmente de 25 a 26° Réaumur: tambem, quando chegamos, todo o mundo estava cefalado, e, quando tinhamos tão grande necessidade de um abrigo que nos pudesse garantir, não encontravamos senão um miseravel rancho aberto de todos os lados, onde eramos obrigados a arrumar as bagagens na poeira, enquanto que os burros e porcos a faziam voar em turbilhões em volta de nós.

Tendo dormido no Sitio do Veríssimo, puzemo-nos novamente a caminho. Tíhamos percorrido 5 leguas, e havia já cerca de sete horas que viajavamos, quando chegamos ao *Sitio do Ribeirão*, onde devíamos fazer alto, e que está situado bem perto de um regato. Eu morria de fome; tinha os nervos em um estado de irritação muito sensivel; sentia-me incapaz de ir mais longe. Todavia, como teria sido impossivel alojar as minhas bagagens nas casotas em franca ruina que constituíam o *Sitio do Ribeirão*, José Mariano queria intransigentemente obrigar-me a andar mais duas leguas, e tornou-se muito impertinente, como ficava sempre depois de uma jornada fatigante; insisti para que ficássemos em Ribeirão alojando-nos em qualquer parte que fosse, e acampamos á margem do correjo, em um local onde não havia, sequer, a menor soubra. O proprietario do *sitio* me testemunhou muito pezar por não me poder offerecer melhor abrigo, e, desde o primeiro instante, reconheci pelas suas maneiras educadas, que não pertencia á provincia de Goyaz; não me enganára, era um mineiro.

Em quasi todos os pontos por onde passara nesse dia e nos precedentes, o sólo é pedregoso e de má qualidade;

todavia existem, nas depressões, terras excellentes, e todos os colonos estão de accordo em affirmar que o milho ali rende ordinariamente 240 por 1. E' em Paracatú que os agricultores do districto encontram sahida mais garantida para suas colleitas; mas essa villa está afastada de 30 leguas; são necessarios nada menos de doze dias para se chegar lá em carros de boi, unico meio de transporte, e, frequentemente, após tão longa viagem, o colono tem muita difficuldade em vender suas produções.

Para além de Ribeirão fomos durante toda a jornada, horrivelmente atormentados pelas abelhas, *borrachudos*, mosquitos, e uma especie de mosca muito pequena, cuja picada, que não deixa signal, queima como uma fagulha; era, creio, a que, nos arredores do Rio de Janeiro, chamam *manuim* (S. Hil. escreve *miruim*) (16).

A falta d'agua se fazia sentir de maneira desesperadora. O céu estava sempre carregado de vapores, e, apesar disso, reinava um calor secco que fazia um mal horrível. Sob tão tristes influencias, José Mariano tornava-se insup-

(16) Não creio que se deya escrever *merohé*. — Quando, em 1816, estive em Ubá pela primeira vez, fui ali horrivelmente atormentado por um diptero de extrema pequenez, do qual não soube o nome, e que, provavelmente, não era outro sinão o *miruim*. Eis o que então escrevi: "As moscas, extremamente pequenas, de que se trata, não penetram nas habitações; mas, por pouco que se fique um instante em local humido sem fazer movimento, é-se logo assaltado por nuvens desses insectos, cuja picada causticante se faz sentir ainda muito tempo depois de se experimental-a. No dia da minha chegada aqui, assentei-me, á margem do rio, para descrever uma planta da familia das Violaceas, e, no mesmo instante, uma multidão desses animaes veio me pôr em fogo. Obtinhei-me em não inudar de lugar antes de ter completado a descripção, mas p'ro dizer que passei por um verdadeiro martyrio. O suor escorria-me do rosto como se tivesse feito um violento exercicio; minha respiração era precipitada; deixei o lugar mais fatigado do que após uma longa corrida".

portavel de máu humor e impertinencia. Não deixei nunca de ter com elle todas as attentões; mas era absolutamente impossivel adivinhar o que o descontentava, ou, para falar melhor, elle soffria, e estava descontente consigo mesmo. A necessidade absoluta que eu tinha desse homem, no meio dos desertos que percorria, e onde me era completamente impossivel encontrar outro almocreve, me fazia supportar seus caprichos com uma paciencia inalteravel; mas tinha pouco merito, pois o unico motivo dessa paciencia era uma imperiosa necessidade. O homem que habita as cidades liga pouco ao mau humor do seu empregado, porque dispõe de mil meios de evital-o; é, porém, um verdadeiro supplicio ter sob os olhos, a todos os momentos da vida, um rosto triste e carrancudo, e ouvir sem cessar palavras duras, quando não se dirigem sonão brandas e delicadas.

A 4 leguas de Ribeirão apeiamo-nos no *Sítio do Riacho*, composto de tres ou quatro choupanas pertencentes a proprietarios differentes. O mais recommendavel delles recebeu-me em sua casa com muito boa vontade e me concedeu a principal peça. Passei um dia em Riacho para deixar repouzar os animaes, e empreguei esse tempo herborizando e pondo em ordem as minhas malas, que eram, para mim, um museu, uma bibliotheca e uma casa ambulante. O districto em que então me achava não distava menos de 25 leguas de Santa Cruz; dependia, entretanto, dessa parochia, e, até o Paranahyba, que forma o limite meridional desta ultima, como de toda a provincia, não existia, em absoluto, nenhuma succursal. Antigamente o cura de Santa Cruz fazia, annualmente, viagem até o Paranahyba para confessar os habitantes da visiohança; mas acabara cansando-se de se afastar tanto de sua casa, e o cura da *Aldeia de Santa Anna*, que nos primeiros tempos o substituiria, afastara-se ha dois annos (17). O parochio de Santa Cruz tinha muito

(17) Vide o capitulo seguinte.

outras coisas em que pensar do que se occupar com os seus parochianos; dedicava-se ao commercio, passava por muito entendido nesse mistér, e, quando o fui visitar, conversara commigo ácerca do seu negocio como de uma coisa muito natural. Esse homem adaptava-se aos costumes da região, e não era mais culpado do que tantos outros; seria injusto censurar, particularmente, este ou aquelle individuo; são os costumes geraes que necessitam de reformas. Seja como fôr, os habitantes desse districto (1819) jamais ouvem missa; não recebem os sacramentos quando estão doentes; estão privados de toda a especie de instrucção religiosa e moral, e, si conservavam algumas idéias de christianismo, não poderá ter sido sinão por tradições de familia que o tempo, certamente, terá obscurecido (18). A bronquidão e ignorancia deuses infelizes não nos devem, pois, surprehender. Si communicam, de tempos em tempos, com algumas pessoas, são geralmente conductores de tropa, seus negros e rudes servidores (*camaradas*); nada veem que possa estimular-lhes a intelligencia, reanimar-lhes os sentimentos moraes; nada por assim dizer, os prende á sociedade humana.

Além de Riacho as terras são optimas, as moitas de arvoredo (*capões*) muito multiplicadas, e, mais ou menos a 1 legua do Paranahyba, entra-se em uma especie de mata que se estende até a corrente, exhibindo, por toda a parte, uma vegetação muito vigorosa.

Muito mais perto de Riacho passei deante da *Fazenda dos Casados*, da qual depende um *engenho de assucar*. Ao redor dessa habitação agrupam-se varias casas de agregados que dão a esse lugar a apparencia de um pequeno povoado. Não tenho necessidade de dizer que a do principal proprietario mal se distingue das dos demais; differo muito

(18) É bem evidente que o estado de coisas que aqui descrevo deve ter mudado, sob varios aspectos, depois que se construiu uma igreja em Catalão ou nos seus arredores, e que essa povoação foi erigida em parochia.

pouco, mesmo, das senzalas dos negros: esse genero de egualdade, geral nessa parte da provincia, não prova mais que uma igual rudeza de costumes. As caravanas, encontram nos Casados as provisões de que necessitam; mas um escomento tão fraco não era sufficiente para a importancia dessa *fazenda*: o proprietario enviava á povoação de Araxá o seu assucar, a cachaça e outros productos em lombo de burro; essa viagem não gastava menos de doze dias (19).

Os Casados estão situados a 1 legua apenas do Riacho, e até o Paranahyba, quer dizer, em um espaço de 3 leguas, encontrei uma povoação ainda, de legua em legua. A fertilidade do sólo e a visinhança do rio, á margem do qual parau frequentemente as caravanas, foi com certeza o que levou alguns agricultores a se fixarem nesse districto.

No meio das mattas que o Paranahyba contorna, e das quaes falei ainda ha pouco, tinham-se cortado as arvores, em um espaço de alguns hecctares, para ali fazer-se uma plantação. Segundo o costume, puzera-se fogo aos troncos abatidos, e elle se communicara á floresta. Vi arvores gigantescas queimadas pela base do tronco, cabir com facilidade e quebrar, na queda, aquellas que o fogo ainda não

(19) Luiz d'Alincourt diz (*Mem. Viag.* 71) que, de 1818 a 1823, a *fazenda* de Casados ampliou-se sensivelmente, porque os filhos e filhas do proprietario, tendo-se casado, construíram suas moradas perto da de seu velho pai, e viviam em optima intelligencia. No mesmo lapso de tempo, accrescenta esse autor, a *população dos campos visinhos á estrada* augmentou consideravelmente por imigrações de mineiros. — E' a 4 leguas de Casados que está situada a povoação de Catalão, de que já falei. Em 1818, não havia ainda nesse lugar mais que alguns coítonos; em 1823, os habitantes da visinhança já eram numerosos e tinham construido uma capella (LUIZ D'ALINCOURT, *Mem.*, 73); mais tarde Catalão se tornou uma succursal de Santa Cruz, e parece, como já disse que acabaram por fazer dessa povoação uma parochia. Não se deve suppor, todavia, que essas mudanças se devam a um verdadeiro augmento de população; não são mais que deslocamentos.

atingira. Assim por alguns *alqueires* de m'ho, arrisca-se por falta de precauções, a perder uma floresta inteira: e não está longe o tempo em que os brasileiros se queixarão de não possuírem matas (20).

Não tardei a chegar ás margens do Parahyba, e, dentro em pouco deixava, para sempre, a provincia de Goyaz.

Quando me achava em Ubá, em 1816, o proprietario dessa bella habitação, o sr. João Rodrigues Pereira de Almeida, recebeu a visita de um coronel que vinha de Goyaz, onde occupara um posto eminente, e ia para o Rio de Janeiro. Era um homem grave, instruido, cheio de bom senso, de maneiras finas, que viajára, conhecia varias linguas e

- (20) Hum dia chegará, incola insano,
 Que o suor de teu filho a estrada banhe,
 Que arquejando, caasado, em longos dias,
 Em vão busque hum esteio, que levante
 O herdado casal curvado em ruina!
 Hum dia chegará que a peso d'ouro
 Coupre o monarcha no seu vasto imperio,
 Estranhos laivos, que mesquinhos tecam
 Dos fastigios reaes a cuniceira!
 E os templos do Senhor o pinho invoquem
 Para o altar amparar das tempestades!

MANOEL DE ARRAUJO PORTO-ALGUE'

Erguei-me, já ha muito tempo (vide a minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro e de Minas Geraes*), contra a destruição intempestiva das florestas; mas, é necessario dizel o, não são só os brasileiros os censuraveis por negligenciarem a conservação das matas; esse grave erro é o resultado da imprevidencia e do egoismo, e em toda a parte se acham homens egoistas e imprevidentes. Apesar de sabias posturas, apesar de exhortações mil vezes repetidas, dos agronomos, apesar das desgraças que acarretam os deflorestamentos muito multiplicados, continuase, na França, a sacrificar florestas que se deveriam respeitar. Collinas ainda ha pouco cobertas de pinheiros não exhibem, hoje em dia, nos Pyréneus, senão massiços de fervas afastadas umas das outras, e mal algumas sarças apparecem, são logo arrancadas.

falava admiravelmente o francez. Passamos juntos uns dez dias; falou-me muito a respeito da provincia que acabava de deixar, e tive o cuidado de escrever o resultado das nossas conversações.

A estada desse coronel entre os goyanos remontava provavelmente aos primeiros annos do nesso seculo; transcrevendo as suas informações nessa obra, tornarei um pouco menos incompleto o esboço que tentei traçar de uma monographia da provincia de Goyaz; ellas mostrarão como são antigas as misérias dessa provincia, como pouco se importavam com ellas ao tempo do systema colonial, e quanto é para desejar, que uma administração sabia e intelligente arranque finalmente os habitantes da sua apathia e os excite a secundar, pelo trabalho, os gormens de prosperidade que uma natureza dádiosa semeou em torno delles.

“A população de Goyaz, dizia-me, o coronel, pode alcançar apenas 50.000 almas, incluindo os negros; Villa Boa, que é a capital, não tem mais de 3.000 habitantes. As terras dessa região são excellentes e produzem, em abundancia, assucar, café, algodão; mas, como não se pode exportar nenhum producto, os habitantes cultivam apenas o indispensavel para prover ás proprias necessidades. Não exercem, tampouco, nenhuma industria, e, em troca dos objectos manufacturados que lhes levam em lombo de burro, não podem dar sino ouro em pó.

Apenas a esperança de encontrar-o levou homens de indole aventureira a penetrarem tão profundamente pelo interior das terras, deixando atrás delles vastas regiões desertas e incultas. A fraca população do Brasil se disseminou por uma área immensa, enquanto que, si se fosse afastando do litoral á medida apenas que as terras fossem faltando, esse reino ter-se-ia incontestavelmente tornado rico e florescente. Dilluído em grande quantidade d'agua o mais forte licôr mal faz sentir o seu gosto.

Os antigos pesquisadores de ouro eram, geralmente, homens sem fortuna, e nem sempre foram indemnizados do seu trabalho. Muitas vezes se fazem, ainda, em Goyaz, despesas consideraveis na esperança de encontrar riquezas, e frequentemente, tambem, succede que, após muitas pesquisas, não se fica mais adiantado que antes.

Empregam-se os negros nesse genero de trabalho. Um delles custa, em Goyaz, 200\$000 réis (1,250 fr.); muito pouca gente, contudo, está em condições de pagar á vista essa somma: compra-se o escravo a crédito; enquanto se occupam em formal-o, os juros do capital augmentam, e, quando é necessario pagar o capital, o negro ainda não rendeu quasi nada; vende-se uma parte do que se possui, e cada vez se fica mais pobre”.

“Uma das causas que contribuem principalmente para o empobrecimento dessa capitania, é o desprezo que ali se tem pe'os laços de familia. Os casamentos lú são raros, e levados a ridículo, o que provêem, claramente, da immoralidade dos antigos colonos. Os brancos vivem na devassidão com mulheres de côr e indias; interessam-se pouco pelos filhos que nascem dessas uniões momentaneas, e não procuram augmentar um patrimonio que devem deixar a collateraes. Suas amantes, sabendo que não podem contar com uma longa affeição, tratam de se aproveitar do ascendente que exercem sobre elles, e acabam de arruiná-los”.

“Por outro lado, o sangue se mescla cada vez mais, e já não se encontra mais, na capitania, brancos em numero sufficiente para preencher os cargos publicos.

As creanças, nascidas de uniões illegitimas e passageiras, não recebem nenhuma educação; adquirem cedo habitos viciosos, vegetam na ignorancia, não conhecem nem familia, nem patria, e recusam trabalhar, sob o pretexto de que o sangue dos brancos corre em suas veias.

Seria necessario que o governo estimulasse os casamentos por isenções de impostos e desgostasse do celibato por um augmento de encargos”.

“A capitania de Goyaz é atravessada por grandes rios, e o principal delles, o Tocantins, é, por si mesmo, de navegação facil. Para abrir mercados aos productos do paiz bastaria mandar construir barcos, e estabelecer, de distancia em distancia, nas margens do rio, especies de armazens onde se pudesse encontrar viveres, e collocar, na visinhança, postos militares. O governo comprehendea as vantagens desse plano, e já ha muito tempo suggeriu aos habitantes de Goyaz que se cotisassem para tornar o rio navegavel; mas elles são tão pobres que nenhum accionista se apresentou (21)”.

Com pequenissimas differenças, esse quadro é o mesmo que eu proprio tracei minuciosamente. Assim, já desde muitos annos, o estado da provincia de Goyaz era approximadamente o mesmo que em 1819, e os escriptos de Mattos e de Gardner tendem a provar que, posteriormente, não experimentou grandes melhorias. Fizeram-se algumas reformas, que produziram alguns beneficios de pequeno alcance; não chegou, porém, ao meu conhecimento, que nenhuma medida importante tenha sido tomada para restaurar as finanças, fazer florescer a agricultura e o commercio, dar aos habitantes da região um pouco de energia, excitar sua emulação e melhorar-lhes os costumes. Os elementos de uma grande prosperidade lá existem, rapto-o; confiemos no bom senso da nossa especie, esperemos mais ainda do tempo e da Providencia (22).

(21) Provavelmente sob a administração de Francisco d'Assis Mascarenhas, conde de Palma.

(22) “A provincia de Goyaz teria sido, diz d'Eschwege (*Pluto Brasileiro*, 69) uma das mais productivas do Brasil, si sua administração não tivesse sido sempre confiada a homens pouco escriptulosos e iníabeis. Sob o antigo regimen, cada fun-

cionario não cogitava senão do seu interesse particular, e ainda agora succede frequentemente o mesmo, apesar do paiz estar submettido a uma assembléa provincial". — A Fernando Delgado, que foi seguramente um homem de bem, succedeu MANOEL IGNACIO DE SAMPAIO, ao qual se fizeram accusações tão graves (SCHTAEFFER, *Bras.*), que é impossivel não as considerar calumniosas. Depois da revolução que conferiu ao Brasil completa independência, Sampaio foi obrigado a deixar o governo, e se instituiu uma *junta administrativa*; em pouco tempo esta foi substituida por outra, chamada *provisoria*, cujos membros foram nomeados pelo principe regente D. Pedro I; e, enfim, depois de 1824, a administração de Goyaz tem sido sempre confiada, como a das outras provincias do imperio, a um presidente e um secretario assistidos por um conselho provincial (MILL. e LOP. DE MOURA, *Dicc. Bras.*, I, 401). — É evidente, pelo que diz Mattos (*Itineraria*, I), que desde a origem, o governo provincial se viu fortemente entravado por manobras de bastidores e compadrescos. A intriga é de toda a parte, mais, principalmente daquellas onde pouco se conhece o trabalho, é a occupação dos homens ociosos; por isso, parece ter estabelecido o seu imperio entre os brasileiros. — A falta de homens capazes deve ter sido tambem um grande obstaculo ao estabelecimento de um governo competente e regular na provincia de Goyaz. Os habitantes dessa região, repito-o mais uma vez, estão longe de ser desprovidos de intelligencia; mas isso não basta para fazer um bom administrador; a instrucção não é menos essencial, e não era no regimen colonial que os goyanos podiam adquiril-a em sua terra. Um dos membros da primeira junta era um ecclesiastico que comia frequentemente em casa do governador e lhe servia de escanção. Esse homem me falou uma vez de uma transacção que me parecia pouco licita: mas, reverendo, disse-me eu, isso seria uma simonia. — Não, respondeu-me elle, vai ver o sr. que não, e me recitou em latim a serie dos impedimentos dirimentes do casamento. — Desde essa época, as coisas, infelizmente, pouco mudaram. Dei

a conhecer o que era, em 1832, o ensino na região de Goyaz; parece que, ultimamente, devo dizê-lo em louvor do governo provincial, foi fundada em Villa Boa uma cathedra de philosophia, além da de latim, e que, além disso, se ensina geometria e francez (MIL. e LOPES MORAES, *Dicc.*, I, 106). Uma instrução tão elemental não basta, entretanto, para formar individuos capazes, e aliás, é permitido crer que não são os mestres mais habéis do Brasil que se vão fixar em Goyaz, uma vez que é difficil encontrar homens que queiram enterrar-se em uma provincia tão afastada para occupar funcções provavelmente muito melhor retribuidas que as de professor de francez ou de geometria, (vide o relatório apresentado á Assembléa Legislativa Geral do Imperio para a sessão de 1846). Por outro lado, poucos goyanos têm posses sufficientes para enviar seus filhos a 200 ou 300 leguas de distancia, á escola de direito de S. Paulo ou as da capital do Brasil, e é preciso convir que devem sentir pouca vontade de se separarem dos filhos por extensão tão grande de desertos. Segundo o relatório feito pelo Ministro de Estado do Brasil, Joaquim Marcellino de Brito, á Assembléa Geral Legislativa de 1847 (*Relatório*, etc.), não havia, a esse tempo, mais que 2 goyanos na Escola de Direito de S. Paulo, 2 na escola de Medicina do Rio de Janeiro, 4 na escola de Direito de Olinda, 2 no collegio de Pedro Segundo do Rio de Janeiro. De tudo isso e dos pormenores que dei no decurso dessa obra, devemos concluir que, si, desde a descoberta de Goyaz até os nossos dias, as diversas administrações que se succederam nessa provincia commetteram, muitas vezes, erros graves, si puderam ser accusadas de negligencia, impericia e, até, malversações, devemos, no entanto, reconhecer, que os homens mais competentes e mais animados pelo desejo de acertar, encontrarão sempre obstaculos, sinão invenciveis pelo menos, muito difficéis de vencer, no afastamento da provincia de Goyaz, sua população tão fraca, disse minação excessiva dos habitantes, sua extrema pobreza, e a indolencia a que os condemna o calor do clima.

CAPITULO XXVII

AINDA A PROVINCIA DAS MINAS — OS INDIOS MESTIÇOS DO PARANAHYBA

O Paranhya, limite da provincia de Goyaz. — Pormenores sobre esse rio. — É transposto no *Parto Real da Paranhya*. — Soldados mineiros. — Districto privilegiado concedido aos caboclos mestiços. — Insectos maléficos. — *Aldeia do Rio das Pedras*. Sua povoação. Casas. Retratos dos indios que a habitam; seu capitão; sua historia; privilegios.—Todos são agricultores; venda dos productos das terras. Estão privados de soccorros espirituaes e de qualquer meio de instrucção. Sua lingua; vocabulario comparativo dessa lingua, da *lingua geral* e do dialecto de S. Pedro dos Indios; orthographia, pronuncia; reflexões sobre as alterações que soffreu a *lingua geral*. — *Aldeia da Estiva*. Sua posição. Historia e pormenores sobre os habitantes. — Insectes maleficos innumeraveis nas margens do *Rio da Estiva*. — *Aldeia de Pisarrão* abandonada. — *Aldeia da Boa Vista*. Seus habitantes. Uma festa. Reflexões sobre a maneira com que os homens da nossa raça procedem com os indios. — Felicidade dos indios mestiços da Paranhya. — Vantagem da mistura de raças. Os resultados dessas misturas. — Porque a anthrologia é ainda uma sciencia tão obscura.

Antigamente a provincia de Goyaz se estendia a 34 o a 35 leguas portuguezas além dos seus limites actuaes quer dizer, até o Rio Grande; como, porém, o territorio que se

acha comprehendido entre esse rio e o Paranahyba faz parte do *julgado* de Desemboque (1), seguiu a sorte dessa jurisdição, e da de Araxá, quando, em Abril de 1816, foram ambas reunidas á provincia de Minas (2): o Paranahyba tornou-se, então, o limite meridional da de Goyaz.

O Paranahyba tem suas nascentes na comarca de Paracatú (3), na vertente occidental da cadeia que separa suas aguas das do S. Francisco (Serra do S. Francisco e do Paranahyba). Seus principaes *affluentes* são o Rio das Velhas, o S. Marcos e o Corumbú. e, si bem que os dois ultimos venham de muito mais longe que elle, perdem o nome reunindo as respectivas aguas ás suas. Pedras grandes elevam-se do leito desse rio como do do Paranahyba (4) e impedem, infelizmente, sua navegabilidade. Ignoro se nelle se encontra ouro, mas passa por ser muito piscoso; entretanto, é para notar que, si o peixe morde ahí bem o

(1) A povoação de Desemboque, situada á margem esquerda do Rio das Velhas, deve sua fundação a mineiros e é mais antiga que Araxá. Parece que seus habitantes, favorecidos pela fertilidade famosa das terras dos arredores, gozam de certa abundância. D'Eschwege diz (*Bras.*, I, 99) que, em 1816, não havia ainda, em Desemboque, mais de 65 casas, e que existiam 181 *fazendas* em todo o *julgado*, cuja população se elevava approximadamente a 3.945 individuos, em uma área de cerca de 500 leguas quadradas. — Fica-se admirado que Pizarro, que escrevia em 1822, tenha ainda collocado Desemboque na provincia de Goyaz, e não fale sinão em uma nota, e isso mesmo, casualmente, da reunião dessa povoação a Minas. — Desemboque foi erigida em villa e comprehende, com seu districto, dizem Milliet e Lov. de Moura (*Dicc.*, 325), uma população de 5.000 almas, que retira grandes proveitos da cultura das terras. O *Mate* ou *Congonhas* (*Hex Paraguariensis*, A. de S. Hill, e não, como se tem escripto, *Paraguayensis*) é, accrescentam os mesmos autores, muito commum nas proximidades de Desemboque.

(2) Vide o capitulo intitulado *A povoação de Araxá*, etc.

(3) POUL, *Reise*, I, 242.

(4) *Viagem pelo districto dos Diamantes e litoral do Brasil*, I, 108.

anzol, é unicamente no tempo das chuvas, o que, de resto, succede igualmente em todos os rios desse paiz (5).

Como se viu, eu já atravessára o Paranahyba indo de Araxú para Goyaz. No lugar em que se o atravessa para ir dessa provincia a S. Paulo, e que chamam *Porto Real da Paranahyba*, fica-se muito perto da sua nascente, e é já um grande rio; mas a secca excessiva, que reinava por occasião da minha viagem, reduzira-o á terça parte da sua largura ordinaria. Ambas as margens pouco se elevam acima do nivel da agua; mas são muito escarpadas e cobertas, tanto uma como outra, de mattas de vegetação assás vigorosa. Atravessa-se esse rio sobre uma especie de balsa feita com duas canoas amarradas juntas, e nas quaes se estendeu um taboado; a ptegem é recebida por dois soldados do regimento de Minas, destacados de um posto acantonado mais

(5) Em um livro indispensavel aos que quizerem conhecer o conjunto da geographia do Brasil, o *Diccionario geographico*, etc., os autores acharam dever mudar o nome de Paranahyba em *Paranaiva* (II, 239), porque, dizem elles, esse rio é conhecido no mesmo tempo por *Pavahiba*, *Paranahyba*, e até *Paraná*. Nos dois lugares em que eu o atravesséi, ouvi-o chamar *Parnahyba*, que é evidentemente uma corrupção de *Paranahyba*, e, como essa última palavra foi adoptada, com a unica variante do *i* pelo *y*, por homens de autoridade, Manoel Ayres de Casal, Pizarro, Eschwege, Pohl e Mattos, parecem-me que devia conserval-a: aliás, os proprios autores do *Diccionario* deram o exemplo na artigo *Columbá*. - Esses geographos acrescentam que o "Paranaiva nasce nas montanhas que se acham ao sul do *ribeiro Tocantins*, affluent de Rio Maranhão". Não viséi a fonte do Paranahyba; mas creio dever preferir a versão de Pohl, citada acima, porque ella é rigorosa e conforme a tudo o que sei a respeito do rio que temos em vista. Luiz d'Alincourt é ainda mais preciso do que Pohl, pois diz positivamente que o Rio Paranahyba tem sua nascente mais remota ao norte da Serra da Marcella, perto da do Rio Preto (*Mem. Viag.*, 70); mas não ouseo admittir essa indicação só com a simples autoridade desse viajante. — A palavra *Paranahyba* deriva do guaraní *paranyba*, que significa *rio indo lançar-se em um pequeno mar*.

longe, á margem do Rio das Velhas; esse occupava uma pequena casa construida á margem esquerda do Paranahyba (1819).

Um delles estava em viagem; fui recebido pelo outro com essa amabilidade que distingue os mineiros, e, em particular, os soldados do regimento dessa provincia. Fez questão absoluta de que eu compartilhasse da sua refeição, e faliaos muito da sua provincia, da qual não me podia lembrar sem um profundo sentimento de gratidão. Os soldados do regimento de Minas são, como disse em outro lugar, homens escolhidos, que pertencem a familias dignas, foram bem educados, e merecem a consideração que se tem por elles.

A terra que ia atravessar antes de entrar na provincia de S. Paulo, e que se achá comprehendida entre o Rio Paranahyba e o Rio Grande, tem perto de 30 leguas de extensão. Constitue um districto privilegiado de 3 leguas de largura, que foi concedido, como veremos daqui ha pouco, aos descendentes de varias tribus indigenas e comprehende terras muito férteis.

Após me ter posto novamente a caminho (6), costeei o rio por poucos instantes, cortando os bosques que o bor-

(6) Itinerario approximativo do Porto Real da Paranahyba á Fazenda das Furnas:

De Porto Real á Aldeia do Rio das Pedras.....	2	leguas
Da Aldeia do Rio das Pedras á Aldeia da Estiva	2	"
Da Aldeia da Estiva á da Boa Vista	4	"
Da Aldeia da Boa Vista á Fazenda das Furnas,		
habitação	1 ½	"
	<hr/>	
	9 ½	leguas

Devo dizer que Luiz d'Alincourt conta 4 ½ leguas de Estiva a Boa Vista e 5 do Paranahyba á Estiva (*Mem. Viag.*, 113); enfim que Joaquim da Costa Gavião (in *MATTOS, Itinerario*) conta cerca de 6, de Estiva a Furnas.

dam. Em geral, toda a região que se estende pelo espaço de 2 leguas do Paranahyba á Aldeia do Rio das Pedras é florestada e, ao mesmo tempo, montanhosa.

A partir de Santa Cruz eramos martyrisados pelos insectos. Depois de passarmos o rio, as abelhas não mais nos atormentaram; mas, o que era muito peor, fomos devorados por mosquitos e nuvens de *borrachudos*. Si ficavamos um instante sem agitar alguma coisa deante do rosto, elle se enchia logo desses últimos insectos. Sua picada causa inflamações e pruridos causticantes; felizmente, porém, essas moscas não têm os mesmos habitos dos mosquitos, que picam no momento em que pousam; ellas, pelo contrario, passeiam muito tempo antes de metter a tromba, e se tem, quasi sempre, tempo para espantal-os.

A *Aldeia do Rio das Pedras*, onde me apeei, após ter caminhado 2 leguas, a contar do Paranahyba, foi construida em uma região de bosques, na encosta de uma collina que se estende, por um declive suave até um pequeno regato, cujo nome é o mesmo que o da *aldeia (Rio das Pedras)*. Este ultimo se compõe de umas trinta casas dispersas aqui e alli. A maioria dellas cobertas de sapê, não differê das dos luso-brasileiros, e si algumas foram construidas e cobertas com folhas de palmeira, como as cabanas do Cuyapós (7), são muito maiores e mais altas que essas ultimas.

A excepção de um ou dois individuos, não vi na *aldeia* do Rio das Pedras indios de raça pura. Quasi todos devem a origem a uma mistura de raça americana com a dos negros (8). Sua pelle, muito mais escura que a dos in-

(7) Vide o capitulo intitulado *Os Indios Cuyapós*.

(8) Esses mestiços eram designados *ourôra* pelo nome de *Juribocás* (MAREGRAFF, *Hist. Nat. Bras.*, 268). Não ouvi pronunciar essa palavra em parte alguma; parece, entretanto que não se perdeu inteiramente, pois Casal diz que, dos brancos e negros mestiçados com Parecis, sahiram os *mamaucos* e *curibocás* que formam a base da população de Cuyabá. Maregraff applica

dica, é de um pardo quasi negro; têm os hombros e o peito largos, o pescogo grosso, muito curto e frequentemente accrescido de um enorme bocio; suas pernas não são delgadas como as dos indios; a cabeça é muito grande e angulosa; o nariz é desmedidamente alargado; os olhos longos, porém menos divergentes do que os dos indios, de raça pura; os labios não são tão grossos como os dos negros; têm barba; os cabellos, que deixam crescer são muito abundantes, duros, e, no entanto, crespos. Tacs são os traços geraes desses mestiços; mas observam-se entre elles differenças individuaes bastante notaveis; assim, vi duas ou tres creanças que embora quasi pretas, tiham os cabellos completamente lisos. Seja como fôr, é incontestavel que os habitantes da aldeia se approximam menos dos negros que dos indigenas americanos, e como indios os considera todo o paiz. É facil de conceber que, pelo retrato que delles dou, esses homens são de uma fealdade extrema, e suas mulheres não lhes levam vastagem; têm, entretanto, um ar de doçura, que faz esquecer logo o que sua physionomia têm, a principio, de repellente. Conversei com varios dentre elles e achei-os com mais senso e razão do que mostram commumente os indios de raça pura, que apenas são creanças pelo espirito. Fiquei principalmente, satisfeito com o

tambem o nome de *caboclos* a mesma mistura: muito recentemente George Gardner, viajante muito distincto, o tomou no mesmo sentido (*Travels*, 22); mas devo dizer que as palavras *caboclos* e *cabocos* me pareceram sempre tomadas em um máu sentido para designar todo individuo pertencente á raça indigena; assim, chamavam ao meu botocudo, um *caboco*, e elle era seguramente de raça americana sem nenhuma mestiçagem. São, sem duvida, os *caribocas* que o sr. conde de Suzannet indica sob o nome de mulatos indigenas (*Souvenirs*, 226); mas esses termos pareciam-me implicar contradicção; mulatos indios não seriam mulatos.

capitão da *aldeia* (9); demorou-se bastante connigo, e respondeu a todas as minhas perguntas com muita polidez e complacencia.

Pelas informações que elle e outros indios me deram, eis qual foi a origem da *aldeia* do Rio das Pedras: Na época em que os paulistas fundaram, na provincia de Goyaz, os primeiros estabelecimentos, os Cuyapós, exasperados, certamente, pela crueldade de alguns delles, puzeram-se, como já o disse, a infestar a estrada do S. Paulo a Villa Boa, e lançaram o terror nas caravanas. *Antonio Pires*, que reduzira varias nações indígenas na região de Cuyabá e que era famoso pela sua intrepidez, foi convidado a ir em socorro da colonia nascente. Já alcançado em annos, não pôde se pôr em pessoa á frente da expedição; mas, em seu lugar, enviou o filho, o coronel *Antonio Pires de Campos*, com uma tropa de indios de varias nações differentes, principalmente Bororós e Parexis (10). Os Cuyapós foram vencidos e tratados com grande crueldade (11);

(9) Não me informei, infelizmente, do nome desse digno indio; mas parece evidente que já estava á testa da *aldeia* quando por lá passou d'Eschwege em 1816, e, por consequente, devia chamar-se *Leopoldo*.

(10) Escreven-se tambem Parecis, Parisis, Parecis, e Paricys; conformo a minha orthographia com a pronuncia usada no paiz. Parece que os Parexis constituíam uma das mais bellas nações da região de Cuyabá, mas hoje em dia estão quasi extinctos, si não o estão completamente (x). Os Bororós, divididos em varias tribus, eram mais poderosos que os outros indios, e, ao mesmo tempo, os mais facéis de civilizar (CAZAL. *Cor.*, I, 302; — *Piz., Mem.*, IX, 104).

(11) *Pont. Reise*, I, 349.

(*) N. do T. Existem ainda, pois o então coronel Rondon os encontrou em 1907, em Matto-Grosso e o sr. Roquete Pinto os estudou sob o aspecto linguístico e ethnographico em 1912 (V. o livro *Rondonia*). São actualmente parasitas do estado, isto é protegidos pelo Governo Federal. Essas magnificas reservas de energia da nacionalidade não podem viver sem o oleo camphorado da protecção official.

a estrada tornou-se completamente livre, e para garantil-a melhor contra novos ataques, concedeu-se a Antonio Pires, para si e sua gente, o territorio que se estende do Rio Paranahyba ao Rio Grande, com a largura de 1½ leguas portuguezas de cada lado da estrada. Foi o local onde está hoje em dia a aldeia do Rio das Pedras que Pires escolheu para se fixar. A povoação se levantou, por cerca de 1741, á custa da *fazenda real*, e Pires teve nella uma casa. Antes dessa época os jesuitas já tinham formado uma *aldeia*, composta de indios do litoral, no local denominado S. Anna; quizeram immiscuir-se no governo de Antonio Pires; este se oppoz á sua intervenção, mas, para satisfazel-os, submetteu-lhes alguns indios do norte de Goyaz, que foram reunidos á *aldeia de S. Anna*. Todavia, após lançar os alicerces da sua pequena colonia, Pires voltou a Cuyabá, e levou consigo as mulheres e filhos desses indios. Parece que elle possuia muitos negros, e naquelle tempo, os brasileiros não costumavam casar seus escravos. Os de Antonio Pires devem ter procurado, naturalmente, as unicas mulheres com quem poderiam ter relações, e a actual população da *aldeia* prova sufficientemente que não foram mal recebidos (12). A mestiçagem, uma vez estabelecida, continuou com maior facilidade ainda entre negros creoulos e filhas de africanos e indias; e matrimonios legitimos seguiram-se ás primeiras uniões que apenas foram passageiras. Hoje em dia mesmo (1819), não é raro ver creoulos livres ou mulatos virem procurar esposas na *aldeia*, onde o casamento os faz gozar, como no litoral (13), dos privilegios dos indios, que daqui a pouco darei a conhecer. Antes da reunião das jurisdicções de Araxá e Desemboquo

(12) As indias, em geral, têm grande predilecção pelos negros. Já assignalei esse facto noutro lugar (vide minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro e de Minas Geraes*, II, 49).

(13) Vide o vol. II da *Viagem pelo districto dos Diamantes e litoral do Brasil*.

já provincia de Minas, a aldeia das Pedras fazia parte, como se sabe, da provincia de Goyaz; seus habitantes foram chamados, por varias vezes, pelos generaes da provincia, para ir combater nações ainda não submettidas, e não tiveram nunca que se queixar quanto á sua coragem e fidelidade (14). No entanto, o governo de Goyaz não soube reconhecer seus serviços; foram confiados a dirigentes máus e oppressores, e como nenhuma padre queria, ao que parece, passar sua vida no luto delles, esses pobres neophitos, diz monsenhor Pizarro, que tinham abraçado a religião catholica sem conhecê-la, não tiveram outro pastor sinão um homem que fôra constrangido a aceitar esse encargo, e que, longe de edifical-os, teria sido capaz de corromper nül vezes, pelos seus máus exemplos, os homens mais virtuosos (15). Não é tudo ainda: em 1809 (16),

(14) Esse relato e o que direi mais tarde acerca da origem das aldeias vizinhas da do Rio das Pedras, não está absolutamente conforme ás informações succinctas dadas por Casal, Pizarro e Pohl; mas era difficil a esses escriptores saber exactamente a verdade, enquanto que os indios, que me transmittiram as informações aqui consignadas, as sabiam por ouvirem dos proprios filhos dos mais antigos habitantes; aliás, Pohl não está inteiramente accorde com Casal e Pizarro, e este ultimo não está, tampouco, consigo proprio, pois, umas vezes situa o primeiro estabelecimento dos Bororós a meia legua do Rio das Velhas, outras, o que é seguramente um erro, ás margens do Rio Grande (vide Casal, *Corog.*, I, 354. — Piz., *Mem.*, IX, 104, 222. — Pom., *Reise*, I, 141).

(15) *Mem. hist.*, IX, 104. — Eschwege, *Bras.*, I, 82.

(16) Não posso deixar de considerar como absolutamente erronea a indicação de 1796, dada por Eschwege. Quanto á de 1811, que se encontra em Casal e Pizarro, é provavelmente mais exacta que a data de 1809, indicada acima e admittida pelos indios, que, mal sabendo contar, podiam mais facilmente enganar-se a respeito de datas do que de factos. Sua transferencia se prende evidentemente aos planos de navegação de que se occuparam tanto Fernando Delgado como seu predecessor, o conde de Palma (Francisco de Assis Mascarenhas): o primeiro, porém, assumiu o governo em Novembro de 1809, e não é muito prova-

tiveram a barbara idéia de transportar uma grande parte da população do Rio das Pedras, a varias centenas de leguas, para um clima torrido, ao local denominado *Nova Beira*, onde queriam estabelecer um posto militar (*presidio*). Os desgraçados que se arrancaram dessa maneira á familia e á patria, pereceram todos miseravelmente, e, por occasião da minha viagem, não havia mais na *aldeia* do que 18 fôges. Um acontecimento tão triste infundiu, naturalmente, receios aos Bororós: quando em 1816, d'Eschwege foi enviado á região para fixar os limites de Goyaz e Minas Geraes, os pobres cabanos imaginaram que iam ser reduzidos á escravidão; mas o coronel allemão os socegou offerecendo-lhos uma pequena festa que se passou alegremente, e quando partiu, todos os habitantes da povoação lhe testemunharam seu reconhecimento da maneira mais commovente (17).

A *aldeia* do Rio das Pedras passou, com as justças de Desemboque e Araxá, para a administração da provincia de Minas Geraes, e eis o regime a que estava submettida por occasião da minha passagem por lá.

Os indios mestiços estavam sujeitos a um capitão e officiaes subalternos escolhidos entre elles, e estes o eram por sua vez ao commandante do Rio das Velhas, director das diversas *aldeias* situadas entre esse rio e o Paranahyba. Todos os habitantes da povoação estavam inscritos do dizimo; mas, em caso de necessidade, deviam servir de auxiliares ao destacamento militar do Rio das Velhas. Até

vel que em vespéras de se retirar de Goyaz, o anterior governo tenha dado ordem de afastar os indios do seu paiz, nem que Fernando Delgado tenha ordenado essa medida no proprio momento da sua chegada. Esses dois governadores foram homens de bem; não podiam, porém, conhecer a immensa região que deviam governar; ninguem os sabia guiar e, naturalmente, cometeram erros.

(17) *Brasilien die neue Welt*, I, 85.

1819, o seu serviço se limitára a passar a balsa de uma margem do Paranhayba para a outra. Cada qual era chamado por sua vez pelo capitão da *aldeia* e dava um mez de serviço. A retribuição não ia além de 1500 réis (9fr., 37c.) por um mez de serviço; mas era paga com pontualidade.

As terras dos indios eram inalienaveis como as dos indigenas do littoral (18); entretanto, os luso-brasileiros se podiam ali estabelecer a titulo de *agregados*, com a permisseão dos verdadeiros proprietarios ratificada pelos superiores, e não só não lhes era permitido vender os immoveis, como ainda, ao se retirarem, eram obrigados a entregar as *benfeitorias* como uma indemnização pelo prejuizo que, pelo systema de agricultura brasileira tinham feito ás terras com o cultivo. Até 1819 o numero dos *agregados* portuguezes era minimo, porque havia nas visinhanças da *aldeia* terras tão boas como as da sua dependencia e em condições muito mais vantajosas.

Todos os indios mestiços do Rio das Pedras eram lavradores. Cada qual delles fazia sua plantação separadamente; mas o capitão tinha autoridade para castigar os preguiçosos, e de tempos a tempos, o director, commandante do Rio das Velhas, enviava um militar para examinar as plantações. Como a *aldeia* estava situada á margem da estrada, os habitantes vendiam facilmente es seus productos, e, o que prova que elles cultivavam e vendiam, é, que em geral, estavam bem vestidos.

Não havia entre elles artezões especializados; não havia, tampouco, na *aldeia*, nem *venda* nem loja alguma. Os habitantes compravam aos *tropeiros* os objectos de que careciam, ou então faziam permutas com os proprietarios da visinhança, fornecendo algodão fiado por suas mulheres, e pelles de vendo.

(18) Vide minha *Viagem pelo districto dos Diamantes e littoral do Brasil*, II.

Os índios do Rio das Pedras dependiam da parochia de *Santa Anna*, onde, como direi dentre em pouco, havia tambem uma *aldeia*. Já se viu que, a principio, fôra dado a essa pobre gente um padre escandaloso para dirigil-os; por occasião da minha viagem, não tinham pastor. A provincia de Goyaz era tão pobre que, retirando-lhe a administração do districto, acharam que deviam conservar-lhe os rendimentos; levantáram-se difficuldades entre essa provincia e a de Minas, quanto ao pagamento do cura de Sant'Anna: este se retirára, e, desde dois annos, os índios das aldeias estavam completamente privados de assistencia espiritual e de qualquer especie de instrucção. Ninguem, na *aldeia* do Rio das Pedras, sabia ler, e pareceu-me que não contavam lá o dinheiro com grande facilidade.

Os índios mestiços do Rio das Pedras não conservaram nenhum dos costumes dos seus antepassados, e viviam absolutamente como os brasileiros; entretanto, quando conversavam entre si, deixavam de falar o portuguez, e, o que é bastante notavel, o idioma do qual se serviam, era, salvo ligeiras differenças, a *lingua geral* dos indígenas da costa. Não é provavel que essa lingua fosse a dos Bororós e Parecis, e o capitão da *aldeia* disse-me que effectivamente estes tinham outra; mas os antigos paulistas falavam todos a *lingua geral*; sabiam resar nesse idioma, e os índios de Antonio Pires naturalmente aprenderam-na com elle e seus escravos.

Vou dar aqui um curto vocabulario do idioma falado na *aldeia* do Rio das Pedras e nas duas proximas, as da Estiva e de Boa Vista, pondo lado a lado as palavras desse idioma com as da *lingua geral*, tal como se encontra no dictionario dos jesuitas, e, além dessas, as do dialecto dessa ultima em uso entre os índios da sub-raça tupy, habi-

tantes da aldeia de S. Pedro, na provincia de Rio de Janeiro (19).

Portuguez	Dialecto da aldeia do Rio das Pedras	Diccionario dos Jesuitas	Dialecto de S. Pedro
Deus	Nhandimara	Tupana	Tupau
Sol	Araçu
Lua	Jaçu	Jacy	Jacy
Estrellas	Jaçutata	Jacitata	Jacitata
Terra	Hubu
Homem	Apûba	Apyaba	Apuava
Mulher	Cumbã	Cumbã	Cumbã
Creança de peito	Pitangeté	Mytanga	Pytanga
Menino	Curumina
Mentira	Cunkatemli
Mulher de idade	Cunha buçu
Cabeça	Nhacanga	Acanga	Nhacanga
Cabellos	Javi	Aba	Java
Olhos	Teça	Ceça	Ceça
Nariz	Inchimo	Tim	Iteli
Bocca	Juru	Juru	Juru
Dentes	Hauha
Orelhas	Nauhy	Nauhy	Nauhy
Pescoço	Jauré	Ajuri	Jajura
Peito	Putehia
Ventre	Cihé
Coxa	Jua
Pernas	Iteman	Cetyma	Cetuma
Pé	Ipuranga	Py	Iporangavã
Braço	Jua	Jyba	Juva
Mãos	Ipo	Po	Ipo
Pedaço de pau	Uira
Folha	Urarova
Frueto	Ca
Cavallo	Cavarú	Ca'arú	Cavarú
Mula	Cavarú tuppichi
Tapir	Tapiraté
Veado	Quaçu

(19) Vide minha *Viagem pelo districto dos Diamantes e littoral do Brasil*, II, 8, 293.

Portuguez	Dialecto da aldeia do Rio das Pedras	Diccionario dos Jesuitas	Dialecto de S. Pedro
Passaro pequeno	Ura muiin
Bicho de pé	Tunga	Tunbyra	Tunga
Rio	Jaçu
Agua	Ûg	Ûg	Ûg
Carne	Çóó
Peixe	Pyrá	Pyrá	Pyrá
Bori	Catú	Catú
Máu	Jahé
Bello	Paranheté
Feio	Yeyayeté
Vermelho	Py angaça	Pytanga	Pyraui
Branco	Muotchi	Morotanga	Merotchin
Preto	Ondigua	Ua	Sua
Pequeno	Merim chiqueté	Merim	Merim
Grande	Truceté	Turuçá	Tupichava

Para a orthographia das palavras precedentes segui a que foi adoptada pelos jesuitas ou, si quizerem, a da lingua portugueza, guiando-me pelos principios enunciados a seguir: ao vocabulario do idioma dos coyapós (20). Acrescentarei que, nas palavras Jaçu e Jaçutata, a pronuncia do ç se approxima da *th* inglez; que o *h* é geralmente aspirado; que o *r* participa do *l* (*r* brando); que a pronuncia do *ch* allemão se encontra em *chuhé*, e a *g* allemão em *ug*; que o termo *hubu* se pronuncia muito surdamente; que o sem das palavras *chuhé* e *inha* é tambem surdo, e são muito difficéis de representar por letras; que em fim, em *nambi* se escurega levemente sobre o *b* e sobre o *a* em *ondigua*. Não necessario dizer que a lingua das aldeias é muito guttural e se fala com a bocca quasi fechada: esse modo de pronunciar é, como vimos allures, um dos caracteres da raça americana.

A maior parte dos termos que precedem estão taes ou quasi taes como se os têm no diccionario da *lingua geral*

(20) Vide o capitulo XXI intitulado *Os Indios Coyapós*.

feito pelos jesuitas (21), e no meu vocabulario de dialecto de S. Pedro dos Indios. Esse vocabulario não consta infelizmente, sinão de muito poucas palavras, e o dictionario da *lingua geral* é tambem muito reduzido; todavia, pode-se conjecturar que *nhandinhara*, *chué*, *uira*, *urarova*, *iahé* e *ondigua*, que não se encontram nem numa nem outra, fazem parte da lingua dos Borotós ou da dos Parexis (**); o capitão da aldeia do Rio das Pedras asseverou-mo, em particular, quanto á palavra *nhandinhara*, Deus, tão differente do tupan dos guaranis e dos indios do litoral, que pertencem tambem á sub-raça tupi (22), os *indios mansos* de Vasconcellos.

Creio já ter feito ver allures como é extraordinario que a lingua *tupi* (*lingua geral*), ou seus diversos dialectos, fossem falados em uma extensão immensa de costa, e como com algumas modificações, essa lingua se estendeu sob o nome de *guarani*, pelas missões do Uruguay, e, enfim, até o amago do alto Paraguay (23). Sinão se

(21) *Diccionario portuguez e brasileiro.*

(22) Não devemos esquecer que o nome de *tupi* não era realmente o de nenhuma nação, mas uma alcunha injuriosa pela qual os indios selvagens, Tapuyas, designavam os da costa (*Viagem pelo districto dos Diamantes e litoral do Brasil*, II, 292). Com o termo *tupi*, de Tapuyas pretendiam, sem duvida, ridicularisar os adoradores de *tupan*, quer dizer, segundo Vasconcellos, da excellencia aterrorizadora.

(23) Hervas diz que não ha maior differença entre o tupi e o guarani, do que entre o portuguez e o castelhano. Desde o tempo em que elle viveu, os dois dialectos indigenas devem ter, talvez, soffrido grandes mudanças; mas, com auxilio do portuguez pode-se sem nenhuma difficuldade, conversar com hespandices, e mo eu proprio o sei por experiencia de alguns mezes, e os dois Guaranis, que trouxe commigo das missões do Uruguay para o Rio de Janeiro, não podiam comprehender uma só palavra do tupi.

(**) N. do T. Estas palavras não se encontram nem no dictionario dos Bororos de von Martius (*Glossaria linguarum bra-*

soubesse de que maneira ella foi introduzida nas aldeias do Rio das Velhas, ficar-se-ia admirado de encontrá-la, por assim dizer, como uma especie de oasis a muito grande distancia, quer do littoral, quer do paiz das Missões; e o que, á primeira vista, pode tambem surprehender, é que haja bem maior differença entre o dialecto das aldeias e a lingua do dictionario dos jesuitas, do que entre esse mesmo dialecto e o que se fala a uma enorme distancia do Rio das Velhas, na aldeia de S. Pedro dos Indios. Mas devemos nos lembrar de que o dictionario da lingua geral foi composto no seculo XVI, e, si o tempo modifica as linguas que escriptos immortaes parecem ter fixado definitivamente, com mais forte razão devem operar-se grandes mudanças nos idiomas que são apenas falados (24). Os que se introduziram pouco a pouco na lingua geral da costa eram necessariamente divulgados pelos paulistas e, sobretudo, pelos jesuitas, onde quer que ella se falasse, e dahi essa semelhança muito maior que fiz notar entre o dialecto do Rio das Velhas e o de S. Pedro dos Indios do que entre o destes ultimos e a lingua do dictionario, atrazado de dois seculos.

Tendo deixado o Rio das Pedras, caminhei 2 leguas portuguezas e me detive em outra aldeia, a que chamam aldeia da Estiva; Esta ultima se compõe unicamente de um rancho, aberto de todos os lados, destinado aos viajantes e de uma quinzena de casas construidas, sem ordem, ao redor de uma praça alongada. Desde muito tempo não vira nada tão bello como a posição desse povoado. O terreno em que foi construido se estende, por um declive insensivel, por

siliensium, Leipzig, 1867, pgs. 14-15, nem no da lingua pareci (Aldeia Ariti), publicado pelo sr. Requette Pinto, em appendice ao livro *Rondonia* (2.^a edição, Rio de Janeiro, 1919, pgs. 327-334).

(24) Vide o capitulo XXII dessa obra, intitulado *O ouro e os diamantes do Rio Claro*.

cina de um pequeno rio chamado igualmente Rio da Estiva, e nas duas margens deste ultimo ha uma campina humida que, após desenhar-lhe todas as sinuosidades, perde-se com elle no horizonte longinquo. A secca excessiva que durava ha varios mezes permittira pôr fogo a esse pasto; já se tinha coberto de relva nova, e apresentava uma larga fita ondulada do verde mais tenro, contrastando ao mesmo tempo com os matizes pardacentos dos *campos* visinhos e o verde escuro de uma orla estreita de arvores e arbustos que bordam o rio.

A aldeia da Estiva deve sua origem á das Pedras. Deutacou-se uma parte dos habitantes desta ultima para constituir outro nucleo de povoamento no lugar, chamado *Pisarrão* e dar aos viajantes um *pouso* a mais. Os novos colonos não ficaram satisfeitos com as suas terras; a aldeia do Pisarrão si bem que situada ao norte da estrada, a uma jornada ou 4 leguas do Rio das Pedras, foi em breve abandonada; uma parte dos seus habitantes retirou-se para Estiva, onde se contam hoje em dia (1819) onze fôgos, e outra para o local chamado *Boa Vista*, do qual tratarei brevemente.

O capitão da aldeia da Estiva me recebeu em sua casa; á tarde os habitantes do lugar ahi se reuniram ao voltar das plantações, e pude observal-os á vontade. Como os da aldeia das Pedras, são todos mestiços de negros e indias; não têm aspecto mais bello que os seus visinhos; raramente, porém, vira homens maiores e que annunciasssem ma's vigor. Achei-os com a mesma doçura, a mesma polidez, a mesma maneira de pensar que as dos mestiços do Rio das Pedras. Vivem do mesmo modo, falam tambem a *lingua geral*, cultivam a terra e mostram assâs, por suas vestes, que não estão, absolutamente, na indigencia. Enquanto estava no meio d'elles chegou um lavrador da vizinhança com alguns burros carregados de salsichas, porco

solgado, aguardente *paduras* (25), e pôde facilmente desfazer-se desses generos, seja vendendo-os, seja trocand-os por fio de algodão ou pellos de veado.

A tarde fui herborizar ás margens do Rio da Estiva. Durante todo o dia fôra muito atormentado pelos *borrachudos* mas, perto das aguas e nos alagadiços, tornaram-se totalmente insupportaveis. Quando entrei em casa tinha as mãos inchadas, e, embora não tivesse ficado fóra mais de meia hora, estava de tal forma fatigado pelos movimentos que fizera para me desembaraçar de tantos insetos, tinha os nervos por tal forma irritados por suas picadas causticantes, que mal podia respirar; estava como um homem embriagado.

Entre Estiva e a aldeia de Boa Vista, em um espaço de 4 leguas, atravessei uma região plana ou ondulada, e sempre campos queimados pelo ardor do sol.

A 2 leguas d'Estiva passei pe'la *aldeia de Pisarrão* (26): compunha-se de algumas casas, uma pequena capella e um *rancho* construido numa baixada, á margem de um correço que tem o mesmo nome que a *aldeia*; mas tudo estava deserto. Quando os habitantes, originarios do Rio das Pedras se retiraram, uns para Estiva, outros para Boa Vista, alguns ficaram, na verdade, na região, mas esses mesmos renunciaram á aldeia e foram estabelecer-se na vizinhança.

Tendo sahido de Pisarrão, entramos em uma grande planície arenosa, cuja vegetação se compõe unicamente de

(25) *As rapaduras*, de que tive oportunidade de falar por varias vezes, são especies de tijolos quadrados e espessos de assucar cosido com o seu xarope (*Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro*, etc., I). Não é unicamente no Brasil que se fabricam *rapaduras*; fazem-nos tambem no Perú, que as chamam *raspaduras* (*Viagem ao Perú*, II, 206).

(26) Eschwege escreveu erradamente *Bizarrão*; não devemos, tambem, escrever *Estive* (*Bres.*, I, 86). — Adoptando Pisarrão, enquadro-me na pronuncia usual; talvez fosse melhor *Pisarrão*.

uma herva pouco elevada. Além dessa planície, o terreno torna-se mais vermelho, melhor, por conseguinte, e as arvores enfezadas reaparecem nos *campos*.

O lugar em que fiz alto é ainda uma pequena aldeia, a de *Boa Vista* (27), que, como já o dis e, deve sua origem a uma parte dos mestiços que foram retirados do Rio das Pedras para povoar Pisarrão. Situada a 4 leguas de Estiva, a povoação de Boa Vista se compõe de oito ou dez choças construídas em uma baixa, á margem de um correjo rapidissimo. Não existiam ali, em 1819, senão oito fógos; mas vi um grande numero de jovens e de creanças. Não devo deixar de dizer que as mulheres do Rio das Pedras não são menos fecundas que as de Boa Vista, e, como os jovens se casam logo que chegam á idade propria, é de crer que os claros abertos na população de Nova Beira sejam em breve preenchidos.

Os índios mestiços de Boa Vista não são homens bellos como os da aldeia da Estiva, e me pareceram menos civilizados. Logo que se descarregaram as minhas malas, o *rancho* da povoação, no qual me installára, se encheu de mulheres, que mendigavam muito descerimoniosamente collares e braceletes, enquanto que, pelo contrario, as de Estiva e do Rio das Pedras ficam nas suas casas, como as luso-brasileiras. A causa da differença que existe nas formas exteriores dos habitantes dessas aldeias escapou a meus meios de observação; quanto ás differenças que notei entre os costumes de uns e outros, provinham muito provavelmente de que Boa Vista não tinha a vantagem de ser governada por um homem de bastante senso, como aquellas duas outras povoações.

Os índios de Boa Vista me offereceram todos os productos da região, o que prova que não se descuidam de

(27) O nome de *Boa Vista* se encontra, no Brasil, em centos lugares differentes.

cultivar as terras. Devem encontrar bastante facilmente sahida para suas colheitas, pois, entre elles, como em Estiva e Rio das Pedras, existe um *ranchão* para os viajantes, e a estrada atravessa tambem a sua povoação.

Chegara a Boa Vista num dia de festa. Um dos habitantes acabara de cortar as mattas que, depois de queimadas, deviam dar lugar ás suas plantações. Cada cultivador por sua vez, convida seus visinhos a ajudal-o nessa especie de trabalho, e, em seguida, convida-os para uma refeição em que se bebe muita aguardente e termina por *batuques*. Os indios de Boa Vista dansaram toda a noite, acompanhando-se de palmas e cantos graves que podiam parecer a ouvidos europeus antes d'gnos de um enterro de que de um regozijo. "Os habitantes primitivos da America, diz d'Eschwege (28), falando dos indios de Estiva, aproveitam todas as occasiões de se divertirem, enquanto que os recémvidos, europeus, se entregam á tristeza, opprimem essa pobre gente de todas as maneiras, e lhes invejam a pouca alegria que lhes é permittido gozar".

Debilitados, enervados pelo calor das regiões tropicaes, os homens de raça caucasica caem na indifferença e perdem a alegria. Quanto á oppressão da qual se tornam muitas vezes culpados para com os indios, a força substituida ao direito, é o que nos mostra por toda a parte, e em todos os tempos, a historia da nossa especie; tira-se proveito da fraqueza do enfermo e do velho, e, si a lei não rodeasse de protecção os bens do orphão, elle não tardaria em ficar despojado delles.

Essas reflexões, aliás, não são applicaveis aos indios das tres aldeias do rio das Velhas (1819). É lamentavel, sem duvida, que, debaixo do aspecto religioso e moral, elles fossem por assim dizer, abandonados a si pr prios, como

o são mais ou menos todos os indígenas do Brasil; quanto ao mais, porém, não vi homens dessa raça mais felizes do que elles o eram então. Apenas alguns poucos portuguezes tinham vindo estabelecer-se no seu meio, ninguém os vexava, ninguém perturbava o seu repouso; não pagavam nem mesmo o dizimo. Tinham poucos necessidaes, e nenhuma tentação. Suas terras eram excellentes, e um leve trabalho bastava para assegurar-lhes a subsistencia; com o algodão que colhiam fabricavam elles proprios, em suas casas, os tecidos com que se cobriam; elles mesmos fabricavam o seu vasilhame; o sal e o ferro eram os unicos objectos que eram forçados a comprar, e, para obtel-os, retiravam da venda de seus productos mais dinheiro do que lhes era necessario. Viviam em profunda paz e eram unidos entre si, como o são geralmente os indios: conhecendo as vantagens mais reaes da civilização, ignoravam os males; eram extranhos ao luxo, á cupidez, á ambição, e a esta providencia que persegue os homens de nossa raça e envenena o presente por um futuro incerto. Ah! dolles! tanta felicidade, como se verá, devia provavelmente, ter breve um termo.

O que acabo de relatar dos varios mestigos vizinhos do Rio das Velhas prova que, si suggerir, ha muito tempo, á administração brasileira, que encorajasse de toda a maneira as alianças legitimas das indias com os africanos, não o fiz sem justifical-o com importantes razões. Pode dizer, vê-se bem, que por esses casamentos se obteria uma raça mixta, que, menos defeitnosa que a raça americana, propriamente dita, seria mais capaz do que esta ultima de resistir á superioridade dos brancos, estaria menos em desacordo com o nesso estado de civilização, e se amalgamaria pouco a pouco com a população actual. Apenas, por esse meio se impedirá, repito-o, que os fracos restos das nações indígenas fiquem inteiramente perdidos para o

paiz de que eram outróra senhores, e que tem tanta necessidade de homens (29).

O exemplo dos mestiços do Paranyba acabaria de demonstrar que, entre os homens, tanto como entre os animaes, as raças, cruzando-se, aperfeigoam-se. O mestiço nem sempre é superior ás duas raças de que proveio; mas é sempre superior a uma dellas, e parece que o é ás duas, quando ambas são de ordem inferior. Si os mulatos têm toda a inconsistência da raça africana, se distinguem della, homens e mulheres, por mais bellas formas, e, principalmente, por uma fínura de espirito, e facilidade de aprender que são apenas apanagio dos brancos. Os mamalucos (30). bem inferiores em intelligência aos homens de raça caucastica, sobrepujam os indios pelas qualidades exteriores: frequentemente as mulheres são encantadoras, os homens bem feitos, e a historia do Brasil attesta sufficientemente a força destes ultimos, sua intrepidez, e audacia, e a superioridade que sempre tiveram sobre os seus antepassados maternos. Descendentes de negros e indias, os curibocas, como se acaba de ver, se elevam acima das duas raças de que provieram, por sua constancia bom senso e aptidão a uma civilização maior do que a de que são susceptive's seus pais.

Se se pudesse estudar comparativamente os mulatos nascidos das negras tão intelligentes e bellas da Costa do Ouro, e os que descendem das mulheres estupidas do Congo

(29) *Viagem pelas províncias de Rio de Janeiro e de Minas Geraes*, II, 61, 221.

(30) Vide o que disse dos Mamalucos na minha *Viagem pelo littoral do Brasil*, II, 18. — Vide tambem FERDINAND DENIS, *Brésil*, 45, e todas as historias do Brasil. — Não tenho necessidade de acrescentar que os descendentes de negros e indias não se chamam *cabres*, como julgou um viajante francez (Suz., *Souv.*, 224). Os *cabras* e não *cabres*, são os filhos das negras e mulatos, ou de mulatas e negros.

ou de Benguela, é provavel que se encontrassem algumas differenças; mas não é possível descobri-las á primeira vista. Não succede o mesmo com os Curibocas: não só observei entre elles differenças individuais notaveis, como os cabellos, sempre crespos nos mulatos, são, ás vezes, lisos nos Curibocas, tão negros como seus irmãos. O sr. A. d'Orbigny observou tambem (31) que a mistura das duas raças não produz sempre mudanças igualmente sensiveis. Os cabellos dos filhos dos negros e das mulheres guaranis são, segundo o mesmo autor, ora crespos, ora quasi lisos, e, emquanto que, entre os mesmos mestiços, o nariz apresenta apenas um pequeno achatamento, o dos habitantes do Parahyba é, como vimos, desmedidamente largo; uns e outros são mais indios do que negros; a mistura embellezou os Guaranyes e enfeiou os Bororós.

Notemos esses factos singulares; mas esperemos para tentar explical-os, que appareçam outros da mesma ordem. Si a *anthropologia* é ainda tão obscura, é talvez porque se tenha especulado demais sobre essa sciencia, e observado muito pouco.

(31) *O homem americano*, I, 143.

CAPITULO XXVIII

A CASCATA DE FURNAS — O RIO DAS VELHAS E A ALDEIA DE SANT'ANNA — A POVOAÇÃO DE FARINHA PODRE - - PASSAGEM DO RIO GRANDE

Fazenda das Furnas; a cascata que existe em suas proximidades. — Insectos maleficos. — Poeira vermelha. — *O Rio das Velhas*. — O destacamento acantonado à margem desse rio. — Direitos aduaneiros. — Ordem de deixar a região dada ao commandante do destacamento; consequencias dessa ordem. — Um pequeno tyranno. — *Aldeia de Santa Anna*; sua posição; casas; historia. — Retrato das velhas indias. — *Apathia dos indios*. — *Dona Maria Rosa*. Dificuldade que tem o autor para obter algumas palavras da lingua dos Chierihás. Vocabulario dessa lingua. Ella é evidentemente systematica. Um certo modo de pronuncia caracteriza a raça americana. — Descrição de uma paysagem. Passagem do Rio das Velhas. — Região situada além desse rio. — *Sítio da Rocinha*. — Mudanças de domicilio. — Idéias religiosas de Marcellino. — Pousada ao relento à margem da *Uberna Verdadeira*. Um ancião. — Uma caravana. Gosto dos brasileiros pelo commercio. — Dias extraordinariamente quentes succedendo a noites frias. — Tejuco. Inconvenientes dos ranchos. — *Lanhoso*. — Aspecto da região situada para além desse lugar. — A povoação de *Farinha Podre*. Sua posição. Casas. Igreja. Historia. Muito apropriadas as terras dos seus arredores à cultura e aos rebanhos. Seu futuro. — José Mariano doente. — O autor soffre muito com o ataque dos *bichos de pé*. — Os lavadores de *Farinha Podre*. — Região situada para além dessa povoação. — *Guarda do Posse*. Meios curativos. — Paiz encantador situado além de Posse. — O Rio Grande. Suas margens. Insalubridade. Como se o transpõe. — O autor entra na provincia de S. Paulo.

Da aldeia de Boa Vista dirigi-me á *Fazenda das Furnas*, a unica desde Casados que tinha certa importancia (1). Havia nella um enorme *ranchão*; possuia um engenho de assucar, e lá se fabricava toda a caçanga vendida nos arredores, principalmente nas *aldeias*.

O engenho de Furnas está situado sobre um valle profundo, onde corre o regato que tem o seu nome e é um dos afluentes do Rio das Velhas (2); não está ha mais de legua e meia portugueza de Boa Vista; mas não queria fazer uma caminhada mais longa, para ter o tempo de visitar uma cascata, da qual me falavam muito, e que cáe a algumas centenas de passos da habitação.

Tivei connigo José Mariano, e, atravessando mattas espessas, embaraçadas por espinhos, descemos para o valle. Chegados á base dos morros entre os quaes corre o Ribeirão das Furnas, fomos obrigados a continuar pelo seu leito, afim de evitar a maciega espessa que cobre ambas as margens. Foi-me necessario descalçar-me; mas, pouco acostumado a andar de pés no chão, avançava sobre as pedras escorregadias e angulosas do regato, com muita difficuldade, tanto mais que os bichos de pé me tinham posto os dedos em pessimo estado. Após uma marcha de alguns minutos chegamos, todavia, ao pé da cascata.

(1) Itinerario approximado da Fazenda das Furnas ao Rio Grande:

Da Fazenda das Furnas ao Registro do Rio das Velhas, aduana	3	leguas
Do Registro ao Sitio da Rocinha, casita	1	"
Do Sitio da Rocinha a Uberava Verdadeira, choça ..	3	"
De Uberava Verdadeira a Tejuco, habitação ..	5	"
De Tejuco a Lanhoso, aldeia quasi abandonada ..	3	"
De Lanhoso a Farinha Podre, povoação ..	3	"
De Farinha Podre a Guarda da Posse, posto militar	4	"
De Guarda da Posse ao Rio Grande rio ..	3	"

25 leguas

(2) *CARAL. Corographia*, 2, 224.

Lá existe uma especie de sala formada, de um lado, por rochedos a pique, que se estendem em semi-circulo, e do outro, por bosques densos e compactos. Ao fundo do semi-circulo, um pouco para a esquerda, o correjo se precipita, com rapidez, de uma altura de 20 braças (3), produzindo um ruido que se ouve de muito longe. Suas aguas, na quêda, formam uma bella toalha branca e espumante, e, além della, tres jactos lateraes menos consideraveis; são recebidos em uma bacia quasi circular, e de lá se escoam rapidamente sobre um leito pedregoso, encaixado entre elevações abruptas e cobertas de arvoredo.

A bacia circular, onde caem as aguas da cascata, está rodeada de uma relva espessa, formada de Musgos, Felicinias e Gramineas, cujo verdor é constantemente entretido pelo orvalho fino e abundante proveniente da cascata. *Begonias* de um rosa pallido, uma pequena especie de *Lobelia* de longa corolla vermelho-laranja, uma *Gesneria* de flôres brilhantes e carmezins florescem aqui e alli no meio desses relevados. As arvores que se erguem mais longe formam, como disse, um denso cerrado de um verdor que bastante me encheu, tanto mais que por toda a parte, nos outros lugares, os vegetaes lenhosos estavam em parte despojados da folhagem e os pastos, seccos pelo ardor do sol, não apresentavam sinão uma côr pardacenta.

Per traz da cascata, os rochedos, na terça parte de sua altura, a partir do cume, são aúz, rigorosamente a pique,

(3) Não tendo medido essa cascata, tomei de Casal e Pizarro os numeros que indico (*Cor.*, 350. — *Mem.*, IX, 224). Eschwege dá-lhe apenas 50 pés, e, como se servia do pé inglez, que se tornára medida brasileira, seria sómente 15m.235. E' muito possivel que esse numero seja baixo; mas, por outro lado, sou levado a crer que ha algum exaggero no que admittem Casal e Pizarro. Alás, os tres escriptores que acabo de citar apeoas consagram poucas linhas á linda cascata de Furnas, e os dois ultimos, que não tiveram occasião de visitá-la, falam deita, como se verá brevemente, com muito pouca exactidão.

e deixam perceber coloração escura através da toalha prateada que cêe com fragor. A um terço da altura elles se escavam para formar uma grotta irregular e pouco profunda, tapetada de fétos: mais baixo, finalmente, são ainda nús e escuros como na parte superior. A brancura brilhante das aguas da cascata e essa zona irregular de verdura que se descobre por traz della, entre rochas negras, produzem o mais agradável e pittoresco aspecto (4).

Os rochedos negres e abruptos da cascata se estendem á esquerda, e lá, abaixo delles, o terreno se inclina formando um declive rapido. No lugar onde este começa existe uma fileira de arbustos, comprimidos uns contra os outros que escondem a base dos rochedos, e, do meio delles se elevam algumas palmeiras, cuja haste, tão delgada como a dos Bambús, se termina por um elegante pennacho de folhas recurvadas.

Sahimos da especie de sala em que cêe a cascata, trepando, á direita, pelo meio das arvores que cobrem o terreno, e agarrando-nos a seus ramos. Não fo' sem muito trabalho que conseguimos chegar ao local em que a torrente se precipita.

Emquanto ficamos ao pé da cachoeira não fomos importunados por nenhum insecto; mal, porém, entramos no rancho, fomos envolvidos por uma nuvem de *borrachudos*.

Para me poder manter no lugar e escrever, era-me necessario mais coragem, talvez, do que para supportar uma dôr viva. Durante muito tempo não tivemos que nos quei-

(4) Casal diz que aves de varias especies constroem seus ninhos nas cavidades do rochedo e criam os filhos ousadamente, a vista de todos, apesar do barulho que faz a cascata precipitando-se. Não vi um unico, e duvido que o rocio abundante que sem cessar cêe na gruta permita a qualquer animal habitá-la. Vê-se, pela minha descrição, que Pizarro tambem se enganou quando assevera que a agua desaparece immediatamente depois do salto, para se tornar a mostrar a certa distancia.

xar das pulgas penetrantes; mas desde Santa Cruz que eramos atacados por ellas em qualquer lugar que parássemos; ninguem, nessa zona, se dá ao trabalho de varrer o seu rancho, e esses insectos, como se sabe, pullulam na pocira.

A estrada desce por um valle onde corre o Ribeirão das Furnas, e, partindo da fazenda, tive o prazer de admirar ainda uma vez a cascata.

Para além de Furnas, como entre Boa Vista e esse engenho de assucar, a terra é de um vornoelho carregado, e, á medida que caminhavamos, fazíamos voar turbilhões de pó que sujavam todas as nossas vestes. A eccca continuava a ser excessiva, e, á excepção das *gabiróbas* (5) e de algumas outras Myrtaceas, todas as plantas dos campos estavam sem flôres (9 de Setembro).

A 2 leguas de Furnas passamos pela *aldeia de Sant'Anna*. Tendo feito ainda cerca de 1 legua, entramos em uma matta durante alguns minutos, chegamos ao *Rio das Velhas* e á repartição aduaneira situada á sua margem (*Registro do Rio das Velhas*). Esse rio, que devemos evitar confundir com um outro do mesmo nome, afluente do S. Francisco, tem sua nascente na vertente occidental da Serra do S. Francisco e da Paranahyba, na visinhança de Desemboque, e se lança no Paranahyba (6).

No local onde ali termina a estrada de Goyaz, o rio pede ter, nas grandes cheias, a mesma largura que o Loiret, poucas centenas de passos acima da ponte d'Olivei, e ve-

(5) Todas as pequenas especies de *Psidium* de bagos arredondados têm o nome de *Gabiróbas*, e chamam *araçás* aquellas cujo fructo é piriforme.

(6) Luiz d'Alincourt situa essa nascente na Serra da Canastra (*Mem. Viag.*, 67), Milliet e Lopes de Moura nas Seras da Pindahiba e da Marcella (*Diéc.*, II, 67). A Serra da Pindahiba deve ser, certamente, uma porção da Serra do S. Francisco e da Paranahyba.

mol-o serpentear e fugir entre dois oiteiros cobertos de matta. Quando cheguei ás suas margens, longos bandos de rochas lisas e asperas appareciam acima das aguas e augmentavam-lhes a rapidez. A' margem direita havia um pequeno edificio que servia de alojamento aos militares do posto (*quartel*); viam-se em volta algumas casinhas, e, mais ao longe, defronte do lugar em que se embarca (*porto*), encontrei um *ranch*o destinado ás caravanas. Do outro lado do rio construira-se tambem um *ranch*o, e aqui e ali se viam algumas casas pequenas, entre as quaes mal se distinguia a do funcionario civil collecter (*fiel*).

Quando cheguei, o commandante do destacamento, que tinha o grão de *alféres*, estava do outro lado do rio. Fui procural-o; apresentei-lhe a minha *portaria* e roguei-o que me concedesse permissão para descarregar as bagagens no *quartel*. Concedeu-ma promptamente, e tive, finalmente, o prazer de me alojar em uma casa e passar alguns instantes sem ser atormentado pelos *borrachudos* e outros insectos.

O destacamento acantonado no Rio das Velhas se compunha de dezeseite soldados do regimento de Minas; mas não havia sinão uns seis a oito na margem do rio; os outros estavam distribuidos pelos diversos postos dos *julgados* de Araxá e Desemboque, taes como o Paranahyba, o Rio Grande, etc. Os do Rio das Velhas tinham a incumbencia de examinar os passaportes dos viajantes, de verificar si as caravanas vindas de Goyaz não traziam consigo outro or: diamantes, e, em caso de necessidade, dar mão forte ao funcionario civil (*fiel*). Este último recebia a peagem que era de 75 réis (16 c.) por pessoa e 160 rs. (1 fr.) por cavallo ou animal de carga. Era elle tambem que recebia os direitos devidos sobre as mercadorias que iam de S. Paulo para Goyaz; mas, para favorecer os negociantes que ficam tanto tempo sem vender, permittia-se-lhes deixar entre as mãos do *fiel* uma obrigação de montante da somma de que eram devedores: liquidavam o debito con-

o administrador do lugar onde tinham vendido; obtinham um recibo, e, quando passavam pelo *registro* de volta a S. Paulo, apresentavam o recibo e retomavam a promissoria. Só se obrigavam a pagar no Rio das Velhas aos commerciantes em que se tinha pouca confiança.

Antes da reunião das jurisdicções de Araxá e Desemboque á provincia de Minas, a provincia de Goyaz se entendia, como é sabido, até o Rio Grande, que actualmente separa a primeira dessas provincias da de S. Paulo. Foi, pois, na margem do Rio Grande que, a principio, se collocou a *casa do registro*; mas, nessa época, os arredores do rio eram insalubres e deshabitados, e, com excepção de um unico, todos os soldados, que ahí foram aquartelados, succumbiram. Por esse motivo transportaram o *registro* para as margens do Rio das Velhas; entretanto, como as do Rio Grande eram já, por occasião da minha passagem, menos desertas e malsãs do que antigamente, parece que tencionavam repor as coisas no estado primitivo.

Havia apenas *alguns minutos* que eu me achava no *quartel* quando o commandante recebeu ordem de partir com o seu destacamento para Villa Rica (Ouro Preto), e de entregar o posto a soldados da guarda nacional (*milicianos*) que deviam vir de Paracatú. Um desses ultimos já tinha chegado, e havia annuciado os outros. O commandante ficou desesperado com essa mudança, que não tinha outra finalidade senão a de fazer sua tropa tomar parte em não sei que *especies de exercicios*. Os militares do regimento de Minas assim destacados para lugares distintos, não são substituidos, geralmente, sinão ao cabo de alguns annos (1819); formam *especies de estabelecimentos*, e quando são substituidos, cedem a seus successores as provisões e objectos que constituíam suas installações. Fiando-se nesse costume, o commandante do Rio das Velhas tinha chamado para junto de si sua familia, que era muito numerosa, e, após fazer uma *plantação*, acabava

de ultimar a colheita; achava duro ser forçado a fazer, antes do tempo, os gastos de uma viagem de mais de 100 leguas, e ter que abandonar tudo sem poder ser indemnizado, por seu successor, pois ia ser substituído por *milicianos* que por sua vez, deviam, dentro de tres mezes, ser também reedidos por outros.

Não era sem razão que esse official estava descontente; mas os pobres homens, que iam tomar-lhe o lugar, tinham, na realidade, mais fortes motivos ainda, para se queixar. Eram todos, com effeito, homens casados, artesãos ou agricultores, que mal tinham com que viver em suas casas, e no entanto, sem receberem nenhuma ajuda para a viagem, nenhum soldo, ainda que para o sustento, eram obrigados a passar tres mezes a mais de 40 leguas de distancia do seu domicilio, e fazerem um serviço a que não estavam absolutamente acostumados! Essa pobre gente terá sem duvida, morrido de fome, si não tiver roubado, ou si os colonos dos arredores não tiverem vindo em seu soccorro. Entretanto a submissão dos brasileiros ás ordens superiores era tal nessa época que nenhum dos milicianos que foram designados por seus chefes terá deixado, estou certo, de se dirigir a seu posto.

Mas que triste influencia terá exercido sobre os indios essa mudança nefasta! Encontravam, naturalmente, protectores nos militares do regimento de Minas, homens bem educados, sensatos, acostumados á disciplina extranhos ao paiz. Os milicianos, pelo contrario, homens grosseiros, ignorantes, imbuidos de preconceitos, como o são, em geral, os colonos da *comarca* de Paracatú, e, de mais a mais, dependentes, por sua triste posição, dos lavradores do paiz, devem necessariamente ter apoiado estes ultimos contra os habitantes das *aldeias*.

Nas regiões desertas, em que o policiamento se torna impossivel, em que as leis não têm mais quasi acção, certos homens pela audacia, intelligencia, ou boa sorte,

adquirem sobre seus vizinhos grande ascendencia e tornam-se verdadeiros tyrannos. Quando Eschwege chegou em 1816, ás aldeias, um desses regulos, cujas ordens, ás vezes, tinham mais valor do que as do proprio governador, submetteu ao coronel allemão um plano que não tendia a menos que expulsar pouco a pouco os indios do seu districto, afim de se partilharem suas terras entre os portuguezes. D'Eschwege repelliu com indignação o projecto que lhe communicavam, e asseverou ao autor da proposta que faria tudo o que estivesse ao seu alcance para impedir-lhe a execução. A partida, porém, dos militares de Minas, deixava o campo livre a essa personagem, e, em 1831, os indios da parte do districto privilegiado, situado entre o Rio das Velhas e o Rio Grande, fizeram uma representação ao governo para queixar-se de que os portuguezes, á cuja frente estava o homem de que acabei de falar nesse momento, os expulsavam de suas terras (7).

Como, chegando ao Rio das Velhas, não fizera sinão passar pela aldeia de S. Anna, voltei lá no dia seguinte.

Esta aldeia foi construida nos campos, sobre uma collina, por cuja base corre um regato cujas aguas se vão reunir ao Rio das Velhas; compõe-se de umas trinta casas, muito pequenas, quasi quadradas, e cobertas de sapé. Umás se dispersam sem ordem pela collina; outras marginam uma praça quadrangular de que um dos lados é formado pela igreja, que é muito pequena (8). As paredes das casas são construidas de barro vermelho escuro; mas a da fachada é revestida de um reboco feito com outra terra de um cinzento escuro.

(7) *Brasilien die neue Welt*, I, 94. — Não duvido que se encontre, nas povoações da França, mais de um *maire* apresentando certas analogias com os pequenos tyrannos das regiões desertas do Brasil.

(8) Neste ponto não estou de accordo com o sr. d'Eschwege, pois elle a dá como bastante grande.

As tradições unânimes dos índios Bororós attribuem aos jesuitas a primeira fundação da aldeia de Sant'Anna (9). e, segundo as mesmas tradições, o povoado foi a principio habitado por índios do littoral. A esses Antonio Pires reuniu, como vimos acima, alguns índios Carajás e Tapirapés, habitantes das margens do Araguaya, ao norte da provincia (10). Essa população mixta morreu, dispersou-se ou fundiu-se com os descendentes dos Bororós, e, em 1775, substituíram-na por um certo numero de Chiriabás, nação que habitava os desertos do Paraná e se estendera até ás margens do S. Francisco, na parte septentrional de Minas (11).

(9) É' impossivel que essa tradição não seja fiel. Si, com effeito, os jesuitas não tinham habitado o paiz, como é que os pobres Índios do Paranahyba, tão ignorantes, tão extranhos ao que se passava pelo mundo, saberiam que existiram jesuitas? como poderiam imaginar uma fabula que lhes seria mais prejudicial do que útil, pois que tendia a lhes tirar toda a especie de direitos sobre a aldeia de Sant'Anna.

(10) É' Eschwege que transmite esses nomes (*Bras.*, I, 82), e certamente elle os obtivera dos índios, pois imprimiu seu diário tal como o escreveu nos proprios lugares, e é evidente que não fez nenhuma pesquisa historica. Nisso, por consequente, encontro ainda uma prova da veracidade das tradições do paiz; pois que seus habitantes não teriam conhecimento da existencia dos Carajás e dos Tapirapés, si estes não tivessem vindo com elles. Não devemos, no entanto, adoptar as tradições sem critica; mas ha casos em que merecem, certamente, mais confiança do que os relatos escriptos ás pressas e com parcialidade. A historia da *inconfidencia* de Minas, que escrevi de accordo com as tradições dos Mineiros mais cultos, deve, creio, ser considerada como mais digna de fé (*Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro* etc., I, 202) do que a que imprimiu Southey, consultando peças officiaes fornecidas pelos juizes dos desgraçados que foram condemnados nessa circumstancia. — Deve fazer notar, a fim de evitar confusões, que indicando a patria dessas duas tribus Eschwege escreveu Uruguay por Araguaya.

(11) Via-se em outro lugar que os aventureiros paulistas que, pouco antes de 1712, se espalharam pelas margens do Rio

Quando cheguei à *aldeia*, os homens estavam todos nas plantações; não vi lá sinão mulheres. A maioria pareceu-me de raça americana pura ou quasi. Não traziam nada á cabeça; toda a sua roupa consistia em uma saia e uma camisa de algodão muito sujas; a camisa faltava mesmo a muitas dellas. Essas mulheres são bastante fecundas; mas grande numero de creanças succumbem por falta de euidados.

Nada é tão horrivel, na minha opinião, como uma india que já passou do tempo da mocidade. Imagine-se um pescoço muito curto, uma cabeça enorme, nariz curto, bocca grande, faces escavadas, de mialares muito salientes, face deregrida, enfim, uma floresta de cabellos negros e duros que, quasi arripiados acima da fronte caem em longas mechas pela nuca e lados da cabeça, e ter-se-á apenas uma ideia da fealdade dessas pobres creaturas, fealdade que nenhuma especie de enfeite disfarça.

Muito menos mestigados que os habitantes do Rio das Pedras, os de Sant'Anna conservaram, ao que parece todo o caracter dos indios. Tenos, dizia-me o commandante, *muita diffculdade em fazel-os trabalhar*, e muitas vezes a sua indolencia os obriga a morrer de fome. A cultura das terras é um trabalho de previdencia, e os indios não a

S. Francisco, acima ou abaixo do Capão do Cicto, a cerca de 11 leguas da povoação de Centenas, na provincia de Minas, lá encontraram indios pertencentes á nação dos Chieriabás ou Xieriabás (vide minha *Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro e de Minas Geraes* II, 396) Pizarro e Casal escrevem Chacriabás; ignoro si esse nome foi outróra usado em qualquer parte, mas, entre a propria trihu, dizia-se *Chieriabás*, e foi esse mesmo nome que me transmittiu, nas margens do S. Francisco, o digno capitão Cicto, cujas tradições de familia remontavam a um seculo. Escriwege, que visitou como eu a *aldeia de Santa Anna* não adonta, tampouco, a forma *Chacriabás*, e, si escreve *Xieriabás*, isso se explica, sem duvida, por estar elle preoccupado com o erro que commettera anteriormente, admitindo *Coyaz* por *Goyaz*.

possuem; suas disposições naturaes, que os levam a viver do que conseguem diariamente, quasi como os animaes, fazem delles necessariamente caçadores e pescadores.

A lingua do Chieriabás já não é falada na povoação de Santa Anna; todavia, por occasião da minha viagem, ainda a sabiam alguns dos habitantes. O commandante do Rio das Volhas, a quem manifestei o desejo de recolher algumas palavras dessa lingua, disse-me que o que havia de melhor a fazer, era dirigir-me, para esse fim, a uma mulher chamada *dona Maria Rosa*, que era a mais intelligente de todos os da sua nação. Quando cheguei á *aldeia*, um branco que ali habitava ha tres mezes, offereceu-se-me para conduzir-me á casa dessa mulher: era um desses *vadios* que, pleno de mocidade e força, passam a vida na ociosidade, e vivem á custa dos outros. Em uma choça que não possuia outros moveis além de alguns bancos de madeira, mas que, aliás, era de uma limpeza extrema, encontrei uma índia de cerca de quarenta annos, ainda fresca, bem disposta e sadia, que fiava algodão. Bem differente das outras mulheres da *aldeia*, *dona Maria Rosa* estava vestida com muita limpeza; usava uma saia de chita, e seus cabellos eram cobertos por um lenço de algodão. Recebeu-me com muita amabilidade; mas, por muito tempo, se obstinou em sustentar que tinha esquecido completamente a sua lingua. Isso não é possível, retorqui-lhe eu; pois fallastes nolla, não ha ainda tres annos, perante o tenente-coronel d'Eschwege. Naquelle tempo eu me lembrava ainda de algumas palavras; mas, agora, já esqueci tudo. Como é que o sr. sabe, que eu falei na minha lingua perante o tenente-coronel? Porque elle contou a varias pessoas. Vê o sr. como o meu nome corre o mundo, e, si acontecer alguma desgraça á *aldeia*, é sobre mim que os outros indias lançarão a culpa. Por que o sr. faz questão de conhecer a minha lingua? Unicamente por curiosidade; pelo mesmo motivo que levou a senhora a me fazer perguntas sobre

varias coisas que ignorava ainda. — São com essas razões que os brancos enganam as pobres pessoas como nós. Eu conheço a verdade. Um dos meus compadres, que estava hontem no posto, disse-me que se falou muito de mim e que queriam saber si eu falava ainda a lingua, para levar-me para longe; mas não sei nada e não direi nada. — Vendo que todas as minhas tentativas eram inúteis, mostrei um collar de perolas falsas e prometti dal-o, si consentisse em falar. O collar foi achado lindo, e vi que era bastante cubigado. Relutou ainda durante alguns minutos, e, em seguida, pediu-me para me falar em particular. Fomos para o terreiro, e dona Maria Rosa disse-me que desejava comunicar-me algumas palavras da sua lingua, mas com a condição de que não seria deante do luso-brasileiro que me conduzira e que ninguém saberia nada. Tendo entrado novamente na choupana, fiz ainda algumas instancias *pro-formula* e terminei dizendo que, uma vez que não me queriam fazer a vontade, eu ir-me-ia embora e levaria o collar. Describaragado do portuguez por esse pequeno embuste, voltei á casa de dona Maria Rosa, que me manifestou ainda as mesmas desconfianças e temores. — Si a senhora tem alguma coisa a temer, não deverá ser de mim, que sou ainda mais estrangeiro aqui do que a senhora mesma. A minha pronuncia, minha physionomia, a côr dos meus cabellos mostram bem que eu não sou portuguez; que mal posso fazer em um paiz que não é o meu e onde não tenho autoridade? Dona Maria decidiu-se, por fim, a falar; mas sempre com a condição de que eu nada diria a ninguém, e, quando qualquer outra india se approximava da choça, interrompia a palestra, para que, dizia-me, ella, si succedesse alguma desgraça á *aldeia*, os seus compatriotas não a accusassem. Essa pequena scena, que aqui relato com a maior fidelidade, prova quanto os pobres indios desconfiam dos portuguezes, e devemos convir que tudo o que se tem passado ha tres seculos, prova que não é sem razão.

Aos vocabularios indigenas que inseri nas minhas diversas narrações accrescento aqui, tambem, o da lingua dos Chieriabás.

Sol	<i>stacró</i>
Lua	<i>ua</i>
Estrellas	<i>uãitemuri</i>
Terre	<i>tica</i>
Agua	<i>ku</i>

(O *u* tem algo do *eu* francez).

Homem	<i>ambú</i>
-------------	-------------

(O *a* final muito surdo).

Mulher	<i>picon</i>
Criança	<i>ãicuté</i>
Menina	<i>debá</i>
Menino	<i>aimuman</i>
Homem branco	<i>oradjóica</i>
Negro	<i>oradjura</i>
Indio	<i>oïpredé</i>
Cabeça	<i>ducran</i>

(*Au*, nessa palavra e nas outras, tem um som surdo intermediario entre o *a* e *au* francezes).

Cabellos	<i>dajahi</i>
Olhos	<i>datoman</i>
Nariz	<i>dascri</i>
Bocca	<i>daïdaua</i>
Orelhas	<i>daïpocri</i>
Peito	<i>daputiú</i>
Ventre	<i>dadu</i>

Braço	<i>dapá</i>
Pé	<i>daprá</i>
Mãos	<i>dajipera</i>
Cavallo	<i>soujari</i>
Veado	<i>pó</i>

(O muito aberto).

Tapir	<i>cutó</i>
-------------	-------------

(O muito surdo).

Bicho de pé	<i>cracuti</i>
-------------------	----------------

Peixe	<i>tupe</i>
Penna	<i>sidarpi</i>
Carne	<i>ponnhi</i>

(Pronunciar como se se escrevesse em francez, *pougui*).

Arvore	<i>odé</i>
--------------	------------

(Pronunciar o *e* como o *é* fechado francez).

Folha	<i>deçu</i>
Fructo	<i>decran</i>
Casca de arvore ..	<i>odéu</i>

(É fechado e *eu* longo).

Grande	<i>aïmourpté</i>
Pequeno	<i>aïcuté</i>
Bonito	<i>ilapsidé</i>
Vermelho	<i>oïpredé</i>

Tendo escripto essas palavras dictadas por dona Maria Rosa, li-as todas deante della, rogando-a que me dissesse o que significavam dizer em portuguez, e, como me transmittiu o seu sentido tal como caerevi a principio, não posso ter nenhuma duvida sobre sua exactidão (12).

Assim como para todos os outros vocabularios que publicuei até o presente, sirvo-me da orthographia portugueza, mais simples que a nossa, mais conforme á pronuncia, e que grapha melhor certos sons pertencentes aos dialectos indigenas, taes como as vogaes nasaladas representadas, em portuguez, por *im, um, ão*, etc. (13).

O idioma dos Chieriabás, como o dos Coyapós e todas as outras linguas indigenas, se pronuncia com a garganta e a bocca quasi fechadas e sem mover sensivelmente os labios. E' muito para notar que tantos idiomas, absolutamente differentes uns dos outros, se pronunciam todos, sinão nos detalhes, pelo menos no conjunto, de uma mesma maneira. Uma immensidade de circumstancias podem ter determinado as differenças que existem entre as linguas

(12) O sr. d'Eschwege inseriu, no *Brasilien die neue Welt* um pequeno vocabulario que lhe foi tambem fornecido por dona Maria Rosa. As differenças que se encontram entre o seu e o meu não são, em parte, mais que apparentes, e provem certamente da pronuncia allemã. Assim d'Eschwege escreve *Aipogri* e *Asigri*, em lugar de *daipocri* e *dasicri*, temendo, sem duvida, cair no erro que commettera escrevendo *Coitacazes* e *Coyas* por *Goitacazes* e *Goyaz*; si escreve em *ing* os sons que eu exprimo por *au*, é que os allemães não possuem outro meio para graphar a pronuncia do nosso *au*; finalmente, como Pohl, emprega as letras *sch* quando quer exprimir um som semelhante ao *ç* francez ou portuguez, porque esse ultimo som não existe na lingua allemã, etc. O termo *ataneng*, que d'Eschwege traduz por *cutie*, differe extraordinariamente, é certo, de *dadu* admittido por mim, como *anhocutú* differe de *ducutú*; mas a prova que fiz e relatei acima não me permite absolutamente crer que me tenha escapado algum erro.

(13) Vide o que disse a esse respeito no capitulo XXI intitulado *Os Indios Coyapós*.

dos diversos povos indígenas, e, si essas mesmas circumstancias não influiram tambem na pronuncia desses idiomas, é, sem duvida, porque esta é, na raça indígena, o resultado de algumas nuances na estrutura dos órgãos da voz, como outras tonalidades caracterizam de maneira geral a physionomia de toda essa raça.

Não se pode julgar um idioma por umas quarenta palavras; entretanto, o pequeno numero das do idioma chichibá que transcrevi acima parece provar que se trata de lingua enúnciativa systematica. Com effeito, as expressões que representam idéias da mesma ordem, começam ou terminam da mesma maneira. As palavras *aicuté* e *aimoap'té*, que indicam grandeza, começam por *ai* e terminam-se por *té*; as que qualificam a belleza e a fealdade acabam por *dé*; os termos que representam as partes do corpo começam todos por *da* (14). As syllabas *orad* são simultaneamente as primeiras do termo que serve para designar o homem branco e do que designa o negro; a syllaba *dé* se acha no fim da palavra *odé*, arvore, e encontra-se em todas as palavras que exprimem as diversas partes de uma arvore. A palavra *auitemuri*, estrella, é visivelmente um composto de *ua*, lua; a syllaba *ku* encontra-se no fim das duas palavras *kuptaku* e *uku*,

(*4) D'Eschwege graph: essas palavras por um *d* com apostrophe, seguido de uma maiuscula, por exemplo *d'Apra*, *d'Aitogi*, e, consequentemente, é claro que considerou como um artigo a letra inicial; mas, nesse caso, a particularidade que assignalo existiria sempre, pois que então, as palavras que designam as diversas partes do corpo começariam todas por *a*. Dir-se-á, talvez, que é toda a syllaba *da* que deve ser o artigo; perbunto, então, como se explicaria que dona Maria Rosa tenha dictado com o artigo *dé* as palavra que exprimem partes do corpo, e tenha deixado de dar para todas as outras; como se explica, enfim, que tenha reproduzido exactamente a mesma anomalia dictando a d'Eschwege, e, tres annos mais tarde, a mim proprio?

quo, no vocabulario de d'Eschwego, designain grandes animaes, o primeiro, um boi, o segundo, um jaguar; enfim, as palavras *amiotsché* e *notsché* do mesmo vocabulario (provavelmente por *amiotgé* e *notjé*), que terminam igualmente por *otsché*, ou melhor *otjé*, se applicam a dois vegetaes comestiveis: o primeiro á banana, o segundo ao milho.

Era quasi noite quando, tendo deixado dona Maria Rosa, cheguei ao registro. Fui passear na margem do Rio das Velhas. Podia ainda descobrir a paysagem que *descrevi* atrás: o tempo estava coberto, uma calma completa reinava na natureza, e tive o prazer de ouvir ainda uma vez essa voz confusa do deserto, que só resôa nas mattas virgens e ás margens dos grandes rios. A agua murmurava com *monotonia* escapando-se entre os bancos de rochedos; a esse ruido numerosas cigarras misturavam seus cantos agudos, varias especies de batrachios faziam ouvir ao mesmo tempo seus coaxados, e, no meio desses sons variados e confundidos, os *noitibós caprimulgus*, (*ba-curáus*), deixavam distinguir bem claramente as *syllabas coriangou*, que lhes valeram o nome que têm no paiz (*coriango*).

Tendo passado um dia no Rio das Velhas, quiz pôr-me novamente a caminho; mas era necessario atravessar primeiro esse rio; os homens o atravessam em canoas estreitas, e forçam-se os cavallo e os burros a fazel-o e nado. Essa fatigante operação me tomou um tempo consideravel, e, nesse dia não pude caminhar mais que uma legua portugueza.

Transpuz primeiro a estreita orla de bosques que borda o Rio das Velhas, depois entrei em *campos* onde o terreno, de iricio montanhoso acaba por não ser mais que ondulado. Todo esse districto não está muito afastado de duas povoações importantes, Araxá e Desemboque; os postos são ahí excellentes, e assevera-se que a

3 leguas do lugar em que me apeei, existem aguas mineraes semelhantes ás de Araxá (15). Não nos devemos, pois, admirar de que os portuguezes e o pequeno tyramno de que falei invejassem este canto de terra dos indios; mas fica-se com o coração apertado quando se pensa em que não se quer deixar, sequer, algumas leguas, a esses homes que foram, ainda ha tão pouco tempo, os sehores de toda a America!

Pela primeira vez após varios mezes, cahiu um pouco de chuva na vespera da minha partida do *registro* (12 de Setembro); tambem, durante a legua que caminhei para além desse local, fui muito menos incommodado pela poeira do que nos dias precedentes.

Fiz alto em uma pequena casa que chamam *Sítio da Rocinha* e está situada numa depressão, acima de um regato do mesmo nome (*Ribeirão da Rocinha*) (16). Esse ribeiro tem sua nascente, disseram-me, a pequena distancia do *sítio* e se lança, proximo á aduana, no Rio das Velhas. Nas proximidades do *sítio*, vêmo-lo calir successivamente sobre varios planos de rochedos; forma assim uma bellissima cascata que pode ter, approximadamente, de 20 a 25 pés; mette-se em seguida por entre matas, em uma ravina estreita e assás profunda.

(15) Vide o capitulo XII intitulado, *A povoação d'Araxá e suas aguas mineraes.*

(16) Esse nome, como se pode ver na minha *primeira relação* (I, 86 e seg.), é o de varias das habitações, *vendas* ou *ranchos* da grande estrada de Rio de Janeiro a Minas (*Rocinha da Negra, Rocinha de Simão Pereira, Rocinha do Queiroz, etc.*), e não é de admirar que se tenha multiplicado, pois grande numero de estabelecimentos devem ter, necessariamente, começado por uma pequena plantação. Um viajante moderno encontrou tambem (SUZANNET, *Souy.*) o nome de Rocinha em Minas Novas, perto da *Serra do Gran Mogol*, a respeito da qual nenhum viajante havia, si não me engano, feito referencias antes d'elle mas, em lugar de *Rocinha*, escrevem *Rochinha* palavra que não pertence á lingua portugueza.

José Mariano chegára antes de mim a Rocinha; foralhe permittido installar-se no paiol, e achei minhas malas e bagagens arrumadas sobre espigas de milho, onde o menor movimento as fazia moverem-se. Não fui assim tão mal alojado; o proprietario do *sítio*, que era muito attencioso, deixou-me armar o leito em sua casa.

Este homem estabelecido pouco tempo antes nos arredores de Bom Fim, viera, não sei a que titulo, fixar-se entre os indios; achava, disse-me elle, mais vantajoso habitar esse districto, onde a venda dos productos da terra é mais facil do que em Bom Fim, o sol menos caro, e as pastagens excellentes. Tivera razão, certamente, em abandonar o seu primeiro domicilio; mas, no interior, não ha muitos agricultores, principalmente entre os pobres, que, por um motivo qualquer, não tenham transportado seu estabelecimento, no minimo uma vez, de um lugar para outro, e frequentemente a distancias consideraveis. Essa inconstancia não é peculiar aos brasileiros; todos os homens ficam descontentes com a propria sorte, e, si noutros paizes não mudam tanto de lugar como no Brasil, é porque não o podem fazer, porque todos os cantos estão tomados (17).

Apenas cheguei ao Sítio da Rocinha, a chuva começou a cair; continuou no dia seguinte, e não pude partir. Não entramos, realmente, na invernagem sinão uns dez dias mais tarde; mas essas chuvas era o primeiro signal do acordar da natureza: as aves e mamíferos iam dei-

(17) E' talvez, dessas mudanças de domicilio, já indicadas na minha primeira *relação*, que quer falar um viajante francez quando, em uma passagem do seu livro, de que muito se queixaram no Rio de Janeiro, parece procurar fazer crer que os Mireiros levam uma vida nomade, mais ou menos semelhante á dos Bedunos ou dos Tartaros (*Minerva*, 1843, 718. — *Suz.*, *Sonai*, 280) O sr. d'Eschwege, em geral extremamente severo para com os brasileiros, o é mais ainda, quanto a esse ponto (*Bras.*, I, 41, 50), do que o viajante francez.

xar as baixadas em que se escondiam, e espalhar-se por todo o campo; insectos brilhantes deviam, em breve, ornar as florestas; os campos pardacentos e dessecados iam reverdecer, as arvores substituir algumas folhas raras e amarelladas por galas novas; ia rever flôres. Mas essa viagem tornava-se tão penosa, era acompanhada de tantas discordias, que fiquei quasi insensivel á certeza da mudança que estava a ponto de se operar. Soffrera muito com as secas; devia soffrer ainda mais com as chuvas que augmentam a difficuldade das viagens.

Durante o dia que passei no Sítio da Rocinha, os meus empregados aproveitaram, para caçar, alguns intervallos de bom tempo, e encontraram muitas perdizes e grande variedade de pequenos passaros. Meu *tocador* Marcellino já tinha percorrido toda essa região; fazia, então, parte de uma *folia* (18), que esmolara durante oito mezes para uma festa do Espirito Santo. Contou-me que seus companheiros e elle tinham passado um dia na aldeia de Santa Anna para mandar lavar a roupa branca, que um soldado do posto os quizera prender, sob pretexto de que elles eram ladrões, mas que esse se afogou dois dias depois. O divino Espirito-Santo, accrescentou muito judiciosamente Marcellino, é um santo que não perdoa. Essas palavras bastariam para mostrar como é estranha a ideia que os homens de classe inferior fazem da religião catholica, e como seria necessario dar-lhes alguma instrucção (19).

(18) Vide o capitulo XXIV intitulado *Começo da viagem da cidade de Goyaz a S. Paulo. — O Matto Grosso, etc.*

(19) Ninguem em França, se expressaria da mesma forma que o bom Marcellino. Embora, porém, aqui se espalhe a instrucção com muito zelo e desinteresse, existe muita gente que occupada unicamente, desde a mais tenra infancia, em satisfazer suas necessidades e gozos materiaes, não conhece melhor a religião, realmente, do que o *tocador* brasileiro.

A zona comprehendida entre Rocinha e o *pouso* visinho é plana e descoberta. Atravessando-a, fiquei surprehendido com o progresso que as pequenas chuvas dos tres dias precedentes tinham acarretado á vegetação; a maioria das arvores disseminadas pelos *campos* começavam já se cobrir de folhas.

Os insectos maléficos foram, nesse dia, muito mais toleraveis do que nos precedentes; mas, desde algum tempo os bichos de pé me tinham posto os meus em pessimo estado e caminhava com grande difficuldade.

Paramos á margem do correjo de *Uberava Verdadeira* (20), que se lança no Rio das Velhas. Havia nesse lugar uma pequena choupana; como, porém, o ancião que a occupava estava doente de uma molestia contagiosa, resolvi dormir fóra.

A noite de 13 para 14 de Setembro foi extremamente fria e o orvalho muito abundante. Ao nascer do sol, estava emregelado; mas, poucas horas depois, o calor se tornou tanto mais insupportavel quanto não se encontrava a menor sombra. Foi necessario, entretanto, passar o dia inteiro nesse lugar, porque os meus burros tinham fugido, e não foi possível descobri-los senão á tarde.

Conversei bastante com o velho habitante da choupana. Não se via em sua casa sinão cabaças que lhe serviam de vasos alguns potes, e uma pequena provisão de milho destinada a ser vendida aos viajantes; todavia,

(20) Modelei, neste ponto, a orthographia pela que foi adoptada por Casal, e a pronuncia usada no paiz. D'Eschwege e Pizarro escrevem *Uberaba*; mas é sabido que muitas vezes se tem confundido, nos nomes proprios, o *b* com o *v*: assim já se escreveu *capibara*, e eu sempre ouvi pronunciar *capitara*; em vez de *Uberava Verdadeira e Falsa*, os srs Milliet e Lopes de Moura adoptaram *Uberava Verdadeiro, Uberava Falso*. Achei que devia escrever *Verdadeira e Falsa* com todos os outros escriptores, porque essa orthographia reproduz exactamente a pronuncia dos habitantes do paiz.

esse ancião parecia satisfeito. Não gosto do ruído, dizia-me elle; ninguém perturba o meu repouso, e sei o que se succede no mundo pelas tropas que passam por aqui. Este homem, deve-se dizel-o, tinha sob os olhos bem poucos objectos de cobiça; pois ha uma immensidade de casas, em toda a provincia, que não são mais ricas do que a sua. Estava acostumado á solidão, e talvez que nós esperemos o jornal, de que uma festa nos privou por um dia, com mais impaciência, do que a que elle experimentava quando, após uma interrupção de seis mezes, esperava as primeiros caravanas.

Approximava-se a época em que o máo tempo se ia impedir de viajar; mas, enquanto estava em Uberava chegou uma que era muito consideravel. Pertencia a um cadete da companhia de dragões de Goyaz, que em pessoa a conduzia. O gosto dos brasileiros do interior pelo commercio, e, principalmente, pela pernuva, é geral; ignoram que uma profissão, muito honrada, sem duvida, quando é exercida com intelligencia e probidade, não é, no entanto, compativel com outras cuja finalidade é inteiramente differente (21): em Goyaz, particularmente, é-se ao mesmo tempo sacerdote e commerciante, militar e mercador, e não se suspeita que possa haver nisso nenhum inconveniente.

A noite de 14 a 15 foi mais fria ainda que a precedente, e, embora meus auxiliares tivessem construido uma pequena barraca, foi-me quasi impossivel dormir. Era muito tarde quando foram encontrados os meus burros; havia já tres ou quatro horas que estava exposto a um sol ardente, e, quando partimos, já soffria muito dos

(21) Ainda até hem pouco tempo, tinha-se em França, no tocante a essas coisas, um apurado sentimento de escrupulo. O que se passa entre nós de uns seis a sete annos para cá, prova que, sob esse aspecto começamos a nos approximar muito dos goyanos.

nervos. Todo o resto da jornada foi penosissimo; o calor era excessivo, o ardor do sol augmentava o meu soffrimento nos pés; soffria tambem muito da mão esquerda, onde um bicho mal extrahido produzira uma pequena ferida; finalmente, o máo humor de José Mariano augmentava ainda mais essa miseria.

Entre Uberava e *Tijuco*, em um espaço de 5 leguas, atravessamos a campina mais uniforme que já vira desde que estava no Brasil: a terra é ali um pouco arenosa, e quasi por toda a parte não crescia lá sinão uma relva pouco densa.

A pequena fazenda de *Tijuco* (22), onde nos apeamos, está construída em uma baixa do terreno á margem de um ribeirão. Perto dessa habitação havia um *riacho*, onde nos installamos, mas que já estava quasi completamente occupado por uma caravana que ia de S. Paulo a Curitiba. Esse costume de se installar assim debaixo de um alpendre sem nada dizer ao dono da casa, e partir em seguida, muitas vezes sem tel-o visto, tem o inconveniente de privar o viajante, que se deoça instruir, de informações uteis, e de deixal-o entregue á fatigante sociedade de *camaradas* (nome que se dá aos homens de classe inferior, que se alugam para, nas viagens, cuidar dos burros ou fazer qualquer outro serviço).

(22) Esse nome, como disse ahiures, deriva da palavra *tyjuca* (lama) que pertence á *lingua geral*. D'Eschwege e Pizarro se approximaram, pois, da orthographia primitiva, quando escreveram *Tijuca*; mas não é assim que se pronuncia no paiz, e que escreveu Casal. A etymologia foi realmente conservada no nome de uma montanha vizinha do Rio de Janeiro; alterou-se no de um dos dois desses correios que passam por S. João d'El Rei e no antigo nome da capital do districto dos Diamantes (hoje em dia Cidade de Diamantina). Não necessito dizer que não se deve, como um recente viajante (Suz., *Sour.*, 332), escrever *Tejucco*.

O meu dedo docente me impediu de dormir toda a noite, e estava horrivelmente fatigado quando partimos. Cuminhava tristemente, soffrendo dos nervos, do pé, da mão, e maldizendo as viagens, quando José Mariano veio ter commigo e me declarou abruptamente que não queria mais caçar nem preparar os passaros, e que me deixava logo que chegassemos a S. Paulo. Odeio as mudanças de cara; não podia esquecer que esse homem fôra perfeito durante alguns mezes; sabia, enfim, que, em todo o Brasil não encontraria, talvez pessoa que me fosse tão util para a historia natural e que, ao mesmo tempo, dirigisse tão bem uma tropa de doze burros. Depois de muitas negociações, decidi-o, enfim, a ficar commigo, e augmentei-lhe o ordenado, já muito grande, que lhe concedera até então; empregava o melhor meio para tornal-o mais exigente e aborrecido.

Para além de Tijuco o terreno não é uniforme como antes (23), torna-se até mesmo muito montanhoso, e por toda a parte semeado de pedras; as alturas e o flanco dos montes apresentam pastagens onde se erguem aqui e alli pequenas arvores; os valles são cobertos de bosques; nas depressões pantanosas vêem-se *boritys* alçar-se em meio a uma herva espessa.

Apêamo-nos no lugar chamado *Lanhoso*, onde, dizem (24), existia outróra uma aldeia. Não vi abi sinão um

(23) Cazal, em tujo livro se encontram tantas coisas, refere-se á planície notavel de Uberava (*Corog.*, I, 351); mas vê-se que ella não se estende, como diz, da *Uberava Verdadeira* a *Uberava Falsa*, outro regato do qual direi alguma coisa daqui ha pouco.

(24) CAZAL, *Corographia, Bras.*, I. — Ptz., *Mem.*, IX. 222. — A origem que o pai da geographia brasileira attribue á aldeia do *Lanhoso* não concorda absolutamente com as tradições uniformes e recentissimas dos Índios, que reproduzi no capitulo precedente.

ranchos e duas miseráveis choupanas habitadas por indios descendentes dos Bororós; mas essa boa gente me disse que tinha parentes estabelecidos na vizinhança.

Para além de Lanhoso o terreno torna-se outra vez plano e apresenta excellentes pastagens quasi inteiramente descobertas, espargidas de pequenos bosques. O conjunto desse paiz lembra o aspecto de Beauce tal como se apresenta após a colheita; os pastos a que ainda não atearam fogo assemelham-se ás campinas cobertas de colmo, os *capões* aos pequenos bosques chamados *remises*, as *queimadas* a novos brotos dos prados artificiaes. Pode-se com maior razão ainda, comparar esse districto aos *campos* descobertos do Rio Grande (comarca do Rio das Mortes) (25), e tornei a ver aqui, pela primeira vez desde a Serra da Canastra, o *capim frecha*, que constitue, em grande parte, as excellentes pastagens dos arredores de S. João d'El Rei.

O majestoso *bority* se eleva ainda nas depressões pantanosas; mas approximava-me do seu limite meridional.

A pequena distancia da povoação de *Farinha Podre*, onde parei, transpuz um pequeno rio chamado *Uberava Falsa*, que deixa de ser vadeável na estação das chuvas e se lança no Rio Grande.

Farinha Podre está situada no meio de *campos*, em um largo vallado regado por um pequeno correjo. A povoação se compõe de umas trinta casas dispersas sem ordem dos dois lados do ribeiro, todas, sem excepção, foram construidas recentemente (1819): algumas até, por occasião da minha viagem não estavam ainda acabadas: algumas são grandes para o paiz e bem construidas.

A igreja de *Farinha Podre* é muito pequena, baixa, sem ornamentação, como o foram, sem duvida, os pri-

(25) Vide o capitulo IV desta obra intitulado *Os campos*. — *Quadro geral do districto de Rio Grande*.

meiros oratorios dos portuguezes que descobriram o Brasil. Pela época da minha viagem era apenas servida por um capellão, e dependia da parochia de Desemboque, que está afastada de 20 leguas; mas os habitantes do lugar tratavam de obter do governo central que erigisse a sua povoação em séde de parochia (26).

Essa povoação foi fundada, por mineiros, cerca do anno de 1812. Avançando sempre para oeste, alguns caçadores de Minas Geraes chegaram a esse districto, onde encontraram pastagens excellentes, fontes de aguas mineiras, que, como as de Araxá, podiam dispensar o *fazendeiro* de dar sal ao gado; enfim *capões* numerosos, e de consideravel extensão, onde a terra annunciava uma grande fertilidade. A fama desse districto se espalhou em pouco tempo pelas *comarcas* de S. João d'El Rei e de Villa Rica (Ouro Preto); homens que, como dizem os mineiros, não encontravam mais terras sufficientes na sua capitania, ou cujos terrenos estavam exgotados pelo máu systema de agricultura geralmente usado, tomaram *sesmarias* neceze paiz: construiu-se uma capella proximo ao riacho, e a povoação teve inicio.

Farinha Podre está situada, dizem os habitantes, a mais de meia legua da verdadeira estrada de S. Paulo, e, por consequente, fóra dos limites do territorio dos indios; mas, depois da fundação desse povoado, o antigo caminho foi completamente abandonado pelas caravanas, e actualmente elles passam pela propria povoação, onde encontram mais facilidade para renovar suas provisões.

Os pastos dos arredores de Farinha Podre são de tal maneira bons, que, apesar da fortissima secca que

(26) Esse favor lhe foi concedido posteriormente. — Devese evitar confundir a parochia de Farinha Podre com a da nova villa de Uberava, como se poderia ser induzido por uma passagem de Pizarro. Embora vizinhas, são distinctas uma da outra.

fazia ainda quando passei pelo povoado, as *qucimadas* estavam cobertas de uma herva abundante e do mais tenro verde. Os colonos do paiz souberam tirar partido dessa inmensa vantagem; a criação de gado lanigero, porco e, principalmente, gado vaccum, constitue sua principal occupação, e varios delles já possnem 500 e até 1000 cabeças (1819). Marchantes de Formiga, povoação da qual não estão muito afastados, vêm adquirir-lhes as rezes e enviam-nas em seguida para a capital do Brasil (27). As terras de Farinha Podre são tambem muito favoraveis á cultura do milho, da canna de assucar, do feijão, e do algodão; mas desses diversos productos, o ultimo é o unico que, devido á distancia consideravel que ainda ha daqui ás grandes cidades e ao mar, constitue um objecto de exportação (28). Quando o paiz não fôr mais tão deserto, os habitantes de outros districtos menos favorecidos poderão vir ali prover-se dos generos que actualmente encontram pouca sahida, e pode-se ever que a feliz fertilidade dos arredores de Farinha Podre lhe assegura, para o futuro, destinos brilhantes (29).

(27) Vide o capitulo XII intitulado *A povoação de Avaxá*, etc.

(28) Parece, segundo o relatório apresentado á Assemblén Geral dos Deputados do Brasil, em Maio de 1847, pelo ministro do Estado Joaquim Marcellino de Brito (*Relatório da Reparação dos Negocios do Imperio*, 3), que o cultivo da vinha foi experimentado nos arredores de Farinha Podre.

(29) Depois que escrevi o que precede, li a passagem seguinte em uma nota da memoria de Luiz d'Alincourt: "E' um prazer verificar como essa povoação cresceu de 1818 a 1823. A população de toda a parochia se eleva a 2000 individuos em idade de se confessar: faz-se em Farinha Podre um commercio consideravel; abrem-se rruas; as casas são em numero bastante maior, e quasi todas cobertas de telhas; os *sítios* e as *fazendas* se multiplicam na vizinhança; muitas familias vieram de Minas para estabelecer-se nesse districto (*Mem. Viag.*, 65)". Não se deve ver aqui sinão um deslocamento da população; desta vez, pelo menos, se escolheu bem.

Quando cheguei a essa povoação apresentei meus papeis a um capitão de milicia que substituiu o commandante, e que me installou em uma casa semi construida; estava aberta de todos os lados, e era quasi tão incommoda como um *ranch*; mas, pelo menos, tinhamos a vantagem de não ser incommodados pelos bichos de pé.

Apenas tinhamos chegado a Farinha Podre, que José Mariano se queixou de uma violenta dôr de cabeça; sua lingua estava carregada; teve febre e delirio. Não tinha nenhum conhecimento de medicina; mas, desde o começo das minhas viagens observara que, em casos analogos, um vomitivo produzia um effeito feliz. O meu doente tomou um e se sentiu alliviado.

Tratava desse homem como bem poucos creados tratam seus amos, e não recebia delles senão signaes de máu humor. Por outro lado, meus pés estavam mal curados, e estive tres dias sem poder sahir. O calor, que era excessivo, me fazia soffrer muito, e a minha imaginação media com terror a distancia que tinha ainda a percorrer antes de chegar a S. Paulo. Morria de tédio. Farinha Podre não me offerencia recursos, não só quanto á sociabilidade, como ainda para as necessidades mais prementes da vida: não havia lá nem cordoeiro nem alfaiate.

Passei um dia de domingo na povoação; o commandante veio á missa, e sua casa se encheu dos lavradores mais abastados da vizinhança. Achei-lhes maneiras muito menos educadas que nos *fazendeiros* dos arredores de Villa Rica; eram ellas, mais ou menos, as que tinham, na mesma época, nossos burguezes do campo, ou, si quizerem, os cultivadores d'Araxá, Formiga e Oliveira (30). Esta ultima pareença não tinha, aliás, nada de extraordinario; era principalmente desses lugares que tinham vindo os colonos dos arredores de Farinha Podre.

(30) Vide os capitulos VII e VIII do primeiro volume desta obra.

Marcellino despediu-se de mim nessa povoação, dando-me por unico motivo que não desejava ir mais longe, e confessando que não tinha a menor queixa de mim. Atribui sua partida á inconstancia natural dos camaradas; mas vim a saber, tempos, depois, que o seu estado de saúde lhe tinha feito disso uma necessidade. O bom senso não é o que distingue essa classe de individuos.

Havia quatro dias que estava em Farinha Podre quando José Mariano, que se aborrecia tanto quanto eu, quiz absolutamente partir, embora não estivesse ainda completamente restabelecido.

Em um espaço de 4 leguas de Farinha Podre a Guarda da Posse, onde pernoitei, não encontrei absolutamente ninguém, e não vi mais que uma pobre choça habitada por caboclos. A região é ondulada, e s' bem que a terra seja de um vermelho escuro, a vegetação, ao contrario do que é common, se mostra muito magra. O pó, pela côr, suja horriavelmente a roupa branca e as vestes. Os borrachudos continuam a importunar horriavelmente.

O *pegui* (*Caryocar brasiliensis*, A. S. H. Huss., Camb.) cresce em quasi todos os campos que percorria desde muito tempo; mas, em parte alguma o encontrára em grande abundancia: entre Farinha Podre e Guarda da Posse, torna-se muito commum; em compensação, não se vêm mais as *Qualea*. Approximava-me das regiões meridionaes; a vegetação começava a mostrar algumas differenças.

Guarda da Posse (31) onde parci, como acabamos de ver é um posto militar. Disse já que o registro fôra collocado no Rio das Velhas, porque o Rio Grande, verdadeira divisa da provincia de Minas, é extremamente insalubre; entretanto, como existe ainda entre esses dois rios uma distancia muito consideravel (17 leguas), ins-

(31) Não se deve confundir esse local com o Sitio da Posse a que me referi acima e o qual se achá a algumas leguas da povoação de Santa Cruz.

tallára-se em Posse uma guarda que velava para que o contrabando não se fizesse no trecho intermediario. Dava-se ahí aos commerciantes um rôl (*guia*) das mercadorias com que passavam da provincia de S. Paulo para a de Minas, e eram obrigados a apresentar-se mais longe, *afim de que se verificasse que não tinham veudido nada desde Posse até o Rio das Velhas.*

O posto se compunha de um cadete e dois soldados destacados da guarda do Rio das Velhas; esses militares me receberam muito bem e me alojaram da melhor maneira compativel com a extrema exiguidade de logar.

No dia da minha chegada a Posse o tempo estava coberto; no immediato (23 de Setembro), a chuva cahiu, e não pude continuar a jornada.

Disse já que os brasileiros do interior quando ficam doentes recorrem frequentemente a palavras e remedios sympathicos. Vou dar um exemplo: Enquanto estavamos em Posse, José Mariano se queixou de *dôr de dentes*; eis o remedio empregado para cural-o. Pergunta-se ao doente: *Que é que te incommoda?* Responde; a cabeça, a mão esse dente, conforme a parte que está affectada. — Pois bem, ella não doerá mais; e escreve-se um *A* maiusculo. Repete-se a mesma pergunta; o doente dá identica resposta: replica-se da mesma fôrma, e escreve-se um *R* maiusculo, após ter cortado o *A* por um traço (A). Continuando sempre assim, traçam-se successivamente as letras *ARTEFA*, e reconeça-se até que o doente diga que não soffre mais. Ao cabo de algum tempo José Mariano o disse por delicadeza, mas o seu mal não diminuiu (32).

(32) O sr. Gardner conta que um fazendeiro da Serra dos Orgãos, perto do Rio de Janeiro, pretendia curar os homens e animaes das mordeduras venenosas, fazendo-os chupar cinco pequenos pedacos de papel enrolados como pilulas, em um dos quaes estava escrita uma das quatro palavras magicas bem conhecidas, *Sator, Arepo, Tenet, Opera, Rotas* (*Travels*, 53). Po-

Não duvido, todavia, de que em alguns casos, alguns doentes se tenham curado, pelo menos momentaneamente, pelo poder da suggestão.

Havia em Posse uma quantidade prodigiosa de *bichos de pé*, e, como aprendera á propria custa o mal que podia resultar das suas picadas, estava continuamente examinando os meus pés, afim de arrancar esses insectos, antes que penetrassem completamente. Meus pés estavam então quasi perfeitamente curados; tinha, porém, o indicador da mão esquerda em pessimo estado: um bicho penetrára entre a unha e a carne; não fóra retirada senão a metade, e se formou um abcesso em volta da unha (*panaricio peri-ungueal*). Em Posse extrahiram-me com muito trabalho um outro bicho do index direito, e via o momento em que ficaria impedido de escrever. Todas as contrariedades se reuniam para tornar essa viagem insupportavel: faltavam-me ás vezes as coisas mais necessarias á vida; não encontrava plantas; nada me distrahia; succumbia ao peso do tedio.

de-se affirmar, sem correr o risco de se enganar, que as serpentes cujas picadas foram curadas por esse meio, não pertenciam a especies muito perigosas (*). Aliás, não é necessario ir á America para encontrar exemplos de semelhantes superstições; basta percorrer as aldeias da França.

(*) N. do T. Nem sempre; ás vezes cobras bastante peçonhentas podem dar picadas inoffensivas, e isto porque suas glandulas salivares estão no momento com pouco veneno, em virtude de uma refeição ou mordedura recente. A quantidade de veneno que existe nos saccoes salivares de certos ophidios varia desde um minimo, no periodo logo após as refeições, até um maximo que caracteriza os jejuns prolongados. Se nestas condições a serpente morde um homem ou animal de grande porte, é quasi certo que não escapará. Nas outras occaões a probabilidade de cura é grande, tanto mais aiuda que nem sempre a picada é profunda, e ás vezes tem lugar em zona em que a diffusibilidade da peçonha, em virtude de fraça vascularização, é muito lenta.

No dia da minha partida de Posse (24 de Setembro), fui, todavia, menos infeliz; atravesssei uma zona linda, o que não me succedia já ha muito tempo.

Após deixar o posto, entrei em um campo onde a terra é optima e de um vermelho escuro. Lá se encontra a maioria das arvores que caracterizam os *tabuleiros cobertos*; mas têm um vigor excepcional; são mais altas que nos outros lugares, mais erectas, menos afastadas umas das outras, e entre ellas crescem numerosos arbusculos. As chuvas que já tinham cahido si bem que pouco consideraveis, actuaram sobre a vegetação da maior parte dessas arvores, e começavam a se cobrir de folhas novas e de um verde claro; entre ellas era impossivel não distinguir a *sucupira*, leguminosa de folhas aladas, cujas flôres, de uma linda côr de carne, são dispostas em longos panniculos. No meio desse lindo *campo* o caminho, sempre perfeitamente liso e bastante largo, descreve agradaveis sinuosidades; o viajante europeu quasi julga estar percorrendo um jardim inglez onde tivessem querido reunir uma grande quantidade de arvores, contrastando entre si pela forma e folhagem.

Depois de uma legua de caminho o paiz muda de aspecto. Sempre perfeitamente unido, offerece uma agradavel mistura de pastos, pequenas moitas de arvoredo, esparsas aqui e alli e muito multiplicadas; enfim, terrenos pantanosos no meio dos quaes crescem *boritys* (*Mauritia vinifera*, Mart.).

Chega-se em breve ao Rio Grande; mas os bosques que cobrem suas margens não o deixam ver a não ser por intervallos. Por essa época, a que precede immediatamente a estação das chuvas, o rio poderia ter a mesma largura que o Sena, em Paris. diante do jardim das plantas; suas aguas deslisavam com majestade, e garças de brancura nivea passeavam com lentidão sobre os bancos de areia que se erguam do seu leito. Embora já tives-

semos chegado ás margens do Rio Grande, estavamos ainda longe do local em que é atravessado. Passa-se primeiramente, durante algum tempo, por um terreno pantanoso e coberto deervas, que se estende, parallelamente ao rio, entre duas orlas de mattas, uma das quaes bordeja as aguas. O caminlio corta, em seguida, esta ultima, e o viajante caminha sob um berço de verdura, onde, de tempos em tempos, avista o rio através da folhagem das arvores. As aves, tão raras nos campos, são aqui muito communs; pombas, papagaios e uma enorme quantidade de pequenas especies voltigam entre os galhos, fazendo ouvir o seu canto; o fura-olho, pouco timido, não muda, sequer, de lugar, com a aproximação do viajante, enquanto que os beija-flôres passam e tornam a passar com rapidez, como si fossem levados pelo vento.

Segue-se esse bello caminho por um espaço de cerca de 1 legua portugueza, e chega-se ao lugar onde se embarca para transpor o rio. Lá ha um rancho (1819) coberto de telhas, o que é extraordinario nessa região onde as coberturas dos alpendres destinados aos viajantes o são ordinariamente com sapé ou folhas de palmeira. Os homens atravessam o rio em uma canoa, os animaes e mercadorias fazem a travessia em uma especie de balsa formada por uma prancha que cobre duas canoas reunidas. O Rio Grande era ainda um daquelles cuja peagem fôra concedida, por tres gerações, á familia de Bartholomeu Bueno Anhanguera, ou, como se diz erradamente no paiz. *Anhagueta*, em recompensa pela descoberta de Goyaz.

Falei já a respeito da insalubridade do Rio Grande. Os terrenos pantanosos que o marginam ficam completamente cobertos pela agua durante a estação das chuvas; seccam, em seguida, pouco a pouco, e pelos mezes de Abril, Maio e Junho, exhalam-se delles vapores pestilenciaes que causam febres malignas e intermittentes. O homem que recebia a peagem para a familia Anhanguera

guera, e habitava uma pequena casa á margem esquerda do rio, disse-me que estava estabelecido nessa zona ha quinze annos e estivera doente dez vezes: naquelle anno, em particular, todas as pessoas de sua casa tinham-no estado tambem, e exhibiam a côr do rosto muito amarella e aspecto debilitado. Operaram-se, todavia, algumas melhorias desde a época da descoberta: morria-se então em pouco tempo; hoje em dia já não se morre mais, mas fêa-se doente e definhando. A região tornar-se-á cada vez menos doentia á medida que se fôr introduzindo cultura e despojando-a das matas que a cobrem, assim como succedeu com o Rio das Velhas, um dos affluentes do Rio S. Francisco.

Transpuz o rio no mesmo dia em que cheguei ás suas margens (24 de Setembro). Do outro lado, já não me achava no territorio privilegiado dos indios (33), nem

(33) Encontra-se, no livro de d'Eschwege, (*Brsilien die neue Welt*, I, 39, 94) dois quadros relativos á população dos indios do districto privilegiado: um que foi transmittido ao autor em 1816 e não comprehende sinão os habitantes do districto situado entre o Parahyba e o Rio das Velhas; o outro que abarca todos os habitantes do districto e foi enviado á administração pelos proprios indios, em 1821. Como pareceu-me reconhecer no primeiro indicio de inexactidão, contentar-me-ei em copiar aqui o segundo:

	Nomens	Matheres	Crianças	Total
Parahyba	4	3	6	13
S. Domingos	27	14	13	54
Rio das Pedras	33	31	38	102
Estiva	20	23	31	74
Pisarrão	11	10	21	42
Boa Vista	11	14	30	55
Furnas	14	9	12	35
S. Anna	84	90	88	262
Rio das Velhas	7	5	8	20
Rocinha	3	3	5	11

mesmo na provincia de Minas Geraes; tinha entrado na de S. Paulo.

	Homens	Mulheres	Crianças	Total
Uberava	2	3	3	8
Tijuco	8	8	7	23
Lanhoso	5	8	17	30
Uberava Falsa	13	15	38	66
Toldas	5	7	11	23
Posse	2	2	4	8
Espinhas	5	9	21	35
Rio Grande	3	3	4	10
	<u>257</u>	<u>257</u>	<u>357</u>	<u>871</u>

Poder-se-ia crer, por uma passagem do *Ensayo d'um Quadro estatístico da Provincia de S. Paulo — S. Paulo, 1839*, que o districto privilegiado dos indios foi, ha alguns annos atrás, reunido novamente a Goyaz; pois ali se diz "que o districto de villa de Franca, pertencente a S. Paulo, confina com o de Uberava, que faz parte da provincia de Goyaz, e que o Rio Grande serve de limite a esta ultima provincia." Os autores do *Diccionario geographico do Brasil*, que trouxeram muito resumidamente até 1842, a historia de Goyaz, dizem tambem que a aldeia de S. Anna pertence a esta provincia; como, porém, ao mesmo tempo accrescentam que o Paranahyba serve de divisa a Goyaz, e que o Pisarrão pertence a Minas Geraes, pode-se considerar a questão como duvidosa. A reunião indicada pelo *Ensayo* parecerá talvez muito natural, sinão se consultar mais que a carta geographica, mas não posso deixar de consideral-a como uma verdadeira desgraça por causa da distancia a que ficam o Rio das Pedras, S. Anna, etc., da capital de Goyaz; o grande numero de encargos de que o governo dessa immensa provincia ficaria assoberbado, os fracos recursos e rendimentos de que dispõe, e o triste estado em que suas finanças, sem devida, e obrigam a deixar as povoações dos indios. (Vide o que diz o veridico Gardner do abandono em que definha a aldeia do Douro, *Travels*, *pages*. 315-320).

Observações thermométricas feitas, em 1319, na viagem de Rio de Janeiro
à cidade de Goyaz, e de Goyaz á fronteira de São Paulo

Datas	Manhã	Grãos	Lugares	Tarde	Grãos	Lugares
28 Jan.	6 h	23 ½	Mandioca	6 ¼	17 ½	Tamarati
29 "	6	20	Sunilouro
30 "	2	22	Boa Vista
31 "	6	17	Boa Vista; 602m. de alt.	6 ½	22	Governo
6 Fev.	6	20	Porto da Paranahyba ..	6	26	Forquilha
7 "	6	17 ½	Forquilha	7	22	Joaquim Marcos
8 "	6	17	Joaquim Marcos	4	26 ½	As Cobras
9 "	6	17	As Cobras	4	25	Arraial do Rio Preto
10 "	6	17	Arraial do Rio Preto ..	6	22	S. Gabriel
11 "	6	15	S. Gabriel	7	22	"
12 "	6	13	"	7	21	"
13 "	6	14	"	3	25 ½	Thomé de Oliveira
14 "	6 ½-7	12-14	Thomé de Oliveira	7 ½	20	Alto da Serra
15 "	5 ½	12 ½	Alto da Serra	3-8 ½	22-21	Sítio
18 "	6	15	Laranjas	6	19	Vertentes do Sardin
19 "	6	15	Vertentes do Sardin ..	4-7	20-19	Caivas
20 Mar.	6	15	Tanque; 21° 10' lat S.	4	20	Capão das Flores
21 "	6	15	Capão das Flores	4	22	Capitão Pedro
22 "	7	15	Capitão Pedro	4	20	Vertentes do Jacaré
23 "	6	15	Vertentes do Jacaré ...	4	22	Oliveira
24 "	6	15	Oliveira	4	20	Bom Jardim

Datas	Manhã	Grãos	Lugares	Tarde	Grãos	Lugares
25 Mar.	6	11	Zom Jardim; 19° 57' lat.
1 Abr.	6	15	Formiga	4-5-6	22-21-20	Ponte Alta
2 "	6	15	Ponte Alta
4 "	8	16	Ponte Alta	4	21	S. Miguel e Almas
5 "	8	15	S. Miguel e Almas	4-6	20	Piumhy
6 "	6	14 ½	Piumhy	4	20	Piumhy
7 "	6	12 ½	Piumhy	5-8	20-15	Dona Thomazia
8 "	6	10 ½	Dona Thomazia	4	22	João Dias
12 "	6	15	Antonio Dias	4	22	Geraldo
13 "	6	15	Geraldo	6	20	Geraldo
14 "	6	15	Geraldo	6	18 ½	Geraldo
15 "	7 ½	14	Geraldo	4	22	Manoel Ant. Simões
16 "	7	14	Manoel Antonio Simões	6 ½	18	Paiol Queimado
18 "	7	15	Jabuticabeira	8	14	Jabuticabeira
19 "	8 ½	14	Jabuticabeira
20 "	7	12	Piripitinga
27 "	6-7	10	Araxá	4	24	Porto do Quebra Anzol
28 "	6 ½	11	Porto do Quebra Anzol	3-4	24	Francisco José de Mattos
29 "	7	12 ½	F. co. José de Mattos	4	24	Damaso
30 "	7	11	Damaso	4	24	Patrocínio
1 Maio	7	12 ½	Patrocínio	4	24	Arruda
2 "	7	13	Arruda	5	22	Leandro
3 "	7	12	Leandro	5	22	Carabaudella

Datas	Manhã	Grãos	Lugares	Tarde	Grãos	Lugares
4 Maio	7	12 $\frac{1}{2}$	Carabandella	5 $\frac{1}{2}$	21	Carabandella
5 "	7	12	Carabandella	5-6	24-22	Porto de Paranyha
6 "	8	14	Porto de Paranyha ...	7	18	Moquem
7 "	7 $\frac{1}{2}$	14	Moquem	4	22	Pilões
8 "	7 $\frac{1}{2}$	14	Pilões	5	22	Pilões
9 "	3-4	26-22	Guarda-Mór
10 "	8	18	Guarda Mór
11 "	8	5	21	João Gomes
13 "	7	15	João Gomes ...	5 $\frac{1}{2}$	21	Guarda de S. Isabel
15 "	2 $\frac{1}{2}$	22	Paracatú
22 "	3 $\frac{1}{2}$	24	Monjolos
23 "	6	14	Monjolos; 17° 37' lat ..	3	24	Moinho
24 "	6	11 $\frac{1}{2}$	Moinho
25 "	6	12	Tapera	3	20	Sobradinho
26 "	6 $\frac{1}{2}$	10	Sobradinho	3	19	Caveira
27 "	6	8	Caveira	6	18	Arrependidos
28 "	6	10	Arrependidos; 16° 48' lat.	2-6	22-15	Taipa
29 "	8	15	Taipa	3	20	Taipa
30 "	6	10	Taipa	3-6	24-18	Riacho Frio
31 "	6	11	Riacho Frio	2	24	Garapa
6 Jun.	6	9	S. João Evangelista; 16° 49' lat	3	20	Ponte Alta
9 "	6	5 $\frac{1}{2}$	S. Antonio dos Montes Claros	3	20	Lage
11 "	6	8	Lage	3	20	Corumbá

Datas	Manhã	Grãos	Lugares	Tarde	Grãos	Lugares
20 Jun.	3-6	24-18	Goiabeira
21 "	6	8	Goiabeira	2	24	Areas
22 "	6 1/2	8	Areas	3	21	Lage
23 "	6	8	Lage	3	24	Mandinga
24 "	7 1/2	10	Mandinga	3	23	Ouro Fino
25 "	7	10	Ouro Fino	3	21	Pouso Novo
4 Jul.	Ao nas- cer sol	12	Areas; 16° 19' lat	2	23	Gurgulho
5 Jul.	Ao nas- cer do sol	11	Gurgulho	2	21	Gurgulho
6 "	"	9	Gurgulho	2	21	Aldeia de S. José
9 "	"	7	Aldeia de S. José
10 "	"	5	Tapera	3	23	Rio Fartura
11 "	"	5	Rio Fartura
12 "	"	7	Porco Morto	4	20	Rio dos Pilões
13 "	"	5	Rio dos Pilões	2	25	Arraial dos Pilões
14 "	"	2	25	Arraial dos Pilões
15 "	"	11	Arraial dos Pilões	2	25	Rio dos Pilões
16 "	"	8	Rio dos Pilões	3	21	Mamoeiros
17 "	"	8	Mamoeiros	2	25	Rancho do Guarda Mór
18 "	6 1/2	12	Guarda Mór	3	26	D. Antonia
19 "	Ao nas- cer sol	12	D. Antonia	3	26	Jacú
20 "	"	8	Jacú	3	25	Villa Boa; 16°19' lat.
29 "	"	12	Areas	2	26	Coqueiros

Datas	Manhã	Grãos	Lugares	Tarde	Grãos	Lugares
30 Jul.	Ao nascer sol	9	Coqueiros	5	25 ½	Mandinga
31 "	"	9	Mandinga	4	25	Manjolinho
1 Agos.	"	5	Manjolinho	3	25	Caveiras
2 "	"	3	Caveiras	3	26	Lagoa Grande
3 "	"	4	Lagoa Grande	3	24 ½	Gonsalo Marques
4 "	"	5	Gonsalo Marques
8 "	"	13	Joaquim Alves de Oliveira
9 "	3	24	Meiaponte; 15° 50' lat.
10 "	"	13	2	23	As Furnas
11 "	"	6	As Furnas	3	23 ½	Forquilha
12 "	"	6 ½	Forquilha	1	23	Antas
14 "	"	8	Antas
15 "	"	8	Bom Fim
16 "	"	8	Parí	3	24 ½	Joaquim Dias
17 "	"	8	Joaquim Dias
18 "	"	8	Gregorio Nunes	4	22 ½	Francisco Alves
19 "	4	22	Sapesal
20 "	"	8	Sapesal
21 "	"	15	Caldas Velhas
22 "	"	10	Caldas Novas
24 "	3	22 ½	Francisco Alves
27 "	3	26	Sítio Novo; 17° 15' lat
29 "	"	12	Sítio Novo	3	25	Sítio da Posse
30 "	"	12	Sítio da Posse	3	25	Braço do Verissimo

Datos	Manhã	Grãos	Lugares	Tarde	Grãos	Lugares
31 Ag.	Ao nas-					
	cer sol	14	Braço do Verissimo ...	3	25	Sítio do Verissimo
1 Set.	"	11 ½	Sítio do Verissimo ...	3	25	Ribeirão
2 "	"	11 ½	Ribeirão	3	25	Riacho
4 "	"	Por		
				do sol	22	Porto da Parahyba
6 "	"	8	Rio das Pedras	4	24	Estiva
7 "	"	12	Estiva	3	24	Boa Vista
8 "	"	12	Boa Vista	3	24	Furnas
11 "	3	15 Tempo	
					chuvoso	Rocinha
13 "	"	4	18	Uberava Verdadeira
15 "	"	4 ½	Uberava Verdadeira ...	4	24	Tijuco
16 "	"	12 ½	Tijuco	3-4	24	Lanhoso
17 "	"	12	Lanhoso	3	26	Farinha Podre
19 "	3	27	Farinha Podre
21 "	3	24	Farinha Podre
22 "	3	22	Guarda da Posse
23 "	3	19 tempo	
					chuvoso	Guarda da Posse

NOTA: Recorra-se ao texto para as minucias sobre cada localidade.